

TERROR no CARIBE

FLEMING





O LEITOR TEM DIREITO DE SABER

Ao adquirir um volume da "BESTSELLER", o leitor tem direito de saber a que gênero pertence e quem o pode ler sem inconvenientes. Com êsse objetivo, nas costas de cada livro constarão dois símbolos indicando:

GÊNERO:



AVENTURA



IDÍLIO



ESPIONAGEM



MISTÉRIO



FICÇÃO
CIENTÍFICA



POLICIAL



HUMOR



REALISMO

QUEM PODE LER:



SOMENTE
ADULTOS



TODOS

IAN FLEMING

TERROR NO CARIBE

(Título original: Dr. NO)

Tradução de
João Correia Sá

I O BRIDGE INTERROMPIDO

Pontualmente, às seis horas, o sol se pôs com uma derradeira irradiação amarela por trás das Montanhas Azuis, ao mesmo tempo em que uma onda de sombra violeta se espargia ao longo da Estrada de Richmond e os grilos e sapos começavam a cricrilar e coaxar.

A não ser os ruídos produzidos pelos insetos, a ampla estrada estava mergulhada em silêncio. Os ricos proprietários das grandes residências retiradas — gerentes de bancos, diretores de companhias e altos funcionários civis — já se encontravam em casa desde as cinco horas e deveriam estar comentando o dia com suas esposas ou tomando um banho e mudando de roupa. Dentro de meia hora a estrada voltaria a regurgitar de vida com o “tráfego de coquetel”, mas agora esse importantíssimo quilômetro de “Estrada Rica”, como era chamado aquele trecho pelos comerciantes de Kingston, nada mostrava a não ser a tensa expectativa sugerida por um palco vazio e o perfume noturno e penetrante do jasmim.

A Estrada de Richmond é a artéria mais aristocrática em toda Jamaica. É a Park Avenue de Jamaica, a sua Kensington Palace Gardens ou a sua Avenue d'Iéna. As personalidades mais importantes vivem em grandes casas de antiquado estilo, situadas em áreas de um ou dois acres recobertos de belos gramados, que exibem as mais belas árvores e flores procedentes do Jardim Botânico do bairro de Hope. A extensa e reta estrada é fresca e sossegada, e fica retirada do torvelinho e do calor de Kingston, onde os homens de negócio ganham o seu dinheiro. A parte superior de uma junção que forma um T confina com os terrenos de King's House, onde o Governador e Comandante-Chefe de Jamaica vive com a família. Em Jamaica, nenhuma estrada poderia ter mais bonito final.

No extremo oriental da barra superior do T, fica o número um da Estrada de Richmond, uma grande casa de dois andares, com amplas varandas pintadas de branco, contornando os dois pavimentos. Da estrada, um caminho de

cascalhos leva até a sua estrada de pilastras, atravessando amplos parques cheios de quadras de tênis e onde, nesse entardecer, como aliás em todas as outras tardes, se podiam ver os irrigadores de água em ação. Essa mansão é a Meca social de Kingston. É o Clube da Rainha, que, há cinqüenta anos, se tem orgulhado da freqüência de suas recusas à admissão de sócios, e dos desastrosos efeitos que tais recusas acarretavam aos pretendentes.

Tão irredutíveis retiros não sobreviverão por muito tempo na moderna Jamaica. Um dia o Clube da Rainha terá as suas janelas quebradas e será reduzido a cinzas. Por enquanto, porém, é um reduto encantador encravado numa ilha subtropical — bem administrado, com ótimos empregados, e com a mais fina cozinha e a melhor adega em todo o mar das Antilhas.

Naquela hora do dia, e na maioria das noites do ano, poder-se-iam encontrar os mesmos quatro automóveis estacionados na estrada do lado de fora do clube. Eram os carros de quatro jogadores que se reuniam pontualmente às cinco horas da tarde, e jogavam “brigde” até a meia-noite. Quase se poderia acertar o relógio por aqueles carros. Pertenciam, na ordem em que agora se enfileiravam no meio-fio, ao brigadeiro comandante da Força de Defesa das Antilhas, ao mais destacado criminalologista de Kingston, e ao professor de Matemática da Universidade de Kingston. Em último lugar, na fila, vinha o “Sunbeam Alpine” preto, do comandante John Strangways, da Marinha Real, já reformado, mas agora ocupando o posto de Oficial do Controle Regional das Antilhas — ou, menos discretamente, o representante local do Serviço Secreto britânico.

Cerca das seis e quinze o silêncio da Estrada de Richmond foi suavemente rompido. Três mendigos cegos dobraram a esquina da junção e encaminharam-se vagarosamente, pela calçada, em direção aos quatro carros. Eram chígros — negros chineses — homens corpulentos, mas encurvados, em seu andar arrastado, com bengalas brancas ferindo o solo. Caminhavam em fila. O primeiro homem, que usava óculos azuis e que possivelmente enxergava melhor do que os ou-

tros, vinha à frente, segurando com a mão esquerda uma caneca de folha de encontro ao cabo recurvado da bengala. A mão direita do segundo homem descansava em seu ombro, e a mão direita do terceiro apoiava-se no ombro do segundo. Os olhos do segundo e do terceiro homens estavam fechados. Os três vestiam-se com farrapos e usavam sujos bonés de “base-ball”. Não conversavam e nenhum barulho deles partia, exceto as leves batidas de suas bengalas, enquanto se aproximavam vagarosamente dos quatro carros.

Os cegos não seriam um espetáculo estranho em Kingston, onde se podem encontrar muitas pessoas doentes pelas ruas, mas naquela luxuosa rua vazia causavam impressão desagradável. Era também estranho que todos eles fossem negros chineses, pois esta não é uma mistura de sangue muito encontradiça.

Na sala do carteador, a mão queimada pelo sol do comandante Strangways estendeu-se até o centro do pano verde e recolheu as quatro cartas. Ouviu-se um seco estalido quando as cartas se juntaram ao resto da mão de Strangways. — Cem honras — disse Strangways — e noventa em baixo! — Depois, olhou para o seu relógio e levantou-se. — Voltarei dentro de vinte minutos. A sua vez, Bill. Peça bebida. Para mim, como de costume. Não se dê ao trabalho de me “preparar” u’a mão, enquanto eu estiver fora. Eu descubro sempre a coisa.

Bill Templar, o brigadeiro, deu uma risadinha. Sacudiu uma sinêta de chamada que estava ao lado e amontoou as cartas em direção a Strangways. — Para o diabo com você!... Você sempre deixa esfriar tanto as cartas como os seus parceiros.

A essa altura Strangways já tinha atravessado a porta. Os três homens acomodaram-se resignadamente em suas cadeiras. Um garção negro entrou e eles pediram as suas bebidas e um uísque com água para Strangways.

Havia sempre essa aborrecida interrupção, todas as noites, às seis e quinze, em meio ao seu segundo rôber. Exatamente a essa hora, ainda que estivesse no meio de uma partida, Strangways tinha que ir para seu “escritório” a fim de “fazer uma chamada”. Era profundamente desagradável,

mas Strangways era um parceiro imprescindível no grupo dos quatro, e por isso os seus companheiros tinham que aceitar aquela situação. Nunca fora explicado que “chamada” era aquela, e também jamais alguém lhe fizera perguntas. As atribuições de Strangways eram estritamente reservadas e todos aceitavam o fato. Raramente se ausentava por mais de vinte minutos, e tácitamente aceitava-se que pagasse essa “falta” areando com a despesa de uma rodada de bebida.

As bebidas chegaram e os três homens puseram-se a falar de corridas.

Na verdade, aquele era o momento mais importante do dia de Strangways — a hora de seu contato radiofônico regulamentar com o poderoso transmissor situado no teto do edifício, em Regenf's Park, onde fica a sede do Serviço Secreto. Todos os dias, às seis e meia, a menos que êle desse sinal, na véspera, de que não estaria no ar, o que poderia ocorrer quando tivesse que executar alguma tarefa numa das ilhas de seu território, ou quando estivesse seriamente doente — Strangways transmitia o seu relatório diário e recebia ordens que porventura lhe dessem. Se deixasse de ir para o ar exatamente às seis e trinta, haveria uma segunda chamada para êle, a chamada “azul”, às sete horas e, finalmente, a chamada “vermelha”, às sete e trinta. Depois disso, se o seu transmissor continuasse silencioso, era caso de “Emergência”, e a Terceira Secção, a autoridade controladora de Londres, pôr-se-ia urgentemente em campo para saber o que lhe acontecera.

Mesmo uma chamada “azul” sempre representa algo de desfavorável para um agente, a menos que as suas “razões por escrito” sejam irrespondíveis. Os horários das chamadas da estação de Londres são rigorosíssimos, sem qualquer margem de tolerância para atrasos, razão pela qual a mínima perturbação desses horários, em virtude de uma chamada extra, constitui um terrível incômodo. Strangways jamais sofrera a ignomínia de uma chamada “azul”, quanto mais a de uma “vermelha”, e tinha a certeza de que jamais haveria de sofrê-la. Todas as tardes, exatamente às seis e quinze, deixava êle o Clube da Rainha, entrava em seu carro, e, por dez minutos lá ia êle galgando as faldas das Montanhas Azuis, até chegar

à sua elegante casa, com maravilhosa vista para o porto de Kingston. Às seis e vinte e cinco atravessava um vestibulo que o conduzia a um escritório situado nos fundos da casa. Abria a porta desse escritório e tornava a fechá-la. A Srta. Trubeblood, que passava como sua secretária, mas que, na verdade, vinha logo abaixo dele, hierarquicamente, e pertencera aos quadros do Serviço Feminino da Marinha Real, como oficial, já devia estar sentada diante dos mostradores disfarçados dentro de um falso arquivo. Com os fones nos ouvidos já estaria ela fazendo o primeiro contato, captando o seu sinal de chamada, o WXN, em 14 megaciclos. Descansando em seus elegantes joelhos, poder-se-ia ver ainda um bloco de estenógrafa. Strangways se acomodava na outra cadeira, ao seu lado, colocando nos ouvidos o outro par de fones, para, exatamente às seis e vinte e oito, tomar o controle em suas mãos e aguardar o súbito ruído ôco, vindo do éter, que significaria que WWW, em Londres, logo confirmaria a chamada.

Era aquela uma rotina de ferro. Aliás, Strangways era um homem de férrea rotina. Infelizmente, porém, padrões inflexíveis de conduta podem ser fatais, se chegam ao conhecimento do inimigo.

Strangways, um homem alto e magro, com uma venda preta no olho direito e o tipo de perfil aquilino que se pode associar com a ponte de um destróier, atravessou rapidamente o vestibulo de entrada do Clube da Rainha e bruscamente abriu passagem pelas portas protegidas com mosquiteiros de tela metálica, para descer pelos três degraus da escada e ganhar a rua.

Naquele momento, não havia muita coisa ocupando a sua mente — talvez apenas uma sensação de prazer sensual que lhe vinha do fresco ar da noite, e a lembrança da habilidade que lhe permitira a posse daquelas três cartas de espadas. Havia naturalmente aquele caso, de que se ocupava na ocasião, um negócio curioso e complicado, que M empurrara sem cerimônia para cima dele, pelo rádio, duas semanas antes. Mas a coisa estava indo bem. Um feliz acaso, que o levara à comunidade chinesa, estava dando bons resultados. Alguns aspectos estranhos tinham vindo à luz, mas se a coisa desse

certo — ia pensando Strangways, ao atravessar o caminho de cascalho e ao pisar na Estrada de Richmond — êle poderia ver-se a braços com algo de verdadeiramente excitante.

Strangways encolheu os ombros. Naturalmente que o fantástico nunca se concretizava no campo de suas atividades. Haveria certamente alguma solução prosaica que fora dificultada por imaginações excitadas e pela histeria habitual dos chineses.

Automaticamente, uma outra parte do cérebro de Strangways se apercebeu da presença dos três cegos, que avançavam lentamente em sua direção, pela calçada. Estavam a cerca de vinte metros de distância, e Strangways calculou que os cegos passariam por êle um ou dois segundos antes que alcançasse o carro. Por um sentimento de vergonha, diante de sua própria saúde, e de gratidão por ela, Strangways meteu a mão no bolso à procura de uma moeda. Tirou-a do bolso. Agora caminhava ao lado dos mendigos. Estranho, eram todos negros chineses! Estranho mesmo! A mão de Strangways avançou para a frente e a moeda tiniu no fundo da caneca.

— Deus o abençoe, patrão! — disse o chefe dos cegos.
— Deus o abençoe! — repetiram os outros em coro.

A chave do carro estava na mão de Strangways. Fez-se um momento de silêncio, ao cessarem as batidas das bengalas brancas. Mas já era tarde.

Assim que Strangways ultrapassou o último homem, todos os três deram meia volta. Os últimos dois tinham-se distanciado um passo, para os lados, a fim de terem um campo aberto de tiro. Três revólveres, deselegantes dentro de seus silenciadores em forma de salsichas, saltaram de coldres escondidos sob trapos. Com disciplinada precisão os três homens visaram diferentes pontos, ao longo da espinha de Strangways — um entre as omoplatas, outro na curva lombar e um outro na região pelviana.

Os três ruídos secos quase se fundiram num. O corpo de Strangways caiu para a frente. Depois, ficou completamente imóvel em meio à pequena nuvem de poeira que se levantou da calçada.

Eram seis horas e dezessete minutos. Com um rangido de pneus, um coche funerário escuro, com plumas negras balançando nos quatro cantos de sua cobertura, entrou pela Estrada de Richmond e se aproximou do grupo que estava na calçada. Os três homens apenas tiveram tempo de recolher o corpo de Strangways, quando o coche parou pouco adiante deles. As portas duplas da parte traseira foram abertas, da mesma forma que o caixão simples que estava em seu interior. Os três homens lançaram o corpo de qualquer maneira, pela porta, para dentro do caixão. Em seguida pularam para o veículo, baixaram a tampa do caixão e fecharam as portas do coche. Os negros sentaram-se em três dos quatro primeiros lugares nos cantos do caixão, e calmamente descansaram os bastões ao lado. Amplos paletós de alpaca negra estavam pendurados nas costas daqueles assentos. Os três personagens puseram aqueles paletós sobre os andrajos, tiraram os casquetes de “baseball” e, abaixando-se, apanharam, no chão do coche, cartolas negras e puseram-nas na cabeça.

O chofer, que também era um chinês negro, olhou nervosamente por sobre os ombros.

— Vamos, homem! Vamos! — disse o assassino mais corpulento. Olhou para o mostrador luminoso de seu relógio de pulso. Eram seis horas e vinte minutos. Apenas três minutos para fazer o serviço. Morte a tempo.

O coche fez um a solene volta em U e moveu-se em velocidade moderada na direção da junção, que dobrou a uma velocidade de quarenta e oito quilômetros por hora, rumando maciamente pela estrada pavimentada em direção às colinas, com as plumas dolentes a indicarem a natureza fúnebre de sua carga, com três homens velando o morto, respeitosos e empertigados em seus assentos, com as mãos cruzadas sobre o coração.

* * *

— WXN chamando WWW... WXN chamando WWW...
WXN... WXN... WXN...

O dedo médio da mão direita de Mary Trueblood feria,

suave e elegantemente, a chave. Levantou seu pulso esquerdo. Eram seis e vinte e oito. Ele estava um minuto atrasado. Mary Trueblood sorriu pensando no pequeno “Sunbeam” aberto e rodando a toda velocidade pela estrada, em sua direção, naquele momento. Logo, num segundo, ela iria ouvir aqueles passos rápidos, depois a chave na fechadura, e, finalmente, ele estaria sentado ao seu lado. Haveria também o sorriso de desculpas, ao apanhar ele os seus audifones. “Desculpe-me, Mary, o diabo do carro não queria dar a partida.” Ou então: “Já era de esperar que aqueles idiotas da polícia a essa altura já conhecessem o número do meu carro. Fizeram-me parar em Haefway Tree.” Mary Trueblood tirou o segundo par de audifones do gancho e colocou-os sobre a cadeira dele, a fim de lhe poupar meio segundo.

“WXN chamando WWW... WXN chamando WWW.” Ela sintonizou, girando o dial quase imperceptivelmente e tentou de novo. Seu relógio marcava seis e vinte e nove. Começou a sentir-se inquieta. Dentro de poucos segundos, Londres chamaria. Céus! Que faria ela? — pensou a moça, de repente, — se Strangways não chegasse a tempo? Era inútil que ela respondesse a Londres e fingisse que era ele — inútil e perigoso. A Segurança Radiofônica estaria vigiando o chamado, como vigiava, aliás, os chamados de todo e qualquer agente. Aqueles instrumentos que mediam as mínimas particularidades da “mão” de um operador denunciariam imediatamente que não era Strangways quem operava. Tinham mostrado a Mary Trueblood a floresta de dials na sossegada sala da sede; ela tinha observado como os ponteiros oscilantes registravam o peso de cada mão, a velocidade de cada grupo de cifras, a hesitação diante de determinada letra. O Encarregado do Controle tinha-lhe explicado tudo quando ela fora destacada para a estação das Caraíbas, cinco anos antes — como tocaria uma cigarra e o contato seria automaticamente interrompido, se outro operador que não o genuíno entrasse no ar. Era essa a proteção básica contra o perigo de algum transmissor do Serviço Secreto cair em mãos inimigas. E se um agente fosse capturado e forçado a entrar em contato com Londres, sob ameaça de tortura, bastaria que ele acrescentasse umas

poucas particularidades fora de rotina, e estas revelariam a história de sua captura como se a tivessem narrado em linguagem comum.

Pronto! Já estava começando! Ela estava percebendo aquela espécie de vácuo no éter que significava que Londres ia entrar. Mary Trueblood olhou para o relógio. Seis e trinta. A moça entrou em estado de pânico! Mas agora, finalmente, ouviam-se passos no “hall”. Graças a Deus! Dentro de um segundo ele estaria aí. Ela tinha que protegê-lo! Tomou a resolução desesperada de correr o risco e manteve o circuito aberto.

“WWW chamando WXN... WWW chamando WXN... Está-me ouvindo? ... Está-me ouvindo?” Londres estava entrando, claramente, procurando a estação de Jamaica.

Os passos se aproximavam da porta.

Friamente, com plena segurança, ela respondeu — Estou ouvindo alta e claramente... Estou ouvindo alta e claramente... estou ouvindo...

Houve uma explosão por trás dela. Alguma coisa foi bater em seu tornozelo. Ela olhou para os pés: era a fechadura da porta.

Mary Trueblood voltou-se rapidamente na cadeira giratória. Um homem estava no limiar da porta. Não era Strangways. Era um enorme mestiço de pele amarelada e olhos oblíquos. Segurava um revólver na mão. A arma estava munida de um grosso cilindro preto.

Mary Trueblood abriu a boca para gritar.

O homem sorriu. Devagar, amorosamente, ergueu a arma e desfechou três tiros que a alcançaram no seio esquerdo e à volta dele.

A moça caiu molemente pelo lado da cadeira. Os audíofones escorregaram de sua cabeça dourada para o chão. Por um segundo, se tanto, o pequeno crepitar de Londres soou no quarto. Em seguida, parou. A cigarra do quadro de controle, da Segurança Radiofônica, assinalara que algo de anormal estava ocorrendo com WXN.

O assassino retirou-se. Voltou pouco depois, carregando uma caixa, com os dizeres “Presto Fire” na etiqueta a cores

e um grande saco de açúcar da tradicional marca “Tate & Lyle”. Colocou a caixa no chão e voltou-se para o corpo. Enfiou a força o saco por cima da cabeça, até os tornozelos. Os pés ficaram de fora. Ele dobrou-os e enfiou-os para dentro. Arrastou o volumoso saco até o vestibulo e voltou novamente para o quarto. Num dos cantos estava aberto o cofre, como lhe tinham dito que estaria, e os livros de códigos estavam na escrivaninha, prontos para o trabalho de decifração dos sinais de Londres. O homem atirou esses livros e todos os papéis do cofre no centro do quarto. Arrancou as cortinas e acrescentou-as ao monte, em cima do qual pôs ainda duas cadeiras. Abriu a caixa de acendedores “Presto” e tirou um punhado deles, que meteu na pilha e acendeu. Foi então para o vestibulo e preparou fogueiras semelhantes em pontos estratégicos. Os papéis e as peças de mobília bem secos pegaram fogo rapidamente e as labaredas começaram a lamber os lambris das paredes. O criminoso dirigiu-se à porta da frente e abriu-a. Podia avistar o coche fúnebre através da cerca de hibiscos. Não se ouvia barulho, a não ser o cricrilar dos grilos e o roncar abafado do motor. Para baixo e para cima, na estrada, não havia outros sinais de vida. O homem entrou novamente no vestibulo cheio de fumaça e levantou sem esforço o saco, que pôs às costas, e saiu, deixando a porta aberta a fim de que passasse uma corrente de ar. Andou rapidamente pela alameda até a rua. A porta traseira do coche estava aberta. Deu o saco aos dois outros homens e ficou a observá-los, enquanto eles o punham a força no caixão, por cima do corpo de Strangways. Subiu, então, fechou a porta e sentou-se, pondo a cartola na cabeça.

Quando as primeiras chamas começaram a aparecer nas janelas do andar de cima do bangalô, o coche fúnebre se pôs silenciosamente em movimento e prosseguiu seu caminho na direção da represa Mona. Ali, o caixão bem lastrado deslizou para o seu túmulo de cem metros de profundidade. Dentro de exatamente quarenta e cinco minutos, os registros e o pessoal do posto das Caraíbas, do Serviço Secreto, estariam totalmente destruídos.

II A ESCOLHA DAS ARMAS

Três semanas mais tarde, em Londres, o mês de março chegou tão traiçoeiro quanto uma cascavel.

Desde o raiar da primeira luz do dia primeiro de março, o granizo e uma chuva mesclada de neve, tocados por fortes vendavais, fustigavam a cidade e continuavam a fustigá-la, enquanto os londrinos se arrastavam penosamente para o trabalho, com as pernas açoitadas pelas barras encharcadas dos impermeáveis e os rostos congestionados de frio.

Era um dia horrível, e todos o diziam — até mesmo M, que raramente admitia a realidade das condições atmosféricas, mesmo em suas manifestações mais acentuadas. Quando o velho “Rolls” preto, cuja placa não trazia nenhum número digno de despertar atenções, parou à porta do alto prédio de Regent’s Park e ele apeou, subindo à calçada com movimentos rígidos, o granizo bateu-lhe no rosto como uma saraiuada de chumbo de caça. Em lugar de correr para dentro do edifício, deu volta ao carro, até a janela do lado do chofer.

— Não precisarei mais do carro, Smith. Pode recolhê-lo e voltar para casa. Irei pelo metrô, à noite. Não é tempo para se guiar carro. Pior ainda que no tempo dos comboios de guerra!

O antigo foguista-chefe Smith distendeu a boca num amplo sorriso. — Está bem. Muito obrigado. — E ficou a olhar o vulto aprumado, apesar da idade, que passava diante do “Rolls” e cruzava a calçada, entrando no prédio. O velho era assim mesmo. Sempre pensava primeiro nos subordinados. Smith engatou em primeira e deu a saída, procurando ver através do pára-brisa por onde escorria a água. Homens assim não existiam mais, hoje em dia.

M subiu pelo elevador até o oitavo andar e seguiu pelo corredor revestido de espessa passadeira, até sua sala. Fechou a porta atrás de si, tirou o sobretudo e o cachecol e pendurou-os atrás da porta. Puxou do bolso um grande lenço azul de seda e passou-o rapidamente pelo rosto. Era estranho, mas nunca teria feito uma coisa dessas diante dos por-

teiros ou do ascensorista. Chegou à escrivaninha, sentou-se e inclinou-se para o aparelho de intercomunicações. Apertou um botão.

— Acabo de chegar, srta. Moneypenny. Transmita-me os sinais, por favor, e qualquer coisa mais que a senhorita tenha em mãos. Em seguida, mande chamar Sir James Molony. Deve estar fazendo suas visitas no hospital de St. Mary, agora. Diga ao Chefe de Pessoal que vou avistar-me com 007 dentro de meia-hora. E mande-me entregar a pasta relativa a Strangways. — M esperou pelo metálico “Sim, senhor” e largou o botão.

Recostou-se na cadeira e apanhou o cachimbo. Começou a enchê-lo com ar pensativo. Não levantou os olhos quando sua secretária entrou com uma pilha de papéis, nem tomou conhecimento da meia-dúzia de “urgentes” marcados a lápis vermelho no alto do arquivo de sinais. Se tivessem importância vital, teria sido chamado durante a noite.

Uma luz amarela piscou no aparelho de intercomunicações. M apanhou o fone preto dentre uma carreira de quatro aparelhos.

— É o senhor, Sir James? Tem cinco minutos disponíveis?

— Seis, para o senhor. — Na outra extremidade da linha, o famoso neurologista riu-se. — O senhor deseja que eu dê um atestado de insanidade mental a algum ministro de Sua Majestade a Rainha?

— Hoje, não. — M franziu as sobrancelhas, irritado. A velha Marinha sempre respeitara os membros do Governo.

— É a respeito daquele meu homem de quem o senhor tratou. Não vamos dizer o nome. Esta linha é pública. Ouvi dizer que o senhor lhe deu alta ontem. Ele está apto a reassumir?

Houve uma pausa. A voz que respondia era agora profissional, judiciosa.

— Fisicamente, está forte como um touro. A perna sarou completamente. Não creio que haja seqüela. Sim, ele está perfeitamente bem.

Houve nova pausa.

— Só uma coisa, M. Ele ainda está sob forte tensão nervosa. O senhor exige muito desses seus homens, sabe? Poderia dar-lhe uma tarefa suave para começar? Pelo que o senhor me contou, ele tem passado por uns pedaços difíceis nestes últimos anos.

M respondeu um tanto asperamente:

— É para isso que ele é pago. Logo saberemos se ele não está em condições de trabalhar. Não seria o primeiro a ficar imprestável. Pelo que o senhor me diz, ele está em perfeita forma. Não é como se tivesse sido verdadeiramente escangalhado, como alguns dos clientes que lhe enviei — homens que passaram realmente pelo torniquete.

— Bem, naturalmente, se fôr esse o seu ponto de vista. Mas a dor é coisa estranha. Não se pode medir a diferença entre a dor de mulher no parto e a de um homem com cólicas renais. E, graças a Deus, o corpo parece esquecer mais ou menos depressa. Mas esse seu homem sofreu dor verdadeira, M. Não vá pensar que pelo fato de não ter havido fraturas...

— Tem razão, tem razão. — Bond cometera um erro e sofrerá por causa dele. Fosse como fosse, M não gostava de ouvir advertências, mesmo vindas de um dos mais célebres médicos do mundo, sobre como deveria tratar seus agentes. Um tom de crítica soara na voz de Sir James Molony. M perguntou abruptamente:

— Já ouviu falar de um homem chamado Steincrohn. — Dr. Peter Steincrohn?

— Não, quem é?

— Um médico americano. Escreveu um livro que meu pessoal de Washington mandou para a nossa biblioteca. Esse homem fala de quanto sofrimento o corpo humano pode tolerar. Dá uma lista dos pedaços do corpo, dos quais um homem comum pode prescindir. Aliás, copiei esse trecho para referências futuras. Gostaria de ouvir a lista?

— M remexeu no bolso do paletó e pôs algumas cartas e uns pedaços de papel na escrivaninha, à sua frente. Separou um dos papéis com a mão esquerda, abrindo-o. Não ficou desconcertado com o silêncio da outra ponta da linha.

— Alô, Sir James! Bem, aqui está: vesícula biliar, baço,

amígdalas, apêndice, um rim, um pulmão, dois de seus quatro ou cinco litros de sangue, dois quintos de fígado, a maior parte do estômago, um metro ou um metro e meio de seus dez metros de intestinos e metade do cérebro.

M fez uma pausa. Como o silêncio se prolongasse, perguntou:

— Algum comentário, Sir James?

Ouviu-se um grunhido relutante na outra extremidade da linha telefônica.

— Gostaria de saber porque ele não acrescentou à lista um braço e uma perna, ou todos os membros. Não estou percebendo bem o que o senhor está querendo provar.

M deu uma risada seca.

— Não estou querendo provar nada, Sir James. Apenas achei interessante esta lista. Tudo o que estou querendo dizer é que o nosso homem parece ter escapado com poucos estragos, em comparação com esse rol de torturas. Mas, — prosseguiu M, abrandando um pouco —, na verdade estava pensando em dar-lhe um trabalho mais folgado. Aconteceu qualquer coisa em Jamaica. — M olhou para as vidraças por onde escorria água. — Será mais uma cura de repouso do que um verdadeiro trabalho. Dois dos nossos agentes, um homem e uma moça, fugiram juntos. Pelo menos, é o que parece. Nosso amigo poderia passar um tempo como agente de inquérito — e numa terra ensolarada. Que acha?

— Ótimo. Eu mesmo não recusaria o emprego, num dia como hoje. — Mas Sir James Molony estava resolvido a fazer-se compreender claramente e insistiu com brandura. — Não pense que esteja querendo interferir. Sei que o senhor tem que tratar essa gente como se fossem feitos de borracha, mas penso que não há de querer que rebentem no momento mais inoportuno. Esse que passou por minhas mãos é rijo. Poderia afirmar que ele lhe prestará ainda muitos serviços. Mas o senhor sabe o que Moran disse sobre a coragem, em seu livro.

— Não me lembro.

— Diz ele que a coragem é um capital que se reduz com os gastos. Estou de acordo. O que quero que o senhor com-

preenda é que esse rapaz parece ter-se desgastado muito, já desde antes da guerra. Não quero dizer que não tenha mais reserva — ainda não. Mas há um limite.

— Exatamente. — M decidiu que o assunto estava esgotado. Hoje em dia, encontrava-se moleza por toda parte. — Por isso é que quero mandá-lo para fora. Umas férias em Jamaica. Não se preocupe, Sir James, vamos ter cuidado com êle. A propósito, o senhor conseguiu descobrir que droga era aquela que a mulher russa injetou nele?

— Recebi a resposta ontem. — Sir James Molony estava também satisfeito por ter mudado de assunto. Aquele velho era mesmo duro de roer. Haveria alguma possibilidade de suas palavras terem penetrado através daquilo que êle designava — de si para consigo — por “o crânio duro de M?” — As investigações nos tomaram três meses. Foi um rapaz esperto da Escola de Medicina Tropical quem acertou. A droga era o veneno fuga. Os japoneses usam-no para se envenenarem. Provém dos órgãos sexuais de um peixe, o tetrodonte dos mares no Japão. Pode-se sempre contar com os russos para usarem alguma coisa de que ninguém nunca ouviu falar. Poderiam perfeitamente ter empregado o curare. Tem praticamente o mesmo efeito — a paralisia do sistema nervoso central. O nome científico do fuga é tetrodotoxina. É uma coisa terrível e muito rápida. Basta uma injeção, como recebeu o seu subordinado, e dentro de poucos segundos os músculos motores e órgãos respiratórios estarão paralisados. No começo, o sujeito enxerga tudo em dobro e, logo depois, não consegue mais ficar com os olhos abertos. Em seguida, não pode mais deglutir. Sua cabeça cai e êle é incapaz de mantê-la erguida. Acaba morrendo de paralisia respiratória.

— Nosso homem teve sorte de escapar.

— Foi um milagre. Foi graças àquele francês que estava com êle. Estendeu o rapaz no chão e aplicou-lhe a respiração artificial, como se fosse algum afogado. Conseguiu manter os pulmões em funcionamento até a chegada do médico. Este, felizmente, tinha trabalhado na América do Sul. Diagnosticou presença de curare e aplicou o tratamento correspondente. Mas foi como tirar uma sorte grande: as probabilidades eram

de uma em um milhão que se acertasse com o tratamento. Por falar nisso, que foi feito daquela russa?

M respondeu secamente:

— Oh! Ela morreu. Bem, muito obrigado, Sir James. E não se preocupe com o seu paciente. Vou dar um jeito para que ele tenha um serviço leve. Até a vista.

M desligou. Seu rosto estava frio e inexpressivo. Puxou para perto o arquivo das transmissões radiofônicas. Revolveu-o rapidamente. Garatujou comentários em alguns dos registros de transmissões. Ocasionalmente, pedia uma rápida comunicação telefônica para uma das seções. Depois de ter acabado, colocou a pilha de papéis na bandeja dos “documentos a arquivar” e pegou o cachimbo e o pote de fumo, feito com a base de um obuz de catorze polegadas. Nada mais havia à sua frente, a não ser uma pasta amarela assinalada com a estrela vermelha dos documentos secretíssimos. No centro da capa estava escrito em letra de fôrma maiúscula: POSTO DAS CARAÍBAS” e logo abaixo, em itálico: Strangways e Trueblood.

A luz do telefone interno piscou. M apertou o botão.

— Fale.

— Chegou 007.

— Mande-o para cá. E diga ao Armeiro que suba daqui a cinco minutos.

M recostou-se na cadeira. Pôs o cachimbo na boca e chegou-lhe um fósforo. Através da fumaça, ficou vigiando a porta do escritório de sua secretaria. Seus olhos estavam muito brilhantes e atentos.

James Bond entrou por aquela porta e fechou-a atrás de si. Caminhou até a cadeira em frente à escrivaninha de M e sentou-se.

— Bom dia, 007.

— Bom dia, senhor.

Nada perturbava o silêncio, a não ser o resfolegar de M fumando cachimbo. Parecia necessário um número incalculável de fósforos para mantê-lo aceso. Em surdina, gotas da chuva mesclada de neve batiam nas vidraças das duas amplas janelas.

Tudo estava exatamente como o recordara Bond durante os meses em que fora mandado de hospital em hospital, nas semanas de aborrecida convalescença, durante o duro trabalho de repor seu organismo em forma. O que êle via naquele momento representava sua volta à vida. Estar sentado naquela sala, em frente de M, era o símbolo da normalidade pela qual almejava. Através das nuvens de fumaça, fitou os perspicazes olhos cinzentos. Estavam a observá-lo. Que estava para acontecer? Uma necropsia da verdadeira matança, que tinha sido a sua última missão? Uma seca comunicação de que ia ser transferido para alguma das seções metropolitanas, para executar trabalhos de escritório durante algum tempo? Ou alguma nova e magnífica missão que M teria guardado, à espera de que Bond voltasse ao trabalho?

M jogou a caixa de fósforos sobre o couro vermelho da mesa. Recostou-se mais e juntou as mãos por trás da cabeça.

— Como se está sentindo? Contente por reassumir?

— Muito contente. E sinto-me perfeitamente bem.

— Algumas idéias definitivas a respeito do seu último caso? Não quisemos aborrecê-lo com isso enquanto não estivesse restabelecido. O senhor ouviu dizer que mandei abrir um inquérito. Creio que o Chefe de Estado-Maior tomou um depoimento do senhor. Tem alguma coisa a acrescentar?

A voz de M era fria, impessoal, a voz de um homem tratando de negócios. Não agradou a Bond. Algo desagradável estava por acontecer. Êle respondeu:

— Nada. Meti os pés pelas mãos. Censuro-me por ter deixado aquela mulher me pegar. Não deveria ter acontecido.

M tirou as mãos de trás do pescoço e colocou-as espalmadas na mesa, inclinando-se devagar para a frente. Seu olhar fizera-se duro.

— Ê isso mesmo. — Sua voz era perigosamente macia. — Sua pistola enguiçou, se estou bem lembrado. Aquela sua “Beretta” com silenciador... Alguma coisa andou mal, 007. O senhor não pode dar-se ao luxo desses contratemplos, se fizer questão de ter um número com 00. Prefere renunciar a êle e

voltar a um tipo de trabalho normal?

Bond retesou-se. Cravou com ressentimento os olhos nos de M. A licença de matar em favor do Serviço Secreto, o prefixo com dois zeros, constituía uma grande honra. Fora ganho arduamente. Trazia a Bond as únicas missões de que êle gostava, as missões perigosas.

— Não, isso eu não quero.

— Então, teremos que modificar o seu equipamento. Foi uma das recomendações da Comissão de Inquérito. Concorde com ela. Compreendeu?

Bond disse obstinadamente:

— Estou acostumado com essa pistola. Gosto de trabalhar com ela. O que aconteceu poderia ter acontecido a qualquer pessoa. Com qualquer tipo de arma automática.

— Não estou de acordo. Nem tampouco a Comissão de Inquérito. Portanto, está decidido. A única questão a resolver é o que o senhor há de usar em seu lugar.

M inclinou-se para o telefone interno.

— O Armeiro chegou? Mande-o entrar.

M tornou a sentar-se.

— Talvez não saiba disso, 007, mas o major Boothroyd é o maior perito do mundo em armas de pequeno calibre. Não estaria aqui, se não o fosse. Vamos ouvir o seu parecer.

Abriu-se a porta. Um homem baixo, pouco corpulento, entrou e caminhou até a escrivaninha, permanecendo em pé junto à cadeira de Bond. Este levantou os olhos para o rosto do recém-chegado. Vira-o antes, raramente, mas lembrava-se dos olhos cinza-claros, muito apertados, que pareciam nunca pestanejar. Lançando a Bond um olhar inexpressivo, o homem ficou em pé, à vontade, olhando para M. Cumprimen-tou-o num tom de voz neutra, sem inflexões.

— Bom dia, Armeiro. Desejava fazer-lhe algumas perguntas. — M falava como que despreocupadamente. — Primeiro, que pensa da “Beretta”, a de calibre 25?

— É uma arma para moças.

M arqueou ironicamente as sobrancelhas, olhando para Bond. Bond teve um sorriso forçado.

— Deveras? E por que está dizendo isso?

— Não é capaz de neutralizar um ataque. Mas é fácil de ser manejada. Um pouco bonitinha demais, também, se o senhor compreende o que quero dizer. Agrada às senhoras.

— Como ficaria, com silenciador?

— Menos eficaz ainda. Não gosto de silenciadores. São pesados e prendem-se às roupas, quando a gente está com pressa. Não aconselharia a ninguém experimentar uma combinação dessas. Não, se se quiser um trabalho sério.

M disse ironicamente a Bond: — Tem algo a dizer, 007? Bond deu de ombros:

— Não concordo. Utilizei-me da “Beretta” 25 durante quinze anos. Nunca enguiçou e nunca errei o alvo, até agora. Não é tão má, para uma pistola. O que acontece é que estou habituado a ela e posso apontá-la diretamente. Tenho-me utilizado de armas maiores, quando se tornou preciso — o “Colt” 45 de cano comprido, por exemplo. Mas para pequenas distâncias e trabalhos discretos, gosto da “Beretta”. — Bond fez uma pausa. Parecia-lhe que deveria ceder em algum ponto. — Estou de acordo quanto ao silenciador. É um estorvo. Mas às vezes é preciso usá-lo.

— Já vimos o que acontece quando o senhor o faz — disse M, ríspido. — E quanto à troca de arma, é apenas uma questão de treino. O senhor logo sentirá sua mão perfeitamente acomodada ao novo revólver. — M consentiu que um laivo de simpatia passasse em sua voz. — Sinto muito, 007. Mas já tomei a decisão. Fique um instante em pé, por favor. Quero que o Armeiro examine sua conformação.

Bond pôs-se de pé e ficou de frente para o outro homem. Não havia calor nos olhares que trocavam. Os de Bond demonstravam irritação e os do major Boothroyd eram indiferentes, cínicos. Andou à volta de Bond. — Dá licença, — disse ele, e apalpou os bíceps e antebraços de Bond. Voltou à frente dele e perguntou:

— Posso dar uma olhada na sua pistola?

A mão de Bond enfiou-se vagarosamente dentro do paletó. Ele estendeu a “Beretta” listada, de cano serrado. Boothroyd examinou a arma e pesou-a em sua mão. Pô-la na mesa e perguntou:

— E o seu coldre?

Bond despiu o paletó o tirou do ombro a correia com o coldre de couro. Tornou a vestir o paletó.

Boothroyd deitou um rápido olhar à boca do coldre, talvez para verificar se se notavam sinais de agarramento, e jogou-o ao lado da pistola, com um gesto de escárnio. Olhou para M.

— Posso fazer coisa melhor — declarou êle com o mesmo tipo de voz que recordava a Bond a primeira vez que tinha ido a um alfaiate de luxo.

Bond sentou-se novamente. Controlou-se, a fim de não ficar olhando insolentemente para o alto. Ao contrário, fitou fleugmáticamente M.

— Bem, Armeiro, que recomenda o senhor?

O major Boothroyd empregou sua voz de perito:

— Na verdade, o senhor sabe — disse êle com ar modesto — acabo de fazer provas com quase todas as pequenas armas automáticas. Cinco mil disparos cada uma, distância de vinte e cinco metros. Entre todas, eu escolheria a “Walther PPPK”, de 7,65 milímetros. Está em quarto lugar, após a “M-14”, dos japoneses, a “Tokrev” russa e a “Sauer M-38”. Mas gosto da leveza de seu gatilho e da extensão de seu cabo, que permite segurá-la de uma maneira que, creio, deva ser conveniente para 007. É uma verdadeira arma de defesa. Naturalmente, é de calibre 32, ao passo que a “Beretta” é de 25; mas eu não aconselharia nenhuma arma mais leve. E pode-se encontrar munição para a “Walther” em qualquer parte do mundo. Isso confere-lhe vantagem sobre os revólveres russos e japoneses.

M voltou-se para Bond: — Tem alguma objeção a fazer?

— É uma boa arma — concordou Bond. — Um pouco mais volumosa que a “Beretta”. Como sugere o Armeiro que eu deva carregá-la?

— Coldre de três correias de Berns Martin — respondeu sucintamente o major Boothroyd. — É melhor levá-lo por baixo do cós da calça, para a esquerda. Mas pode ser posto também sob a axila. Couro rijo, de selim. Esse coldre retém

a arma dentro, com uma mola. Faz com que se puxe a arma com maior rapidez do que isso — apontou para o coldre que estava sobre a escrivaninha. — Três quintos de segundo para baleiar um homem a sete metros de distância, é o que calculo.

— Está resolvido, então. — A voz de M tinha um tom definitivo. — E quanto a uma arma mais pesada?

— Existe somente um revólver para isso — disse o major Boothroyd, impassível. — O “Smith & Wesson” (Centennial Airweight). Revólver de calibre 38, sem percussor, de modo que não prende nas roupas. Comprimento total de seis polegadas e meia, e pesa menos de 400 gramas. Para diminuir o peso, só cabem cinco balas no tambor. Mas quando todas forem disparadas, — e o major Boothroyd condescendeu em dar um sorriso glacial, — alguém terá morrido. Atira com os cartuchos especiais “S & W”. Cartuchos muito precisos. Com carga normal, a velocidade de boca é de 290 metros por segundo, e a energia de boca é de duzentas e sessenta libras. Há diversos comprimentos de cano, três polegadas e meia, cinco polegadas...

— Está bem, está bem! — A voz de M fizera-se impaciente. — Está aprovado sem discussão. Se o senhor diz que é a melhor arma, eu acredito. Portanto, vão ser a “Walther” e o “Smith & Wesson”. Mande um exemplar de cada arma para 007. Com coldre e correia. E providencie para que êle se exercite com elas, a partir de hoje. Deve estar em forma dentro de uma semana. Combinado? Então, muito obrigado, Armeiro. Não quero tomar mais seu tempo.

— Muito obrigado — respondeu o major Boothroyd. Deu meia-volta e saiu com passo duro.

Houve um momento de silêncio. M fêz girar a poltrona e ficou observando as vidraças sobre as quais escorria uma cortina de água. Bond aproveitou a oportunidade e relanceou os olhos no relógio. Dez horas. Seu olhar fixou-se então na pistola e no coldre que estavam sobre a mesa. Pensou em sua união de quinze anos com aquele feio pedaço de metal. Lembrou-se das ocasiões em que a voz seca daquela arma lhe salvara a vida, e daquelas em que a sua ameaça fora suficien-

te. Pensou nos dias em que se preparava literalmente para matar, em que desmontava a pistola, lubrificava-a e colocava as balas cuidadosamente no carregador de mola. Em seguida, experimentava o mecanismo uma ou duas vezes, descansando os cartuchos no colchão de alguma cama de hotel. Depois, a limpeza final com um trapo bem enxuto e a pistola era colocada no pequeno coldre a tiracolo. Fazia uma pausa diante do espelho, para certificar-se de que nada podia ser percebido. Finalmente, saía para o encontro que haveria de terminar em trevas ou em luz. Quantas vezes a arma lhe salvara a vida? Quantas sentenças de morte tinha ela assinado? Bond sentia-se desarrazoadamente triste. Como era possível sentir-se tamanho apego por um objeto inanimado e, além do mais, feio? Por uma arma que, era forçoso reconhecê-lo, não pertencia à mesma classe das que o Armeiro escolhera? Mas êle lhe tinha tal apego e M ia romper esses laços...

M fêz novamente girar a poltrona e encarou-o.

— Sinto muito, James, — disse êle, mas não havia simpatia em sua voz. — Sei que gosta deste pedaço de ferro, mas creio que é preciso desistir dele. Nunca se deve dar nova oportunidade a uma arma — nem tampouco a um homem. Não posso correr riscos com os membros da Seção Dois-Zeros. Eles têm que estar convenientemente equipados. Compreende de isso, não? Uma pistola é mais importante que um braço ou uma perna, no seu trabalho.

Bond sorriu levemente.

— Bem sei. Não vou discutir. Estou apenas triste por me separar dela.

— Então, está bem. Encerremos o assunto. Tenho outras notícias para o senhor. Um trabalho a fazer. Em Jamaica. Trata-se de um problema pessoal. Pelo menos, é o que parece. Já houve investigação de rotina e um relatório. O sol lhe fará bem, e o senhor poderá exercitar-se com suas novas armas, atirando em tartarugas ou quaisquer outros bichos que existam por lá. Umas pequenas férias não lhe farão nenhum mal. Gostaria de tratar desse caso?

— Está ainda ressentido comigo por causa do meu último trabalho, — pensou Bond. — Êle acha que eu não cor-

respondi à confiança que tinham em mim. Não quer me dar trabalho sério. Quer me experimentar primeiro. Está certo! — E disse em voz alta — Está parecendo vida de preguiçoso. Não tenho feito outra coisa senão viver no mole, nestes últimos tempos. Mas se tiver que ser feito... Se o senhor mandar... — Sim — respondeu M. — Estou mandando.

III TAREFA PARA AS FÉRIAS

Escurecia. Fora, o tempo ia piorando cada vez mais. M estendeu o braço e acendeu a lâmpada de mesa, protegida por um abajur verde. O centro da sala tornou-se semelhante a um lago amarelo e quente no qual o couro da mesa punha um brilho de sangue.

M puxou a pesada pasta para sua frente. Bond notou-a pela primeira vez. Leu sem dificuldade as letras que se lhe apresentavam invertidas. Que teria feito Strangways? Quem seria Trueblood?

M apertou um botão na mesa. — Vou chamar o Chefe do Pessoal para falarmos sobre isso — disse êle. — Conheço o arcabouço do caso, mas êle terá que completar o enchimento. Parece-me que é uma históriazinha bem suja.

O Chefe do Pessoal entrou. Era coronel do corpo de sapadores, quase da mesma idade que Bond, mas com as fontes prematuramente grisalhas em consequência de trabalhos e responsabilidades sem fim. Sua resistência física e seu senso de humor é que o salvavam de uma depressão nervosa. Era o melhor amigo de Bond, na Sede. Sorriram um para o outro.

— Pegue uma cadeira, Chefe do Pessoal. Encarreguei 007 do caso Strangways. Temos que deslindar essa embrulhada antes de designarmos gente nova para o posto. Enquanto isso, 007 poderá atuar como chefe. Quero que êle parta dentro de uma semana. O senhor pode tomar as devidas providências junto ao Ministério das Colônias e ao Governador? E agora, vamos recapitular o caso. — Dirigiu-se a Bond. — Parece-me que o senhor conheceu Strangways, 007. Verifiquei que o senhor trabalhou com êle naquele negócio

de tesouro, há cerca de cinco anos. Qual era sua opinião a respeito dele?

— Bom sujeito. Um pouco nervoso. Pensei que ele já tivesse sido substituído. Cinco anos representam um tempo muito longo nos trópicos.

M não tomou conhecimento do comentário. — E a sua assessora, essa moça Trueblood, Mary Trueblood. Chegou a conhecê-la?

— Nunca a vi.

— Vejo que ela tem uma boa folha de serviço. Foi oficial no Serviço Feminino da Marinha Real antes de vir para cá. Nada contra ela em sua Ficha Confidencial. Parece bonita, a julgar pelo retrato. Isso pode provavelmente explicar muita coisa. O senhor julgaria que Strangways fosse mulhereengo?

— Talvez fosse — replicou Bond cautelosamente, não querendo dizer nada contra Strangways, mas lembrando-se do quanto este lhe parecera notavelmente bem apessoado. — Mas que lhes aconteceu?

— É o que estamos querendo descobrir — disse M. — Foram-se, sumiram, evaporaram-se. Ambos desapareceram na mesma noite, há coisa de três semanas. Deixaram o bangalô de Strangways reduzido a cinzas — rádio, códigos, arquivos. Não sobrou nada, a não ser uns destroços carbonizados. A garota deixou todas as suas coisas. Deve ter ido apenas com a roupa do corpo. Até mesmo o passaporte estava no seu quarto. É verdade que teria sido fácil para Strangways arrumar dois passaportes. Ele tinha muitos formulários em branco. Era Chefe da Fiscalização de Passaportes da ilha. São muitos os aviões em que eles poderiam ter embarcado, para a Flórida ou a América do Sul, ou qualquer outra ilha do distrito. A polícia ainda está verificando as listas de passageiros. Não se descobriu ainda nada, mas eles bem poderiam ter ficado na moita um ou dois dias, escapulindo depois. A moça talvez tenha tingido o cabelo ou coisa parecida. A vigilância dos aeroportos não é muito rigorosa naquelas paragens, não é verdade, Chefe do Pessoal?

— O senhor tem razão. — O Chefe do Pessoal parecia alimentar dúvidas. — Mas o que não posso compreender é

aquele contato radiofônico. — Ele voltou-se para Bond. — Veja você: eles começaram a fazer o contato de rotina, às dezoito e trinta, hora local. Alguém — pensam na Segurança Radiofônica que foi a moça — acusou nosso WWW e de repente saiu do ar. Tentamos restabelecer o contato, mas era evidente que algo de anormal estava acontecendo, e nós interrompemos. Não houve resposta ao Chamado Azul, nem tampouco ao Vermelho. Portanto, qualquer coisa andava mal. No dia seguinte, a Terceira Seção mandou para lá o agente 258, de Washington. Nesse meio tempo, a polícia esteve investigando, e o Governador já tinha formado sua opinião e procurava abafar o caso. Tudo lhe parecia muito claro. Strangways já tivera uma ou outra complicação por causa de mulheres. Aliás, eu mesmo não posso censurá-lo: é um posto muito sossegado. Não havia muito trabalho para encher o tempo. O Governador tirou logo a conclusão mais imediata. Naturalmente, a polícia local fez o mesmo. Sexo e brigas com facções, é só o que eles compreendem. O agente 258 passou uma semana por lá e não conseguiu encontrar um único indício em contrário daquelas suposições. Ele fez o seu relatório nesta base e voltou para Washington. Desde então, a polícia tem andado investigando daqui e acolá, sem fazer muita força e sem chegar a resultado algum. — O Chefe do Pessoal fez uma pausa. Olhou para M, como que a desculpar-se. — Sei que o senhor está inclinado a concordar com o Governador, mas aquele contato radiofônico me ficou atravessado na garganta. Não consigo ver como pode enquadrar-se no esquema de um casal em fuga. E os amigos de clube de Strangways dizem que ele estava em seu estado normal. Deixou-os no meio de um rôber de bridge — era o que ele fazia, sempre que se aproximava a hora marcada. Disse-lhes que estaria de volta dentro de vinte minutos. Mandou vir bebidas para todos — mais uma vez, como sempre fazia — e saiu do clube às seis e quinze em ponto, exatamente como de costume. De repente, desaparece. Deixou mesmo o carro à porta do clube. Ora, por que daria motivo a que os parceiros de jogo se pusessem a procurar por ele, se queria fugir com a garota? Por que não partiram de manhã ou, melhor ainda, tarde da noite, depois de terem

completado a comunicação por rádio e deixado suas coisas em ordem? Isso, para mim, não tem pé nem cabeça.

M grunhiu qualquer coisa ininteligível. — Pessoas... hum... apaixonadas... fazem coisas absurdas — resmungou êle. — Prcoedem como loucos, às vezes. E, seja como fôr, que outra explicação pode haver? Não há indícios de que eles tivessem sido apanhados a traição — nem existem razões para que isso acontecesse, ao menos que se saiba. É um posto sossegado. Sempre as mesmas rotinas mensais — algum revolucionário de Cuba procurando homiziar-se na ilha, esroques ingleses julgando que poderiam esconder-se em Jamaica, só porque fica tão longe de Londres. Não creio que Strangways tenha tido um só caso importante desde que 007 esteve com êle. — Dirigiui-se a Bond. — Pelo que o senhor acaba de ouvir, qual é sua opinião? Não temos muito mais para lhe contar.

Bond foi categórico: — Não posso de modo algum imaginar que Strangways fosse capaz de largar tudo dessa maneira. Admito que êle tivesse uma aventura com a garota, embora não acredite que êle misturasse o trabalho com o divertimento. Mas o Serviço Secreto era a sua própria vida. Êle nunca teria faltado às suas responsabilidades. Posso imaginá-lo entregando os seus documentos, e a moça também, e partindo com ela, depois que o senhor tivesse mandado para lá os seus substitutos. Mas não creio que fosse de seu feitio deixar tudo no ar dessa maneira. E pelo que o senhor disse da moça, penso o mesmo a respeito dela. As mulheres que ocuparam cargos de oficiais no Serviço Naval Feminino não costumam perder a cabeça.

— Obrigado, 007. — M estava controlando a voz. — Também a mim ocorreram essas considerações. Ninguém tirou conclusões apressadas sem ter pesado antes todas as possibilidades. Talvez o senhor possa sugerir outra solução.

M recostou-se na poltrona e ficou à espera de uma resposta. Pegou o cachimbo e começou a enchê-lo. Este caso o aborrecia. Não gostava de problemas pessoais, principalmente quando se apresentavam, como esse, cheios de complicações. Havia pelo mundo à fora uma infinidade de outras preocupações, aguardando que lhes dessem atenção. Fora apenas

no intuito de dar a Bond um simulacro de missão, associada a um bom descanso, que êle resolvera mandá-lo a Jamaica, a fim de encerrar o caso. Pôs o cachimbo na boca e apanhou os fósforos.

— Então?

Bond não estava disposto a deixar-se desconcertar. Tinha simpatizado com Strangways e sentia-se impressionado pelas considerações do Chefe do Pessoal.

— Pois bem — disse êle. — Por exemplo, qual foi o último caso no qual Strangways estava trabalhando? Era algo que êle tivesse mencionado em relatórios, ou a Terceira Seção lhe teria dado alguma incumbência? Alguma coisa importante, nos últimos meses?

— Nada, absolutamente. — M foi peremptório. Tirou o cachimbo da boca e apontou-o para o Chefe do Pessoal. — Não é verdade?

— É verdade — confirmou o Chefe do Pessoal. — Apenas aquele diabo de negócio de pássaros.

— Ora, aquilo! — interveio M, com pouco caso. — Uma asneira do pessoal do Jardim Zoológico, ou não sei de quem. O Ministério das Colônias passou o caso para nós. Faz mais ou menos seis semanas, não?

— É isso mesmo. Mas não foi do Jardim Zoológico. Foi uma sociedade americana, a Sociedade Audubon. Protege as aves raras contra a extinção da espécie, ou qualquer coisa desse gênero. Apelaram para o nosso embaixador em Washington, e o Ministério do Exterior passou o abacaxi para o Ministério das Colônias, que o atirou em nossas mãos. Parece que essa gente das aves é muito influente nos Estados Unidos. Conseguiram até que um campo de experiências para bombas atômicas, na costa do Pacífico, fosse transferido, porque perturbava uns ninhos de aves.

M fungou.

— Um diabo de bicho chamado Grua Tussideira. Li qualquer coisa nos jornais a respeito disso.

— O senhor poderia contar-me mais alguma coisa? — insistiu Bond. — Que queria a Sociedade Audubon que nós fizéssemos?

M sacudiu impacientemente o cachimbo. Pegou a pasta de Strangways e jogou-a diante do Chefe do Pessoal.

— Diga-lhe tudo, Chefe do Pessoal — resmungou, com ar de cansaço. — Está tudo aqui.

O Chefe do Pessoal pegou na pasta e procurou por entre os últimos documentos. Encontrou o que queria e dobrou a pasta ao meio. Fêz-se silêncio na sala enquanto ele corria os olhos por três folhas dactilografadas, as quais, segundo Bond podia ver, traziam o cabeçalho azul e branco do Ministério das Colônias. Bond mantinha-se imóvel, procurando não sentir a impaciência de M prestes a explodir.

O Chefe do Pessoal fechou a pasta com um ruído seco, e disse:

— Bem, essa é a história, tal como nós a transmitimos a Strangways no dia 20 de janeiro. Ele acusou recebimento, mas, depois disso, não nos comunicou mais nada. — O Chefe do Pessoal recostou-se na cadeira. — Parece que existe um pássaro chamado espátula rosada. Há na pasta uma fotografia dele, em cores. Parece uma espécie de cegonha côr-de-rosa, com um bico achatado, muito feio, do qual ele se serve para escavar a lama, em busca de alimento. Há alguns anos, essas aves estavam desaparecendo. Pouco antes da guerra, existiam apenas algumas centenas delas em todo o mundo, concentradas principalmente na Flórida e regiões vizinhas. Foi quando alguém notificou a existência de uma colônia numa ilha chamada Crab Key, entre Cuba e Jamaica. É território britânico — uma dependência de Jamaica. Costumava-se tirar guano desta ilha, mas o preço do guano baixou muito e não compensava mais as despesas da extração. Quando as aves foram descobertas nessa ilha, havia cerca de cinqüenta anos que estava ela inabitada. A Sociedade Audubon mandou representantes até lá, e acabou arrendando um pedaço da ilha, que serviria de santuário para aquelas aves. Elas se multiplicaram e, segundo as mais recentes estimativas, havia cerca de cinco mil nessa ilha. Foi por ocasião da entrada dos Estados Unidos na guerra. O preço do guano tornou a subir e um sujeito esperto teve a idéia de comprar a ilha e recomençar a extração de guano. Entrou em negociações com o governo

de Jamaica e comprou a ilha por dez mil libras esterlinas, com a condição de não interferir com o arrendamento do santuário. Isso foi em 1943. Pois bem, esse sujeito mandou vir grande número de trabalhadores braçais a salários de fome e logo auferiu lucros, e continuou ganhando dinheiro com a exploração, até bem pouco tempo. De repente, o preço do guano baixou vertiginosamente, e pensa-se que ele deve ter muita dificuldade em cobrir as despesas.

— Quem é este homem?

— É um chinês, ou antes, um mestiço de raça chinesa e alemã. Tem um nome maluco. Doutor No — Doutor Julius No.

— Como “não” em inglês?

— Exatamente.

— Que se sabe a respeito dele?

— Nada, a não ser que é muito reservado. Não foi mais visto, desde que concluiu o negócio com o governo jamaicano. E não há comunicações com a ilha. É dele, e ele a mantém isolada. Diz que não quer que ninguém venha perturbar as aves que produzem o seu guano, o que parece razoável. Pois bem, essa era a situação até poucos dias antes do Natal, quando um dos guardas da Sociedade Audubon, um homem das ilhas Barbados, aparentemente sério e merecedor de confiança, chegou de canoa à costa setentrional de Jamaica. Estava passando muito mal. Coberto de queimaduras terríveis, em consequência das quais morreu poucos dias depois. Antes de morrer, narrou uma história sem pé nem cabeça, sobre o incêndio do acampamento onde morava, por um dragão que lançava chamas pela boca. Esse dragão teria morto o outro guarda e queimado o acampamento, entrando aos roncões pelo santuário das aves, vomitando fogo sobre elas e pondo-as em fuga. Não se sabe que fim levaram os pássaros. Esse homem, apesar de suas graves queimaduras, conseguiu escapar até o litoral e roubar um barco, e fez a travessia durante a noite. O pobre diabo estava com o espírito visivelmente perturbado. Ficou tudo por isso mesmo, salvo que mandaram um relatório para a Sociedade Audubon. E seus membros não gostaram da história. Mandaram dois de seus maiores, num aparelho

Beechcraft, de Miami, a fim de investigarem o caso. Há uma pista de pouso na ilha. Aquele chinês comprou um aparelho anfíbio Grumman, para o seu abastecimento...

M interrompeu acerbamente:

— Toda essa gente parece ter dinheiro de sobra para jogar fora, com suas aves.

Bond e o Chefe do Pessoal trocaram sorrisos. Sabiam dos baldados esforços que M fizera durante anos para convencer o Ministério da Fazenda a lhe dar um teco-teco destinado ao posto das Caraíbas.

— Mas o Beechcraft espatifou-se ao aterrar — prosseguiu o Chefe do Pessoal — morrendo os dois representantes da Sociedade Audubon. Ora, isso enfureceu o pessoal das aves. Conseguiram que uma corveta do Esquadrão de Treinamento norte-americano das Caraíbas fosse fazer uma visita ao Doutor No. Veja só como é poderosa a Sociedade Audubon! Parece que tem um grande grupo de deputados às suas ordens, em Washington. O comandante da corveta relatou que foram recebidos com a máxima cortesia pelo Doutor No, porém foram mantidos afastados do local de exploração do guano. O comandante foi conduzido à pista de aterragem e examinou os destroços do Beechcraft. Estava reduzido a frangalhos, mas nada aparecia que pudesse suscitar suspeitas; tentara provavelmente uma aterragem demasiado rápida. Os corpos dos dois passageiros e do piloto tinham sido reverentemente embalsamados e encerrados em belos caixões, que foram entregues aos americanos em cerimônia solene. O comandante ficou muito bem impressionado com a cortesia do Doutor No. Pediu para visitar o acampamento dos guardas da Sociedade Audubon; levaram-no até lá e mostraram-lhe o que restava. A teoria do Doutor No era que os dois homens tinham enlouquecido em consequência do calor e do isolamento, ou que pelo menos um deles tinha enlouquecido o tinha posto fogo ao acampamento, queimando também o companheiro. Essa explicação pareceu plausível ao comandante, depois de ter visto as terras aparentemente esquecidas da Providência onde aqueles indivíduos tinham vivido durante dez anos ou mais. Nada mais havia para ver, e ele foi polidamente acom-

panhado até o navio e partiu. — O Chefe do Pessoal abriu as mãos. — E é só, salvo que o comandante relatou ter avistado apenas um punhado daquelas espátulas rosadas. Quando a Sociedade Audubon recebeu esse relatório, parece que seus membros ficaram principalmente enfurecidos com o desaparecimento das aves, e desde então eles nos têm amofinado, a fim de que procedêssemos a um inquérito completo sobre o caso. Naturalmente, ninguém, no Ministério das Colônias, nem tampouco no governo de Jamaica, tomou o menor interesse. Por isso, a maçada toda acabou por ser jogada para cima de nós. — O Chefe do Pessoal deu de ombros com resignação. — E assim foi que aquela pilha de bobagens — ele apontou para a pasta — ou pelo menos o essencial de seu conteúdo despencou na cabeça de Strangways.

M deitou a Bond um olhar de enfado.

— Está vendo o que eu queria dizer, 007? É exatamente um desses casos sem fundamento que aquelas sociedades de velhas estão sempre levantando. Começa-se com a proteção de uma coisa qualquer — igrejas, casas históricas, quadros antigos, aves — e acaba-se sempre com encrencas. O pior da história é que essa espécie de gente fica seriamente preocupada com seus bichos, ou seja lá o que fôr. Envolvem políticos no caso, e parece que dispõem sempre de montes de dinheiro. Só Deus sabe donde lhes vêm os recursos. Outras velhas desocupadas os fornecem, com certeza. E chega-se a um ponto em que alguém tem que tomar providências para sossegá-las, como nesse caso. Dessa vez a coisa veio parar conosco, porque o local se encontra em território britânico, Mas é também propriedade particular. Ninguém está disposto a se intrometer oficialmente. Então, o que esperam que eu faça? Que eu mande um submarino até a ilha? Para fazer o quê? Para descobrir que fim levou uma ninhada de cegonhas vermelhas? — M fungou com mais força. — Seja como fôr, o senhor queria saber qual o caso com que Strangways se ocupava nos últimos tempos, e é esse. — M inclinou-se combativamente para a frente. — Tem mais perguntas a fazer? Tenho um dia muito atarefado à frente.

Bond não conseguiu disfarçar um sorriso. Não pôde

controlar-se. Eram tão magníficas as raras explosões de cólera de M! E nada o enfurecia mais do que qualquer coisa que lhe fizesse desperdiçar o tempo, as energias e os poucos recursos do Serviço Secreto. Bond ergueu-se.

— Pode dar-me essa pasta? — pediu êle. — Parece-me bastante estranho que quatro pessoas tenham morrido, de certo modo, por causa dessas aves. Talvez mais duas: Strangways e a moça Trueblood. Concordo com que possa parecer ridículo, mas não tenho pista alguma à qual me aferrar.

— Pode ficar com a pasta — respondeu M, perdendo a paciência. — E avie-se; e tire logo as férias. Talvez não tenha dado pela coisa, mas parece reinar certa confusão no resto do mundo.

Bond inclinou-se e apanhou a pasta. Fêz também menção de pegar a sua “Beretta”, com o coldre.

— Não! — disse secamente M. — Deixe isto aqui. E procure manejar com segurança as duas outras armas, da próxima vez que nos encontrarmos.

Bond cravou os olhos nos de M. Pela primeira vez na vida odiava o seu chefe. Sabia muito bem porque M estava sendo duro e desagradável. Era o castigo, adiado até aquela hora, por quase ter sido assassinado em sua última missão.

E também por sair daquele tempo horroroso e ir para uma região ensolarada. M não podia suportar que os seus subordinados levassem vida folgada. Bond sentia que, até certo ponto, M lhe dava essa missão suave a fim de humilhá-lo. Que velho indigesto!

Fervendo de raiva, Bond respondeu:

— Farei o que estiver ao meu alcance. E, dando meia-volta, retirou-se.

IV COMISSÃO DE RECEPÇÃO

As sessenta e oito toneladas de peso morto do “Super Constellation” passaram roncando bem acima do tapete verde e marrom de Cuba. Não tendo mais que cento e sessenta quilômetros a vencer, o aparelho iniciou o seu vôo em suave

declive em direção a Jamaica.

Bond via crescer no horizonte a ilha verde, que parecia o casco de uma enorme tartaruga, enquanto as águas passavam do azul escuro das profundezas do estreito de Cuba ao azul claro e branco do mar raso, próximo à costa. Passaram em seguida sobre a Praia do Norte, sobrevoando os seus hotéis para milionários e transpondo as altas montanhas do interior. As casas de pequenos proprietários apareciam, quais dados jogados a esmo, pelas encostas e clareiras da mata, e o sol poente transformava em serpentes douradas os meandros brilhantes dos rios e riachos de correntezas. “Xaimaca”, chamavam-na os índios arauaques, “A Terra de Morros e de Rios”. O coração de Bond pulsava com mais força ao contemplar a beleza de uma das ilhas mais férteis do mundo.

O outro lado das montanhas estava mergulhado em sombras roxas. Já piscavam luzes ao pé dos morros e as ruas de Kingston estavam brilhantemente iluminadas, mas, ao longe, o último cais do porto e o aeroporto ainda recebiam raios de sol, contra os quais o farol de Port Royal piscava ineficazmente. Agora, o “Constellation” estava descendo numa curva aberta que o levava além do porto. Houve um ligeiro choque quando as três rodas do trem de aterragem desceram e se fixaram em posição. Ouviu-se o gemido agudo do mecanismo hidráulico, quando as abas dos freios deslizaram para fora da borda traseira das asas. O grande avião virou devagar, dirigindo-se novamente para a costa e, durante um momento, o sol poente derramou ouro na cabina. Um instante depois, o grande aparelho estava abaixo do nível das Montanhas Azuis e deslizava em direção norte-sul. Viram a fuga rápida de uma estrada e de fios telefônicos. Finalmente, o concreto, com marcas escuras de derrapagens, estava sob o bojo do aparelho. Houve o suave choque duplo da aterragem perfeita e ouviu-se o ronco da hélice girando em sentido inverso, enquanto rodavam devagar em direção aos baixos edifícios brancos do aeroporto.

Os dedos pegajosos dos trópicos afagaram o rosto de Bond quando ele desceu do avião e se encaminhou para as seções de Saúde e Imigração. Sabia que quando chegasse a

hora de passar pela Alfândega estaria suando em bicas. Pouco lhe importava. Depois do frio crestante de Londres, o calor abafado e mole era perfeitamente tolerável.

O passaporte de Bond dava-o como “Exportador e Importador”.

— Qual é sua firma?

— Exportações Universais.

— O senhor está aqui a negócios ou a passeio?

— A passeio.

— Espero que o senhor aproveite bem a sua estada.

O funcionário preto da Imigração devolveu-lhe o passaporte com indiferença.

— Muito obrigado.

Bond dirigiu-se para a Alfândega. Notou imediatamente um homem alto e magro, por trás da grade. Estava usando a mesma camisa azul, velha e desbotada e, provavelmente, as mesmas calças de brim caqui que usava quando Bond o conheceu, cinco anos atrás.

— Quarrell!

Por trás da grade, o velho pescador da ilha Cayman sorriu-lhe afetuosamente. Ergueu o antebraço esquerdo diante dos olhos, segundo a antiga saudação dos moradores das índias Ocidentais.

— Como vai, capitão? — exclamou, no auge do contentamento.

— Muito bem — replicou Bond. — Espere até que eu retire a mala. Tem carro?

— Está aí, chefe.

O funcionário da Alfândega que, como a maior parte dos trabalhadores do cais, conhecia Quarrell, marcou com giz a mala de Bond, sem abri-la sequer. Bond apanhou-a e passou a grade. Quarrell pegou a mala e estendeu a mão direita. Bond estreitou a calejada manopla quente e seca, e cravou o olhar nos olhos cinzento-escuros que revelavam a descendência de algum soldado de Cromwell ou de um pirata do tempo de Morgan.

— Você está sempre o mesmo, Quarrell — disse calorosamente. — Como vai a pesca à tartaruga?

— Não vai mal, chefe, nem muito bem. Quase o mesmo de sempre. — Observou Bond atentamente. — O senhor esteve doente, ou o que aconteceu?

Bond ficou surpreso.

— Estive doente, de fato. Mas há semanas que estou restabelecido. Por que pergunta?

Quarrel sentiu-se embaraçado.

— Sinto muito, chefe — disse êle, receoso de ter magoado Bond. — Mas há em seu rosto algumas rugas de sofrimento que não existiam da outra vez.

— Ora, não foi nada — retrucou Bond. — Mas creio que me fariam bem uns dias de treino com você. Não estou tão em forma quanto costumava.

— Às ordens, capitão.

Estavam-se dirigindo para a saída quando foram apanhados de surpresa pelo estalido seco e o relâmpago de uma câmara fotográfica de imprensa. Uma linda chinesa vestida à moda de Jamaica estava abaixando a sua "Speed Graphic". Aproximou-se deles, dizendo com amabilidade artificial:

— Muito obrigada, senhores. Sou do "Daily Gleaner". — Ela correu os olhos por uma lista que tinha na mão. — Sr. Bond, não é? Por quanto tempo o senhor ficará entre nós, sr. Bond?

Bond foi pouco cortês. Aquilo era mau começo para a sua missão.

— Estou em trânsito — respondeu secamente. — Creio que a senhorita poderia ter encontrado no avião pessoas mais interessantes.

— Oh! Tenho certeza de que seria impossível, sr. Bond. O senhor parece muito importante. Em que hotel está hospedado?

"Vá pro inferno!" pensou Bond, e disse em voz alta:

— No Hotel Myrtle Bank — e começou a afastar-se.

— Obrigada, sr. Bond — disse a voz argentina. — Espero que o senhor,..

Estavam fora. Enquanto se dirigiam para o estacionamento, Bond perguntou:

— Já tinha visto esta moça, no aeroporto? Quarrel re-

fletiu.

— Creio que não, chefe. Mas o “Gleaner” tem muitas fotografias.

Bond estava vagamente aborrecido. Não havia motivo plausível para que a imprensa quisesse a sua fotografia.

Haviam decorrido cinco anos desde as suas últimas aventuras na ilha, e o seu nome nem sequer tinha figurado nos jornais.

Aproximaram-se do carro. Era um “Sunbeam Alpine” preto. Bond examinou-o com atenção e verificou o número da placa. Era o carro de Strangways. Que idéia seria essa?

— Onde arranjou esse carro, Quarrel?

— Disseram-me, no Palácio do Governo, que eu podia pegá-lo, chefe. Que era o único carro disponível. Por que, chefe? Não serve?

— Oh, é um carro magnífico, Quarrel — respondeu Bond, conformado. — Vamos andando.

Bond sentou-se ao lado de Quarrel. A culpa era toda sua. Deveria ter imaginado a possibilidade de lhe darem esse carro, o que o denunciaria imediatamente, com segurança, e à sua missão, a quem estivesse interessado.

Estavam rodando pela estrada marginada por cactos, em direção às distantes luzes de Kingston. Em condições normais, êle teria apreciado toda a beleza do cenário — o cricrilar dos grilos, o sopro do ar cálido e perfumado, o céu recamado de estrelas, o colar de luzes amareladas que refulgia ao longo do porto. Mas, no momento, Bond estava amaldiçoando sua imprevidência, e percebendo claramente aquilo que não deveria ter feito.

O que êle tinha feito fora mandar uma mensagem ao Governador por intermédio do Ministério das Colônias. Tinha pedido que mandassem chamar Quarrel, nas ilhas Cayman, por um tempo indeterminado, com o salário de dez libras por semana. Quarrel tinha estado com êle por ocasião de sua última aventura em Jamaica. Era um habilíssimo trabalhador manual, dotado ainda de todas as qualidades de homem do mar próprias dos habitantes daquele arquipélago, e servia de passaporte para penetrar nas camadas mais baixas da po-

pulação de côr, que de outra maneira ficariam fechadas para Bond. Todos gostavam dele e êle era um esplêndido companheiro. Bond sabia que Quarrel tinha importância vital, se quisesse encontrar alguma pista — fosse de um crime, fosse apenas de um escândalo. Bond tinha pedido ainda que reservassem um quarto no Hotel Montes Azuis, que lhe pusessem um carro à disposição, e que Quarrel o fosse esperar no aeroporto. Quase todas as providências que êle solicitara tinham sido inoportunas, representavam até mesmo um erro de tática. Antes de mais nada, Bond deveria ter ido de táxi para o hotel e estabelecido, em seguida, contato com Quarrel. Teria visto o carro, depois, e poderia então ter tido a oportunidade de trocá-lo por outro.

Da maneira como estavam as coisas — pensou Bond — era como se êle tivesse anunciado no “Daily Gleaner” a sua visita e a finalidade desta! Suspirou. Os piores erros eram aqueles que se cometiam de início. Eram esses os irreparáveis, os que faziam entrar com o pé esquerdo num caso e davam ao inimigo as vantagens do primeiro tempo do jogo. Mas haveria realmente algum inimigo? Não estaria êle sendo demasiado cauteloso? Impulsivamente, Bond voltou-se para trás. A uma centena de metros de distância avistava-se a luz fraca de duas lanternas de automóvel. A maior parte dos jamaicanos costuma guiar com os faróis acesos. Bond acomodou-se novamente no assento e disse:

— Quarrel, ao chegar ao fim das Paliçadas, no ponto onde a estrada se bifurca, à esquerda para Kingston e à direita para Morant, quero que você entre rapidamente na estrada de Morant, pare imediatamente e apague todas as luzes. Compreendeu? E agora, dispare à toda.

— Está bem, chefe.

A voz de Quarrel denotava satisfação. Pisou até à tábua no acelerador. O pequeno automóvel emitiu um ronco abafado e saiu disparado pela estrada branca.

Estavam agora no fim da reta. O carro derrapou numa curva. Quinhentos metros ainda, e eles estariam na interseção. Bond olhou para trás. Não havia sinal do outro carro. Tinham chegado ao poste de sinalização. Quarrel fez uma

manobra digna de uma corrida de automóveis e mudou subitamente a direção do carro, numa curva fechada. Freou à beira da estrada e apagou as luzes. Bond voltou-se para trás e esperou. Logo ouviu o rugir de um carro possante, em plena velocidade. Brilharam fortes faróis, procurando por eles. No mesmo instante, o carro passou, devorando a distância, em direção a Kingston. Bond teve tempo de notar que era um grande carro de praça americano e que ninguém ia nele, fora o chofer. Instantes depois, tinha desaparecido.

A poeira assentou devagar. Ficaram imóveis durante uns dez minutos, sem trocar palavra. Depois, Bond pediu a Quarrel que fizesse manobra e seguisse pela estrada de Kingston.

— Creio que aquele carro estava interessado em nós, Quarrel — disse êle. — Ninguém vai trazer um carro de praça vazio do aeroporto até a cidade. É uma corrida cara. Fique alerta. Êle pode descobrir que nós o ludibriamos, e estar à nossa espreita.

— Está bem, chefe — respondeu Quarrel, feliz. Era exatamente este o tipo de vida pelo qual estivera esperando, após ter recebido o recado de Bond.

Entraram na corrente do tráfego de Kingston: ônibus, automóveis, carroças de tração animal, burros carregados de cestos, vindos dos morros, e os carrinhos de mão dos vendedores de fortes bebidas de cores vivas. Em meio à confusão do trânsito, era difícil saberem se estavam sendo seguidos. Voltaram à direita e iniciaram a subida dos morros. Vinham muitos carros atrás deles, e talvez entre esses estivesse o táxi americano. Prosseguiram durante quinze minutos, até Halfway Tree, e entraram em seguida na estrada principal que atravessava a ilha. Avistaram pouco depois o anúncio luminoso, que representava uma alta palmeira verde e, embaixo desta, os dizeres: “Hotel Montes Azuis”. Entraram pela alameda margeada por pés de primaveras.

A cem metros de distância, estrada acima, o táxi preto fez sinal, dando passagem aos carros que lhe vinham atrás, e colocou-se de lado; aproveitando-se de uma breve interrupção do tráfego, fez uma curva fechada e desceu o morro,

dirigindo-se para Kingston.

O “Hotel Montes Azuis” era uma confortável hospedaria à moda antiga, com todas as comodidades modernas. Bond foi recebido com deferência porque fora recomendado pela King’s House. Levaram-no a um belo quarto de esquina, com um alpendre de onde se avistava ao longe a curva do porto. Êle tirou com alívio as roupas londrinas, já úmidas de suor, entrou no compartimento envidraçado do chuveiro e abriu a torneira de água fria. Ficou sob o jato gelado durante cinco minutos, lavando-se dos pés à cabeça, a fim de remover os últimos vestígios da poeira da cidade. Enfiou depois um “short” de algodão sedoso e, sentindo com volúpia a carícia macia do ar tépido, tirou suas roupas da mala e tocou a campainha para chamar o camareiro.

Bond pediu uma dose dupla de gim tônico. Levou a bebida para o alpendre e sentou-se, contemplando a vista espetacular. Pensou no quanto era maravilhoso estar longe da sede, e de Londres, e dos hospitais, e encontrar-se ali, naquele momento, fazendo o que estava fazendo, e sabendo, como lho davam a conhecer todos os seus sentidos, que estava de novo metido num bom caso perigoso.

Permaneceu sentado por algum tempo, deixando que a bebida lhe afrouxasse a tensão nervosa. Pediu outra dose, e tomou-a logo. Eram sete e quinze. Tinha combinado com Quarrel que este o viria buscar às sete e meia. Iam jantar juntos. Bond pedira a Quarrel que sugerisse algum restaurante. Depois de breve hesitação, Quarrel respondera que, sempre que queria divertir-se um pouco em Kingston, ia a um restaurante da zona portuária, chamado “O Barco da Alegria”.

— Não é de luxo, chefe — dissera em tom de desculpa — mas tem boa comida, boa bebida, boa música, e tenho lá um bom amigo. É o proprietário. Chamam-no de “Polvo”, porque certa vez lutou contra um polvo gigantesco.

Bond sorriu sozinho ao lembrar-se da fala saborosa de Quarrel, tão característica das Índias Ocidentais. Foi para o quarto e vestiu uma camisa branca de mangas curtas, seu velho tropical azul e uma gravata preta de tricô de seda. Verificou no espelho se não se poderia notar a “Walther”, sob a

axila, por baixo do paletó. Desceu e saiu, dirigindo-se para o carro que estava à espera.

O automóvel corria veloz através do lusco-fusco rumorante. Entraram em Kingston e dobraram à esquerda, para o lado do porto. Passaram por elegantes restaurantes e clubes noturnos, onde se ouviam os tons agudos e a cadência sinco-pada de músicas de calipso. Seguiram por uma rua residencial que ia acabar num centro comercial da classe pobre, ao qual se seguiam filas de casebres. De repente, numa curva, surgiu o brilho dourado de um luminoso, que representava um galão espanhol, encimando um letreiro no qual se lia: “O Barco da Alegria”. Deixaram o carro no estacionamento e Bond seguiu Quarrel, passando por um portão e entrando num jardim onde nasciam palmeiras fora do gramado. Na outra extremidade, era a praia, era o mar. Espalhavam-se mesinhas ao pé das palmeiras e via-se, no centro, uma pequena área cimentada, reservada às danças, mas deserta no momento, e ao lado da qual uma pequena orquestra de três músicos, que trajavam camisas vermelhas bordadas com lan-tejoulas, estava improvisando variações sobre a música de calipso “Leve-a a Jamaica, de onde bem o rum”.

Metade só das mesas estava ocupada, principalmente por pessoas de côr. Viam-se alguns marinheiros ingleses e americanos, com suas garotas. Um negro imensamente gordo metido num elegante “clinner jacket” branco deixou uma das mesas e veio ao seu encontro.

— Olá, sr. Q.! Há quanto tempo não aparecia por aqui! Uma boa mesa para dois?

— Isso mesmo, Polvo. Mais perto da cozinha que da música.

O homenzarrão riu-se. Levou-os para perto da praia e instalou-os numa mesa retirada, sob uma palmeira que nascera na base do edifício do restaurante.

— Bebidas?

Bond pediu seu gim tônico e Quarrel uma cerveja. Estudaram o cardápio e opinaram ambos por lagosta de forno e bife mal passado, com legumes da terra.

Foram servidas as bebidas. A poucos metros de distân-

cia o mar ciciava na areia lisa. O trio de músicos começou a tocar “Kitch”. Acima deles, as folhas de palmeira batiam de leve umas nas outras, agitadas pela brisa noturna. Um sapo, em algum canto do jardim, coaxava como se estivesse rindo. Bond lembrou-se de Londres, que deixara havia tão pouco tempo.

— Gosto daqui, Quarrel — disse.

Quarrel sentiu-se satisfeito.

— É um bom amigo meu, esse Polvo. Ele sabe de quase tudo o que vai pela cidade, e é só pedir se o senhor precisar de qualquer informação. Ele vem das ilhas Cayman. Tínhamos um barco de sociedade. Um belo dia, ele foi apanhar ovos de pássaros marinhos em Crab Key. Foi a nado até um rochedo, para pegar mais ovos, e aquele tal de polvo o agarrou. Há alguns, por aqui, dos pequenos, mas eles são maiores em Crab Key, que é banhada pelas águas fundas do estreito de Cuba. Meu amigo passou um mau quarto de hora com aquele bicho. Rebentou um pulmão, ao se libertar. Ficou com medo do mar e vendeu-me a sua parte no barco, e depois veio para Kingston. Isso foi antes da guerra. Agora, ele é um ricaço, enquanto eu continuo a pescar. — Quarrel riu-se, divertido com os caprichos da sorte.

— Crab Key — disse Bond. — Que espécie de lugar é esse?

Quarrel atirou-lhe um olhar penetrante.

— Agora, é um lugar azarado, chefe — respondeu secamente. — Um demônio de um chinês comprou-o durante a guerra e trouxe operários, e começaram a cavar o estêreo das aves. Não deixa ninguém desembarcar lá, nem sair. Nós nos mantemos bem à distância.

— Por quê?

— Ele tem uma porção de guardas. E fuzis — até fuzis-metralhadoras. E radar. E um avião de reconhecimento. Um amigo meu desembarcou lá, e nunca mais apareceu por aqui. Aquele chinês mantém a ilha completamente isolada. Para ser franco, chefe, — Quarrel estava como que a pedir desculpas — essa Crab Key me assusta.

Bond disse pensativamente:

— Ora veja! Sim, senhor!

Serviram o jantar. Enquanto comiam, Bond traçou para Quarrel um rápido esboço do caso Strangways. Quarrel ouviu-o atentamente, fazendo uma ou outra pergunta. Mostrou-se especialmente interessado nos pássaros de Crab Key e no que os guardas tinham dito, e como se supunha que tivesse ocorrido o desastre com o “Beechcraft”. Finalmente, êle afastou o prato. Limpou a boca com as costas da mão. Puxou um cigarro do bolso e acendeu-o. Debruçou-se na mesa.

— Chefe, — disse em voz baixa —, eu não me importaria se fossem passarinhos, ou borboletas, ou abelhas. Se eles estavam em Crab Key, e se aquele seu colega foi meter o nariz nos negócios daquela gente, o senhor pode apostar todo o seu ordenado como êle seria reduzido a pó, êle e a sua garota. Aquele chinês os eliminou, não tenha dúvida.

Bond fitou atentamente aqueles olhos cinzentos, cheios de vivacidade e interesse.

— Como pode ter tanta certeza?

Quarrel espalmou as mãos. A explicação, para êle, era muito simples.

— Esse chinês gosta de sossego. Quer que o deixem em paz. Sei que êle eliminou meu amigo, para que ninguém tente chegar perto de Crab Key. É um homem poderoso. Mata qualquer um que interfira em seus negócios.

— Por quê?

— Não sei bem porquê — respondeu Quarrel. — Há gente que quer coisas diferentes neste mundo. E aquilo que querem com bastante força de vontade, eles alcançam.

Bond percebeu pelo canto do olho um reflexo de luz. A moça chinesa do aeroporto estava em pé, na sombra, perto deles. Trajava agora um vestido colante de cetim preto, aberto do lado até o alto da coxa. Tinha uma “Leica” com dispositivo para “flash” em uma das mãos. A outra mão estava remexendo numa bolsa de couro a tiracolo. Essa mão apareceu, segurando uma lâmpada. A jovem introduziu em sua boca a base da lâmpada, a fim de umedecê-la e melhorar o contato, e preparou-se para colocá-la no soquete do refletor.

— Apanhe essa pequena — disse rapidamente Bond.

Com dois passos, Quarrel estava ao lado dela. Estendeu-lhe a mão.

— Boa-noite. senhorita — disse gentilmente.

A jovem sorriu. Deixou que a “Leica” pendesse da fina correia que lhe cingia o pescoço e apertou a mão de Quarrel. Este fê-la rodopiar como uma bailarina. Um instante mais tarde, segurava-lhe uma das mãos por trás das costas, imobilizando-a.

Ela olhou zangada para Quarrel.

Quarrel sorriu para os olhos escuros que brilhavam no rosto amendoado.

— O chefe quer que você tome um drinque conosco — disse êle à guisa de consolo. Voltou para a mesa, arrastando a moça. Puxou uma cadeira com o pé e fê-la sentar-se ao seu lado, segurando sempre uma das mãos dela por trás das costas. Ambos estavam sentados muito erectos, como namorados que tivessem discutido.

Bond fitou o lindo rostinho zangado.

— Boa-noite. O que está fazendo aqui? Por que quer outra fotografia minha?

— Estou fazendo os clubes noturnos, — e a boca em forma de arco de cupido entreabriu-se num sorriso persuasivo. — A primeira fotografia sua não saiu bem. Diga a esse homem que me deixe em paz.

— Então trabalha para o “Gleaner”? Como se chama?

— Isso eu não digo.

Bond levantou uma sobrancelha para Quarrel.

Quarrel apertou os olhos. Foi torcendo devagar a mão que mantinha por trás da jovem. A chinesa debatia-se como uma enguia enquanto mordida o lábio inferior. Quarrel continuou a torcer. Ela, de repente, exclamou: — Ai! — com voz aguda e disse ofegante: — Vou dizer, — Quarrel afrouxou a torção. A jovem olhou furiosa para Bond:

— Annabel Chung!

Bond disse a Quarrel:

— Chame o Polvo.

Quarrel pegou um garfo e, com a mão livre, fê-lo tinir

de encontro a um copo.

O enorme negro veio correndo. Bond perguntou-lhe:

— Já viu essa moça?

— Já, sim, senhor. Ela vem às vezes aqui. Está aborrecendo-o? Quer que eu a mande embora?

— Não — respondeu Bond, amavelmente. — Nós estamos gostando dela. Mas ela quer tirar uma fotografia minha, de estúdio, e eu não sei se o trabalho dela compensará a despesa. Quer telefonar para o “Gleaner” e perguntar se eles têm uma fotógrafa chamada Annabel Chung? Se ela pertencer realmente ao jornal, deve trabalhar bem.

— Às ordens, meu senhor. — O Polvo retirou-se sem perder tempo.

Bond sorriu para a jovem.

— Por que não pediu a esse homem que a socorresse? A moça deitou-lhe um olhar fuzilante.

— Sinto muito ter que agir desta forma — disse Bond — mas meu gerente de exportação, de Londres, avisou-me de que Kingston estava cheia de gente duvidosa. Estou certo de que a senhorita não se enquadra nesta categoria, mas não posso realmente compreender porque faz tanta questão de tirar uma fotografia minha. Conte-me por quê.

— Já disse — respondeu ela obstinadamente. — É meu ofício.

Bond tentou fazer outras perguntas. Ela nem sequer respondeu.

O Polvo voltou.

— Está certo, chefe. Annabel Chung. Uma de suas fotógrafas que trabalham por conta própria. Disseram-me que ela faz boas fotografias. O senhor ficará satisfeito com ela.

Sua amabilidade era um pouco irônica. Retrato de estúdio! Cama no estúdio era o mais provável.

— Obrigado, — disse Bond.

O preto retirou-se. Bond dirigiu-se para a moça.

— Trabalhando por conta própria... — repetiu devagar. — Isso ainda não me revela quem quer o meu retrato. — Sua fisionomia tornou-se dura. — Diga, agora!

— Não! — retrucou a chinesinha com obstinação.

— Como queira! Vamos, Quarrel, prossiga!

Bond recostou-se na cadeira. Dizia-lhe o instinto que esta era a pergunta crucial deste programa de “Tudo ou Nada”. Se conseguisse obter a resposta, ser-lhe-iam poupadas semanas de andanças.

O ombro direito de Quarrel começou a abaixar-se. A jovem procurava chegar-se a êle, a fim de aliviar a pressão, mas êle, com a mão livre, mantinha-lhe o corpo afastado. O rosto da chinesa esticava-se para Quarrel. Cuspiu-lhe nos olhos. Quarrel sorriu e aumentou a torção. A chinesinha dava pontapés furiosos por baixo da mesa. Sibilava palavras em chinês. O suor começou a gotejar-lhe na testa.

— Diga o que eu quero saber — disse Bond com doçura — e tudo isto estará acabado, e nós seremos amigos e tomaremos um drinque, juntos.

Êle estava ficando aborrecido. O braço da jovem devia estar prestes a partir-se.

“Seu...! — De repente, a mão esquerda da moça alcançou o rosto de Quarrel. Bond não chegou a tempo para impedi-lo. Qualquer coisa brilhou, e deu-se uma explosão seca. Bond agarrou-lhe o braço e puxou-o para trás. Escorria sangue pela face de Quarrel. Tiniram na mesa estilhaços de vidro e de metal. Ela esmagara a lâmpada do “flash” no rosto de Quarrel. Se tivesse acertado nos olhos, êle estaria cego.

Quarrel ergueu a mão livre e apalpou o rosto. Colocou-a diante dos olhos e viu o sangue. — Ah! — não havia senão admiração e prazer felino em sua voz. E disse calmamente e Bond:

— Não vamos tirar nada dessa pequena, chefe. Ela é rija. Quer que eu lhe quebre o braço?

— Deus me livre! — Bond largou o braço que estava segurando. — Deixe-a.

Êle se sentia descontente consigo mesmo por ter machucado a moça e, ainda assim, nada ter conseguido. Mas aprendera algo. Quem quer que estivesse por trás dela segurava seus agentes com guante de ferro.

Quarrel trouxe para a frente o braço que mantivera nas costas dela. Ainda lhe segurava o pulso. Abriu-lhe a mão, e

fitou-a nos olhos. Os dele eram cruéis. — Você me marcou, menina. Agora, eu vou marcá-la. — Levantou a outra mão e apertou, entre o polegar e o indicador, o Monte de Vênus, o macio losango de carne que se estendia na palma da mãozinha frágil, abaixo do polegar. Começou a espremê-lo. Bond podia ver as juntas da mão de Quarrel ficarem brancas com o esforço. A jovem soltou um grito agudo. Martelou com o punho a mão de Quarrel e depois o rosto. Quarrel sorriu e apertou com mais força ainda. De repente, largou-a. A moça pôs-se em pé e afastou-se da mesa, com a mão machucada encostada à boca. Abaixou a mão e vociferou enfurecida: — Ele há-de pegá-los, seus bastardos! — e, com a “Leica” a balançar-se na correia, desapareceu correndo por entre as palmeiras.

Quarrel riu secamente. Esfregou um guardanapo no rosto, atirou-o no chão e pegou outro. Disse a Bond:

— O Monte de Vênus dela há-de estar doído muito tempo ainda depois de ter sarado esse talho que ela me fez! É um pedaço interessante, na mulher, esse Monte de Vênus. Quando é bem cheio, como o daquela pequena, pode-se apostar que ela é boa na cama. O senhor sabia disso?

— Não, — respondeu Bond, — é novidade para mim.

— Pois é coisa certa. Esse pedaço da mão é o melhor indício. Não se preocupe com ela, — acrescentou Quarrel, notando a expressão de Bond. — Ela só vai ter uma equimose na mão. Mas que Monte de Vênus bem gordo! Vou dar em cima dessa pequena, qualquer dia, para verificar se minha teoria dá certo!

Muito a propósito, a orquestra começou a tocar “Não toque no meu tomate”.

— Quarrel, — disse Bond, — é tempo de você casar e sossegar. E deixe essa pequena em paz, senão você acaba com uma faca entre duas costelas. Agora, vamos pedir a conta e sair daqui. São três da madrugada em Londres, onde eu estava ainda ontem. Preciso de uma noite bem dormida. Você tem que iniciar meu treino. Creio que vou precisar disso. E é tempo também que você faça um curativo no rosto. Ela escreveu nele o nome e endereço.

Quarrel grunhiu com expressão de saudade. Disse, com calma satisfação:

— Que pequena rija! Pegou um garfo e fê-lo tinir contra um copo.

V

FATOS E NÚMEROS

“Ele há de pegá-los... Ele há de pegá-los... Ele há de pegá-los, seus bastardos!”

Essas palavras tiniam ainda no cérebro de Bond, no dia seguinte, enquanto estava sentado no alpendre, comendo um delicioso desjejum e olhando, além dos luxuriantes jardins tropicais, para Kingston, a oito quilômetros de distância.

Estava convencido, agora, de que Strangways e a moça tinham sido mortos. Alguém tivera necessidade de não permitir que eles se metessem em seus negócios, de sorte que os matara e destruíra os arquivos atinentes àquilo que eles estavam a investigar. Essa mesma pessoa sabia, ou supunha, que o Serviço Secreto procuraria esclarecer o mistério do desaparecimento de Strangways. Soubera, fosse como fosse, que Bond tinha sido encarregado dessa tarefa. Quisera ter em mãos uma fotografia de Bond e saber onde ele estava hospedado. Deveria estar mantendo Bond sob vigilância, a fim de saber se ele tinha alguma pista que revelasse a morte de Strangways. Se Bond o conseguisse, ele também teria que ser eliminado. Haveria um encontro de carros, ou uma briga de rua, ou qualquer outra morte que não despertaria suspeitas. E — perguntava Bond a si mesmo — qual teria sido a reação daquela pessoa, ao saber do tratamento que ele e Quarrel tinham dispensado à moça Ching? Se era tão implacável quanto o supunha Bond, aquilo seria o bastante. Talvez Strangways tivesse mandado um relatório preliminar a Londres, antes de sua morte. Talvez alguém tivesse cometido uma indiscreção. O inimigo seria louco em se arriscar. Se tivesse um pouco de bom senso, depois do incidente com a pequena Chung, ele procuraria sem delongas tomar conta de Bond e, talvez, também de Quarrel.

Bond acendeu o primeiro cigarro do dia — o primeiro “Royal Blend” que estava fumando depois de muitos anos — e deixou que a fumaça escapasse por entre os dentes com um assobio de satisfação. Esta era sua “apreciação do inimigo”. Mas quem seria esse inimigo?

Ora, havia um só candidato, mas bastante importante, o Doutor No, Doutor Julius No, o sino-alemão que tinha adquirido Crab Key e tirava a sua fortuna do guano. Nada existia contra esse indivíduo nos arquivos da polícia, e um pedido de informações feito ao F.B.I. dos Estados Unidos tinha-se revelado negativo. O caso das espátulas rosadas e as complicações com a Sociedade Audubon não tinham nenhuma significação precisa, salvo, como o dissera M, que um bando de gente que não tinha o que fazer ficara nervosa por causa de umas poucas cegonhas vermelhas. Contudo, quatro pessoas tinham morrido por causa daquelas cegonhas, e, o que era muito significativo para Bond, Quarrel tinha medo do Doutor No e de sua ilha. Isso era, realmente, muito estranho. Os pescadores das ilhas Cayman, e especialmente Quarrel, não se assustavam com facilidade. E por que tinha o Doutor No aquela mania de isolamento? Por que gastava êle tanto, e se dava a tanto trabalho, a fim de manter todos afastados de sua ilha de guano? Guano — excrementos de aves marinhas. Quem havia de querer esse material? Qual era o seu valor? Bond devia fazer uma visita ao Governador às dez horas. Satisfeitas as exigências do protocolo, êle procuraria o secretário para a Colônia e procuraria descobrir tudo sobre o guano e Crab Key, e, se fosse possível, sobre o Doutor No.

Ouviu duas pancadas à porta. Bond levantou-se e abriu. Era Quarrel, com a face esquerda decorada com uma cruz de esparadrapo que bem poderia ter enfeitado o rosto de algum pirata.

— Bom-dia, chefe. O senhor tinha dito oito e meia.

— Sim, entre, Quarrel. Temos um dia cheio à nossa frente. Já comeu qualquer coisa?

— Já obrigado, chefe. Peixe salgado e um trago de rum.

— Arre! — disse Bond; — é coisa forte, logo assim de

manhã!

— Refresca muito, — respondeu Quarrel, imperturbável.

Sentaram-se no alpendre. Bond ofereceu um cigarro a Quarrel, e também acendeu um.

— Hoje — disse êle — vou passar a maior parte do dia em King's House e talvez no Instituto de Jamaica. Não precisarei de você até amanhã de manhã, mas precisaria que você fizesse umas coisas na cidade. Está bem?

— Às ordens, chefe, vá dizendo.

— Primeiro, este nosso carro está “manjado”. Temos que nos livrar dele. Vá ao Motta, ou qualquer outra garagem de aluguel, e escolha o mais novo e o melhor dos carros, sem chofer, que possa encontrar. Um carro fechado. Alugue-o por um mês. Está certo? Depois, procure pelas imediações do porto dois homens que se pareçam conosco. Um deles deverá ser capaz de guiar um carro. Compre roupas para eles, semelhantes às nossas, pelo menos da cintura para cima. E o tipo de chapéus que nós poderíamos usar. Diga que nós precisamos que eles levem um carro a Montego amanhã de manhã, pela estrada de Ocho Rios e Spanish Town. Deverão deixá-lo na garagem “Levy”. Telefone ao Levy e diga-lhe que o guarde para nós. Compreendeu?

Quarrel sorriu.

— O senhor está querendo tapear alguém...

— Acertou. Você dará dez libras a cada um daqueles homens. Diga que eu sou um rico americano e que quero o meu carro levado para Montego por gente respeitável. Dê a entender que sou um pouco pancada. Eles deverão estar aqui às seis e meia, amanhã cedo. Você já estará, então, com o outro carro. Dê um jeito de eles desempenharem bem o seu papel, e mande-os com o “Sunbean”, de capota arriada. Ouviu?

— Está bem, chefe.

— Que foi feito daquela casa da Praia Norte em que estivemos da última vez, Beau Desert, no Porto Morgan? Você sabe se está alugada?

— Não saberia dizê-lo, chefe. Fica longe dos lugares

freqüentados por turistas, e pedem muito por ela.

— Bem. Vá ao Escritório Granham e veja se pode alugá-la por um mês, ou qualquer outro bangalô na mesma zona. Não se preocupe com o preço. Diga que é para um rico americano, Mr. James. Apanhe as chaves, pague o aluguel e diga que eu escreverei para confirmar. Posso telefonar-lhes, se quiserem mais informações. — Bond remexeu no bolso de trás e tirou um grosso maço de notas. Deu metade a Quarrel. — Aqui estão duzentas libras. Creio que dá para tudo. Procure-me, se precisar mais. Você sabe onde me poderá encontrar.

— Obrigado, chefe — disse Quarrel, aturdido pela elevada quantia. Enfiou-a em sua camisa azul e abotoou-a até o pescoço.

— Mais alguma coisa?

— Nada, mas tome cuidado para que não o sigam. Deixe o carro em qualquer lugar, na cidade, e vá a pé a todos esses lugares. E tenha especial cuidado com qualquer chinês que se aproxime de você. — Bond levantou-se e foi até a porta. — Espero você às seis e meia, amanhã. Iremos para a Praia Norte. Pelo que posso imaginar, será essa a nossa base durante algum tempo.

Quarrel assentiu com a cabeça. Sua expressão era enigmática. Disse: “Está bem, chefe,” e foi-se pelo corredor.

Meia hora mais tarde, Bond desceu e tomou um táxi até King’s House. Não assinou o livro de visitas do Governador no fresco vestibulo de entrada. Deixaram-no numa antecâmara durante quinze minutos, o tempo suficiente para provar-lhe que êle carecia de importância. Um ajudante de ordens veio então buscá-lo e levou-o ao escritório do Governador, no primeiro andar.

Era uma sala ampla e fresca rescendendo a fumaça de charuto. O governador em exercício, num terno creme de tussor, colarinho duro e laço borboleta totalmente inadequados, estava sentado a uma grande escrivaninha de mogno, na qual nada mais havia senão o “Daily Gleaner”, o “Times Weekly” e um vaso de botões de hibisco. Suas mãos estavam pousadas à frente. Era um homem de seus sessenta anos, fisionomia

vermelha, bastante petulante e viva, e olhos azuis penetrantes. Não sorriu nem se levantou. Disse apenas:

— Bom-dia, senho... hum!... Bond. Queira sentar-se. Bond sentou-se na cadeira em frente do Governador e respondeu:

— Bom-dia, Excelência, — e esperou. Um amigo dele, funcionário do Ministério das Colônias, tinha-o avisado de que a recepção seria glacial.

— Ele está quase em idade de se aposentar, — explicara-lhe o amigo. — É um cargo interino. Tínhamos que achar alguém que pudesse assumir as funções de Governador interino, dentro de um prazo muito curto, quando Sir Hugh Foot foi promovido. Foot era um tipo magnífico. Esse nem procura competir com ele. Sabe que tem o cargo por alguns meses, até acharmos quem substitua Foot. Foi preterido quando do preenchimento do cargo de governador-geral da Rodésia. A única coisa que ele quer agora é aposentar-se e arrumar algum cargo de diretor na City. O que ele menos deseja é que surja alguma encrenca em Jamaica. Obstina-se em querer dar por encerrado esse seu caso Strangways. Não vai gostar de ver você fuçando por lá.

O Governador pigarreou. Reconhecia que Bond não era nenhum tipo de homem servil.

— O senhor desejava ver-me?

— Apenas a fim de apresentar-me, Excelência — disse Bond calmamente. — Estou aqui para tratar do caso Strangways. Pensei que o senhor tivesse recebido uma comunicação do Secretário de Estado. — Isto era para lembrá-lo de que por trás de Bond havia gente poderosa. Bond não apreciava tentativas que visassem diminuir a ele ou ao seu Serviço.

— Lembro-me da comunicação. E que posso fazer pelo senhor? Para nós o caso está encerrado.

— De que maneira encerrado, sr. Governador?

O Governador respondeu abruptamente:

— É evidente que Strangways fugiu com a moça. Era na maior parte do tempo um sujeito desequilibrado. Alguns de seus... hum!... colegas... não parecem ser capazes de deixar as mulheres em paz. — Era visível que o Governador in-

cluía Bond entre esses. — Tive que pagar fiança pelo rapaz, diversas vezes, por outros escândalos, antes dessa ocasião. Isso não é nada bom para a fama da Colônia, sr... hum!... Bond. Espero que seus chefes nos mandem gente melhor para preencher o cargo desse homem. Isto é — acrescentou ele secamente — se um funcionário de Controle Regional fôr realmente necessário. De minha parte, tenho toda a confiança em nossa polícia.

Bond sorriu com simpatia.

— Darei conhecimento do seu ponto de vista em meu relatório, sr. Governador. Penso que meu Chefe estará disposto a discuti-lo com o Ministro da Defesa e o Secretário de Estado. Naturalmente, se o senhor estiver disposto a assumir essas tarefas suplementares, isso representaria para o meu Serviço muita economia de pessoal. Tenho certeza de que a polícia jamaicana é extremamente eficaz.

O Governador olhou desconfiado para Bond. Talvez fosse melhor tratar esse sujeito com mais cuidado.

— Isso tudo não passa de uma troca de palavras sem caráter oficial, sr. Bond. Quando eu chegar a uma conclusão definitiva, comunicarei eu mesmo o meu ponto de vista ao Secretário de Estado. Entrementes, há alguém, dos meus subordinados, com quem o senhor desejaria avistar-se?

— Gostaria de falar com o Secretário para a Colônia, sr. Governador.

— Ah, deveras? E posso saber por quê?

— Tem havido complicações em Crab Key. Qualquer coisa a respeito de um santuário para aves. O caso foi passado ao meu Serviço pelo Ministério das Colônias. Meu Chefe pediu-me que fizesse uma investigação enquanto estiver por aqui.

O Governador demonstrou alívio.

— Pois não, pois não. Vou providenciar a fim de que o sr. Pleydell-Smith o atenda imediatamente. Então, o senhor pensa que nós podemos deixar que o caso Strangways se esclareça por si mesmo? Os responsáveis aparecerão dentro de menos tempo do que o senhor pensa, pode estar certo.

Estendeu o braço e tocou a campainha. Um ajudante

de ordens entrou.

— Este senhor deseja falar com o Secretário para a Colônia. Quer conduzi-lo, por favor? Vou telefonar ao sr. Pleydell-Smith e pedir-lhe que o atenda imediatamente.

Levantou-se e, adiantando-se até a frente da escrivaninha, estendeu a mão.

— Até a vista, então, sr. Bond. Folgo em ver que somos da mesma opinião. Crab Key, hein? Nunca estive lá, mas penso que uma visita deve valer a pena.

Bond apertou a mão estendida.

— É o que eu estava pensando. Até à vista, sr. Governador.

— Passe bem, passe bem.

O Governador olhou para as costas de Bond que transpunha a porta e voltou com ar satisfeito a sua escrivaninha. “Metido a sebo!” disse, para as quatro paredes. Sentou-se e disse umas poucas palavras ao Secretário para a Colônia, por telefone. Em seguida, apanhou o “Times Weekly” e passou a analisar as cotações do mercado de títulos.

O Secretário para a Colônia era um homem ainda jovem, com o cabelo em desalinho e olhos brilhantes de menino. Era desses fumantes de cachimbo nervosos, que vivem a apalpar os bolsos em busca de fósforos, sacodem a caixa para ver quantos há nela, ou batem o cachimbo para fazer cair os restos de tabaco. Depois de tê-lo visto executar essas manobras rotineiras por três ou quatro vezes no decorrer dos primeiros dez minutos de sua palestra, Bond perguntou a si mesmo se êle algum dia teria realmente aspirado fumaça de seu cachimbo.

Tendo dado ao braço de Bond sacudidelas suficientes para acionar uma bomba de poço, e tendo-lhe indicado uma cadeira com um gesto vago, Pleydell-Smith pôs-se a andar de um lado para outro, coçando a testa com o cano do cachimbo.

— Bond. Bond. Bond. Esse nome está a evocar qualquer coisa. Deixe-me ver. Já sei! O senhor é o sujeito que esteve metido naquela história de tesouro. Diabo, é isso mesmo! Há quatro ou cinco anos. Encontrei isso no arquivo por

aí faz poucos dias. Magnífico! Que coisa estupenda! Ouça, gostaria que o senhor ateasse fogo a outra fogueira dessas. Para animar um pouco o ambiente. Atualmente, a única coisa em que pensam é na Federação e a sua danada importância autônoma. Autodeterminação, meu carol! Não são capazes nem sequer de administrar uma empresa de ônibus! E o preconceito de côr! Meu caro amigo, há muito maior número de problemas de côr entre os jamaicanos de cabelos lisos e os jamaicanos de carapinha, do que entre mim e minha cozinheira preta. Todavia — Pleydell-Smith parou perto da escrivaninha, sentou-se em frente de Bond, passou uma perna por cima do braço da poltrona, pegou num pote para fumo que trazia o brasão de King's College, em Cambridge, e pôs-se a encher o cachimbo, — o que quero dizer é que não desejo aborrecê-lo com esses pormenores. O senhor é que me deve aborrecer com suas perguntas. Qual é o seu problema? Terei prazer em ajudá-lo. Garanto que há-de ser mais interessante que esse ramerrão. — E apontou para a pilha de documentos que enchia a bandeja dos papéis a despachar.

Bond sorriu para êle. Era o que êle queria. Encontrara um aliado e, o que era mais, um aliado inteligente.

— Pois bem — disse êle, muito sério — estou aqui para investigar o caso Strangways. Mas, antes de mais nada, quero fazer-lhe uma pergunta que talvez lhe pareça estranha. Pode dizer-me exatamente como foi que o senhor veio a saber daquele outro caso em que estive metido? O senhor disse-me que encontrou a pasta “por aí”. Como foi? Alguém tinha pedido para consultá-la? Não quero ser indiscreto. Portanto, não responda, se o senhor julga que não deve fazê-lo. Estou apenas sendo curioso.

Pleydell-Smith arqueou uma sobrancelha.

— Suponho que isso faça parte do seu officio.

Refletiu, olhando para cima.

— Bem, agora que o senhor me faz pensar nisso, lembro-me de que a vi na escrivaninha de minha secretária. É uma funcionária nova. Disse-me que estava querendo pôr-se a par dos arquivos. Note bem — o Secretário para a Colônia apressou-se em isentar a moça de qualquer suspeita, — ha-

via muitas outras pastas em sua escrivaninha. Foi apenas esta que me chamou a atenção.

— Ah, compreendo! — disse Bond. — Então, foi assim.

Ele sorriu, desculpando-se:

— Sinto tê-lo importunado, mas é que diversas pessoas parecem estar bastante curiosas com a minha presença aqui. Mas o que eu desejava, realmente, era que o senhor me desse informações sobre Crab Key. Qualquer coisa que o senhor saiba sobre essa propriedade. E sobre aquele chinês, o Doutor No, que a comprou. E qualquer coisa ainda que me possa contar a respeito desse negócio de exploração de guano. Estou pedindo muito, bem o sei, mas qualquer fragmento de informação me ajudará.

Pleydell-Smith deu uma risadinha através do cano do cachimbo. Arrancou-o da boca e falou, enquanto calcava o fumo com a caixa de fósforos.

— Acontece que sei mais do que lhe possa interessar em matéria de guano. Poderia discursar durante horas sobre este assunto. Eu tinha entrado na carreira diplomática, antes de me transferir para o Ministério das Colônias. Meu primeiro posto de cônsul foi no Peru. Tive muitas relações com os que administram todo esse negócio — Companhia Administradora del Guano. Gente direita.

O cachimbo estava em funcionamento, agora, e Pleydell-Smith atirou a caixa de fósforos na mesa.

— Quanto ao resto, é só mandar vir a pasta com os papéis sobre o assunto.

Tocou a campainha e poucos instantes depois abriu-se a porta que ficava atrás de Bond.

— Senhorita Taro, a pasta sobre Crab Key, por favor. Aquela onde estão arquivados os documentos sobre a venda das terras, e também aquela relativa ao guarda que veio de lá, pouco antes do Natal. A senhorita Longfellow sabe onde estão.

— Sim, senhor — respondeu uma voz macia, e Bond ouviu fechar-se a porta.

— Agora, quanto ao guano... — Pleydell-Smith inclinou

a cadeira para trás. Bond preparou-se para ouvir uma preleção maçante.

— Como o senhor sabe, são excrementos de aves. O guano é produzido por dois pássaros, o andorinhão e o guanai, conhecido também por corvo-marinho verde, que é a mesma ave que existe na Inglaterra. No tocante a Crab Key, o que se encontra é o corvo-marinho. É uma verdadeira máquina para transformar peixe em guano. Essas aves comem principalmente anchovas. Para o senhor ter uma idéia de quantos peixes podem comer, saiba que já foram encontradas até setenta anchovas no estômago de uma ave! — Pleydell-Smith tirou o cachimbo da boca e apontou-o com autoridade para Bond. — A população inteira do Peru consome quatro mil toneladas de peixes por ano. As aves marinhas desse país comem quinhentas mil toneladas!

Bond assobiou para demonstrar o seu assombro.

— Deveras?

— Pois bem — prosseguiu o Secretário para a Colônia — todos os dias, cada um desses milhares de corvos-marinhos come mais ou menos meio-quilo de peixe e deposita umas trinta gramas de guano na guaneira, isto é na ilha de guano.

— Por que não fazem isso no mar? — interrompeu Bond.

— Não sei. — Pleydell-Smith como que agarrou a pergunta e a virou e revirou em sua mente. — Nunca me lembrei de investigar. O fato é que não o fazem. Fazem-no no solo, e assim tem sido desde o começo do mundo. Isso representa um despropósito de estêreo de aves — milhões de toneladas. Ora, alguém descobriu, por volta de 1850, que o guano era o melhor adubo natural do mundo — cheio de nitratos e fosfatos, e tudo mais quanto se queira. E os navios e os homens chegaram aos depósitos de guano e saquearam-nos, literalmente, durante vinte anos ou mais. É uma época chamada “Saturnalia” no Peru. Foi como o Klondyke para o ouro. Travaram-se combates sobre aqueles monturos, atacavam-se os navios dos concorrentes, atirava-se nos trabalhadores, venderam-se pretensos mapas de ilhas secretas de guano — fêz-se de tudo.

E muitos enriqueceram com esse material.

— Que lugar ocupava Crab Key nesse quadro? — Bond queria fatos concretos.

— Era o único depósito de guano comercialmente explorável em latitude tão setentrional. Também foi explorado, só Deus sabe por quem. Mas aí, o guano tinha baixo teor de nitratos. As águas, por aqui, não são tão ricas quanto nas proximidades da corrente de Humboldt. Por isso, os peixes são mais pobres em elementos químicos. Em consequência, o guano também é mais pobre. Crab Key foi explorado esporadicamente, quando os preços eram altos, mas toda a indústria foi à glória, juntamente com Crab Key e demais depósitos menos ricos, quando os alemães inventaram fertilizantes sintéticos. Foi então que o governo peruano compreendeu que tinha sido dilapidado um capital fantástico; e começou a reorganizar os remanescentes daquela indústria e a proteger os depósitos. O Peru nacionalizou a extração do guano e protegeu as aves, e devagar, bem devagar, as reservas começaram a crescer novamente. Descobriu-se então que o produto sintético tinha seus inconvenientes, que empobrecia o solo, o que não acontece com o guano, e o preço do material pôs-se a subir gradativamente, e a indústria extrativa reergueu-se aos poucos. Agora, está florescente, mas o Peru guarda a maior parte do guano para a sua agricultura. E é nesse ponto que Crab Key entra outra vez em cena.

— Ah!

— Pois é, — disse Pleydell-Smith, apalpando os bolsos em busca de fósforos. No começo da guerra, esse chinês, que deve ser um diabo inteligente, achou que poderia obter bons resultados com o antigo depósito de Crab Key. O preço era de cerca de cinquenta dólares por tonelada, deste lado do Atlântico, e ele nos comprou a ilha por mais ou menos dez mil libras esterlinas, se estou bem lembrado; trouxe operários e pôs-se a trabalhar. A exploração tem prosseguido desde aquela época. Ele deve ter feito fortuna. Embarca diretamente para a Europa, para Antuérpia. Mandam-lhe um cargueiro uma vez por mês. Ele instalou os mais modernos moinhos e separadores. Explora os seus operários, segundo dizem.

Não pode fazer de outra forma, se quiser ter lucro satisfatório. Mormente agora. Ouvi dizer, no ano passado, que êle estava recebendo apenas de trinta e oito a quarenta dólares por tonelada. Só Deus sabe o quanto êle está pagando aos operários, para ter lucros com tão baixo preço. Nunca pude descobri-lo. Êle administra essa propriedade como se fosse uma praça de guerra — uma espécie de campo de trabalhos forçados. Ninguém sai de lá. Correram boatos estranhos, mas nunca vieram dar queixa. A ilha é dele, afinal, e êle pode fazer nela o que bem entender.

Bond começou a procurar pistas.

— Essa propriedade tem realmente muito valor? Quanto pensa o senhor que possa valer?

— O corvo-marinho — disse Pleydell-Smith, — é a ave mais valiosa do mundo. Cada casal produz cerca de de dois dólares de guano por ano, sem despesa alguma para o proprietário. Cada fêmea põe em média três ovos e cria dois filhotes. Pode-se calcular em quinze dólares o valor de cada casal, e em cem mil o número das aves de Crab Key, o que é uma estimativa razoável, baseada em dados antigos. Seus pássaros representariam nessas condições um milhão e meio de dólares. Ê, portanto, uma propriedade bastante valiosa. Acrescentemos o valor das instalações, ou seja, digamos, mais um milhão de dólares, e o senhor terá uma boa fortunazinha nesse lugar horroroso. Isso me faz lembrar... — Pleydell-Smith tocou a campainha — que diabo foi feito daquelas pastas? O senhor encontrará nelas todas as informações necessárias.

Abriu-se a porta atrás de Bond.

Pleydell-Smith perguntou, irritado:

— Francamente, senhorita Taro! Que fim levaram as pastas?

— Sinto muito — respondeu a voz macia — mas não conseguimos encontrá-las em parte alguma.

— O que significa “não conseguimos encontrá-las”? Quem as teve em mãos por último?

— O comandante Strangways.

— Ora, mas eu me lembro muito bem quando êle as devolveu, nesta sala. Que aconteceu, desde então?

— Não saberia dizê-lo, sr. Secretário. — A voz não traía a menor emoção. — As capas estão no lugar, mas não há nada dentro.

Bond voltou-se para trás. Lançou um rápido olhar para a moça e tornou a acomodar-se na poltrona. Sorriu amargamente. Sabia onde tinham ido parar as pastas. Sabia também porque a velha pasta relativa à sua atuação passada tinha estado na escrivaninha da secretária de Pleydell-Smith. Compreendia como a significação verdadeira de “James Bond, Importador e Exportador” parecia ter transpirado de King’s House, o único lugar onde era conhecida.

Assim como o Doutor No, assim como Annabel Chung, a secretáriazinha de óculos de aro de chifre, de aparência séria e eficiente, era chinesa.

VI O DEDO NO GATILHO

O Secretário para a Colônia convidou Bond para almoçar no Clube da Rainha. Sentaram-se num canto da elegante sala de jantar revestida de painéis de mogno, com quatro grandes ventiladores no teto, e conversaram sobre Jamaica. Quando serviram o café, Pleydell-Smith estava fazendo uma exploração por galerias subterrâneas, muito abaixo da superfície da ilha, próspera e pacífica, que o mundo inteiro conhece.

— O caso é este. — Êle recomeçou suas manobras com o cachimbo. — O jamaicano é um indivíduo preguiçoso e bonachão, que tem as qualidades e os defeitos de uma criança. Vive numa ilha riquíssima, mas não tira riqueza dela. Não sabe fazê-lo, e é demasiado preguiçoso. Os ingleses vêm e vão-se, levando quimeras fáceis de se apanharem, mas há dois séculos que nenhum inglês enriquece verdadeiramente aqui. Não ficam o tempo suficiente. Tiram um bom naco e vão-se embora. São os judeus portugueses os que tiram o maior proveito. Eles vieram para cá com os ingleses e ficaram. Mas são esnobes e gastam demais com a construção de belas viviendas e com bailes e festas. São os seus nomes que enchem

a coluna social do “Gleaner”, depois que os turistas se foram. Negociam com rum e fumo, e representam grandes firmas inglesas: automóveis, seguros etc. Depois, vêm os sirios, muito ricos também, mas que não são tão bons negociantes. Têm em suas mãos a maioria das lojas e bazares, e alguns dos melhores hotéis. Seus negócios nem sempre são muito seguros. Às vezes, acumulam estoques em excesso e têm de recorrer a um incêndio para se porem de novo em dia. Em seguida, temos os índios, com seu comércio de miudezas vistosas, tapetes, almofadas, mantas etc. Não são muitos. Finalmente, vêm os chineses, que constituem um conjunto sólido, compacto, discreto, a sociedade fechada mais poderosa de toda Jamaica. São donos das padarias e lavanderias, e das melhores mercearias. Mantêm-se isolados e conservam sua raça pura. — Pleydell-Smith riu-se. — Não que fujam das moças de côr quando as desejam. O senhor pode ver o resultado por toda Kingston: os “chigros”, mestiços das raças negra e chinesa. Os “chigros” constituem uma minoria racial forte e esquecida. Desprezam os negros e são desprezados pelos chineses. Qualquer dia, vão dar o que fazer. Têm um pouco da inteligência dos chineses e muitos dos vícios dos negros. A polícia tem bastante trabalho com eles.

— Aquela sua secretária — disse Bond — não será uma deles?

— É, sim. Moça inteligente e muito capaz. Está comigo há cerca de seis meses. Era, sem favor algum, a melhor de todas quantas responderam a nosso anúncio.

— Parece inteligente, — disse Bond, com indiferença. — Essa gente está bem organizada? A comunidade de negros chineses tem algum chefe?

— Ainda não. Mas qualquer dia alguém vai querer pôr-se à testa deles. Poderiam representar um pequeno grupo bem útil para pressões políticas. — Pleydell-Smith consultou o relógio. — Isso me faz lembrar... Tenho que ir. Vou fazer o diabo a respeito daquelas pastas. Não posso imaginar o que foi feito delas. Lembro-me perfeitamente ... — Interrompeu-se. — Em todo caso, o pior é que não lhe pude fornecer muitas informações sobre Crab Key e aquele doutor. Mas

garanto-lhe que o senhor não teria encontrado muito mais nos arquivos. Parece que era um camarada de conversa agradável. Muito hábil para negócios. Depois, houve a encrenca com a Sociedade Audubon. Penso que o senhor está a par. Quanto ao local em si, nada havia nas pastas, a não ser um relatório de antes da guerra e uma cópia do último levantamento do Serviço Topográfico. Parece que é um lugar pouco favorecido. Nada mais que quilômetros de pântanos cobertos de mangues, e um morro enorme de estêreo de aves numa das extremidades. Mas o senhor falou em ir ao Instituto. Eu poderia levá-lo até lá, a fim de apresentá-lo ao encarregado da Seção de Cartografia, não acha?

Uma hora mais tarde, Bond estava acomodado no canto de uma sala escura, tendo à frente, numa mesa, um mapa aberto de Crab Key, feito pelo Serviço de Levantamento Topográfico e datado de 1910. Tinha ao seu lado uma folha de papel do Instituto, onde traçara um esboço ligeiro do mapa, e estava anotando os pormenores mais importantes.

A área total da ilha era de cerca de cento e trinta quilômetros quadrados. Três quartos desta área, a leste, eram ocupados por pântanos e por um lago de pouca profundidade. Saía do lago um rio que traçava seus meandros até o mar e desembocava no meio da costa sul, numa pequena enseada arenosa. Bond imaginou que em algum ponto próximo às cabeceiras do rio se encontraria o local mais provável do acampamento dos guardas da Sociedade Audubon. A oeste, o terreno elevava-se abruptamente, formando uma coluna cuja altura era dada como sendo de trinta metros, e descia não menos abruptamente, formando como que um paredão banhado pelo mar. Saía dessa colina uma linha pontilhada que ia ter a um canto do mapa, onde se podia ler: “Depósito de guano. última exploração, 1880”.

Não havia indicação de estradas, nem sequer de alguma picada, nem sinal de habitações. Segundo o mapa do relevo, a ilha lembrava um rato d’água a nadar, de costas achatadas, com a súbita protuberância da cabeça dirigida para oeste. Parecia estar situada a cerca de cinquenta quilômetros ao norte da Ponta Galina, na costa setentrional de Jamaica, e

a noventa quilômetros de Cuba.

Pouco mais se poderia aprender com o estudo do mapa. Crab Key era circundada por águas pouco profundas, com exceção do paredão da costa oeste, onde a sondagem mais próxima indicava quinhentas braças. Depois disso, era o mergulho no abismo do estreito de Cuba. Bond dobrou o mapa e devolveu-o ao bibliotecário.

Sentia-se subitamente exausto. Eram apenas quatro horas da tarde, mas o calor era abrasador em Kingston e ele tinha a roupa grudada no corpo. Bond saiu do Instituto e tomou um táxi, que o levou de volta pelas colinas frescas, até o hotel. Estava satisfeito com o seu dia, mas nada mais poderia ser feito deste lado da ilha. Passaria uma noite sossegada no hotel e aprontar-se-ia para levantar cedo e sair, na manhã seguinte.

Bond foi à portaria para indagar se havia algum recado de Quarrel.

— Nenhum recado — disse a recepcionista. — Mas chegou um cesto de frutas de King's House. Logo depois do almoço. O mensageiro levou-o para o seu quarto.

— Que espécie de mensageiro?

— Um homem de côr. Disse que vinha do escritório do ajudante de ordens.

Bond apanhou a chave e subiu pela escada até o primeiro andar. Aquilo era ridiculamente improvável. Com a mão no revólver que trazia por baixo do paletó, Bond aproximou-se sem ruído de seu quarto. Virou a chave na fechadura e deu um pontapé na porta. O quarto vazio parecia estar bocejando. Bond fechou a porta, dando volta à chave. Em cima da penteadeira havia um cesto grande e todo enfeitado, cheio de frutas — tangerinas, "grapefruits", bananas, frutas-do-conde e até mesmo dois pêssegos crescidos em estufa. Um envelope branco pendia de uma fita larga, presa na asa. Bond destacou-o e examinou-o contra a luz. Abriu-o. Numa folha sem cabeçalho, de papel de luxo, estavam dactilografadas as seguintes palavras: "Com os cumprimentos de Sua Excelência o Governador."

Bond fungou. Deteve-se a examinar as frutas. Inclui-

nou-se e chegou o ouvido ao cesto. Pegou-o pela asa e virou o seu conteúdo no chão. As frutas rolaram pelo tapete de fibras de coco. Nada mais havia no cesto, a não ser frutas. Bond riu sarcásticamente de suas precauções. Restava ainda uma possibilidade. Pegou um dos pêssegos, a fruta que um homem guloso provavelmente escolheria em primeiro lugar, e levou-o para o banheiro. Jogou-o na pia e voltou para o quarto. Abriu o guarda-roupa, depois de ter examinado a fechadura, e pegou a mala, colocando-a no meio do quarto. Ajoelhou-se e examinou as marcas do talco que ele tinha esfregado em volta das fechaduras. Estavam borradas, e havia pequeninos arranhões à volta dos buracos de chave. Bond olhou com ar crítico para esses sinais. Essa gente não era tão cuidadosa quanto outros inimigos que tivera de enfrentar. Abriu as fechaduras e colocou a mala em pé. Havia quatro inocentes tachas de metal no reforço do canto direito da tampa. Bond forçou com a unha a tacha de cima e ela soltou-se. Agarrou-a e puxou para fora cerca de um metro de grosso arame de aço, que colocou no chão, ao lado. Esse arame passava por pequenas argolas de metal presas por dentro da tampa e mantinha a mala fechada, como que costurada. Bond levantou a tampa e verificou que não tinham tocado em nada. Tirou de sua “caixa de ferramentas” uma lente de joalheiro e voltou para o banheiro. Acendeu a luz acima do espelho. Colocou a lente na órbita e pegou delicadamente o pêssego, revolvendo-o cuidadosamente entre o polegar e o indicador.

Bond parou de virar o pêssego. Tinha descoberto uma diminuta picada de agulha, com os bordos ligeiramente escuros. Ficava numa das dobras da fruta, invisível para quem não dispusesse de lupa. Colocou novamente o pêssego na pia. Ficou parado por um momento, cravando o olhar pensativo em seus próprios olhos refletidos no espelho.

Então, era mesmo a guerra! Muito bem. Muito interessante. Bond sentiu um ligeiro repuxão da pele na base do estômago. Sorriu de leve para a sua imagem no espelho. Seu instinto e seu raciocínio estavam certos! Strangways e a moça tinham sido assassinados e seus arquivos destruídos, porque eles tinham chegado muito perto da pista certa. E

Bond entrara em cena e, graças à senhorita Taro, estavam à sua espera. A senhorita Chung e talvez o chofer do táxi americano tinham-lhe seguido o rastro até o Hotel Montes Azuis. O primeiro tiro acabava de ser disparado. Outros viriam. E de quem era o dedo que premia o gatilho? Quem o tinha tão acuradamente sob pontaria? Bond já chegara a uma conclusão. Não existiam provas, mas ele tinha certeza. Era tiro de longo alcance, de Crab Key. O homem que dirigia o tiro era o Doutor No.

Tornou a entrar no quarto. Apanhou as frutas, uma por uma, e levou-as para o banheiro, examinando-as com a lente. Em cada uma delas, lá estava a picada de agulha dissimulada numa dobra ou perto do cabo. Bond telefonou para a portaria e pediu uma caixa de papelão, papel e barbante. Acondicionou cuidadosamente as frutas, e pediu uma ligação telefônica para King's House. Mandou chamar ao aparelho o Secretário para a Colônia.

— É Pleydell-Smith? Aqui fala James Bond. Sinto muito ter que importuná-lo, mas tenho um problema a resolver. Existe um laboratório oficial de análises, em Kingston? Compreendo. Bem, tenho aqui uma coisa que queria mandar analisar. Se eu mandar a caixa para o senhor, poderia fazer-me o favor de entregá-la a essa pessoa? Não quero que meu nome seja mencionado. Está bem? Explicarei tudo depois. Quando tiver o laudo, quer passar-me um telegrama muito conciso, relatando-me o resultado? Estarei em Beau Desert, perto de Porto Morgan, durante a próxima semana. Gostaria também que o senhor não passasse adiante esta informação. Desculpe tanto mistério. Explicarei tudo na próxima vez que estivermos juntos. Penso que o senhor compreenderá, quando souber do resultado da análise. E diga ao analista que tome cuidado ao manipular as amostras, sim? Avise-o de que deve existir nelas mais do que se possa imaginar. MUITÍSSIMO obrigado por tudo. Tive sorte em conhecê-lo hoje. Até à vista.

Bond pôs o endereço no embrulho, desceu e pagou uma corrida de táxi, a fim de mandá-lo entregar imediatamente em King's House. Eram seis horas. Voltou para o quarto, tomou um banho de chuveiro, trocou de roupa e pediu sua primeira

bebida. Ia levando o copo para o alpendre, quando o telefone tocou. Era Quarrel.

— Tudo em ordem, chefe.

— Tudo? Formidável! A casa também?

— Tudo está arranjado. — Quarrel falou cautelosamente. — Vê-lo-ei à hora que o senhor marcou.

— Muito bem! — respondeu Bond. Estava impressionado com a eficácia de Quarrel, que lhe dava uma sensação de segurança. Desligou o telefone e foi para o alpendre.

O sol estava começando a se pôr. Uma sombra roxa ia-se alastrando sobre o porto e a cidade. Quando alcançar a cidade — pensou Bond — as luzes se acenderão. Tudo se passou como ele esperava. Acima dele, roncou um avião. Tornou-se visível. Era um “Super Constellation”, no mesmo horário pelo qual tinha chegado na véspera. Bond acompanhou-o com o olhar, enquanto o aparelho descrevia uma curva acima do mar e voltava em seguida, aterrando no aeroporto das Paliçadas. Que longo caminho tinha ele percorrido, desde o momento, distante apenas vinte e quatro horas, em que a porta do avião se abrira e o alto-falante dissera: “Estamos em Kingston, Jamaica. Senhores passageiros, queiram permanecer em seus lugares enquanto aguardamos a vistoria das autoridades sanitárias.”

Deveria comunicar a M as modificações havidas? Deveria mandar um relatório ao Governador? Bond lembrou-se do Governador e pôs essa idéia de lado. Poderia facilmente mandar uma mensagem a M, por intermédio do Ministério das Colônias. Mas que diria? Que o Doutor No o apresentara com frutas envenenadas? Mas nem ele tinha certeza de que estavam envenenadas., nem que tinham sido mandadas pelo Doutor No. Bond podia imaginar a expressão de M ao ler a mensagem. Via-o apertando o botão de intercomunicação: “Chefe do Pessoal, o agente 007 ficou louco. Diz que alguém tentou fazê-lo comer uma banana envenenada. Perdeu a cabeça. Esteve muito tempo no hospital. É melhor chamá-lo de volta.”

Bond sorriu. Ergueu-se e pediu outra dose de bebida. As coisas não se passariam exatamente assim, naturalmente,

mas enfim... Não, êle esperaria ter algo mais a contar. Naturalmente, se qualquer coisa realmente grave acontecesse sem que êle tivesse dado algum aviso, estaria em situação difícil. Tinha que ser cauteloso, a fim de que nada andasse verdadeiramente mal.

Bond sorveu o segundo drinque e meditou sobre todos os pormenores de seu plano. Desceu e jantou no salão de refeições, quase deserto, e leu o “Manual das Índias Ocidentais”. Às nove horas, estava meio adormecido. Voltou para o quarto e aprontou a mala para o dia seguinte. Telefonou à portaria, pedindo que o chamassem às cinco e meia. Trancou a porta e fechou as venezianas. Isso significaria uma noite quente e abafada, mas era inevitável. Bond deitou-se completamente nu entre os leves lençóis de algodão, voltou-se para o lado esquerdo e colocou a mão no cabo do revólver “Walther PPK”, escondido sob o travesseiro. Cinco minutos depois, dormia profundamente.

A primeira coisa de que teve conhecimento foi que eram três horas da madrugada. Sabia, a hora, porque o mostrador luminoso do relógio estava perto de seu rosto. Êle estava completamente imóvel. Não se ouvia um único som no quarto. Lá fora, também, reinava um silêncio tumular. Ao longe, um cão pôs-se a latir. Outros responderam, e logo se ouviu um coro enervante, que cessou tão repentinamente quanto começara. Depois, novamente, o silêncio. O luar coava pelas frestas das venezianas, projetando listas pretas e brancas no quarto. Era como se Bond estivesse deitado numa jaula. O que o teria despertado? Bond moveu-se silenciosamente, preparando-se para deslizar para fora dos lençóis.

Deixou de fazer qualquer movimento. Parou, tão rígido quanto possível.

Qualquer coisa tinha mexido junto ao seu tornozelo. Agora, estava-se movendo pelo lado de dentro da perna. Bond sentia que os pêlos de suas pernas estavam sendo separados. Era um inseto qualquer. Um inseto muito grande. Era comprido, devia medir doze ou quinze centímetros — o comprimento de sua mão. Podia sentir dúzias de pèzinhos tocando-lhe de leve na pele. Que seria?

Foi então que Bond ouviu algo que nunca tinha ouvido — o ruído do seu cabelo roçando pelo travesseiro. Analisou o som. Não podia ser! Não era possível, em absoluto! Mas não havia dúvida. Seu cabelo estava-se eriçando na cabeça. Bond podia até sentir no couro cabeludo a frescura do ar passando entre os cabelos hirtos! Que coisa extraordinária! Sempre tinha pensado que aquilo era modo de falar. Mas por quê? O que estaria acontecendo?

A coisa que estava em sua perna moveu-se. Subitamente, Bond percebeu que estava assustado, aterrorizado. Seu instinto, antes mesmo de ter entrado em comunicação com o cérebro, informara ao corpo que uma centopéia estava andando nele.

Bond ficou enregelado. Já vira, certa vez, uma centopéia dos trópicos, num vidro com álcool, em algum museu. Era parda e muito chata, e media de doze a quinze centímetros de comprimento — mais ou menos o comprimento dessa coisa. De cada lado da cabeça arredondada viam-se os dois ganchos recurvados pelos quais instalava a peçonha. O rótulo colado no vidro dizia que o veneno era mortal quando penetrava por uma artéria. Bond examinara curiosamente a tira de cutícula morta enrolada como um saca-rolhas e passara adiante.

A centopéia tinha alcançado o joelho. Estava começando a subir-lhe pela coxa. Acontecesse o que acontecesse, ele não devia fazer um só movimento, nem ao menos estremecer. Todo o ser consciente de Bond estava-se concentrando em duas carreiras de pés que se deslocavam vagarosamente. Agora, tinham-lhe chegado ao flanco. Céus! aquilo estava descendo outra vez! Bond cerrou os dentes. E se a centopéia gostasse do calor? Se tentasse abrigar-se nas cavidades? Poderia ele agüentar? E se ela escolhesse aquele lugar para morder? Bond sentia-a tateando por entre os pêlos. Fazia-lhe cócegas. A pele de seu ventre pôs-se a vibrar. Ele não podia fazer nada para impedi-lo. Mas agora, a coisa estava subindo pelo ventre, sobre o seu estômago. Os pezinhos estavam-se firmando melhor, para evitar uma queda. Estava agora passando sobre o coração. Se mordesse, matá-lo-ia, com toda certeza. A cen-

topéia arrastava-se tranqüilamente, por entre os finos pêlos que revestiam o peito de Bond, até a clavícula direita. Parou. Que estaria fazendo? Bond sentia aquela cabeça quase informe, a procurar cegamente aqui e acolá. Que estava buscando? Haveria espaço suficiente, entre o lençol e sua pele, para que o bicho pudesse sair? Deveria êle ajudá-lo, levantando ligeiramente o lençol? Não! Nunca! A centopéia estava na base da jugular. Intrigada, talvez, pela pulsação. Oh Deus! Se êle pudesse controlar a circulação do sangue! Maldito bicho! Bond tentou comunicar-se mentalmente com a centopéia: Não é nada; essa pulsação não é perigosa. Não lhe quer fazer mal. Vá respirar um pouco de ar fresco!

Como se tivesse ouvido, o animal subiu pela coluna do pescoço e passou pela covinha do queixo. Agora, estava no canto da boca, fazendo cócegas intoleráveis. Foi subindo ao longo do nariz. Bond sentia todo o peso e comprimento do ser maldito. Fechou os olhos. Dois a dois, os pés iam-se movendo aos pares, passando por cima da pálpebra direita. Quando tivesse ultrapassado o nariz, deveria Bond arriscar-se e sacudir a centopéia, confiando em que resvalaria pela pele coberta de suor? Não, pelo amor de Deus! Aqueles pés eram muitos. Poderia sacudir uma parte deles, mas não todos.

Com incrível deliberação, o enorme inseto passeou pela testa de Bond. Parou junto ao cabelo. Que diabo estaria fazendo nesse momento? Bond sentia-a farejando-lhe a pele. Estava bebendo! Bebendo os bagos de suor salgado. Bond estava certo disso. A centopéia quase não se moveu durante alguns minutos. Bond estava-se sentindo mal sob aquela tensão nervosa. Dentro de alguns minutos, seus membros se poriam a tremer. Percebia-o claramente. Um acesso de medo o sacudiria todo. Poderia controlar-se? Bond permaneceu estendido, à espera, exalando vagarosamente a respiração pela boca aberta, contorcida.

A centopéia começou a mover-se. Caminhou pela floresta dos cabelos. Bond sentia as raízes serem repuxadas para os lados, à medida em que a lacraia venenosa ia abrindo caminho. Gostaria desse refúgio? Instalar-se-ia ali para dormir? Como dormiam as centopéias? Enrascadas ou dei-

tadas de comprido? Os pequeninos miriápodes que êle vira em criança, aqueles que sempre pareciam achar um caminho para subir pelo cano do ladrão até a banheira, enrolavam-se completamente quando a gente os tocava. Agora, a centopéia tinha chegado ao lugar onde sua cabeça repousava, contra o lençol. Desceria ela sobre o travesseiro, ou ficaria na floresta quente dos cabelos? A centopéia parou. Fora! FORA! berravam os nervos de Bond.

A centopéia mexeu-se. Saiu devagar do meio dos cabelos e foi para o travesseiro.

Bond esperou um instante. Podia agora ouvir os pares de pé arranhando devagarzinho a fazenda de algodão da froinha. Era um ruído fraco, como que de unhas macias.

Com um estrondo que abalou o quarto, o corpo de Bond projetou-se fora da cama e caiu no chão.

No mesmo momento, Bond estava em pé e perto da porta. Acendeu a luz. Percebeu que estava tremendo sem poder conter-se. Cambaleou até a cama. Aí estava ela, arrastando-se para se esconder debaixo do travesseiro. O primeiro ímpeto de Bond foi atirar o travesseiro no chão. Dominou-se, esperando que seus nervos se acalmassem. Então, silenciosa e deliberadamente, agarrou o travesseiro por uma ponta, foi até o meio do quarto e deixou-o cair. A centopéia saiu de baixo do travesseiro e começou a arrastar-se rapidamente sobre o tapete. Bond tinha perdido o interesse em seus movimentos. Procurou algo com que matá-la. Foi calmamente apanhar um sapato e voltou. O perigo tinha passado. Sua mente estava procurando descobrir como a centopéia teria chegado até a sua cama. Ergueu o sapato e, devagar, quase negligentemente, esmagou o animal. Ouviu o estalo da dura carapaça.

Levantou o sapato.

A centopéia estava entregue às contorções da agonia. Eram doze centímetros de morte brilhante, de um cinza pardacento. Bond desferiu outra pancada. A centopéia rebentou, numa massa amarelada. Bond largou o sapato e correu para o banheiro, vomitando com violência.

VII

TRAVESSIA NOTURNA

— Diga-me uma coisa, Quarrel — Bond passou à frente de um ônibus que trazia as palavras “Bombardeiro Pardo” pintadas no parabrisa. O ônibus acelerou e foi descendo roncando pela estrada de Kingston, tocando furiosamente um acorde com sua tríplice buzina, para restaurar a dignidade do chofer. — Que é que você sabe sobre as centopéias?

— Centopéias? — Quarrel olhou de soslaio para tentar descobrir o porquê da pergunta. Bond tinha uma expressão da indiferença. — Bem, temos algumas peçonhentas em Jamaica. Oito dez, doze centímetros de comprimento. Matam gente. Vivem principalmente nas casas velhas de Kingston. Gostam de madeira podre e de lugares úmidos. Entram em atividade principalmente à noite. Por que, chefe? O senhor viu alguma?

Bond fingiu não ouvir a pergunta. Não falara também das frutas a Quarrel. Quarrel era um homem rijo, mas não havia necessidade de semear as sementes do medo.

— Você esperaria encontrar uma centopéia numa casa moderna, por exemplo? No seu sapato, ou numa gaveta, ou em sua cama?

— Não, senhor! — A voz de Quarrel era firme. — A menos que alguém a tivesse colocado ali de propósito. Esses insetos gostam de buracos e de frestas. Não gostam de lugares limpos. Vivem na sujeira. O senhor pode talvez encontrá-los no mato, em baixo de troncos caídos e de pedras. Mas nunca em lugares claros e limpos.

— Compreendo. — Bond mudou de assunto. — E afinal, aqueles dois indivíduos? Saíram como o combinado, com o “Sunbeam”?

— Perfeitamente, capitão. Muito satisfeitos com o serviço. E parecem-se bastante com o senhor e comigo. — Quarrel soltou uma gargalhada. Olhou para Bond e prosseguiu, hesitante:

— Acho que não são cidadãos muito respeitáveis, chefe. Eu tinha que achá-los onde se encontrassem. Eu sou um

mendigo. Para o senhor, arranjei um pobre diabo branco, im-
prestável, na Betsy.

— Quem é Betsy?

— Ela administra o bordel mais sórdido da cidade, chefe. — Quarrel cuspiu enfaticamente pela janela. — Esse branco é quem faz a contabilidade para ela.

Bond riu-se.

— O importante é que saibam guiar o carro. Espero que cheguem sem novidades a Montego.

— Não se preocupe. — Quarrel não tinha interpretado bem a preocupação de Bond. — Eu disse que avisaria a polícia que eles tinham roubado o carro, se não chegassem direitinho.

Estavam no alto do espigão, em Stony Hill, no ponto em que Junction Road inicia seu mergulho em direção à costa setentrional, através de cinquenta curvas em S. Bond pôs em segunda o pequeno “Austin A-30” e o deixou descer. O sol estava surgindo acima do pico da Montanha Azul e lançava setas de poeira dourada no fundo do vale. Havia poucas pessoas na estrada. Um homem descia a encosta, em direção à sua roça dependurada no flanco da montanha, com um facão de mato de cerca de um metro de comprimento a lhe pender da mão direita, enquanto segurava na mão esquerda um talo de cana-de-açúcar que ia mascando à guisa de desjejum. Ou ainda alguma mulher caminhando indolentemente, estrada acima, com um cesto coberto de frutas ou verduras que ia vender na feira de Stony Hill, e carregando na cabeça os sapatos que calçaria pouco antes de entrar na aldeia. Era um cenário agreste, cheio de paz, que, a não ser pelo revestimento da estrada, pouco mudara no decorrer de duzentos anos. Parecia a Bond que poderia sentir o cheiro de estrume do carro puxado a mulas, no qual ele teria viajado de Port Royal a fim de inspecionar a guarnição de Porto Morgan, em 1750.

Quarrel interrompeu seu devaneio.

— Chefe — disse em tom de desculpa — o senhor me perdoe, mas poderia dizer-me o que vamos fazer? Tenho quebrado a cabeça, mas não consigo compreender a sua tática.

— Eu mesmo ainda não sei bem, Quarrel. — Bond en-

grenou a primeira e foram rodando devagar pelas magníficas clareiras dos Jardins de Castleton.

— Já disse a você que vim para cá porque o comandante Strangways e sua secretária desapareceram. Muita gente pensa que eles fugiram juntos. Eu penso que eles foram assassinados.

— Ah, sim? — disse Quarrel, sem manifestar emoção. — E quem pensa o senhor que os mandou matar?

— Acabei por concordar com você. Creio que quem os mandou matar foi o Doutor, o chinês de Crab Key. Strangways estava metendo o nariz nos negócios desse homem — por causa de uma investigação que dizia respeito ao santuário das aves. O Doutor No tem aquela mania de isolamento. Você mesmo me disse. Parece que ele será capaz de tudo para que seus vizinhos não espiem por cima do muro. Note bem que é apenas um palpite. Mas têm acontecido coisas estranhas nestas últimas vinte e quatro horas. Foi por isso que mandei o “Sunbeam” para Montego, a fim de criar uma pista falsa. E é por isso que vamos ficar na moita, em Beau Desert, durante alguns dias.

— E então, chefe?

— Em primeiro lugar, conto com você para me pôr perfeitamente em forma, da mesma maneira como você o fêz da última vez que estive aqui. Lembra-se?

— De certo, chefe. Isso é uma coisa que eu posso fazer.

— Depois, eu estava pensando que você e eu bem poderíamos ir dar uma olhada em Crab Key.

Quarrel assobiou. O assobio terminou numa nota descendente.

— Apenas espiar. Não precisaremos chegar muito perto da propriedade do Doutor No. Quero dar uma olhada naquele santuário das aves. Ver por mim mesmo o que aconteceu no acampamento dos guardas. Se acharmos qualquer coisa suspeita, voltaremos, mas desta vez pela porta da frente. E com alguns soldados para nos ajudar. Será um inquérito em regra. Mas não podemos fazê-lo enquanto não tivermos base sobre a qual nos apoiar. Qual é a sua opinião?

Quarrel enfiou a mão no bolso, em busca de um cigarro. Acendê-lo foi uma operação complicada. Êle soprou uma nuvem de fumaça pelas narinas e observou-a, enquanto desaparecia pela janela. Disse finalmente:

— Chefe, acho que o senhor está doido varrido se pensa em entrar escondido naquela ilha.

Quarrel tinha reunido toda a sua coragem para dizer isso. Fêz uma pausa. Não houve resposta. Êle olhou de soslaio para o perfil sereno de Bond. Disse mais calmamente, numa voz que traía seu embaraço:

— Eu só queria uma coisa, chefe. Tenho família nas ilhas Cayman. O senhor poderia arranjar um seguro de vida para mim, antes de embarcarmos?

Bond olhou com afeição para o viril rosto moreno. Uma funda ruga de preocupação marcava-lhe a testa, entre os olhos.

— Naturalmente, Quarrel. Tomarei todas as providências em Porto Maria, amanhã. Vamos fazê-lo grande, cinco mil libras, digamos. Agora, como faremos a travessia? De canoa?

— Ê é o melhor, capitão. — A voz de Quarrel denunciava-lhe a relutância. — Precisaremos de mar calmo e pouco vento. Passaremos pelos estreitos de nordeste. Terá que ser em noite escura. Estão começando agora. Pelo fim da semana, entraremos no segundo quarto da lua. Onde o senhor pretende desembarcar, chefe?

— Na costa sul, perto da foz do rio. Dali, seguiremos rio acima até o lago. Estou certo de que era ali que ficava o acampamento dos guardas. Podiam assim ter água doce e descer até o mar, para pescar.

Quarrel grunhu sem entusiasmo.

— Quanto tempo vamos ficar, chefe? Não podemos levar muitos mantimentos. Pão, queijo, carne de porco salgada. Fumo, não. Seria muito arriscado, por causa do fogo e da fumaça. Ê é um lugar difícil, chefe. Pântanos e mangues.

— Ê melhor fazermos os cálculos para três dias — respondeu Bond. — O tempo pode mudar e nos obrigar a ficar mais uma noite ou duas. Levaremos dois bons facões. Eu

levarei um revólver. Nunca se sabe o que está por acontecer.

— É verdade, chefe — aprovou Quarrel com ênfase. Caiu numa cisma silenciosa que durou até a chegada a Porto Maria.

Atravessaram a cidadezinha e contornaram o promontório, até o Porto Morgan. Tudo estava como se lembrava Bond — o pão-de-açúcar ao lado dos montículos de conchas vazias, o barulho distante da arrebentação nos recifes que por pouco lhe tinham servido de sepultura. Com a mente cheia de recordações, Bond guiou o carro pela pequena estrada lateral e através dos canaviais, no meio dos quais se erguiam as ruínas majestosas da Casa Grande da plantação de Beau Desert, semelhante a um galeão encalhado.

Chegaram ao portão do bangalô. Quarrel desceu do carro e abriu o portão. Bond passou por ele e estacionou no pátio, atrás da casa branca, de um só andar. Estava tudo muito sossegado. Bond contornou a casa e atravessou o gramado, até a praia. Sim, lá estava ele, aquele trecho de água profunda e silenciosa, o caminho submarino que ele tomara para alcançar a Ilha da Surpresa. Voltava-lhe por vezes à lembrança, em pesadelos. Bond ficou a contemplá-lo, pensando em Solitaire, a moça que ele salvara do mar, machucada e ensangüentada. Carregara-a através do quintal, até a casa. Onde estaria ela? Abruptamente, Bond fêz meia-volta e entrou na casa, afugentando os fantasmas.

Eram oito e meia. Bond tirou suas poucas roupas da maleta e pôs-se de “short” e sandálias. Espalhou-se logo o aroma delicioso do café e do toicinho frito. Comeram o desjejum, enquanto Bond determinava a rotina de seu treino: levantar às sete, nadar quatrocentos metros, desjejum, uma hora de banho de sol, correr um quilômetro e meio, nadar outra vez, almoçar, fazer a sesta, banho de sol, nadar um quilômetro e meio, banho quente e massagem, jantar, deitar às nove.

Depois do café, iniciaram o programa.

Nada veio quebrar a monotonia da semana, salvo uma notícia breve no “Daily Gleaner” e um telegrama de Pleydell-Smith. O “Gleaner” dizia que um “Sunbeam Talbot”, de placa

H. 2473, tinha sido envolvido num desastre fatal na Estrada do Diabo, um trecho cheio de curvas entre Spanish Town e Ocho Rios, na estrada de Kingston a Montego. Um caminhão desgovernado, cujo condutor estava sendo procurado, tinha colidido com o “Sunbeam” numa curva. Ambos os veículos tinham saído da estrada e rolado pelo barranco. Tinham morrido os dois ocupantes do “Sunbeam”, Ben Gibbons, de Harbour Street, e Josiah Smith, de endereço ignorado. Pedia-se a um turista inglês, sr. Bond, a quem o carro tinha sido emprestado, que comparecesse ao posto policial mais próximo.

Bond queimou esse exemplar do “Gleaner”. Não queria perturbar Quarrel.

No penúltimo dia, chegou o telegrama de Pleydell-Smith:

CADA OBJETO CONTINHA CIANETO BASTANTE
PARA MATAR UM CAVALO PONTO SUGIRO MUDANÇA DE
FORNECEDOR PONTO FELICIDADES SMITH.

Bond queimou também o telegrama.

Quarrel alugou uma canoa e passaram três dias a velejar. Era uma casca desajeitada, cavada num só tronco gigantesco. Tinha dois bancos estreitos, dois remos pesados e uma pequena vela de pano sujo. Era um instrumento rudimentar. Quarrel estava satisfeito com ela.

— Sete, oito horas, chefe — dizia êle. — Depois, arriamos a vela e usamos os remos. Fica um alvo menor para o radar.

O tempo manteve-se firme. A previsão da rádio de Kingston fora acertada. As noites estavam negras como breu. Os dois homens se aprontaram. Bond vestiu calças de praia de pano preto, barato, uma camisa azul-marinho e calçou alparcatas.

Chegou a última tarde. Bond estava satisfeito por entrar em ação. Só uma vez se ausentara do campo de treino: para comprar provisões e fazer o seguro de vida de Quarrel. Estava ansioso por sair da inatividade e dar início ao desempenho de sua missão. Confessava a si mesmo que essa aventura

o estimulava. Tinha os ingredientes que apreciava: atividade física, mistério e um inimigo implacável. Tinha também um bom companheiro. Sua causa era justa. Poderia também ter a satisfação de atirar no nariz de M as “férias em país de sol”. Aquilo lhe doía ainda. Bond não gostava de ser mimado.

O sol desceu, refulgente, para o seu tûmulo marinho.

Bond foi para o quarto e apanhou os dois revólveres. Examinou-os. Nenhum era um pedaço dele, como o fora a “Beretta” — uma extensão de sua mão direita — mas êle já sabia que eram armas melhores. Qual deles levaria? Bond os sopesou cada um por sua vez. Teria de ser o “Smith & Wesson”, mais pesado. Não haveria tiro a queima-roupa, se houvesse tiroteio em Crab Key. Seria tiroteio pesado, a grande distância, se acontecesse algo. O revólver brutal, curto, alcançava oito metros mais que a “Walther”. Bond ajustou o calibre no cinto das calças e prendeu nele o revólver. Colocou vinte e cinco cartuchos no bolso. Seria excesso de precaução, levar todo aquele metal para uma excursão que bem poderia ser apenas um piquenique nos trópicos?

Bond foi até a geladeira e tirou uma garrafa de uísque canadense, um pouco de gelo e soda, e foi sentar-se no jardim, esperando que os últimos raios de luz se apagassem.

As sombras foram surgindo por detrás da casa e avançaram para o gramado, encobrindo-o completamente. O vento que sopra à noite, vindo do centro da ilha, rumorejava entre as folhas das palmeiras. Os sapos começaram a coaxar no meio das moitas. Os vagalumes, os “pisca-piscas”, como os chamava Quarrel, saíram de seus abrigos e puseram-se a emitir seus sinais de telegrafia sexual. Durante um momento, a melancolia do anoitecer tropical apertou o coração de Bond. Pegou a garrafa e examinou-a. Já bebera a quarta parte. Verteu mais uma boa dose no copo e acrescentou um pouco de gelo. Por que estaria êle bebendo? Por causa das trinta milhas de mar escuro que teria de atravessar essa noite? Por que estava partindo para o desconhecido? Por causa do Doutor No?

Quarrel veio da praia.

— Está na hora, chefe.

Bond engoliu a bebida e seguiu o pescador das ilhas Cayman até a canoa. Ela estava balançando devagar, na água, com a proa descansando na areia. Quarrel foi à popa e Bond subiu no espaço compreendido entre o banco da frente e a proa. A vela, enrolada à volta do mastro baixo, ficava-lhe às costas. Bond pegou do remo e pôs-se a remar, e eles foram virando devagar e dirigindo-se para a brecha nas ondas levemente espumantes que indicava a passagem através dos recifes. Remavam sem esforço, em harmonia, fazendo virar os remos entre as mãos de modo a não tirá-los da água na remada para frente. As pequenas ondas batiam devagar de encontro à proa. Era o único ruído que faziam. Estava escuro. Ninguém os vira sair. Tinham simplesmente deixado a terra e partido para o mar.

A única tarefa de Bond consistia em remar. Quarrel dirigia. Na brecha através da arrebentação havia turbilhões e sucções de correntes contrárias e eles foram jogados em meio aos ásperos rochedos e às árvores de coral, aguçadas como dentes caninos pelo embate das ondas. Bond podia sentir a força das grandes remadas de Quarrel, quando a pesada embarcação jogava e mergulhava entre duas cristas. Mais de uma vez, o remo de Bond bateu contra uma rocha e houve uma ocasião em que ele teve que se segurar, quando a canoa chocou contra um banco de coral escondido e tornou a deslizar. Passaram, finalmente, e muito abaixo do barco viam-se manchas azul-escuras de areia; à volta deles era a sensação pesada, das águas oleosas e profundas.

— Tudo em ordem, chefe — disse Quarrel em voz baixa. Bond descansou o remo e sentou-se no fundo da embarcação, com as costas apoiadas no banco. Ouviu as unhas de Quarrel arranhando o pano ao desenrolar a vela, e, em seguida, o ruído seco do pano esticado pela brisa. A canoa endireitou-se e começou a deslizar mais rapidamente. Balançava-se ligeiramente. Havia um suave assobio por baixo da proa. Um punhado de espuma foi atirado ao rosto de Bond. O vento estava fresco e ficaria logo frio. Bond encolheu as pernas e colocou os braços à volta dos joelhos. A madeira já estava começando a machucar-lhe as nádegas e as costas. Perpassou-lhe pela

mente o pensamento de que aquela noite iria ser um inferno de desconforto sem fim.

Na escuridão, Bond mal podia ver o círculo do horizonte. Depois, estendeu-se acima de sua cabeça uma camada de negra cerração da qual começaram a aparecer as estrelas, escassas a princípio, e depois se multiplicando e se confundindo num imenso tapete de luz. A Via Láctea brilhava no céu. Quantas estrelas?

Bond tentou contar as que caberiam ao longo do comprimento de um dedo, e logo tinham passado de cem. As estrelas transformavam o mar numa estrada cinza, fracamente iluminada, e depois se inclinavam por cima do topo do mastro, em direção à silhueta preta de Jamaica. Bond olhou para trás. Por detrás do vulto encolhido de Quarrel havia um distante enxame de luzes que devia ser Porto Maria. Já estavam a cerca de duas milhas. Logo teriam percorrido a décima parte da distância que tinham de atravessar, depois a quarta parte, depois a metade, Isso se daria por volta da meia noite, quando Bond substituiria Quarrel. Bond suspirou, descansou a cabeça nos joelhos e fechou os olhos.

Devia ter dormido, porque foi acordado pela batida de um remo contra o barco. Ergueu o braço para mostrar que tinha ouvido e olhou para o disco luminoso do relógio. Meia-noite e quinze. Enrijecido, estendeu as pernas, voltou-se e passou, com pouca segurança ainda, por cima do banco.

— Sinto muito, Quarrel — disse, e pareceu-lhe estranho ouvir sua voz. — Você me deveria ter sacudido antes.

— Não faz mal, chefe — respondeu Quarrel com um brilho acinzentado de dentes. — Faz-lhe bem dormir.

Passaram cautelosamente um pelo outro e Bond acomodou-se na popa e pegou o remo. A vela estava presa a um prego recurvado, ao lado dele. Estava batendo. Bond orientou a proa na direção do vento e de tal maneira que a Estrela Polar estava diretamente acima da cabeça inclinada de Quarrel, na proa. Durante algum tempo, isso ia ser engraçado. Teria algo que fazer.

A noite não se modificou, apenas pareceu mais escura e mais vazia. Pareceu mais lenta a pulsação do mar ador-

mecido. O pesado marulho era mais demorado, e as ondas, mais profundas. Estavam navegando agora através de uma mancha fosforescente, que piscava para as estrelas e deixava cair jóias no mar cada vez que Bond levantava o remo. Como era seguro deslizar noite a dentro naquele barquinho tão ridiculamente vulnerável! Como o mar podia ser macio e doce! Um bando de peixes-voadores rompeu a superfície das águas perto da proa, e dispersou-se como estilhaços de granada. Alguns continuaram ao lado da canoa, voando cerca de sete metros antes de mergulhar entre duas muralhas de água. Estaria algum peixe maior a persegui-los, ou pensavam que a canoa fosse um peixe, ou estariam apenas brincando? Bond pôs-se a pensar em tudo quanto acontecia a centenas de braças abaixo do barco, nos grandes peixes, tubarões, barracudas, tarpões em seus cruzeiros tranquilos, nos cardumes de peixes-lua, de cavalas, de atuns, e muito abaixo, no crepúsculo cinzento das grandes profundezas, os seres gelatinosos e fosforescentes que nunca se viam, os calamares de vinte metros, com olhos de mais de um palmo de diâmetro, que resvalavam como zepelins no seio dos mares, os últimos verdadeiros monstros marinhos, cujo tamanho só era conhecido por fragmentos encontrados em estômagos de baleia. Que aconteceria, se uma onda apanhasse a canoa pelo lado e os fizesse virar? Quanto tempo durariam com vida? Bond tomou um pouco mais de cuidado com a direção da canoa e deixou aquele pensamento de lado.

Uma hora, duas horas, três, quatro. Quarrel acordou e estirou os membros. Chamou em voz baixa a atenção de Bond:

— Está cheirando a terra, chefe.

Pouco depois tornava-se mais densa a escuridão à frente. A sombra baixa foi tomando devagar a forma de um grande rato d'água nadando. Levantou-se por detrás deles uma lua de um pálido côr-de-rosa. Agora via-se distintamente a ilha, a mais ou menos três quilômetros de distância, e ouvia-se o ribombo longínquo da arrebentação.

Trocaram de lugar. Quarrel arriou a vela e puseram-se a remar. Por mais uma milha, pensou Bond, eles seriam

invisíveis no meio das ondas. Nem mesmo o radar os poderia distinguir das cristas brancas. Na última milha é que eles teriam que andar depressa, já com a alvorada a alcançá-los.

Também êle, agora, podia sentir o cheiro de terra. Não era nenhum cheiro especial. Apenas algo diferente no nariz, após horas de mar limpo. Já se avistavam as franjas brancas da barra. O marulho persistia e as ondas iam rebentando com mais freqüência.

— Vamos, chefe — disse Quarrel. E Bond, com o suor já a lhe escorrer pelo queixo, afundava o remo mais e com maior freqüência. Céus! Isso era trabalho penoso! O desajeitado tronco de madeira que tinha corrido tão veloz com a vela parecia agora não sair do lugar! As ondas, na proa, não eram mais que uma leve ondulação. Os ombros de Bond pareciam em fogo, de tanta dor. O único joelho sobre o qual se apoiava estava começando a machucar-se. Suas mãos estavam crispadas em torno do remo, que parecia feito de chumbo.

Era incrível, mas eis que alcançavam a barra. Viam-se bancos de areia muito abaixo do barco. Agora, a arrebentação rugia. Seguiram ao longo da barra, em busca de uma brecha. Trinta metros dentro da barra, rompendo a linha arenosa da praia, tremeluzia uma água que corria para a terra. O rio! Portanto, o ponto de desembarque estava certo. A muralha de recifes interrompeu-se. Havia uma mancha de corrente escura, oleosa, passando por cima de bancos invisíveis de coral. A proa da canoa voltou-se para essa corrente e entrou nela. Houve um redemoinho de água e uma série de choques que raspavam o fundo da canoa, e de repente, uma avançada súbita para dentro da paz: a canoa estava deslizando devagar sobre águas tranqüilas como um espelho, em direção à praia.

Quarrel dirigiu a canoa para o abrigo de um promontório rochoso, na extremidade da praia. Bond estava intrigado ao notar que a praia não refletia um clarão branco, sob os fracos raios da lua. Compreendeu a razão daquilo, assim que pôs o pé na praia e começou a andar por ela com pernas endurecidas. A praia era negra. A areia era macia e agradável ao pisar, mas devia ter sido formada com rochas vulcânicas,

esmagadas pelo trabalho dos séculos, e as marcas dos pés descalços de Bond naquela areia pareciam caranguejos brancos.

Apressaram-se. Quarrel tirou do barco três pedaços curtos de caule de bambu e deitou-os na praia lisa. Colocaram a proa da canoa no primeiro rolo e puxaram-na por cima dos outros. Depois que progrediam um palmo e meio, Bond apanhava o último rolo e ia colocá-lo na frente. A canoa moveu-se vagarosamente pela areia até ficar bem acima da última linha marcada pela maré, e por entre pedras, ervas e plantas de baixo porte. Empurraram-na mais dez metros, até o ponto em que começava o mangue. Ali chegados, cobriram-na com algas secas e pedaços de madeira que a maré deixara na praia. Quarrel cortou então folhas de palmeira-anã e foi cobrindo o rastro que tinham deixado, varrendo a areia e alisando-a.

Ainda estava escuro, mas o cinza do céu, a leste, em breve tomaria reflexos de pérola. Eram cinco horas. Estavam mortos de cansaço. Trocaram umas poucas palavras e Quarrel foi-se por entre as pedras do promotório. Bond afundou numa depressão já existente na areia fina e enxuta, numa moita de arbustos. Havia alguns siris nas vizinhanças. Apanhou quantos pôde e atirou-os no mangue. Em seguida, sem mais se preocupar com outros animais ou insetos que pudessem ser atraídos por seu cheiro e seu calor, deitou-se de comprimido na areia e encostou a cabeça na mão.

Adormeceu imediatamente.

VIII VÊNUS ELEGANTE

Bond despertou preguiçosamente. O toque da areia lembrou-lhe em que lugar se encontrava. Olhou para o relógio. Dez horas. O sol já estava quente, mesmo filtrando-se pelas folhas arredondadas das cocolobas. Uma sombra maior passou pela areia colorida, em frente de seu rosto. Seria Quarrel? Bond moveu a cabeça e espiou através do cortinado de folhas e de ervas que o escondiam da praia. Imobilizou-se.

Seu coração, primeiro, falhou, e logo depois pôs-se a bater tão desordenadamente que teve de respirar fundo a fim de acalmar as suas pulsações. Ao olhar por entre as tiras de ervas, seus olhos eram duas fendas pequenas.

Era uma jovem nua, que lhe dava as costas. Trazia à volta do corpo um largo cinturão de couro, que sustentava um facão de caça numa bainha, do lado direito. O cinto tornava a sua nudez extraordinariamente erótica. Ela estava a não mais de três metros de distância, na linha da maré alta, examinando qualquer coisa que segurava na mão. Estava na pose clássica do nu em repouso, com todo o peso do corpo descansando na perna direita, o joelho esquerdo levemente dobrado e voltado para dentro, a cabeça de lado, para examinar melhor o que tinha na mão.

Eram belas costas. A pele tinha um tom uniforme de café com leite muito claro, com o brilho de um cetim fosco, a curva suave da espinha estava bem acentuada, o que denunciava uma musculatura mais poderosa do que é comum nas mulheres, e as nádegas estavam quase tão firmes e arredondadas quanto as de um menino. Eram retas e bem feitas as pernas, e não se via nenhum tom de ar roxeado por baixo do calcanhar levemente erguido. Não era uma moça de côr.

Seu cabelo era louro “cendré”. Tinha sido cortado pelo ombro e caía daqui e dali, em grossas mechas molhadas. Uma máscara verde de mergulhador estava levantada para trás, acima da testa, e a tira verde de borracha prendia seu cabelo na nuca.

A cena toda: a praia deserta, o mar verde e azul, a jovem nua de cabelos louros traziam a Bond alguma recordação. Procurou em sua mente. Sim, ora a Vênus de Botticelli, vista por trás.

Como tinha ela chegado até ali? Que estava fazendo? Bond olhou para baixo o, para cima, ao longo da praia. Via agora que a areia não era preta, mas côr de chocolate escuro. À direita, êle podia ver até a foz do rio, a uma distância talvez de duzentos metros. A praia estava deserta, sem vestígio de coisa alguma, a não ser uns pequenos objetos cor de rosa espalhados pela areia. Havia muitos deles — alguma espécie de

conchas, pensou Bond — e tinham um efeito decorativo sobre o fundo marrom escuro. Ele olhou para a esquerda, onde, a uns sete metros de distância, começavam a aparecer as rochas do pequeno promontório. Sim, via-se cerca de meio-metro de sulco, na areia — o rastro de uma canoa que alguém puxara até o abrigo das pedras. Devia ter sido uma embarcação leve, sem o que não a poderia ter arrastado sozinha. Mas havia apenas um tipo de impressões de pés, indo das rochas até a beira-mar, e outras marcas, iguais, que subiam do mar até onde a moça se encontrava naquele momento. Viveria ela ali, ou teria também velejado desde Jamaica naquela mesma noite? Que coisa infernal, para uma garota! Fosse como fosse, que estaria ela fazendo ali?

Como que para responder às suas perguntas, a moça fez com a mão direita o gesto de atirar qualquer coisa, e uma dúzia daquelas conchas espalharam-se na areia à volta dela. Eram de um rosa arroxeado e pareceram a Bond iguais àquelas que ele tinha visto na praia. A jovem olhou para alguma coisa que tinha na mão esquerda e pôs-se a assobiar baixinho. Vibrava uma nota de triunfo em seu assobio. Estava assobiando a música de “Marion”, um pequeno calipso queixoso que já tinha sido liberado pela alfândega e se tornara famoso fora de Jamaica. Dizia:

*Todo o dia, toda a noite, Marion,
Sentada à beira-mar, peneirando areia...*

A moça interrompeu-se e estendeu os braços, bocejando com gosto. Bond sorriu. Umedeceu os lábios e prosseguiu com o estribilho:

*Na água que brotava de seus olhos poderia flutuar um navio,
O cabelo que cresce em sua cabeça daria para amarrar uma cabra...*

As mãos da desconhecida baixaram-se subitamente e cruzaram-se em seu peito. Os músculos das costas retesa-

ram-se com o susto. Ela estava escutando, com a cabeça, ainda oculta pela cortina dos cabelos, inclinada para um lado.

Recomeçou a assobiar, com hesitação. O assobio fêz-se trêmulo e morreu-lhe nos lábios. Assim que Bond começou a fazer eco, a jovem voltou-se num rodopio. Não cobriu a nudez com os dois gestos clássicos. Uma de suas mãos desceu rapidamente, mas a outra, em lugar de tentar esconder os seios, subiu até o rosto, cobrindo-o abaixo dos olhos, dilatados agora pelo terror.

— Quem é?

As palavras foram emitidas num ciciar aterrorizado.

Bond pôs-se em pé e saiu de baixo da coberta de folhas. Parou à beira das ervas. Mantinha as mãos abertas de lado, para mostrar-lhe que estavam vazias. Sorria encorajadoramente para ela.

— Sou eu, apenas. Outro que entrou sem licença do proprietário. Não tenha medo.

A moça abaixou a mão que ocultava o rosto e levou-a à faca que lhe pendia do cinturão. Bond observou os dedos, que se curvavam à volta do cabo. Olhou para o seu rosto. Compreendia agora porque sua mão instintivamente o cobrira. Era um lindo rosto, com profundos olhos azuis, bem separados, sob pestanas alouradas pelo sol. A boca era bem rasgada e os lábios deviam ser cheios, quando ela não os apertava como agora o fazia, sob a tensão nervosa. Era um rosto sério, e a linha do queixo denotava determinação — era o rosto de uma moça acostumada a tomar conta de si mesma. Certa vez, todavia, pensou Bond, ela não soubera defender-se, pois o nariz estava quebrado, esmagado, torto como o de um pugilista. Bond sentiu invadi-lo profunda revolta ao ver o que tinha acontecido a essa jovem extraordinariamente bela. Não era de admirar que seu pejo se concentrasse nesse rosto, e não nos seios firmes e bem modelados que se erguiam agora para êle sem disfarce.

Os olhos dela examinavam-no, encolerizados.

— Quem é o senhor? Que está fazendo aqui? Percebia-se a leve cadência do sotaque jamaicano. A voz era seca e de pessoa acostumada a ser obedecida.

— Sou inglês. Estou interessado em pássaros.

— Oh! — percebia-se dúvida na voz. A mão descansava ainda na faca. — Por quanto tempo o senhor esteve me observando? Como chegou até aqui?

— Dez minutos. Mas não responderei a nenhuma pergunta mais, enquanto não me disser quem a senhorita é.

— Não sou ninguém importante. Venho de Jamaica. Coleciono conchas.

— Eu vim de canoa. Você também?

— Também. Onde está a sua canoa?

— Um amigo veio comigo. Nós a escondemos nos mangues.

— Mas não se vêem traços de canoa na praia.

— Somos cuidadosos. Limpamos os vestígios. Você, não. — Bond apontou para as pedras. — Você deveria ter mais cuidado. Usou a vela? Até perto da barra?

— Lógico. Por que não? Sempre faço assim.

— Então, eles sabem que você está aqui. Eles têm radar.

— Ainda não me apanharam.

A jovem largou a faca. Levantou a mão e arrancou a máscara de mergulhador, que ficou balançando pela alça de borracha. Parecia estar pensando que já podia avaliar a personalidade de Bond. Disse, com voz menos seca:

— Como se chama?

— Bond. James Bond. E você?

Ela pensou um pouco. — Rider.

— E o primeiro nome?

— Honeychile. Bond sorriu.

— Que está achando de engraçado nisso?

— Nada. Honeychile Rider. É um nome bonito. Ela transigiu um pouco. — Chamam-me Honey.

— Pois bem, muito prazer em conhecê-la.

A frase prosaica pareceu fazê-la lembrar-se de que estava nua. Corou. Disse com hesitação:

— Preciso vestir-me.

Olhava para as conchas espalhadas na areia, a seus pés. Era evidente que desejava apanhá-las. Talvez compreen-

desse que o movimento poderia ser ainda mais revelador que a sua pose atual. Disse secamente:

— Você não deve tocar nessas coisas enquanto eu não estiver aqui.

Bond sorriu ao desafio pueril.

— Não se preocupe. Eu tomarei conta delas.

A jovem fitou-o com ar de dúvida e em seguida voltou-se e caminhou, muito tesa, até as rochas, por trás das quais desapareceu.

Bond caminhou poucos passos até a praia, inclinou-se e apanhou uma das conchas. O molusco estava vivo e as duas metades hermêticamente fechadas. Parecia ser uma espécie de molusco comestível, com sulcos bastantes fundos, e de côr-de-rosa arroxeado. Dos dois lados da juntura, ao longo dos bordos, podia-se distinguir uma meia-dúzia de chifres delgados. Essa concha não pareceu muito interessante a Bond. Tornou a colocá-la cuidadosamente ao lado das outras.

Deixou-se ficar a contemplar as conchas, intrigado. Estaria ela verdadeiramente colecionando conchas? Parecia que sim. Mas quanto era arriscado vir apanhá-las: a travessia sozinha de canoa, ida e volta! E ela parecia compreender que aquele era um lugar perigoso. “Ainda não me apanharam.” Que pequena extraordinária! Aquescia-se o coração de Bond e excitavam-se os seus sentidos ao pensar nela. Assim como já lhe acontecera tantas vezes, com relação às pessoas que têm alguma deformidade, êle já tinha quase esquecido o nariz quebrado. Tinha como que desaparecido diante da recordação que guardava de seus olhos, de sua boca e de seu corpo tão maravilhosamente belo. Eram estimulantes a sua atitude imperiosa e a sua agressividade. O modo pelo qual ela tinha procurado a faca para defender-se! Parecia um animal cujos filhotes são ameaçados. Onde vivia ela? Quem eram seus pais? Havia um quê de negligenciado nela — como um cachorro a quem ninguém faz afagos. Quem era ela?

Bond ouviu seus passos sobre a areia. Virou-se para fitá-la. Estava vestida quase que com farrapos — uma blusa marrom desbotada, uma saia marrom de algodão, curta pe-

los joelhos, toda remendada e presa pelo cinto de couro com a faca. Trazia a tiracolo uma sacola de lona. Parecia a atriz principal de uma pantomima, caracterizada como o criado de Robinson Crusoe.

Ela veio para perto dele, e imediatamente se ajoelhou e começou a pegar os moluscos vivos, pondo-os na sacola.

— São raros? — perguntou Bond.

Ela sentou-se de cócoras e levantou os olhos para êle. Analisou-lhe o rosto. A sua impressão devia ter sido satisfatória. — Você promete que não vai contar a ninguém? Jura?

— Palavra! — disse Bond.

— Pois bem, vou explicar-lhe, então. São raros, sim. Muito raros. Você pode receber cinco dólares por um espécime perfeito. Em Miami. É lá que os vendo. Chamam-se Venus elegans — Vênus elegante. — Seus olhos brilhavam de contentamento. — Esta manhã achei o que estava procurando. O banco onde elas vivem. — Ela apontou para o mar. — Você não seria capaz de encontrá-lo, — acrescentou, com súbita cautela. — É muito fundo e bem escondido. Duvido que você possa mergulhar àquela profundidade. E além disso, — ela teve uma expressão de felicidade, — tenciono limpar todo o banco hoje mesmo. Você só encontrará as conchas defeituosas, se voltar aqui.

Bond riu-se. — Prometo-lhe que não roubarei nenhuma. Na verdade, eu não entendo nada de conchas. Posso jurar por tudo quanto é sagrado!

Ela ergueu-se, depois de completar a sua tarefa.

— E a respeito de suas aves? De que espécie são? Têm valor, também? Também não direi nada a ninguém do que você me contar. Eu coleciono somente conchas.

— São chamadas espátulas rosadas — disse Bond. — Uma espécie de cegonha côr-de-rosa com bico achatado. Já viu algum?

— Ah! esses! — respondeu ela, com certo desdém. — Antigamente, havia milhares deles nesta ilha. Mas você não encontrará muitos, agora. Eles os espantaram todos daqui.

Sentou-se na areia e colocou os braços à volta dos joelhos, orgulhosa da superioridade de seus conhecimentos,

e certa, agora, de que nada tinha a recear desse homem.

Bond sentou-se a um metro de distância. Estirou-se na areia e voltou-se para ela, erguendo-se sobre o cotovelo. Êle queria conservar a atmosfera de piquenique e procurar saber mais coisas a respeito dessa moça estranha e linda. Disse, como que sem dar importância:

— Ah! Ê? O que aconteceu? Quem fez isso? Ela deu de ombros com impaciência.

— O pessoal daqui foi quem fez. Não sei quem são. Há um chinês. Êle não gosta de aves, ou qualquer coisa assim. Êle tem um dragão. Mandou o dragão perseguir as aves, e com isso elas se assustaram e fugiram. O dragão queimou o lugar onde elas costumavam fazer os ninhos. Havia dois homens, que viviam perto dos pássaros e tomavam conta deles. Fugiram também ou foram mortos.

Tudo para ela era muito natural. Ela enunciava os fatos com indiferença, olhando para o mar.

— Esse dragão — disse Bond. — Que espécie de dragão será? Você já o viu?

— Vi, sim. — Ela apertou os olhos e fez uma careta, como se estivesse engolindo um remédio amargo. Olhava ansiosamente para Bond, a fim de fazer que êle partilhasse seus sentimentos.

— Há um ano que venho aqui procurar conchas e fazer explorações. Só encontrei essas, — ela indicou a praia com um aceno de mão — há cerca de um mês. Na minha última viagem. Mas tenho achado grande quantidade de outras espécies, muito boas. Pouco antes do Natal lembrei-me de explorar o rio. Fui até as cabeceiras, onde os homens que tomavam conta dos pássaros tinham seu acampamento. Estava completamente destruído. Como já era tarde, resolvi passar a noite lá. Fui acordada no meio da noite. O dragão estava-se aproximando, estava a menos de cinqüenta metros. Tinha dois enormes olhos brilhantes e uma tromba comprida. Tinha uma espécie de asas curtas e uma cauda pontuda. Era todo preto e côr-de-ouro. — Ela franziu as sobrancelhas ao ver a expressão estampada na fisionomia de Bond. — Era noite de lua cheia. Podia vê-lo perfeitamente. Passou por mim. Fazia

como que um ronco forte. Foi pelo pântano e chegou diante de uns mangues densos, e simplesmente subiu por cima das moitas e prosseguiu. Um bando de aves estava à sua frente, e de repente êle lançou um jato de fogo pela boca, e queimou uma porção delas, e todas as árvores onde tinham feito seus ninhos. Foi horrível. A coisa mais horrível que eu já vi.

A moça inclinou-se para um lado e olhou para o rosto de Bond. Endireitou-se novamente e pôs-se a fitar obstinadamente o mar.

— Bem vejo que não me acredita — disse numa voz contida, furiosa. — Você é daquela gente da cidade. Não acredita em nada. Que horror! — ela estremeceu.

Bond retrucou sensatamente:

— Honey, acontece que não existem neste mundo coisas como aquele dragão. Você viu algo muito parecido com um dragão. Eu estou querendo imaginar o que poderia ser.

— Como sabe que não existem dragões? — Agora, êle a enfurecera de veras. — Ninguém vive nesta parte da ilha. Um dragão poderia muito bem ter sobrevivido aqui. Afinal, o que pensa você que conhece a respeito de animais e coisas assim? Eu tenho vivido com cobras e outros bichos desde criança. Você já viu a fêmea do louva-deus comer o marido, depois do ato sexual? Viu alguma vez a dança do mangusto? Ou já viu um polvo dançar? Qual é o comprimento da língua de um beija-flor? Você teve algum dia uma cobra domesticada que usava um guiso preso ao pescoço e o fazia tocar a fim de acordá-lo? Já viu um escorpião ter uma insolação e matar-se com o próprio ferrão? Já viu o tapete de flores que se estende no fundo do mar, à noite? Sabe que um corvo sente uma lagartixa morta a uma milha de distância?... — A jovem atirara essas perguntas como provocantes pontações de espada. Parou, sem fôlego. Disse, desanimada: — Oh! você é um homem da cidade como todos os outros.

Bond retrucou:

— Honey, ouça. Você sabe essas coisas. Não tenho culpa de ter sempre vivido em cidades. Gostaria de conhecer as suas coisas, também. Acontece que eu não levei a mesma vida. Sei outras coisas, em lugar daquelas. Por exemplo... —

Bond fez apelo à sua mente. Não podia lembrar-se de nada tão interessante quanto aquilo que ela lhe dissera. Concluiu, sem convicção:

— Sei, por exemplo, que aquele chinês vai tomar mais interesse em sua visita desta vez e vai tentar impedir a sua saída. — Fez uma pausa e acrescentou: — E a minha também...

Ela voltou-se e fitou-o com interesse.

— Oh... Por quê? Na verdade, pouco importa. É só a gente se esconder durante o dia e ir embora à noite. Ele já mandou cães atrás de mim, e até mesmo um avião. Ainda não me pegou.

Ela examinou Bond com redobrado interesse.

— É você que ele quer pegar?

— Bem — admitiu Bond — creio que sim. Você compreende, nós arriamos a vela duas milhas antes de chegarmos aqui, para que o radar dele não nos pudesse detectar. Penso que o chinês esperava uma visita minha. Já lhe devem ter falado de sua vela, e eu apostaria o que quisessem como ele julga que a sua canoa é a minha. É melhor que eu vá acordar meu amigo e nós três examinaremos a situação. Você vai gostar dele. É um habitante das ilhas Cayman, chamado Quarrel.

A jovem disse:

— Bem. Sinto muito se... — mas a sentença ficou inacabada. As desculpas eram difíceis para uma pessoa sempre na defensiva. — Mas, afinal de contas, eu não podia adivinhar, podia? — Ela perscrutou o seu rosto.

Bond sorriu para os interrogadores olhos azuis. Depois disse, tranqüilizando-a: — Naturalmente que você não podia. Foi uma questão de pouca sorte — má sorte também para você. Não acredito que ele dê muita importância a uma jovem solitária que coleciona conchas. Não tenha dúvidas de que eles examinaram as suas pegadas e encontraram pistas como aquela. — Bond estendeu a mão, mostrando as conchas espalhadas pela praia; depois, continuou: — Mas receio que ele tenha uma opinião diversa de mim. Com efeito, agora ele tentará apanhar-me com todos os recursos de que é ca-

paz. Apenas receio que também a apanhe na mesma rede. De qualquer forma — Bond sorriu tranquilizadamente — vamos ver o que Quarrel tem a dizer. Você deve ficar aqui.

Bond levantou-se e foi caminhando ao longo do promontório, olhando para todos os lados. Quarrel tinha-se escondido bem, pois passaram-se cinco minutos, antes que Bond o encontrasse. Estava deitado numa grande depressão do terreno, recoberta de ervas, entre duas grandes rochas. Estava ainda meio oculto por uma tábua escura que a maré tinha lançado à praia. Dormia pesadamente, com a cabeça descansando sobre o braço. Bond assobiou baixinho e sorriu quando os grandes olhos se arregalaram como os de um animal assustado. Quarrel olhou para Bond e pôs-se de pé rapidamente, quase com um sentimento de culpa. Em seguida esfregou suas grandes mãos no rosto, como se o estivesse lavando.

— Bom dia, capitão — disse. — Acho que dormi pesadamente e sonhei que aquela pequena chinesa vinha ter comigo.

Bond sorriu. — Tenho algo de diferente para você — disse êle. Sentaram-se, e Bond falou-lhe de Honeychile Rider e de suas conchas, assim como da complicação em que estavam metidos. — E, agora, são onze horas — acrescentou Bond. — Temos que fazer um novo plano.

Quarrel cocou a cabeça, olhando de soslaio para Bond. — O senhor não pensa em se descartar dessa jovem? — perguntou com esperança. — Ela nada tem a ver conosco... — Subitamente, calou-se. Sua cabeça deu uma volta e esticou-se como o focinho de um cão.

IX POR UM TRIZ

Dez minutos mais tarde a baía estava vazia e imaculada. Pequenas ondas encrespavam-se preguiçosamente através do espelho das águas, no interior dos recifes e morriam exaustas na areia escura onde as conchas lilás brilhavam como unhas pintadas. O monte de conchas tinha desapareci-

do e não havia mais vestígios de pegadas. Quarrel cortara galhos de mangues e caminhava de costas procurando apagar as pegadas com aqueles galhos. Onde tinha varrido, a areia apresentava uma limpidez diferente mas não tão diferente a ponto de ser notada de fora do recife. A canoa da jovem tinha sido arrastada para dentro do mar, entre as rochas, e ali ficou coberta com algas e gravetos.

Quarrel tinha voltado ao promontório. Bond e a jovem estavam juntos, sob tufo de folhas, onde Bond dormira, e olhavam silenciosamente para o contorno do promontório, à volta do qual surgira a embarcação.

A lancha estava talvez a uns quinhentos metros de distância. A julgar pelo lento ritmo do motor, Bond concluiu que cada acidente da costa estava sendo cuidadosamente inspecionado para descobrir indícios da presença de estranhos. De qualquer forma, aquilo parecia uma possante embarcação. Talvez uma grande lancha de cabina. Que tripulação teria? Quem estaria no comando? O Dr. No? Improvável. Ele certamente não se daria àquele trabalho de polícia.

Do lado do ocidente apareceu um bando de corvos marinhos, voando baixo sobre o mar, além dos recifes. Bond observou-os. Eram o primeiro indício para ele encontrado daquela colônia de aves, na outra extremidade da ilha. Aquele bando, segundo Pleydell-Smith, seriam batedores à procura do brilho prateado das enchovas, próximas à superfície. Enquanto observava, as aves começaram a dar mergulhos rasos, ferindo o mar superficialmente e levantando respingos de água. Quase que de uma só vez, apareceu outra coluna de aves, vinda do ocidente, e logo outra, e mais outra, fundindo-se todas numa espessa e escura nuvem. Durante minutos, elas sombrearam o céu, e depois atiraram-se à água, cobrindo vários alqueires, piando e lutando, e mergulhando as cabeças no mar, fazendo uma rica colheita naquele sólido campo de anchovas, como piranhas que se banqueteariam num cavalo afogado.

Bond sentiu um suave toque da jovem, que fez um movimento com a cabeça, dizendo:

— As galinhas do chinês estão comendo milho.

Bond observou-lhe o rosto belo e feliz. Ela parecia bastante despreocupada com a chegada daqueles homens. Para ela aquilo era apenas o jogo de esconde-esconde que já tinha praticado antes.

A vibração metálica dos motores diesel estava-se tornando mais forte. A lancha deveria estar justamente por trás do promontório. Bond deu mais uma olhada à volta da tranqüila baía, e depois fixou os olhos através da folhagem e do mato, para os lados dos recifes.

A ponta de uma proa branca apareceu, seguida de uns dez metros de tombadilho, e logo o parabrisas de vidro, uma cabina baixa e uma antena de rádio, e o vulto de um homem à volta do leme. Finalmente, o comprido e achatado fosso da popa, e uma flâmula vermelha pendente, Seria uma lancha-torpedeira convertida, um excedente de guerra do governo britânico?

Os olhos de Bond fixaram-se nos dois homens que estavam em pé na popa. Eram negros de pele pálida, envergando roupas caqui de marinheiro, com largos cinturões e chapéus de palha com longas palas. Estavam um ao lado do outro, equilibrando-se sob a lenta elevação da massa líquida. Um deles segurava um alto-falante e o outro manejava uma metralhadora instalada num tripé. Bond teve a impressão de que era uma metralhadora “Spandau”.

O homem com o alto-falante deixou que este caísse, e ele ficou oscilando numa tira, que lhe dava volta ao pescoço. Apanhou um binóculo e começou a vasculhar metro a metro da praia. Indistintos comentários chegavam aos ouvidos de Bond, por entre o ruído dos motores.

Bond percebeu que os olhos do binóculo começavam pelo promontório e depois percorriam a areia. As lentes detiveram-se entre as rochas e continuaram o seu passeio. Depois, voltaram. O murmúrio do comentário elevou-se ganhando animação. O homem passou o binóculo para o metralhador, que observou rapidamente, devolvendo-o logo ao dono. O observador gritou alguma coisa para o timoneiro. A lancha começou a se aproximar da praia. Agora estavam justamente diante dos recifes, em frente a Bond e à jovem. O

observador ergueu novamente o binóculo, apontando-o para as rochas onde se encontrava escondida a canoa da jovem. Novamente a fala excitada chegou aos ouvidos de Bond, por sobre as águas. Mais uma vez o binóculo foi passado ao metralhador, que levou algum tempo observando. Dessa vez, êle fez um sinal de assentimento com a cabeça.

Bond pensou: agora vamos ter coisa; esses homens conhecem o ofício. Em seguida, viu que o metralhador se ocupava em carregar a arma. O duplo estalido metálico chegou aos seus ouvidos, por entre o matraquear do motor.

O observador ergueu o alto-afalante e ligou-o. O eco produzido pelo amplificador chegou até Bond, conduzido pela superfície da água. A voz do homem ribombou pela baía:

— Alô, pessoal! Saiam daí e não serão feridos. Era uma voz educada, com sotaque americano.

— Agora, pessoal — trovejou a voz — depressa! Nós vimos quando vocês desembarcaram. Já descobrimos o bote sob os paus. Não somos tolos e não estamos brincando. Saiam daí com os braços levantados e não lhes acontecerá nada!

Não se ouviu nenhuma resposta. Apenas as ondas quebravam docemente na praia. Bond podia ouvir a respiração da jovem. Os guinchos agudos dos corvos marinhos chegavam-lhes de uma milha de distância, sobre o mar. O cano de escapamento dos motores diesel produzia um ruído desigual e gorgulhante, quando o entumescimento do mar cobria o orifício de descarga.

Silenciosamente Bond tocou o braço da jovem e disse-lhe:

— Fique mais perto. Alvo menor.

Êle sentiu o calor da jovem mais próximo de seu corpo, e o rosto de Honey raspou pelo seu braço. Bond sussurrou:

— Enterre-se na areia. Encolha-se. Cada polegada a menos ajudará.

Êle começou a se encolher cuidadosamente na depressão que tinham escavado para se abrigarem, e sentiu que ela fazia o mesmo.

O homem estava erguendo o seu alto-falante. A voz ribombou novamente.

— Muito bem, pessoal! Vocês irão ver que isso aqui não é para brincadeira. — Depois, levantou o polegar. O metralhador experimentou a arma fazendo alguns disparos para a copa dos mangues situados por trás da praia. Bond ouviu o rápido matraquear, tão seu conhecido, e do qual se despedira pela última vez diante das linhas alemãs, nas Ardenas. As balas produziam o velho som de pombos assustados, assoviando sobre sua cabeça. Depois fêz-se silêncio.

À distância, Bond via a nuvem negra de corvos marinhos elevar-se, começando a fazer os seus amplos círculos. Seus olhos voltaram para a embarcação. O metralhador estava apalmando o cano da metralhadora, para ver se já estava aquecido. Os dois homens trocaram algumas palavras. O observador apanhou novamente o porta-voz.

— Está bem, pessoal. Vocês foram avisados.

Bond viu o cano da “Spandau” levantar-se e abaixar-se. O homem estava querendo começar com a canoa, entre as rochas. Bond sussurrou para a jovem: — Muito bem, Honey. Agüente firme. Mantenha-se abaixada. Não vai durar muito.

Ele sentiu que a mão da jovem apertava o seu braço, e pensou: “Coitada; ela está metida nisso por minha causa.” Ele inclinou-se para a direita a fim de cobrir a cabeça de Honey e afundou o rosto na areia.

Dessa vez o matraquear foi terrível. Balas ricocheteavam no flanco do promontório. Fragmentos de pedra saltavam para todos os lados, sobre a praia. Outras balas ricocheteavam e iam perder-se dentro da mata. Simultaneamente com todo aquele barulho ouvia-se o martelar contínuo da metralhadora.

Houve uma pausa. Nova carga, pensou Bond. Agora será para nós. Pôde sentir a jovem agarrando-se a ele. Seu corpo tremia todo, encostado ao seu flanco. Bond apanhou uma arma e apertou-a de encontro ao corpo. O matraquear da metralhadora recomeçou. As balas vinham zunindo, da linha de marê, em direção a eles. Ouviu-se uma sucessão de rápidas batidas. O tufo, acima deles, estava sendo reduzido a pedaços. “Zuip Zuip Zuip”. Era como se um chicote de aço estivesse retalhando os arbustos. Pedaços de lenha caíam so-

bre eles, cobrindo-os lentamente. Bond respirou um ar mais fresco, o que significava que eles agora estavam ao ar-livre. Estariam eles escondidos pelas folhas o pelos destroços? As balas continuaram deslocando-se ao longo da linha da costa. Em menos de um minuto a metralhadora parou.

O silêncio tornou a reinar. A jovem lamuriou-se docemente. Bond fê-la calar-se e apertou-a mais forte.

O alto-falante apregoou:

— Está bem, pessoal. Se vocês ainda têm ouvidos, saibam que voltaremos logo para recolher-lhes os pedaços. Vamos trazer os cães. Até à vista, por enquanto.

O ritmo do motor se acelerou, e através das folhas Bond pôde ver a popa da lancha afundar-se mais na água, enquanto a embarcação rumava rapidamente para oeste. Dentro de minutos já não se ouvia mais nada.

Bond ergueu a cabeça cautelosamente. A baía estava serena, e tudo como antes, exceto o cheiro de cordite e as rochas quebradas.

Bond fêz a jovem levantar-se. Havia marcas de lágrimas em seu rosto. Ela olhou-o aterrada, e disse:

— Isso foi terrível. Por que eles o fizeram? Podíamos ter sido mortos.

Bond pensou naquela jovem que sempre abrira caminho, na vida, por si mesma, mas apenas contra a natureza. Conhecia o mundo dos animais, dos insetos e dos peixes, e tirava todo o partido desse conhecimento. Mas aquele era um pequeno mundo, limitado pelo sol, pela lua e pelas estações. Ela não conhecia o grande mundo das salas cheias de fumo, dos corredores de negócios, dos corredores e ante-câmaras governamentais, dos cautelosos encontros em bancos de praças — numa palavra: ela nada conhecia da luta pelo poder e pelo dinheiro, travada por homens poderosos.

Bond disse:

— É isso mesmo, Honey, eles não passam de uma quadrilha de bandidos assustados conosco. Podemos enfrentá-los.

Bond colocou o braço à volta de seus ombros e continuou:

— E você esteve maravilhosa, brava como ninguém. Agora, vamos ao encontro de Quarrel para traçar os nossos planos. De qualquer forma, já é tempo de comermos alguma coisa. O que é que você costuma comer nessas expedições?

Deram meia-volta e seguiram pela praia em direção ao promontório. Depois de um minuto, ela disse com voz bem controlada:

— Oh, há uma porção de coisas por aí que se podem comer. Ouriços do mar principalmente, mas também bananas silvestres e outras coisas. Eu como e durmo durante dois dias, antes de vir aqui. Não preciso de nada.

Bond apertou-a mais fortemente, mas deixou cair o braço, assim que Quarrel apareceu ao longe. Quarrel vinha saltando sobre as rochas, e, em determinado momento, parou, olhando para baixo. Bond e Honey se aproximaram dele. A canoa da jovem estava cortada ao meio pelas balas. Honey deixou escapar um grito, olhando de-sesperadamente para Bond:

— A minha canoa! Como poderei voltar?

— Não se preocupe, senhorita, — disse Quarrel, que sentia a perda de uma canoa mais do que Bond. Imaginou ainda que aquela embarcação representasse quase todo o capital da jovem. — O capitão lhe dará outra. E a senhorita voltará conosco. Temos um magnífico bote, entre os mangues, e ele não foi destruído. Já estive lá espiando.

Quarrel olhou para Bond. Agora, o seu rosto denotava preocupação.

— Mas, capitão, o senhor está vendo o que eu disse dessa gente. Eles são duros e não estão brincando. Esses cães que eles vão trazer são policiais — Pinschers, como eles os chamam. Bastardos. Meus amigos disseram-me que são uma matilha de vinte ou mais. É melhor resolvermos logo.

— Está bem, Quarrel. Mas antes de mais nada precisamos comer alguma coisa. — o diabo que me carregue se eu vou ser aterrorizado e expulso da ilha antes de dar uma olhada nisso. Levaremos Honey conosco. — E, voltando-se para a jovem:

— Está bem, Honey? Nada lhe acontecerá. Depois vol-

taremos juntos.

A jovem olhou-o em dúvida:

— Acho que não há alternativa. Quero dizer. Gostaria de ir com vocês, se não atrapalhasse. Francamente, não quero comer nada. Mas você me levará de volta, assim que puder? Não quero ver mais aquela gente. Durante quanto tempo vocês vão ficar olhando para essas aves?

Bond respondeu evasivamente:

— Pouco tempo. Eu terei apenas que ver o que lhes aconteceu e porquê. Depois, partiremos.

Olhou para o relógio e anunciou:

— Agora são doze horas. Você nos esperará aqui. Tome um banho ou faça o que quiser. Não ande por aí deixando pegadas. Vamos, Quarrel, é melhor escondermos aquele bote.

Só à uma hora eles estavam prontos. Bond e Quarrel encheram a canoa com pedras e areia, até que ela desapareceu sob a água, entre os mangues. Depois, apagaram as suas pegadas. As balas tinham deixado tantos gravetos na orla da praia, que eles podiam caminhar pisando em folhas e ramos quebrados. Comeram parte de suas rações — os homens com avidez, mas Honey com relutância — e depois, passando sobre as rochas, foram ter à lagoa, próxima da costa. Em seguida foram vadeando aquelas águas, em direção à foz do rio, trezentos metros praia abaixo.

Fazia muito calor. Um vento áspero e quente começou a soprar do nordeste. Quarrel informou que aquele vento soprava diariamente, durante todo o ano, e era vital para a guaneira, pois secava o guano. O revérbero do mar e das brilhantes folhas verdes dos mangues cegava-os. Bond deu-se por feliz, já que tivera o cuidado de acostumar sua pele ao sol.

Na foz do rio encontraram um banco de areia e um extenso pântano, profundo e de águas estagnadas. Os dois homens podiam molhar-se ou tirar as roupas. Bond disse à jovem:

— Honey, não podemos ter cerimônia, nesta situação. Vamos ficar apenas com as camisas por causa do sol. Fique apenas com o que fôr sensato e caminhe atrás de nós.

Sem esperar pela resposta da jovem, os dois homens

tiraram as calças. Quarrel enrolou-as e guardou-as na sacola, juntamente com as provisões e o revólver de Bond. Depois começaram a nadar a lagoa, com Quarrel na frente, logo seguido de Bond, e, finalmente a jovem. A água chegou até a cintura de Bond. Um grande peixe prateado deu um salto perto deles e depois caiu ruidosamente na água. Viram-se pequeninas setas riscarem a superfície, quando peixes menores se afastaram precipitadamente.

A lagoa convergia para uma estreita garganta, por sobre a qual as copas dos mangues se tocavam. Durante algum tempo eles nadaram através de um túnel fresco, e depois o rio se alargou num canal profundo, de águas morosas, que serpenteava para a frente, entre as gigantescas raízes de sustentação dos mangues. O fundo era lamacento, e a cada passo os pés se enterravam algumas polegadas no lodo. Pequenos peixes ou camarões se encolhiam ou fugiam de baixo de seus pés, e de quando em quando eles tinham que parar para se desembaraçar das sanguessugas, antes que elas se agarrassem firmemente. A não ser isso, aquela caminhada era fácil, sob o frescor das árvores, e, pelo menos para Bond, era uma bênção estar ao abrigo do sol.

Em breve, à medida que se iam afastando do mar, começaram a sentir um cheiro de ôvo podre, o cheiro de hidrogênio sulfurado do gás dos pântanos. Os mosquitos começaram a assaltá-los e pareciam gostar do corpo de Bond. Quarrel disse-lhe que mergulhasse na água do rio, pois os mosquitos gostavam de carne salgada. Bond tirou a camisa e fez o que Quarrel lhe aconselhara. Depois disso sentiu-se melhor e o seu olfato chegou mesmo a se acostumar com aquele repugnante cheiro, a não ser quando os pés de Quarrel desfaziam algum bolsão de gás, no fundo da lama, e uma gigantesca bolha atravessava a água para arrebentar na superfície sob as suas narinas.

Os mangues começaram a se tornar mais escassos e mais esparsos, enquanto o rio se ia alargando aos poucos. Ao mesmo tempo, a água tornava-se mais rasa e o fundo mais firme. Logo chegaram a uma volta e saíram para céu aberto, Honey disse:

— É melhor tomarmos cuidado, agora. Eles poderão ver-nos com muita facilidade. Isso vai assim durante uma milha. Depois o rio torna a se estreitar até o lago. E depois se poderá ver a restinga onde os tratadores das aves viviam.

O grupo deteve-se à sombra do túnel de mangues e olhou para fora. O rio serpeava perigosamente, afastando-se deles, em direção ao centro da ilha. As suas barrancas, bordadas de bambus de pequeno porte e de vegetação rala, dar-lhes-iam cobertura reduzida. Partindo de sua margem ocidental, o terreno elevava-se aos poucos, e logo abruptamente até o monte, situado a três quilômetros de distância, que era a guaneira. Na base daquela montanha, viam-se várias cabanas esparsas. Um ziguezague prateado galgava o flanco da colina, até as tendas — trilhos “Decauville”, pensou Bond, destinados a levarem o guano para o moinho e separador. O cume do monte era branco, como se estivesse coberto de neve. De sua parte mais elevada desprendia-se como que uma bandeira de dó de guano. Bond podia ver os pontos negros que eram os corvos marinhos, sobre o fundo branco. Aquelas aves estavam levantando vôo e pousando como abelhas numa colmeia.

Bond deixou-se ficar de pé e contemplou o brilho distante daquela montanha de excrementos de aves. Então aquilo era o reino do Dr. No! Bond pensou que jamais vira um cenário tão escondido e distante, em toda a sua vida.

Examinou o terreno entre o rio e a montanha. Parecia ser principalmente formado com aquela matéria cinzenta de corais mortos. Não havia dúvida de que uma estrada ou trilha corria da faldá da montanha até ao lago central e aos pântanos. Bond notou ainda que toda a vegetação se curvava para oeste, e imaginou viver durante todo um ano com aquele vento escaldante castigando a ilha, sem falar do cheiro do guano e do gás dos pântanos. Nenhuma colônia penal poderia encontrar pior localização do que aquela.

Bond olhou para leste, onde os mangues, na área dos charcos, pareciam oferecer mais hospitalidade. Os três puseram-se a caminhar sobre um sólido tapete verde de vegetação. Sobre suas cabeças, aves revoloteavam agitadas, para

depois se, acalmarem, e logo tornarem a agitar-se. Seus pios eram carregados pelo vento crestante.

A voz de Quarrel interrompeu os pensamentos de Bond:

— Eles vêm vindo, capitão!

Bond seguiu o olhar de Quarrel. Um grande caminhão descia celeremente das tendas, com uma nuvem de pó levantando-se das rodas. Bond acompanhou-o durante dez minutos, até que o veículo desapareceu entre os mangues, na margem do rio. Bond pôs-se a escutar e ouviu latidos de cães, que eram trazidos pelo vento.

Quarrel comentou:

— Eles vão descer pelo rio, capitão. Sabem que não nos podemos mover, a não ser rio acima, se não estivermos mortos. Certamente que descerão pelo rio, até a praia, e farão um reconhecimento dos destroços. Depois, com toda a certeza, a lancha virá com um pequeno bote e recolherá os homens e os cães. Pelo menos, isso é o que eu faria no lugar deles.

Honey disse: — Isso é, de fato, o que eles fazem quando me procuram. É isso mesmo. Basta que cortemos um pedaço de bambu, e, quando eles estiverem perto, mergulhemos na água, procurando respirar através do bambu, até que eles se afastem.

Bond sorriu para Quarrel, e disse: — Suponhamos que você corte os bambus, enquanto eu procuro um bom esconderijo entre os mangues.

Quarrel aquiesceu hesitante e começou a subir contra a corrente, em direção ao bambuzal, enquanto Bond se encaminhava para o túnel formado pelos mangues.

Bond evitara olhar para a jovem, mas esta disse-lhe com impaciência:

— Não precisa ter tanto cuidado em não olhar para mim. Não adianta se preocupar com tais coisas, numa hora dessas. Você mesmo o disse, ainda há pouco.

Bond virou-se e olhou para a jovem. Sua camisa esfrangalhada descia até a linha d'água. Podia-se ainda ter um vislumbre de pálidas coxas, serpeando sob a superfície. O lindo rosto sorriu para êle. No meio daqueles mangues, o seu

nariz quebrado parecia harmonizar-se com o ambiente, pela sua animalidade.

Bond fitou-a descansadamente e ela compreendeu. Depois, êle deu-lhe as costas e desceu pela correnteza, seguido por ela. Logo encontrou o que procurava, isto é, uma fenda naquela parede formada pelas raízes dos mangues. Bond recomendou: — Não quebre nenhum galho. — Depois, baixou a cabeça e meteu-se por aquela brecha. O canal avançava numa distância de dez metros. A lama sob seus pés tornou-se mais mole e espessa. Chegou a uma sólida e intransponível parede de raízes. Aquela água escura fluía vagarosamente através de uma ampla e tranqüila lagoa. Bond deteve-se. A jovem se aproximou dele.

— Isto é mesmo uma brincadeira de esconde-esconde — disse ela, trêmula.

— É verdade — aquiesceu Bond distraidamente, enquanto pensava em seu revólver. Com efeito, êle preocupava-se em saber com que eficiência a arma operaria depois de um banho no rio — quantos cães e homens êle poderia eliminar, se fossem descobertos. Sentiu um estremecimento de inquietação. Tinha sido uma falta de sorte ter encontrado aquela jovem. Em combate, queira-se ou não, uma mulher representa sempre um coração a mais. O inimigo tem dois alvos enquanto apenas oferece um.

Bond lembrou-se de sua sede. Apanhou na concha da mão um pouco de água e bebeu-a. Aquela água era salobra e tinha gosto de terra. Mas servia. Bond bebeu um pouco mais. A jovem agitou a mão e deteve-o, dizendo:

— Não beba demais. Lave a boca e cuspa. Você pode apanhar febre.

Quarrel assobiou de algum ponto situado na corrente principal. Bond respondeu e foi em direção ao amigo. Depois, voltaram juntos, internando-se no canal. Quarrel borrifou as raízes de mangues com água, nos pontos em que os seus corpos talvez as tivessem raspado. “Para tirar o nosso cheiro”, explicou, lacônicamente. Em seguida mostrou o seu feixe de bambus e começou a cortá-los e prepará-los. Enquanto isso, Bond se ocupava com seu revólver e a munição. Os três

ficaram imóveis, no meio daquele pântano, de modo a não levantarem mais lama.

A luz do sol filtrava-se através do espesso teto de folhas, os camarões agitavam-se sob os pés daqueles três furtivos. Gradativamente foi-se avolumando uma insuportável tensão, naquele silêncio escaldante e angustioso.

Foi quase um alívio ouvir-se o ladrar dos cães.

X

O RASTRO DO DRAGÃO

O grupo de investigação descia rapidamente pelo rio. Os dois homens, de calções de banho e altas botas impermeáveis, tinham que correr para acompanhar os cães.

Eram grandes negros chineses, que traziam coldres sustentados ao ombro por meio de talabartes cruzados diante dos peitos suados. De quando em quando trocavam gritos que em geral não passavam de imprecações. À frente deles a matilha de cães Dobermann nadava e debatia-se n'água, latindo excitadamente. Tinham farejado uma pista e procuravam segui-la nervosamente, com as orelhas eretas sobre as cabeças afiladas.

— Talvez um maldito crocodilo, — gritou o chefe elevando a voz sobre a algazarra. Empunhava um chicote que de vez em quando fazia estalar no campo de caça.

Os outros homens se encaminhavam para êle. O chefe gritou excitadamente: “Aposto que é o gringo inglês! Tenho certeza de que êle está entre os mangues. Cuidado para que o gringo não nos faça cair numa emboscada.” O homem tirou o revólver do coldre e colocou-o sob o sovaco, sem tirar a mão da coronha.

O grupo agora estava deixando a parte do rio, sob céu aberto, e entrando no túnel formado pelos mangues. O primeiro homem tinha um apito, que se projetava de seu largo rosto como um toco de charuto. Fêz soar um agudo silvo. Quando os cães avançaram, êle se deixou ficar com o seu chicote junto do chefe. Os animais continuavam farejando, lamuriando-se porque a corrente os obrigava a desobedecer

às ordens recebidas. Os dois homens sacaram os revólveres e vadearam lentamente o rio, na mesma direção da corrente, por entre os caules tortuosos dos mangues.

O homem que ia na frente chegou ao estreito canal que Bond tinha encontrado, agarrou um dos cães pela coleira e lançou-o ao canal. O animal resfolegou ansiosamente e debateu-se para a frente. Os olhos do homem percorreram as raízes dos mangues, de ambos os lados do canal, para ver se apresentavam algum arranhão.

O cão e o homem chegaram ao pequeno lago situado na extremidade do canal. O homem olhou à sua volta, com ar animado. Tornou a agarrar o cão pela coleira e puxou-o para trás. O animal relutava em abandonar o lugar. Então, o homem feriu a água com o chicote.

O segundo homem estivera esperando à entrada do canal. O primeiro saiu daquele pequeno remanso e sacudiu a cabeça, descendo a corrente, com os cães, que agora se mostravam menos excitados, nadando à frente.

Lentamente, a algazarra da perseguição foi diminuindo e desapareceu.

Por mais cinco minutos nada se mexeu na laguna dos mangues; depois, num dos cantos, entre as raízes, apareceu lentamente para fora d'água um fino periscópio de bambu. O rosto de Bond emergiu logo em seguida, com os cabelos molhados colados à testa, como a cara de um cadáver que boiasse. Em sua mão direita, sob a água, o revólver estava pronto. Bond procurou escutar cuidadosamente. O silêncio era completo, não havia o mínimo ruído. Ou haveria? O que seria aquele suave barulho, como se algo deslizesse entre a água, na corrente principal? Viria alguém, muito serenamente, seguindo na esteira daquela caçada? Bond procurou apalpar à sua volta e tocou delicadamente nos dois corpos que estavam cada um em um de seus flâncos, entre as raízes, na orla da laguna. Quando os dois rostos afloraram à superfície, ele colocou o seu dedo indicador sobre os lábios, mas já era tarde. Quarrel tinha tossido e cuspidado. Bond fez uma careta e fez um sinal na direção da principal corrente. Todos procuravam escutar. O ruído recomeçou. Alguém estava-se dirigindo

para o canal lateral. Os tubos de bambu voltaram para as três bocas e as cabeças tornaram a submergir. Debaixo da água Bond descansou a cabeça na lama, apertou as narinas e os lábios à volta do tubo. Sabia que a laguna já fora examinada uma vez, pois sentira a agitação causada na água pelo cão, que passara nadando! Da primeira vez não tinham sido achados, mas conseguiriam escapar desta? Agora haveria menos possibilidades de que a lama revolta se escoasse para fora da laguna. Se esse batedor visse a mancha mais escura, na água, atiraria ou usaria um punhal? Que armas traria? Bond resolveu não correr riscos. Ao primeiro rumor de movimento, ao seu lado, ele se poria de pé e daria logo ao gatilho, esperando pelo melhor.

Assim ficou ele, submerso, com todos os sentidos atentos. Como era desagradável aquele respirar controlado e insuportáveis as ligeiras mordidelas dos camarões! Por sorte nenhum deles tinha qualquer ferida no corpo, pois do contrário os malditos animalzinhos ter-se-iam atirado contra elas. De qualquer forma, aquela fora uma brilhante idéia da jovem. Sem ela os cães já os teriam alcançado, onde quer que eles se tivessem escondido.

Inesperadamente, Bond encolheu-se. Uma bota de borracha tinha pisado em seu queixo e escorregado. O homem pensaria tratar-se de um galho de árvore? Bond não podia correr aquele risco. Com um só impulso pôs-se de pé, atirando para longe o pedaço de bambu.

Bond teve uma rápida impressão de um gigantesco corpo de pé, quase em cima de si, e duma coronha de rifle, em rápido movimento. Levantou o braço esquerdo para proteger a cabeça e recebeu um violento golpe no braço. Ao mesmo tempo, o seu braço direito se esticou para a frente, e, quando o cano tocou no lado direito do peito, sob o mamilo, ele acionou o gatilho.

O coice da arma, quase encostada ao corpo do homem, por pouco não quebrou o pulso de Bond, mas o homem desabou para trás como uma árvore decepada que cai n'água. Antes que o corpo afundasse, Bond ainda pôde perceber-lhe uma grande fenda no flanco. A cabeça, uma cabeça negraíde

de chinês, veio à superfície, com os olhos revirados para cima e a água a sair de sua boca escancarada e silenciosa. Em seguida a cabeça submergiu novamente e nada mais se pôde ver senão uma lama espumosa e uma mancha vermelha que gradualmente se ia ampliando e lentamente era atraída pela corrente.

Bond se endireitou e voltou-se para o lado. Quarrel e a jovem estavam atrás, em pé, com a água a escorrer-lhes dos corpos. Quarrel tinha um sorriso que ia de orelha a orelha, mas a garota mordia as articulações dos dedos, enquanto seus olhos se escancaravam horrorizados diante da água avermelhada.

Bond disse lacônicamente: “Desculpe-me, Honey. Tinha que ser feito. Ele estava bem sobre nós. Venha, vamos indo.” Agarrou-a de qualquer maneira, pelo braço, e arrastou-a para fora da principal corrente, apenas detendo-se quando chegaram a rio aberto, na boca do túnel de mangues.

O cenário estava novamente vazio. Bond olhou para o relógio, e verificou que parara às três horas. Olhou para o sol, já bastante deslocado para o ocidente e concluiu que deveriam ser quatro horas. Quanto ainda teriam que caminhar? Bond inesperadamente sentiu-se cansado. Agora teria de enfrentar a situação. Ainda que o disparo não tivesse sido ouvido — e certamente que ele fora abafado pelo próprio corpo da vítima e pelas árvores — a falta do homem seria sentida quando os outros se reunissem, — se a suposição de Quarrel fosse correta, na embocadura do rio, de onde seriam recolhidos pela lancha. Voltariam eles, subindo o rio, a fim de procurarem o desaparecido? Talvez não. Já estaria muito escuro quando eles tivessem a certeza de que o homem estava realmente desaparecido. O mais certo seria mandarem um grupo de homens pela manhã. Os cães facilmente dariam com o corpo. E o que aconteceria?

A garota puxou-o pela manga e disse com irritação: — Já é tempo de você me dizer o que significa tudo isto! Por que estão todos procurando se matar mutuamente? E quem é você? Não acredito em toda essa história de aves. Ninguém carrega revólveres contra aves.

Bond baixou o olhar, fitando aqueles olhos bem separados e irados. — Desculpe-me, Honey. Receio tê-la arrastado para uma boa encrenca. Eu lhe contarei tudo quando voltarmos à noite para o acampamento. Foi apenas má sorte que você se envolvesse comigo, desta maneira. Tenho uma guerriinha com essa gente. Eles parecem querer matar-me. Agora estou apenas interessado em que todos nós saíamos desta ilha sem que ninguém fique ferido. Já tenho muito do que queria, para da próxima vez voltar pela porta da frente.

— O que você quer dizer? Você é alguma espécie de policial? Está querendo meter esse chinês na cadeia?

— Mais ou menos, — disse Bond, rindo para ela. — Pelo menos você está do lado dos anjos. Agora, diga-me uma coisa. Quanto falta ainda para chegar ao acampamento dos guardas?

— Oh, cerca de uma hora.

— É um lugar bom para nele esconder-se? Eles poderiam achar-nos com facilidade?

— Eles teriam que atravessar o lago ou subir o rio. Tudo estará muito bem se eles não puserem o dragão em nosso encalço. Ele pode muito bem atravessar a água, pois já o vi fazê-lo.

— Bem — disse Bond diplomaticamente — esperemos que ele esteja com a cauda machucada, ou tenha outra coisa qualquer.

A jovem vociferou: — Muito bem, sr. Sabe-Tudo. — E acrescentou irritada: — Espere e verá.

Quarrel deixou o túnel de mangues, agitando ruidosamente a água, tendo na mão o rifle do chinês abatido, e dizendo à guisa de quem pede desculpas:

— Não há mal em termos outra arma, chefe. Parece que vamos precisar dela.

Bond apanhou aquela arma. Era uma carabina “Remington”, do exército norte-americano, calibre 300. Não havia dúvida de que aquela gente contava com equipamento apropriado. Bond devolveu a arma a Quarrel, depois de examiná-la.

Quarrel como que fez eco aos seus pensamentos: —

Isso é gente astuta, capitão. Aquele homem veio esquadrihando suavemente, atrás dos outros, a fim de nos surpreender quando deixássemos o esconderijo, depois da passagem dos cães. Esse tal de doutor com certeza é um sujeito muito esperto.

Bond disse pensativamente: — Ê, êle deve ser um homem incomum. — Depois espantou os pensamentos: —

Agora, vamos tocando para a frente. Honey diz que ainda precisamos de uma hora para chegarmos ao acampamento. Ê melhor irmos pela margem esquerda, de modo a ficarmos ao abrigo da colina. Pelo que já pudemos ver, eles têm lunetas assestadas sobre o rio.

Bond entregou a sua arma a Quarrel, que a guardou na mochila molhada. Puseram-se novamente em marcha, com Quarrel à frente, e Bond e a jovem andando juntos, atrás.

Aproveitavam algumas sombras das árvores e bambus da margem ocidental, mas deviam agora suportar toda a intensidade de um vento crestante. Borrifaram braços e corpos com água, a fim de refrescar as queimaduras. Os olhos de Bond estavam injetados por aquele insuportável revêrbero e o seu braço doía intoleravelmente no ponto em que fora atingido pela coronha. E êle não teria à sua espera o seu jantar de pão embebido, queijo e fiambre. Quanto tempo poderiam dormir? Não dormira muito na véspera, e parece que não iria ter melhor ração de sono. E a garota? Ela nada dormira. Êle e Quarrel teriam que se revesar, em quartos de vigiância. E logo chegaria o dia seguinte, quando procurariam ganhar novamente os mangues e vencer lentamente a distância que os separava de sua canoa, através da extremidade oriental da ilha. As coisas correriam daquela forma, segundo era de esperar. Então, tratariam de se fazerem ao mar na noite seguinte. Bond pensou em como haveria de abrir caminho por entre sólidos mangues, na distância de oito quilômetros. Que perspectiva! Continuou se arrastando para a frente, pensando nas “férias ao sol dos trópicos” de M. Muito gostaria que M tivesse que partilhar com êle aquelas “férias”.

O rio foi-se estreitando até que se reduziu a uma simples corrente entre as moitas de bambu. Depois se ampliava

num estuário baixo e pantanoso, além do qual as cinco milhas quadradas de lago raso davam vazão para o outro lado da ilha, perdendo-se num agitado espelho líquido azul-cinza. Mais para além estava a brilhante pista aérea e o reflexo da luz solar sobre um único hangar. A jovem disse-lhe que se mantivesse na direção leste, e eles foram lentamente avançando, protegidos pela orla da mata.

Inesperadamente, Quarrel deteve-se, com o rosto esticado como o focinho de um cão para o terreno pantanoso à sua frente. Dois profundos sulcos tinham sido escavados na lama, com um sulco mais raso no centro. Eram a trilha de algo que tinha descido da colina e atravessado o pântano em direção ao lago.

A jovem disse com indiferença: — Por aqui já passou o dragão.

Quarrel arregalou os olhos para ela.

Bond caminhou lentamente pela trilha. As marcas exteriores eram bastante lisas, trazendo a marca de uma linha curva. Poderiam ter sido causadas por rodas, mas eram enormes, pelo menos com sessenta centímetros de largura. A trilha central tinha a mesma forma, mas com apenas três polegadas de largura, ou seja a largura de um pneumático de automóvel. As trilhas não apresentavam nenhum indício de pegadas e eram completamente frescas. Estendiam-se em linha reta, e os arbustos por elas atravessados tinham sido derrubados e esmagados no chão, como se um tanque de guerra tivesse passado por ali. Bond não podia imaginar que espécie de veículo seria aquele. A jovem tocou-o com o cotovelo e murmurou: — Eu lhe tinha dito. Ele apenas pôde responder pensativamente: — Bom, Honey, se não é o dragão, é algo que nunca vi antes.

Mais adiante, ela puxou-o ansiosamente pela manga. “Veja”, sussurrou, e apontou para a frente, indicando um grande cerrado de árvores, ao lado do qual passavam as trilhas. O cerrado estava sem folhas, enegrecido. Ao centro viam-se os restos dos ninhos de pássaros carbonizados. — Ele respirou sobre as árvores, — disse a garota nervosamente.

Bond aproximou-se das árvores e examinou-as. — Certamente que o fêz — admitiu. Por que aquele cerrado, em especial, tinha sido queimado? Era muito estranho aquilo.

As trilhas desciam em direção ao lago e desapareciam na água. Bond teria gostado de segui-las, mas não poderia abandonar a cobertura das árvores. Assim, continuaram a marcha, cada um entregue aos próprios pensamentos.

Lentamente o dia começou a morrer, por trás da colina, e por fim a garota apontou para a frente, através dos arbustos; Bond pôde ver uma comprida restinga internandose no lago. Estava coberta por densas moitas de arbustos e podiam-se ver, a cem metros da praia, os restos de uma cabana incendiada. Aquele parecia um lugar razoavelmente atraente para se passar a noite, e era bem protegido dos dois lados, pela água.

O vento tinha declinado e a água se apresentava suave e convidativa. Que prazer não seria tirarem as suas imundas camisas para um banho no lago e, depois de horas de patinação através da lama e do lodo do pântano, poderem descansar naquela areia dura e seca!

O sol brilhou com reflexos amarelados e desapareceu por trás da montanha. Ainda era dia na extremidade oriental da ilha, mas a sombra negra do monte avançava vagarosamente sobre o lago e acabaria por expulsar completamente os últimos vestígios do sol. Os sapos começaram a coaxar mais barulhentosamente que em Jamaica, até que a noite ficou cheia daquele áspero ruído. Do outro lado do lago um grande sapo macho começou a soar o seu tambor. Aquele estranho som era algo entre um tom-tom e um rosnado de macaco. Enviava mensagens que subitamente se interrompiam e logo silenciaram. Com certeza encontrara o que procurava.

Chegaram à garganta da restinga e seguiram por um estreito caminho, até a clareira que encerrava os escombros da cabana de sapé. As grandes e misteriosas trilhas saíam da água, de ambos os lados, atravessavam a clareira e os cerrados próximos. Muitos dos arbustos estavam queimados ou crestados. Podiam-se ver os restos de um fogão feito de pedaços de coral, e algumas panelas e latas vazias. Exami-

naram os destroços, e Quarrel desenterrou um par de latas intactas de costeletas de porco e ervilhas marca “Heinz”. A jovem encontrou ainda um saco de dormir muito amarrado, enquanto Bond achou uma pequena bolsa de couro com cinco notas de um dólar, três libras de Jamaica e algumas moedas de prata. Os dois homens certamente tinham abandonado aquele lugar a toda pressa.

Prosseguiram mais para diante, até uma pequena clareira arenosa. Através dos arbustos podiam ver luzes cintilando sobre a água e provenientes da montanha, talvez a mais de três quilômetros de distância. A leste nada mais havia senão os suaves reflexos escuros da água sob o céu sombrio.

Bond comentou: — Enquanto não acendermos nada, estaremos bem aqui. A primeira coisa a fazer é tomarmos um bom banho, Honey. Você pode ficar com o resto da restinga, que nós ficaremos com a sua garganta. Dentro de meia hora espero vê-la para o jantar.

A garota riu: — Você virá a rigor?

— Sem dúvida — respondeu Bond — e de calças.

Quarrel observou: — Capitão, enquanto ainda há um pouco de luz, vou abrir essas latas e preparar as coisas para a noite. — Remexeu dentro da mochila. — Aqui estão as suas calças e o seu revólver. O pão talvez não esteja muito bom, mas está apenas molhado. Pode-se comê-lo bem, e amanhã estará seco. O melhor talvez fosse comermos das latas esta noite, guardando o queijo e as costeletas. As latas são pesadas e amanhã teremos que andar muito.

Bond respondeu: — Muito bem, Quarrel. Deixarei o cardápio aos seus cuidados.

Em seguida, apanhou o revólver e as calças úmidas e desceu para a água rasa. A água estava acariciante, mas desagradavelmente quente. Bond escavou punhados de areia, com as mãos, e esfregou o corpo com ela, utilizando-a como sabonete. Depois deixou-se ficar gostosamente em meio àquele silêncio e àquela solidão.

As estrelas começaram a brilhar palidamente, as estrelas que os tinham trazido à ilha na noite passada; as estrelas que os tirariam dali no dia seguinte. Que viagem! Mas pelo

menos já tinha dado os seus resultados. Agora tinha provas bastantes, e testemunhas, para ir ter com o governador e conseguir dele um inquérito completo acerca das atividades do Dr. No. Ninguém lança mão de metralhadoras contra pessoas, mesmo contra intrusos. E, da mesma forma, o que seria aquilo do Dr. No, que invadira a propriedade da Sociedade Audubon, aquilo que chegara a destruir essa propriedade e provavelmente matara um de seus empregados? Isto também teria que ser investigado. E o que haveria êle de encontrar quando voltasse pela porta da frente, talvez a bordo de um destróier, e com um destacamento de fuzileiros navais? Qual seria a resposta para o mistério do Dr. No? O que estaria êle escondendo? Por que aquele segredo era tão importante, que seria capaz de matar repetidas vezes, para preservá-lo? E quem era esse Dr. No?

Bond ouviu o barulho de alguém espojando-se na água. Pensou na garota. E quem, afinal, era Honeychile Rider? Aquilo pelo menos, pensou êle ao sair da água, era algo que deveria esclarecer antes do amanhecer.

Bond enfiou as suas pegajosas calças, sentou-se na areia e desmontou o revólver. Fê-lo pelo tato, utilizando-se de sua camisa para secar cada peça e cada cartucho. Depois, tornou a montar a arma e pressionou o gatilho, fazendo com que o tambor vazio desse uma volta completa. O som era satisfatório. Seriam precisos alguns dias para que o revólver começasse a enferrujar. Carregou-o e meteu-o no coldre, para dentro do cós da calça. Depois, levantou-se e voltou para a clareira.

A sombra de Honey chegou até êle, e a sua voz se fez ouvir: — Venha; estamos morrendo de fome. Apanhei uma das panelas, limpei-a e pusemos as ervilhas nela. Temos pão também. E eu não sinto escrúpulos de comer a sua ração, porque você me fez trabalhar muito mais do que se eu estivesse sozinha. Agora, estique a mão.

Bond achou graça no tom autoritário que havia em sua voz. Êle apenas podia perceber a sua silhueta, no escuro. Sua cabeça parecia mais afilada. Êle se perguntou como seriam os seus cabelos quando secos e penteados. Como seria ela

quando estivesse vestindo roupas limpas naquele lindo corpo dourado? Podia vê-la entrando numa sala ou atravessando um vestibulo em Beau Desert. Ela seria uma linda e encantadora Patinha Feia. Por que nunca procurara endireitar o nariz? Seria uma operação fácil. Depois disso, ela seria a jovem mais bela de Jamaica.

O seu ombro tocou nele. Bond esticou o braço e descansou a mão aberta no colo da jovem. Então Bond sentiu que ela estava enchendo a sua mão com ervilhas.

Subitamente, Bond aspirou o seu cheiro cálido de animal. Foi uma explosão sensual tão aguda que o seu corpo se uniu ao dela, e, por um momento, os seus olhos se fecharam.

Ela deixou escapar um riso curto, no qual havia timidez, satisfação e ternura. E disse, maternalmente: “Lá”, — e empurrou a mão de Bond.

XI VIDA NO CANAVIAL

Seriam cerca de oito horas, pensou Bond. A não ser o coaxar dos sapos, tudo estava mergulhado em silêncio. No canto mais distante da clareira, êle podia vislumbrar o vulto de Quarrel.

Podia-se ouvir o tinir metálico, enquanto êle se ocupava em desmontar e secar a sua “Remington”.

Por entre as árvores podiam-se ver também as luzes distantes, vindas do depósito de guano, riscar caminhos luminosos e festivos sobre a superfície escura do lago. O desagradável vento desaparecera e o abominável cenário estava mergulhado em trevas. Estava bastante fresco. As roupas de Bond tinham secado no corpo. A comida tinha aquecido o seu estômago. Êle experimentou uma agradável sensação de conforto, sonolência e paz. O dia seguinte ainda estava muito longe e não apresentava problemas, a não ser uma boa dose de exercício físico. A vida, subitamente, pareceu-lhe fácil e boa.

A jovem estava a seu lado, metida no saco de dormir.

Estava deitada de costas, com a cabeça descansando nas mãos, e olhando para o teto de estrelas. Êle apenas conseguia divisar os pálidos contornos de seu rosto. De repente, ela disse: James, você prometeu dizer-me o que significava tudo isso. Vamos. Eu não dormirei enquanto você não o disser.

Bond riu. — Eu direi se você também disser. Também quero saber o que você pretende.

— Pois não, não tenho segredos: mas você deve falar primeiro.

— Está certo. — Bond puxou os joelhos até a altura do queixo e passou os braços à volta deles. — Eu sou uma espécie de policial. Eles me enviam de Londres quando há alguma coisa de estranho acontecendo em alguma parte do mundo e que não interessa a ninguém. Bem, não faz muito tempo, um dos funcionários do Governador, em Kingston, um homem chamado Strangways, aliás meu amigo, desapareceu. Sua secretária, que era uma linda jovem, também desapareceu sem deixar vestígios. Muitos pensaram que eles tivessem fugido juntos, mas eu não acreditei nisso. Eu...”

Bond contou tudo com simplicidade, falando em homens bons e maus, como numa história de aventuras lida em algum livro. Depois terminou: Como você vê, Honey, temos de voltar a Jamaica, amanhã à noite, todos nós, na canoa, e então o Governador nos dará ouvidos e enviará um destacamento de soldados para apanhar este chinês. Espero que isso terá como consequência levá-lo à prisão. Ele com certeza também sabe disso, e essa é a razão pela qual procura aniquilar-nos. Essa é a história. Agora é a sua vez.

A jovem disse: Você parece viver uma vida muito excitante. Sua mulher não deve gostar que você fique fora tanto tempo. Ela não tem medo de que você se fira?

— Não sou casado. A única que se preocupa com a possibilidade de que eu me fira é a minha companhia de seguros.

Ela continuou sondando: Mas suponho que você tenha namoradas.

— Não permanentes.

— Oh!

Fez-se uma pausa. Quarrel se aproximou e disse: “Capitão, farei o primeiro quarto, se fôr melhor. Estarei na extremidade da restinga e virei chamá-lo à meia-noite. Então talvez o senhor possa ir até as cinco horas, quando nós nos poremos em marcha. Precisamos estar fora daqui antes que clareie o dia.

— Está bem — respondeu Bond. — Acorde-me se você vir alguma coisa. O revólver está em ordem?

— Perfeito — respondeu Quarrel com evidente mostra de contentamento. Depois, dirigindo-se à jovem disse com leve tom de insinuação: — Durma bem, senhorita. Em seguida, desapareceu silenciosamente nas sombras.

— Gosto de Quarrel — disse a jovem. E, após uma pausa: — Você quer realmente saber alguma coisa a meu respeito? A história não é tão excitante quanto a sua.

— É claro que quero. E não omita nada.

— Não há nada a omitir. Você poderia escrever toda a história de minha vida nas costas de um cartão postal. Para começar, nunca saí de Jamaica. Vivi toda a minha vida num lugar chamado Beau Desert, na costa setentrional, nas proximidades do Porto Morgan.

Bond riu. — É estranho: posso dizer o mesmo; pelo menos por enquanto. Não notei você pela região. Você vive em cima de uma árvore?

— Ah, imagino que você tenha ficado na casa da praia. Eu nunca chego até ali. Vivo na Casa Grande.

— Mas nada ficou dela. É uma ruína no meio dos canaviais.

— Eu vivo na adega. Tenho vivido ali desde a idade de cinco anos. Depois a casa se incendiou e meus pais morreram. Nada me lembro deles, por isso você não precisa manifestar pesar. A princípio vivi ali com a minha ama negra, mas depois ela morreu, quando eu tinha apenas quinze anos. Nos últimos cinco anos tenho vivido ali sozinha.

— Nossa Senhora! — Bond estava boquiaberto. — Mas não havia ninguém para tomar conta de você? Os seus pais não deixaram nenhum dinheiro?

— Nem um tostão. — Não havia o mínimo traço de

amargura na voz da jovem — talvez orgulho, se houvesse alguma coisa. — Você sabe, os Riders eram uma das mais antigas famílias de Jamaica. O primeiro Rider recebera de Cromwell as terras de Beau Desert, por ter sido um dos que assinaram o veredicto de morte contra o rei Carlos. Êle construiu a Casa Grande e minha família viveu ora nela ora fora dela, desde aquela época. Mas depois veio a decadência do açúcar e eu acho que a propriedade foi pessimamente administrada, e, ao tempo em que meu pai tomou conta da herança, havia somente dívidas — hipotecas e outros ônus. Assim, quando meu pai e minha mãe morreram a propriedade foi vendida. Eu pouco me importei, pois era muito jovem. Minha ama deve ter sido maravilhosa. Quiseram que alguém me adotasse, mas a minha babá reuniu os pedaços de mobília que não tinham sido queimados e com eles nós nos instalamos da melhor forma no meio daquelas ruínas. Depois de algum tempo ninguém mais veio interferir conosco. Ela cosia um pouco e lavava para algumas freguesas da aldeia, ao mesmo tempo que plantava bananas e outras coisas, sem falar do grande pé de fruta-pão que havia diante da casa. Comíamos o que era a ração habitual do povo de Jamaica. E havia os pés de cana-de-açúcar à nossa volta. Ela fizera também uma rede para apanhar peixes, a qual nós recolhíamos todos os dias. Tudo corria bem e nós tínhamos o suficiente para comer. Ela ensinou-me a ler e escrever, como pôde. Tínhamos uma pilha de velhos livros que escapara ao incêndio, inclusive uma enciclopédia. Comecei com o A quando tinha apenas oito anos, e cheguei até o meio do T. — Ela disse um tanto na defensiva: — Aposto que sei mais do que você sobre muitas coisas.

— Estou certo de que sim. — Bond estava perdido na visão daquela jovem de cabelos de linho errando pelas ruínas de uma grande construção, com uma obstinada negra a vigiá-la e a chamá-la para receber as lições que deveriam ter sido um mistério para ela mesma. — Sua ama deve ter sido uma criatura extraordinária.

— Ela era um amor. — Era uma afirmação peremptória. — Pensei que fosse morrer quando ela faleceu. As coisas não foram tão fáceis para mim depois disso. Antes eu levava

uma vida de criança, mas subitamente tive que crescer e fazer tudo por mim mesma. E os homens tentaram apanhar-me e atingir-me. Diziam que queriam fazer amor comigo. — Fêz uma pausa e acrescentou: — Eu era bonita naquela época.

Bond disse muito sério:

— Você é uma das jovens mais belas que já vi.

— Com este nariz? Não seja tolo.

— Você não compreende. — Bond tentou encontrar palavras nas quais ela pudesse crer. — É claro que qualquer pessoa pode ver que o seu nariz está quebrado; mas desde esta manhã dificilmente eu pude notá-lo. Quando se olha para uma pessoa, olha-se para os seus olhos ou para a sua boca. Nesses dois pontos se encontram a expressão. Um nariz quebrado não tem maior significação do que uma orelha torta. Narizes e orelhas são peças do mobiliário facial. Algumas são mais bonitas do que outras, mas não são tão importantes quanto o resto. Se você tivesse um nariz bonito, tão bonito como o resto, você seria a jovem mais bela de Jamaica.

— Você é sincero? — Sua voz era ansiosa. — Você acha que eu poderia ser bela? Sei que muita coisa em mim está bem, mas quando olho no espelho só vejo o meu nariz quebrado. Estou certa de que o mesmo ocorre com outras pessoas que são, que são — bem — mais ou menos aleijadas.

Bond disse com impaciência: — Você não é aleijada! Não diga tolices. E aliás você pode endireitá-lo mediante uma simples operação. Basta que você vá aos Estados Unidos e a coisa levará apenas uma semana.

Ela disse com irritação: — Como é que você quer que eu faça isso? Tenho cerca de quinze libras debaixo de uma pedra, na minha adega. Tenho ainda três saias, três blusas, uma faca e uma panela de peixe. Conheço muito bem essas operações. O médico de Porto Maria já pediu informações para mim. Ele é um homem muito bom e escreveu para os Estados Unidos. Pois para que a operação seja bem feita, eu teria que gastar cerca de quinhentas libras, sem falar da passagem para Nova York, a conta do hospital e tudo o mais.

Sua voz tornou-se desesperançada: — Como é que você

espera que eu possa ter todo esse dinheiro?

Bond já decidira sobre o que teria de ser feito, mas no momento apenas disse ternamente: — Bem, espero que se possam encontrar meios; mas, de qualquer maneira, prossiga com a sua história. Ela é muito excitante — muito mais interessante do que a minha. Você tinha chegado ao ponto em que a sua ama morreu. O que aconteceu depois?

A jovem recomeçou com relutância.

— Bem, a culpa é sua por ter interrompido. E você não deve falar de coisas que não compreende. Suponho que as pessoas lhe digam que você é simpático. Você deve também ter todas as namoradas que desejar. Bem, isso não aconteceria se você fosse vesgo ou tivesse um lábio leporino. — Na verdade, êle pôde ouvir o sorriso em sua voz: — Acho que quando voltarmos eu irei ter com o feiticeiro para que lhe faça uma mandinga e lhe dê alguma coisa assim. — E ela acrescentou tristemente: — Dessa forma, nós seremos mais parecidos.

Bond estendeu o braço e sua mão tocou nela: — Eu tenho outros planos. Mas continuemos, quero ouvir o resto da sua história.

— Bem, — disse a jovem com um suspiro. — Eu terei que me atrasar um pouco. Como você sabe, toda a propriedade é representada pela cana-de-açúcar e pela velha casa que está situada no meio da plantação. Bem, umas duas vezes por ano eles cortam a cana e mandam-na para o moinho. E quando eles o fazem, todos os animais e insetos que vivem nos canaviais entram em pânico e a maioria deles têm as suas tocas destruídas e são mortos. Na época da safra, alguns deles começaram a vir para as ruínas da casa, onde se escondiam. No princípio, minha babá ficava aterrorizada, pois lá vinham os mangustos, as cobras e os escorpiões, mas eu preparei dois quartos da adega para recebê-los. Não me assustei com eles, e eles nunca me fizeram mal. Pareciam compreender que eu estava cuidando deles. E devem ter contado aquilo aos seus amigos, ou alguma coisa parecida, pois depois de algum tempo era perfeitamente natural que todos viessem acantonar-se em seus dois quartos, onde ficavam até que os canaviais comesçassem novamente a crescer, quando

então iam saindo e voltando para os campos. Dei-lhes toda a comida que podíamos pôr de lado, quando eles ficavam conosco, e todos se portavam muito bem, a não ser por algum odor e às vezes uma ou outra luta entre si. Mas eram muito mansos comigo. Naturalmente os cortadores de cana perceberam tudo e viam-me andando pelo lugar com cobras à volta do meu pescoço, e assim por diante, a ponto de ficarem aterrorizados comigo e me considerarem uma feiticeira. Por causa disso, eles nos deixaram completamente isoladas. Ela fez uma pausa, e depois recomeçou:

— Foi assim que aprendi tanta coisa sobre animais e insetos. Eu costumava ainda passar muito tempo no mar, aprendendo coisas sobre os animais marinhos, assim como sobre os pássaros. Se se chega a saber o que todas essas criaturas gostam de comer e do que têm medo, pode-se muito bem fazer amizade com elas. — Levantou os olhos para Bond e disse: Você não sabe o que perde ignorando todas essas coisas.

— Receio que perca muito — respondeu Bond com sinceridade. — Suponho que eles sejam muito melhores e mais interessantes que os homens.

Sobre isso nada sei — respondeu a jovem pensativamente. — Não conheço muitas pessoas. A maioria das que conheci foram detestáveis, mas acho que deve haver criaturas interessantes também. — Fêz uma pausa, e prosseguiu: — Nunca pensei realmente que chegasse a gostar de alguma pessoa como gosto dos animais. Com exceção da babá, naturalmente. Até que... — Ela se interrompeu com um sorriso de timidez. — Bem, de qualquer forma, nós vivemos muito felizes juntas, até que eu fiz quinze anos, quando então a babá morreu e as coisas se tornaram muito difíceis. Havia um homem chamado Mander. Um homem horroroso. Era o capataz branco que servia aos proprietários da plantação. Ele vivia me procurando. Queria que eu fosse viver com ele, em sua casa de Porto Maria.

Eu o odiava, e costumava esconder-me sempre que ouvia o seu cavalo aproximando-se do canavial. Certa noite ele veio a pé e eu não o ouvi. Estava bêbado. Entrou na adega e

lutou comigo porque não queria fazer o que ele desejava. Você sabe, as coisas que fazem as pessoas quando estão apaixonadas.

— Sim, já sei.

— Tentei matá-lo com a minha faca, mas ele era muito forte e deu-me um soco tão forte no rosto que me quebrou o nariz. Deixou-me inconsciente e acho que fez alguma coisa comigo. Sei que ele fez mesmo. No dia seguinte eu quis me matar quando vi o meu rosto e verifiquei o que ele me havia feito. Pensei que iria ter um filho. Teria sem dúvida me matado se tivesse tido um filho daquele homem. Em todo caso, não tive, e tudo continuou assim. Fui ao médico e ele fez o que pôde com o meu nariz e não me cobrou nada. Quanto ao resto, eu nada lhe contei, pois estava muito envergonhada. O homem não voltou mais. Eu esperei e nada fiz até a próxima colheita de cana-de-açúcar. Tinha um plano. Estava esperando que as aranhas viúvas-negras viessem procurar abrigo. Um belo dia elas chegaram. Apanhei a maior das fêmeas e a deixei numa caixa sem nada para comer. As fêmeas são terríveis. Então esperei que fizesse uma noite escura, sem luar. Na primeira noite dessas, apanhei a caixa com a aranha e caminhei até chegar à casa do homem. Estava muito escuro e eu me sentia aterrorizada com a possibilidade de encontrar algum assaltante pela estrada, mas não houve nada. Esperei em seu jardim, oculta entre os arbustos, até que ele se recolheu à cama. Então subi por uma árvore e ganhei a sacada; aguardei até que ele começasse a roncar e depois entrei pela janela. Ele estava nu, estendido na cama, sob o mosquitoieiro. Levantei uma aba do filô, abri a caixa e sacudi-lhe a aranha sobre o ventre. Depois saí e voltei para casa.

— Deus do céu! — exclamou Bond reverentemente. — O que aconteceu com o homem?

Ela respondeu com satisfação: — Levou uma semana para morrer. Deve ter-lhe doído terrivelmente. Você sabe, a mordida dessa aranha é pavorosa. Os feiticeiros dizem que não há nada que se lhe compare. — Ela fez uma pausa, e como Bond não fizesse nenhum comentário, acrescentou: — Você não acha que eu fiz mal, não é?

— Bem, não faça disso um hábito — respondeu Bond suavemente. — Mas não posso culpá-la, diante do que êle tinha feito. E, depois, o que aconteceu?

— Bem, depois me estabeleci novamente — sua voz era firme. — Tive que me concentrar na tarefa de obter alimento suficiente, e naturalmente. — Acrescentou persuasivamente: — Eu tinha de fato um nariz muito bonito, antes. Você acha que os médicos podem torná-lo igualzinho ao que era antes?

— Êles poderão fazê-lo de qualquer forma que você quiser — disse Bond em tom definitivo. — Como é que você ganhou dinheiro?

— Foi graças à enciclopédia. Li nela que há pessoas que gostam de colecionar conchas marinhas e que as conchas raras podiam ser vendidas. Falei com o mestre-escola local, sem contar-lhe naturalmente o meu segredo, e êle descobriu para mim que havia uma revista norte-americana chamada “Nautilus”, dedicada aos colecionadores de conchas. Eu tinha apenas o dinheiro suficiente para tomar uma assinatura daquela revista e comecei a procurar as conchas que as pessoas pediam em seus anúncios. Escrevi a um comerciante de Miami e êle começou a comprar as minhas conchas. Foi emocionante. Naturalmente que cometi alguns erros, no princípio. Pensei, por exemplo, que as pessoas gostariam das conchas mais bonitas, mas esse não era o caso. Frequentemente elas preferiam as conchas mais feias. Depois, quando achava conchas raras, punha-me a limpá-las e poli-las a fim de torná-las mais bonitas, mas isso também foi um erro. Os colecionadores querem as conchas exatamente como saem do mar, com o animal em seu interior também. Então consegui algum formol com o médico e o punha entre as conchas vivas, para que elas não tivessem mau cheiro, e depois mandava-as para o tal comerciante de Miami. Só aprendi bem o negócio de um ano para cá e já consegui quinze libras. Consegui esse resultado agora que sei como é que eles querem as conchas e se tivesse sorte, poderia fazer pelo menos cinqüenta libras por ano. Então, em dez anos poderia ir aos Estados Unidos e operar-me. Mas, continuou ela com intenso contentamento, tive uma notável maré de sorte. Fui a Crab Key pelo Natal, onde já

tinha estado antes. Mas dessa vez eu encontrei essas conchas purpúreas. Não parecem grande coisa, mas eu enviei uma ou duas para Miami e o comerciante escreveu-me para dizer que compraria tantas dessas conchas quantas eu pudesse encontrar, e ao preço de até cinco dólares pelas perfeitas. Disse-me ainda que eu deveria manter segredo sobre o lugar de onde as tirava, pois de outra forma o “mercado seria estragado”, como disse êle, e os preços cairiam. É como se se tivesse uma mina de ouro particular. Agora serei capaz de juntar o dinheiro em cinco anos. Esse foi o motivo pelo qual tive grandes suspeitas de você, quando o encontrei na praia. Pensei que você tivesse vindo para roubar as minhas conchas.

— Você me deu um susto, pois pensei que você fosse a garota do Dr. No.

— Muito obrigada.

— Mas depois que você tiver feito a operação, o que irá fazer? Você não pode continuar vivendo numa adega durante toda a vida.

— Pensei em me tornar uma prostituta. — Ela o disse como se tivesse dito “enfermeira” ou “secretária”.

— Oh, o que é que você quer dizer com isso? — Talvez ela já tivesse ouvido aquela expressão sem compreendê-la bem.

— Uma dessas jovens que possuem um bonito apartamento e lindas roupas. Você sabe o que quero dizer — acrescentou ela com impaciência. — Os homens telefonam, marcam encontro, chegam, fazem amor e pagam. Elas ganham cem dólares de cada vez, em Nova Iorque, onde pensei começar. Naturalmente — admitiu — terei de fazer por menos, no começo, até que aprenda a trabalhar bem. Quanto é que vocês pagam pelas que não têm experiência?

Bond riu. — Francamente, não me lembro. Há muito tempo que não me encontro com essas mulheres.

Ela suspirou. — Sim, suponho que você possa ter tantas mulheres quantas queira, por nada. Suponho que apenas os homens feios paguem, mas isso é inevitável. Qualquer espécie de trabalho nas grandes cidades deve ser horrível. Pelo menos pode-se ganhar muito mais como prostituta. Depois,

poderia voltar para Jamaica e comprar Beau Desert. Seria bastante rica para encontrar um marido bonito e ter alguns filhos. Agora que encontrei essas conchas, penso que poderia estar de volta a Jamaica quando tivesse trinta anos. Não seria formidável?

— Gosto da última parte do plano, mas não tenho muita confiança na primeira. De qualquer forma, como é que você veio a saber dessa história de prostitutas? Encontrou isso na letra P, na enciclopédia?

— Claro que não; não seja tolo. Há uns dois anos houve em Nova Iorque um escândalo sobre elas, envolvendo também um “play-boy” chamado Jelke. Ele tinha toda uma cadeia de prostitutas, e eu li muito sobre o caso no “Gleaner”. O jornal deu inclusive os preços que elas cobravam e tudo o mais. De qualquer forma, há milhares dessas jovens em Kingston, embora não sejam tão boas. Recebem apenas cinco xelins e não têm um lugar apropriado para fazer amor, a não ser no mato. Minha babá chegou a falar-me delas. Disse-me que eu não deveria imitá-las, pois do contrário seria muito infeliz. É claro que seria, recebendo apenas cinco xelins. Mas por cem dólares!...

Bond observou: — Você não conseguiria guardar todo esse dinheiro. Precisaria ter uma espécie de gerente para arranjar os homens, e teria ainda de dar gorjetas à polícia, para deixá-la em paz. Por fim, poderia ir facilmente parar na cadeia se tudo não corresse bem. Na verdade, com tudo o que você sabe sobre animais, bem poderia ter um ótimo emprego, cuidando deles, em algum jardim zoológico norte-americano. E o que me diz do Instituto de Jamaica? Tenho certeza de que você gostaria mais de trabalhar ali. E poderia também facilmente encontrar um bom marido. De qualquer forma, você não deve mais pensar em ser prostituta. Você tem um belo corpo e deve guardá-lo para o homem que amar.

— Isso é o que dizem as pessoas nos livros — disse ela com ar de dúvida. — A dificuldade está em que não há nenhum homem para ser amado em Beau Desert. — Depois acrescentou timidamente: — Você é o único inglês com quem jamais falei. Gostei de você desde o princípio, e não me im-

porto de dizer-lhe essas coisas agora. Penso que há muitas pessoas das quais chegaria a gostar se sáísse daqui.

— É claro que há. Centenas. E você é uma garota formidável; o que pensei assim que a vi.

— Assim que viu as minhas nádegas, você quer dizer. — Sua voz estava-se tornando sonolenta, mas cheia de prazer.

Bond riu. — Bem, eram nádegas maravilhosas. E o outro lado também era maravilhoso. — O corpo de Bond começou a se agitar com a lembrança de como a vira pela primeira vez. Depois de um instante, disse com mau humor: — Agora vamos, Honey. Está na hora de dormir. Haverá muito tempo para conversarmos quando voltarmos a Jamaica.

— Haverá? — perguntou ela desconsoladamente. — Você promete?

— Prometo.

Ele a viu agitar-se dentro do saco de dormir. Olhou para baixo e apenas pôde divisar o seu pálido perfil voltado para ele. Ela deixou escapar o profundo suspiro de uma criança, antes de adormecer.

Reinava silêncio na clareira e o tempo estava esfriando. Bond descansou a cabeça sobre os joelhos unidos. Sabia que era inútil procurar dormir, pois sua mente estava cheia dos acontecimentos do dia e dessa extraordinária mulher Tarzan que aparecera em sua vida. Era como se algum animal muito bonito se lhe tivesse dedicado. E não largaria os cordéis enquanto não tivesse resolvido os problemas dela. Estava sentindo isso. Naturalmente que não haveria grandes dificuldades para a maioria de seus problemas. Quanto à operação, seria fácil arranjá-la, e até mesmo encontrar-lhe um emprego, com o auxílio de amigos, e um lar. Tinha dinheiro e haveria de comprar-lhe roupas, mandaria ajeitar os seus cabelos e a lançaria no grande mundo. Seria divertido. Mas quanto ao resto? Quanto ao desejo físico que sentia por ela? Não se podia fazer amor com uma criança. Mas, seria ela uma criança? Não haveria nada de infantil relativamente ao seu corpo ou à sua personalidade. Era perfeitamente adulta e bem inteligente, a seu modo, e muito mais capaz de tomar

conta de si mesma do que qualquer outra jovem de vinte anos que Bond conhecera.

Os pensamentos de Bond foram interrompidos por um puxão em sua manga. A vizinha disse: — Por que você não vai dormir? Não está sentindo frio?

— Não; estou bem.

— Aqui no saco de dormir está bom e quente. Você quer vir para cá? Tem bastante lugar.

— Não, obrigado, Honey. Estou bem.

Houve uma pausa, e depois ela disse num sussurro: — Se você está pensando... Quero dizer — você não precisa fazer amor comigo... Eu poderia dormir de costas para o seu peito.

— Honey, querida, vá dormir. Seria maravilhoso dormir assim com você, mas não esta noite. De qualquer maneira, em breve terei de render Quarrel.

— Muito bem, — disse ela com voz mal humorada. — Talvez quando voltarmos a Jamaica.

— Talvez.

— Prometa. Não dormirei enquanto você não prometer.

Bond disse desesperadamente: — Naturalmente que prometo. Agora, vá dormir, Honeychile.

A sua voz se fêz ouvir outra vez, triunfante: — Agora você tem uma dívida comigo. Você prometeu. Boa-noite, querido James.

— Boa noite, querida Honey.

XII

A COISA

O aperto no braço de Bond era ansioso. Êle de um salto pôs-se de pé.

Quarrel sussurrou tensamente: — Alguma coisa está-se aproximando pela água, capitão! Com certeza é o dragão!

A jovem levantou-se e perguntou nervosamente: — Que aconteceu?

Bond apenas disse: — Fique aí, Honey! Não se mexa.

Eu voltarei.

Internou-se pelos arbustos do lado oposto da montanha e correu pela restinga, com Quarrel ao lado.

Chegaram até a extremidade da restinga, a vinte metros da clareira, e pararam sob o abrigo dos últimos arbustos, que Bond apartou com as mãos para ter um melhor campo de visão.

O que seria aquilo? A meia milha de distância, atravessando o lago, vinha algo informe, com dois olhos brilhantes côm de laranja, e pupilas negras. Entre estes, onde deveria estar a boca, tremulava um metro de chama azul. A luminosidade cinzenta das estrelas deixava ver uma espécie de cabeça abaulada entre duas pequenas asas semelhantes às de um morcego. Aquela coisa estranha deixava escapar um ronco surdo e baixo, que abafava um outro ruído, uma espécie de vibração rítmica. Aquela massa avançava na direção deles, à velocidade de uns dezesseis quilômetros por hora, deixando atrás de si uma esteira de espuma.

Quarrel sussurrou: — Nossa, capitão! Que coisa é aquela?

Bond continuou de pé e respondeu lacônicamente: — Não sei exatamente. Uma espécie de trator arranjado para meter medo. Está trabalhando com um motor diesel, e por isso você pode deixar os dragões de lado. Agora, vejamos ... — Bond falava como se para si mesmo. — Não adianta fugir. Aquilo se move mais depressa do que nós e sabemos que pode esmagar árvores e atravessar pântanos. Temos que lhe dar combate aqui mesmo. Quais serão os seus pontos fracos? Os motoristas. Com certeza, dispõem de proteção. Em todo caso, não sabemos muito sobre esse ponto. Quarrel, você começará a disparar contra aquela cúpula quando estiverem a uns duzentos metros de nós. Faça a pontaria cuidadosamente e continue atirando. Visarei os faróis quando estiverem a cinqüenta metros. Não se está movendo sobre lagartas. Deve ter alguma espécie de rodas gigantes, provavelmente de avião. Visarei as rodas também. Fique aí. Ficarei dez metros para baixo. Naturalmente vão reagir e nós temos que manter as balas longe da garota. Está combinado? — Bond esticou

o braço e apertou o enorme ombro de Quarrel. — E não se preocupe demais. Esqueça-se de dragões. Trata-se apenas de alguma trapaça do Dr. No. Mataremos os motoristas, tomaremos conta do veículo e ganharemos com êle a costa. Isso economizará as nossas solas. Está bem?

Quarrel deu uma breve risada. — Está bem, capitão. Desde que o senhor assim o diz. Mas que Nosso Senhor saiba também que aquilo não é dragão!

Bond desceu pela restinga e se internou pelos arbustos, até que encontrou um ponto de onde podia ter um bom campo de tiro. Disse suavemente: — Honey!

— Sim, James — e a voz dela deixou transparecer alívio.

— Faça um buraco na areia como fizemos na praia. Faça-o por trás de raízes grossas e fique lá deitada. Talvez haja um tiroteio. Não tenha medo de dragões. Isto é apenas um veículo pintado, dirigido por alguns dos homens do Dr. No. Não se assuste. Estou aqui perto.

— Muito bem, James. Tenha cuidado! — A voz agora deixava transparecer um vivo temor.

Bond curvou-se, apoiando um joelho no chão, sobre as folhas e a areia, e olhou para fora.

Agora o veículo achava-se a uns trezentos metros de distância, e os seus faróis amarelos estavam iluminando a areia. Chamas azuis continuavam saindo da boca daquele engenho. Saíam de uma espécie de longo focinho, no qual se pintaram mandíbulas entreabertas, para darem ao todo a aparência de dragão. Um lança-chamas! Aquilo explicava as árvores queimadas e a história do administrador. A coloração azul da chama seria dada por alguma espécie de queimador, disposto adiante do lança-chamas.

Bond teve que admitir que aquela visão era algo de terrível, à medida que o veículo avançava pelo lago raso. Evidentemente fora calculado para infundir terror. Êle mesmo ter-se-ia assustado, não fora a vibração rítmica do motor diesel. Mas até que ponto aquilo seria vulnerável para homens que não fossem dominados pelo pânico?

A resposta êle a teve quase imediatamente. Ouviu-se o

estampido da “Remington” de Quarrel. Uma centelha saiu da cabina encimada pela cúpula e logo se ouviu um ruído metálico. Quarrel disparou mais um tiro e, logo em seguida, uma rajada. As balas chocaram-se inutilmente de encontro à cabina. Não houve mesmo uma simples redução de velocidade. O monstro continuava avançando para o ponto de onde tinham partido os disparos. Bond descansou o cano de seu “Smith & Wesson” no braço, e fez cuidadosa pontaria. O profundo ruído surdo de sua arma fez-se ouvir por sobre o matraquear da “Remington” de Quarrel. Um dos faróis fora atingido e despedaçara-se. Bond disparou mais quatro tiros contra o outro e atingiu-o com o quinto e último disparo de seu revólver. O fantástico aparelho parecia continuar não dando importância, e foi avançando para o lugar de onde tinham partido os disparos do “Smith & Wesson”. Bond tornou a carregar a arma e começou a atirar contra os pneumáticos, sob as asas negro e ouro. A distância agora era de apenas trinta metros e podia jurar que já atingira mais de uma vez a roda mais próxima, sem nenhum resultado. Seria borracha sólida? O primeiro estremecimento de medo percorreu a pele de Bond.

Carregou mais uma vez. Seria aquela coisa maldita vulnerável pela retaguarda? Deveria correr para o lago e tentar uma abordagem? Avançou um passo, através dos arbustos, mas logo ficou imóvel, incapaz de prosseguir.

Subitamente, daquele focinho ameaçador, uma língua de fogo azulada tinha sido lançada na direção do escondeijo de Quarrel. À direita de Bond, no mato, surgira apenas uma chama laranja e vermelha, simultaneamente com um estranho urro, que imediatamente silenciou. Satisfeita, aquela língua de fogo se recolhera à sua boca. Agora aquilo fizera um movimento de rotação sobre o seu eixo e parará completamente. O buraco azulado da boca apontava diretamente para Bond.

Bond deixou-se ficar, esperando pelo horroroso fim. Olhou através das mandíbulas da morte e viu o brilhante filamento vermelho do queimador, bem no fundo do comprido tubo. Pensou no corpo de Quarrel — mas não havia tempo para pensar em Quarrel — e imaginou-o completamente car-

bonizado. Dentro em pouco êle também se incendiaria como uma tocha. Um único berro seria arrancado dele e os seus membros se encolheriam na pose de dançarino dos corpos queimados. Depois viria a vez de Honey. Meu Deus, para o quê êle os havia arrastado! Por que fora tão insano a ponto de enfrentar aquele homem com todo o seu arsenal? Por que não aceitara a advertência que lhe fora feita pelo longo dedo que o alcançara já em Jamaica? Bond trincou os dentes. Vamos, canalhas. Depressa.

Ouviu-se a sonoridade de um alto-falante, que anunciava metálicamente: “Saia daí, inglês. E a boneca também. Depressa ou será frito no inferno, como o seu amigo”. Para dar mais força àquela ordem, uma língua de fogo foi lançada em sua direção. Bond deu um passo atrás para recuar daquele intenso calor. Sentiu o corpo da garota de encontro às suas costas. Ela disse historicamente: — Tive que vir, tive que vir.

Bond disse: — Está bem, Honey. Fique atrás de mim.

Êle tinha-se decidido. Não havia alternativa. Mesmo que a morte viesse mais tarde, não poderia ser pior do que aquela morte diante do lança-chamas. Bond apanhou a mão da jovem e puxou-a consigo para fora, saindo para a areia.

A voz se fêz ouvir novamente: — Pare aí, camarada. E deixe cair o lança-ervilhas. Nada de truques, senão os caranguejos terão um bom almoço.

Bond deixou cair a sua arma. Lá se fora o “Smith & Wesson”. O “Beretta” não teria tido melhor sorte: A jovem lastimou-se, e Bond apertou a sua mão. — Agüente, Honey, — disse êle. — Nós nos livraremos disso.

Bond troçou de si mesmo por causa daquela mentira. Ouviu-se o ruído de uma porta de ferro que se abria. Por trás da cúpula, um homem saltou para a água e caminhou até eles, com um revólver na mão. Ao mesmo tempo ia-se mantendo fora da linha de fogo do lança-chamas. A trêmula chama azul iluminou o seu rosto. Era um chinês negro, de enorme estatura, vestindo apenas calças. Alguma coisa balançava em sua mão esquerda, e quando êle se aproximou mais, Bond pôde ver que eram algemas.

O homem deteve-se a alguns metros de distância e disse:

— Levantem os braços. Punhos juntos e caminhem em minha direção. Você primeiro, inglês. Devagar ou receberá mais um umbigo.

Bond obedeceu e quando estava a um passo do homem, este prendeu o revólver entre os dentes, e esticou os braços e atou os seus pulsos com as algemas. Bond examinou aquele rosto iluminado pelas chamas azuis. Era uma cara brutal, com olhos estrábicos. O agente do Dr. No fitou-o com desprezo. — Bastardo imbecil! — disse.

Bond deu as costas ao homem e começou a se afastar. Ia ver o corpo de Quarrel. Tinha que lhe dizer adeus. Ouviu-se o ruído de um disparo e uma bala jogou-lhe areia nos pés. Bond parou, e voltando-se lentamente disse:

— Não fique nervoso. Vou dar uma espiada no homem que você acabou de assassinar. Voltarei.

O homem abaixou o revólver e riu grosseiramente: — Muito bem. Divirta-se. Desculpe se não temos uma coroa. Volte logo, se não daremos uma amostra à boneca. Dois minutos.

Bond caminhou em direção ao cerrado de arbustos fumegantes. Ali chegando, olhou para baixo. Seus olhos e boca se contraíram. Sim, tinha sido bem como ele imaginara. Pior, mesmo. Disse docemente: — Perdoe-me, Quarrel. — Com o pé soltou um pouco de areia, que colheu com as mãos algemadas e verteu-a sobre os restos dos olhos de Quarrel. Depois caminhou lentamente, de volta, e ficou ao lado da jovem.

O homem empurrou-os para a frente com o revólver. Deram a volta por trás da máquina, onde havia uma pequena porta quadrada. Uma voz do interior disse: — Entrem e sentem-se no chão. Não toquem em nada ou ficarão com os dedos partidos.

Com dificuldade, arrastaram-se para dentro daquela caixa de ferro, que cheirava a óleo e suor. Havia lugar apenas para que ambos se sentassem com as pernas encolhidas, de joelhos para cima. O homem que empunhava o revólver e que vinha atrás deles saltou por último para dentro do carro e

fechou a porta. Ligou uma lâmpada e sentou-se num assento de ferro, ao lado do chofer. — Muito bem, Sam, vamos andando. Você pode apagar o fogo. Há luz bastante para dirigir — disse.

Na painel de controle podia-se ver uma fileira de mostradores. O motorista esticou a mão e deslocou para baixo um par de interruptores. Engrenou o motor e olhou através de uma estreita fresta, cortada na parede de ferro, diante dele. Bond sentiu que o veículo dava uma volta. Ouviu-se um movimento mais rápido do motor, e o veículo avançou.

O ombro da jovem apertou-se de encontro ao de Bond. — Para onde estão eles nos levando? — O seu sussurro traía um estremecimento.

Bond voltou a cabeça e olhou para ela. Era a primeira vez que podia ver os seus cabelos depois de secos. Estavam desfeitos pelo sono, mas não eram mais mechas de rabichos empastados. Caíam densamente até os ombros, onde terminavam em anéis voltados para dentro. Eram do mais pálido louro acinzentado e despediam reflexos quase prateados sob a luz elétrica. Ela olhou para o alto, para ele. A pele, à volta dos olhos e nos cantos da boca, mostrava-se lívida de medo.

Bond deu de ombros, procurando aparentar uma indiferença que não sentia!. Sussurrou: — Oh, espero que vamos ver o Dr. No. Não se preocupe demais, Honey. Esses homens não passam de pequenos bandidos. Com ele, as coisas serão diferentes. Quando estivermos diante dele, não diga nada, falarei por nos dois. — Ele apertou o seu ombro e disse: — Gosto da maneira por que você penteia o seu cabelo, e fico contente porque você não o apara muito curto.

Um pouco da tensão desapareceu do rosto dela. — Como é que você pode pensar em coisas como essa? — Deu um leve sorriso para ele, e acrescentou: — Mas estou contente por você gostar de meu penteado. Lavo os meus cabelos com óleo de coco uma vez por semana.

À lembrança de sua outra vida, seus olhos ficaram brilhantes. Ela baixou a cabeça para as mãos algemadas, a fim de esconder as lágrimas. Sussurrou quase para si mesma: — Tentarei ser brava. Tudo estará bem, desde que você esteja

lá.

Bond aconchegou-se a ela. Levantou suas mãos algemadas até a altura dos olhos e examinou as algemas. Eram do tipo usado pela polícia norte-americana. Contraiu sua mão esquerda, a mais fina das duas, e tentou fazê-la deslizar pelo anel de aço. Mesmo o suor de sua pele de nada adiantou. Era inútil.

Os dois homens sentavam-se em seus bancos de ferro, indiferentes, e com as costas voltadas para eles. Sabiam que dominavam inteiramente a situação. Não havia possibilidade de que Bond oferecesse qualquer incômodo. Não poderia levantar-se ou dar o necessário impulso aos seus punhos para causar qualquer mal às cabeças de seus adversários, utilizando as algemas. Se conseguisse abrir a porta e pular para a água, o que lograria com isso? Imediatamente eles sentiriam a brisa fresca, nas costas, e parariam a máquina para queimá-lo na água ou içá-lo novamente. Bond aborrecia-se em pensar que os homens pouco se preocupavam com ele, pois sabiam tê-lo completamente em seu poder. Também não gostou da idéia de que aqueles homens eram bastante inteligentes para saber que ele não representava nenhuma ameaça. Indivíduos mais estúpidos teriam ficado em cima deles, de revólver em punho, tê-los-iam surrado, a ele e à jovem, barbaramente, e talvez os tivessem deixado inconscientes. Aqueles dois conheciam o ofício. Eram profissionais, ou tinham sido treinados para o serem.

Os dois homens não falaram. Não houve nenhum comentário sobre o quão hábil eles tinham sido, ou quanto ao seu cansaço ou destino. Apenas dirigiam a máquina serenamente, ultimando com eficiência a sua tarefa.

Bond continuava sem a mínima idéia do que seria aquilo. Sob a tinta negra e dourada, assim como sob o resto daquela fantasia, a máquina parecia uma espécie de trator, como ele nunca vira. Não tinha conseguido descobrir nomes de marcas comerciais, nos pneumáticos, pois estivera muito escuro, mas certamente que deveriam ser de borracha sólida ou porosa. Atrás havia uma pequena roda para dar estabilidade ao conjunto. Uma espécie de barbatana de ferro fora

ainda acrescentada e pintada também de preto e ouro, a fim de ajudar a dar a aparência de dragão. Os altos pára-lamas tinham sofrido um prolongamento, na forma de curtas asas voltadas para trás. Uma comprida cabeça de dragão, feita em metal, fora fixada ao radiador e os faróis receberam pontos centrais negros, para parecerem olhos. Era tudo, sem falar da cabina que fora recoberta com uma cúpula blindada e dotada de um lança-chamas. Era, como pensara Bond, um trator preparado para assustar e queimar — embora não pudesse atinar porque estava dotado de um lança-chamas e não de uma metralhadora. Era, evidentemente, a única espécie de veículo que poderia percorrer a ilha. Suas gigantescas rodas podiam avançar sobre os mangues, pântanos e ainda atravessar o lago raso. Galgaria também os agrestes planaltos de coral e, desde que andasse à noite, o calor experimentado na cabina seria pelo menos tolerável.

Bond ficara impressionado. Impressionado pelo toque de profissionalismo. O Dr. No era sem dúvida um homem que se preocupava intensamente com as coisas. Em pouco iria encontrá-lo. E em breve estaria diante do segredo do Dr. No. Então, o que aconteceria? Bond sorriu amargamente. Sim, não o deixariam sair dali com o seu conhecimento. Certamente seria morto, a menos que pudesse fugir ou conseguir a sua liberdade por meios persuasivos. E o que aconteceria à jovem? Poderia êle provar sua inocência e conseguir com que ela fosse poupada? Possivelmente, mas nunca mais ela teria permissão para deixar a ilha. Ali teria de ficar para o resto da vida, como amante ou mulher de um dos homens, ou do próprio Dr. No, se ela o impressionasse.

Os pensamentos de Bond foram interrompidos por um trecho do percurso mais difícil, como se podia sentir pela trepidação. Tinham atravessado o lago e estavam no caminho que levava para o alto da montanha, junto às cabanas. A cabina vibrava e a máquina começou a galgar o terreno. Dentro de cinco minutos estariam lá.

O ajudante do motorista olhou por sobre o ombro para Bond e a jovem. Bond sorriu confiantemente para êle dizendo: Você receberá uma medalha por isso.

Os olhos amarelos e marrons olharam impassivelmente dentro dos dele, enquanto os lábios arroxeados e oleosos se fenderam num sorriso no qual havia um ódio repousado: Feche a boca, se... Depois, deu-lhe as costas.

A jovem tocou-o com o cotovelo e sussurrou: — Por que eles são tão rudes? Por que nos odeiam tanto?

Bond esboçou um sorriso e disse: — Acho que é porque lhes causamos medo. Talvez ainda estejam com medo, e isto porque não parecemos ter medo deles. Devemos mantê-los assim.

A jovem aconchegou-se a ele e disse: — Tentarei.

Agora a subida estava-se tornando mais íngreme. Uma luz azul-acinzentada atravessava as frestas da armadura. A madrugada se aproximava. Fora, em breve estaria começando mais um dia de calor abrasador, de execrável vento, carregado com o cheiro de gás dos pântanos. Bond pensou em Quarrel, o bravo gigante que não mais veria aquele dia, e com o qual eles deveriam agora estar caminhando através dos pauis de mangues. Quarrel tinha pressentido a morte, mas apesar disso tinha acompanhado Bond sem qualquer objeção. Sua fé em Bond tinha sido maior do que o seu medo. E Bond tinha-lhe faltado. Seria ele ainda o causador da morte da jovem?

O motorista esticou o braço em direção ao painel e na parte dianteira do veículo fêz-se ouvir o breve zunido de uma sirena de polícia, que foi desaparecendo num gemido fúnebre. Mais um minuto e o veículo parava, continuando o motor em regime neutro. O homem apertou um interruptor e tirou um microfone de um gancho, a seu lado. Falou por aquele microfone e Bond pôde ouvir a sua voz aumentada, do lado de fora, por um altofalante. — Tudo bem. Apanhamos o inglês e a garota. O outro homem morreu. Isso é tudo. Abram. — Bond ouviu que uma porta se deslocava para o lado, sobre rolagentos. O motorista embreou e eles avançaram lentamente para a frente, parando alguns metros adiante. O motorista desligou o motor. Ouviu-se o ruído metálico da tranca e a porta foi aberta pelo lado de fora. Uma lufada de ar fresco e uma luz mais brilhante penetraram na cabina. Várias mãos agarraram Bond e arrastaram-no para trás, até um chão

de cimento. Bond agora estava de pé e sentia o cano de um revólver encostado ao seu flanco. Uma voz disse: — Fique onde está. Nada de espertezas. — Bond olhou para o homem. Era mais um chinês negro, do mesmo tipo que os outros. Os olhos amarelos examinaram-no com curiosidade. Bond virou-se com indiferença. Outro homem estava cotucando a jovem com a arma. Bond disse asperamente: — Deixe a garota em paz! Em seguida, caminhou e pôs-se ao lado da jovem. Os dois homens pareceram surpresos. Deixaram-se ficar de pé, apontando as armas com hesitação.

Bond olhou à volta. Estavam numa das cabanas pré-fabricadas que ele vira do rio. Era ao mesmo tempo uma garagem e uma oficina. O “dragão” tinha sido colocado sobre um fosso de vistoria, no chão de concreto. Um motor de popa desmontado estava sobre uma das bancadas. Longos tubos de luz fluorescente estavam afixados ao teto e o ambiente estava impregnado do cheiro de óleo e fumaça de exaustor. O motorista e o seu companheiro examinavam a máquina. Em seguida deram alguns passos pelo galpão, como se andassem sem propósito.

Um dos guardas anunciou: — Enviei a mensagem. A ordem é que eles sejam levados. Foi tudo bem?

O ajudante de motorista, que parecia o homem mais responsável, ali presente, disse: — Sem dúvida. Alguns disparos. Os faróis foram partidos. Talvez haja alguns furos nos pneumáticos. Ponha os rapazes em ação — uma vistoria completa. Conduzirei esses dois e tirarei um cochilo. — E, voltando-se para Bond: — Bem, vamos andando — e indicou o caminho que saía do longo galpão.

Bond disse: — Vá andando você; e cuidado com os modos. Diga àqueles macacos que tirem as armas de cima de nós. Podem disparar por engano. Parecem bastante idiotas.

O homem se aproximou, e os outros os acompanharam logo atrás. O ódio brilhava em seus olhos. O chefe levantou o punho cerrado, tão grande quanto um pequeno malho e chegou-o à altura do nariz de Bond. Procurava controlar-se com esforço, e disse: — Ouça, senhor. Às vezes, nós, os rapazes, temos permissão para participar da festa final. Estou

rezando para que essa seja uma dessas vezes. Certa ocasião fizemos com que a coisa durasse toda uma semana. E se eu o pego...

Riu e os seus olhos brilharam com crueldade. Olhou para o lado de Bond, fixando a garota. Seus olhos pareciam transformados em bocas que agitavam os lábios. Enfiou as mãos nos bolsos laterais das calças. A ponta de sua língua mostrava-se muito vermelha, entre os lábios arroxeados. Voltando-se para os companheiros disse: — Que tal, rapazes?

Os três homens estavam olhando também para a jovem. Fizeram um sinal de assentimento, como crianças diante de uma árvore de Natal.

Bond desejou atirar-se como um louco sobre eles, golpeando as suas caras com os punhos algemados e aceitando a sua vingança sangrenta. Não fosse pela jovem, bem que o teria feito. Mas tudo o que tinha conseguido com suas corajosas palavras fora amedrontá-la. Disse apenas: — Muito bem, muito bem. Vocês são quatro e nós somos dois, ainda por cima com as mãos atadas. Vamos, não queremos atingi-los. Apenas não nos empurrem muito de um lado para outro. O Dr. No poderia não ficar satisfeito.

Àquele nome, os rostos dos homens se modificaram. Três pares de olhos passaram apàticamente de Bond para o chefe. Por um segundo, este olhou com desconfiança para Bond, intrigado, tentando descobrir se Bond teria alguma influência junto ao Dr. No. Sua boca abriu-se para dizer algo, mas logo pareceu pensar melhor, e apenas disse de maneira incerta: — Bem, bem, estávamos simplesmente brincando. — Voltou-se para os homens, em busca de confirmação: — Não é?

— Sem dúvida, sem dúvida! — foi a resposta dada por um coro áspere, e os homens desviaram o olhar.

O chefe disse com mau humor: — Por aqui, senhor. — E ele mesmo pôs-se a caminho, percorrendo o comprido galpão.

Bond segurou o pulso da jovem e seguiu o chefe. Estava impressionado com a reação causada naqueles homens pelo nome do Dr. No. Aquilo era alguma coisa a lembrar se

eles tivessem que se haver novamente com aquela turma.

O homem chegou a uma porta de madeira situada na extremidade do galpão. Ao lado havia um botão de campainha que êle pressionou duas vezes e esperou. Ouviu-se um estalido e a porta se abriu, mostrando dez metros de uma passagem rochosa, mas atapetada e que ia dar, na outra extremidade, em outra porta mais elegante e pintada de creme.

O homem ficou de lado. Siga em frente, senhor — disse; — bata na porta e será atendido pela recepcionista. — Não havia nenhuma ironia em sua voz e seus olhos se mostravam impassíveis.

Bond conduziu Honey pela passagem. Ouviu que a porta se fechava às suas costas. Deteve-se por um momento e fitou-a, perguntando-lhe: — E agora?

Ela riu, trêmula, mas respondeu: — Ê bom sentir-se tapete sob os pés.

Bond apertou o seu pulso. Andou até a porta pintada de creme e bateu.

A porta abriu-se e Bond entrou com a jovem ao lado. Quando se deteve instantaneamente, não chegou a perceber o encontrão que lhe dava a jovem, pois continuou estarrecido.

XIII

GAIOLA DE OURO

Era a espécie de sala de recepção que as maiores corporações norte-americanas possuem no andar em que se situa o escritório do presidente, em seus arranha-céus de Nova Iorque. Suas proporções eram agradáveis, com cerca de vinte pés quadrados. O chão era todo recoberto pelo mais espesso tapete Wilton côr-de-vinho. O teto e as paredes estavam pintados numa suave tonalidade cinza pombo. Viam-se ainda reproduções litográficas de esboços de balé de Degas penduradas em séries, nas paredes, e a iluminação era feita com altos e modernos jogos de abajures de seda verde-escuro, imitando a forma de elegantes barricas.

À direita de Bond estavam uma larga mesa de mogno,

com o tampo recoberto com couro verde, outras peças que se harmonizavam perfeitamente com a mesa, e um caro sistema de intercomunicações. Duas cadeiras altas, de antiquado, aguardavam os visitantes. Do outro lado da sala via-se uma mesa do tipo refeitório, sobre a qual estavam várias revistas com capas em cores vivas e mais duas cadeiras. Tanto na mesa de escritório, como na outra, viam-se vasos de hibiscos. O ar era fresco e impregnado de leve fragrância.

Duas mulheres estavam naquela sala. Por trás da mesa de trabalho, empunhando uma caneta que descansava sobre um formulário impresso, estava sentada uma jovem chinesa, de aspecto eficiente, com óculos de armação de chifre, sob uma franja de cabelos negros cortados curtos. Em seus olhos e em sua boca havia o sorriso padrão de boas-vindas que qualquer recepcionista exhibe — a um tempo claro, obsequioso e inquisitivo.

Ainda com a mão na maçaneta da porta pela qual eles tinham passado, e esperando que os recém-chegados se adiantassem mais, a fim de que ela a pudesse fechar, estava uma mulher mais velha, com aspecto de matrona, e que deveria ter cerca de quarenta e cinco anos. Era fácil ver-se que também tinha sangue chinês. Sua aparência, saudável, de farto busto, era viva e quase excessivamente graciosa. O seu “pince-nez” de lentes cortadas em quadrado brilhava com o desejo da recepcionista de os pôr à vontade.

Ambas as mulheres vestiam roupas imaculadamente alvas, com meias brancas e sapatos de camurça branca como costumam apresentar-se as auxiliares empregadas nos mais luxuosos salões de beleza norte-americanos. Havia um que de suave e pálido em suas peles, como se elas raramente saíssem para o ar-livre.

Bond observou o ambiente, enquanto a mulher junto à porta lhe dizia frases convencionais de boas-vindas, como se eles tivessem sido colhidos por uma tempestade o chegado com atraso a uma festa.

— Oh, coitados! Nós não sabíamos quando vocês iriam chegar. A todo momento nos diziam que vocês já estavam a caminho... primeiro à hora do chá, ontem, depois na hora

do jantar, e apenas há uma hora fomos informadas de que vocês chegariam à hora do desjejum. Devem estar com fome. Venham aqui e ajudem a irmã Rosa a preencher o formulário; depois eu os prepararei para a cama. Devem estar muito cansados.

Ela dizendo aquilo com voz doce e cacarejante, ao mesmo tempo que fechava a porta e os levava para junto da mesa e os fazia sentar nas cadeiras. Depois disse: — Bem, eu sou a irmã Lírio, e esta é a irmã Rosa. Ela irá fazer-lhes apenas algumas perguntas. Agora, aceitam um cigarro? — e pegou uma caixa de couro trabalhado que estava em cima da mesa. Abriu-a e pô-la diante deles. A caixa tinha três divisões, e a chinesinha explicou apontando com um dedo: “Esses são americanos, esses são ingleses e esses turcos.” Ela apanhou um luxuoso isqueiro de mesa e esperou.

Bond estendeu as mãos algemadas para tirar um cigarro turco.

A irmã Lírio deu um gritinho de espanto: — Oh, mas francamente. — Parecia sinceramente embaraçada. — Irmã Rosa, dê-me a chave, depressa. Já disse por várias vezes que os pacientes não devem ser trazidos dessa maneira. — Havia impaciência e aborrecimento em sua voz. — Francamente, aquela gente lá de fora! Já era tempo que eles fossem chamados à ordem.

A irmã Rosa estava tão embaraçada quanto a irmã Lírio. Rapidamente remexeu dentro de uma gaveta e entregou uma chave à irmã Lírio, que com muitas desculpas e cheia de dedos abriu os dois pares de algemas e, afastando-se para trás da mesa, deixou aquelas duas pulseiras de aço caírem dentro da cesta de papéis como se fossem ataduras sujas.

— Obrigado, — disse Bond, que não sabia como enfrentar aquela situação, a não ser procurando desempenhar um papel qualquer na comédia que se estava representando. Ele estendeu o braço, apanhou um cigarro e acendeu-o. Lançou um olhar para Honeyehile Rider, que parecia estonteada e nervosamente apertava com as mãos os braços de sua cadeira. Bond dirigiu-lhe um sorriso de conforto.

— Agora, por favor; — disse a irmã Rosa e inclinou-se

sobre um comprido formulário impresso em papel caro. — Prometo ser o mais rápida que puder. O seu nome, sr... sr...

— Bryce, John Bryce.

Ela escreveu a resposta com grande concentração. — Endereço permanente?

— Aos cuidados do Jardim Zoológico Real, Regents Park, Londres, Inglaterra.

— Profissão?

— Ornitologista.

— Oh, meu Deus!, poderia o senhor soletrar isso?

Bond atendeu-a.

— Muito obrigada. Agora, vejamos, objeto da viagem?

— Aves — respondeu Bond. — Sou também representante da Sociedade Audubon de Nova Iorque. Eles arrendaram parte desta ilha.

— Oh, sem dúvida. — Bond observou que a pena escrevia exatamente o que ele dizia. Depois da última palavra ela pôs um claro ponto de interrogação entre parênteses.

— E — a irmã Rosa sorriu polidamente em direção a Honeyehile — a sua esposa? Ela também está interessada em pássaros?

— Sim, sem dúvida.

— O seu primeiro nome?

— Honeyehile.

A irmã Rosa estava encantada. — Que nome lindo! — Ela voltou a escrever apressadamente. — E agora os parentes mais próximos de ambos, e estará tudo acabado.

Bond deu o verdadeiro nome de M como o parente mais próximo de ambos. Apresentou-o como “tio” e indicou o seu endereço como sendo “Diretor-Gerente, Exportadora Universal, Regents Park, Londres.”

A irmã Rosa acabou de escrever e disse: — Pronto, está tudo feito. Muito obrigada, sr. Bryce, e espero que ambos apreciem a permanência aqui.

— Muito obrigado. Estou certo de que apreciaremos. — Bond levantou-se e Honeyehile fez o mesmo, ainda com expressão vazia.

A irmã Lírio disse: — Agora, venham comigo, queridos.

— Ela caminhou até uma porta na parede distante e deteve-se com a mão na maçaneta talhada em vidro. — Oh, meu Deus, — disse —, não é que agora me esqueci do número de seus quartos? É o apartamento creme, não é, irmã?

— Isso mesmo. Catorze e quinze.

— Obrigada, querida. E agora — ela abriu a porta — se vocês quiserem me seguir... Receio que seja uma caminhada um pouco longa. — Fechou a porta, por trás deles, e pôs-se à frente, indicando o caminho. — O Doutor tem falado várias vezes em instalar uma dessas escadas rolantes, ou algo de parecido, mas sabem como são os homens ocupados: — Ela riu alegremente. — Ele tem tantas outras coisas em que pensar!

— Sim, acredito, — disse Bond polidamente.

Bond tomou a mão da jovem e seguiram ambos a maternal e agitada chinesa através de cem metros de um alto corredor, do mesmo estilo da sala de recepção, mas que era iluminado a freqüentes intervalos por caros tubos luminosos fixados às paredes.

Bond respondia com polidos monossílabos aos comentários ocasionais que a irmã Lírio lhe lançava por sobre os ombros. Toda a sua mente se concentrava nas extraordinárias circunstâncias de sua recepção. Tinha certeza de que aquelas duas mulheres tinham sido sinceras. Nenhum só olhar ou palavra conseguira registrar que estivesse fora de propósito. Evidentemente aquilo era alguma espécie de fachada, mas de qualquer forma uma fachada sólida, meticulosamente apoiada pelo cenário e pelo elenco. A ausência de ressonância, na sala, e agora no corredor, estava a indicar que eles tinham deixado o galpão pré-fabricado para se internarem no flanco da montanha e agora estavam atravessando a sua base. Segundo o seu palpite estavam mesmo andando em direção oeste — em direção à penedia na qual terminava a ilha. Não havia umidade nas paredes e o ar parecia fresco e puro, com uma brisa a afagá-los. Muito dinheiro e uma bela realização de engenharia tinham sido os responsáveis por aquilo. A palidez das duas mulheres estava a sugerir que passavam a maior parte do tempo internadas no âmago da

montanha. Do que a irmã dissera, parecia que elas faziam parte de um grupo de funcionários internos que nada tinham a ver com o destacamento de choque do exterior, e que talvez não soubessem a espécie de homens que eles eram.

Aquilo era grotesco, concluiu Bond ao se aproximar de uma porta, na extremidade do corredor, perigosamente grotesco, mas em nada adiantava pensar nisso no momento. Êle apenas podia seguir o papel que lhe tinha sido destinado. Pelo menos, aquilo era melhor do que os bastidores, na arena exterior da ilha.

Junto à porta, a irmã Lirio fêz soar uma campainha. Já eram esperados e a porta abriu-se imediatamente. Uma encantadora jovem chinesa, de quimono lilás e branco, ficou a sorrir e a curvar-se, como se deve esperar que o façam as jovens chinesas. E, mais uma vez só havia calor e um sentimento de boas-vindas naquele rosto pálido como uma flor. A irmã Lirio exclamou: — Aqui estão eles, finalmente, May! São o senhor e a senhora John Bryce. E sei que ambos devem estar exaustos, por isso devemos levá-los imediatamente aos seus aposentos, para que possam repousar e dormir. — Voltando-se para Bond: — Esta é May, muito boazinha. Ela tratará de ambos. Qualquer coisa que queiram é só tocar a campainha que May atenderá. É uma espécie de favorita de todos os nossos hóspedes.

Hóspedes!, pensou Bond. Essa é a segunda vez que ela usa a palavra. Sorriu polidamente para a jovem, e disse;

— Muito prazer; sim, certamente que gostaríamos de ir para os nossos aposentos.

May envolveu-os num cáldo sorriso, e disse em voz baixa e atraente: — Espero que ambos se sintam bem, sr. Bryce. Tomei a liberdade de mandar vir uma refeição assim que soube que os senhores iam chegar. Vamos... ? — Corredores saíam para a esquerda e a direita de portas duplas de elevadores, instalados na parede oposta. A jovem adiantou-se, caminhando na frente, para a direita, logo seguida de Bond e Honeyhile, que tinham atrás a irmã Lirio.

Ao longo do corredor, dos dois lados, viam-se portas numeradas. A decoração era feita no mais pálido côr-de-rosa,

com um tapete cinza-pombo. Os números nas portas eram superiores a dez. O corredor terminava abruptamente, com duas portas, uma em frente a outra, com a numeração catorze e quinze. A irmã May abriu a porta catorze e o casal a seguiu, entrando na peça.

Era um lindo quarto de casal, em moderno estilo Miami, com paredes verde-escuro, chão encerado de mogno escuro, com um ou outro espesso tapete branco e bem desenhado mobiliário de bambu com um tecido “chintz” de grandes rosas vermelhas sobre fundo branco. Havia uma porta de comunicação para um quarto de vestir masculino e outra que dava para um banheiro moderno e extremamente luxuoso, com uma banheira de descida e um bidê.

Era como se tivessem sido introduzidos num apartamento do mais moderno hotel da Flórida, com exceção de dois detalhes que não passaram despercebidos a Bond. Não havia janelas e nenhuma maçaneta interior nas portas.

May olhou com expressão de expectativa, de um para o outro.

Bond voltou-se para Honeyehile e sorriu-lhe: — Parece muito confortável, não acha, querida?

A jovem brincava com a barra da saia e fez um sinal de assentimento sem olhar para Bond.

Ouviu-se uma tímida batida na porta e outra jovem, tão linda quanto May, entrou carregando uma bandeja que se equilibrava sobre as palmas das mãos. A jovem descansou a bandeja sobre a mesa do centro e puxou duas cadeiras. Retirou a toalha de linho imaculadamente limpa e saiu. Sentiu-se um delicioso cheiro de fiambre e café.

May e a irmã Lírio também se encaminharam para a porta. A mulher mais idosa se deteve por um instante e disse: — E agora nós os deixaremos em paz. Se desejarem alguma coisa, basta tocar a campainha. Os interruptores estão ao lado da cama. Ah, outra coisa, poderão encontrar roupa limpa nos aparadores. Receio que sejam apenas de estilo chinês, — acrescentou, como a desculpar-se —, mas espero que os tamanhos satisfaçam. A rouparia só recebeu as medidas ontem à noite. O Dr. deu ordens severas para que os senhores

não fossem perturbados. Ficarão encantado se puderem reunir-se a êle, esta noite, para o jantar. Deseja, entretanto, que tenham todo o resto do dia à vontade, a fim de que melhor se ambientem, compreendem? — Fêz uma pausa e olhou para um e para outro, com um sorriso indagador. — Posso dizer que os senhores ... ?

— Sim, por favor, — disse Bond. — Pode dizer ao Dr, que teremos muito prazer em jantar com êle.

— Oh, sei que ficará contente. — Com uma derradeira mesura, as duas chinesas se retiraram e fecharam a porta.

Bond voltou-se para Honeyhile, que parecia embaraçada e ainda evitava os seus olhos. Ocorreu então a Bond que talvez jamais tivesse ela tido um tratamento tão cortês ou visto tanto luxo em sua vida. Para ela, tudo aquilo devia ser muito mais estranho e aterrorizador do que o que tinham passado ao lado de fora. Ela continuou na mesma posição, brincando com a barra da saia. Podiam-se notar vestígios de suor seco, sal e poeira em seu rosto. Suas pernas nuas estavam sujas e Bond observou que os dedos de seus pés se moviam, suavemente, ao pisarem nervosamente o maravilhoso e espesso tapete.

Bond riu. Riu com gosto ao pensamento de que os temores da jovem tivessem sido abafados pelas preocupações de etiqueta e comportamento, e riu-se também da figura que ambos faziam — ela em farrapos e êle com a suja camisa azul, as calças pretas e os sapatos de lona enlameados.

Aproximou-se dela e segurou-lhe mãos. Estavam frias. Disse: — Honey, somos um par de espantalhos, mas ha apenas um problema básico. Devemos tomar o nosso desjejum primeiro, enquanto está quente, ou tiraremos antes esses farrapos e tomaremos um banho, tomando a nossa refeição fria? Não se preocupe com mais nada. Estamos aqui nessa maravilhosa casinha e isto é tudo o que importa. O que faremos, então?

Ela sorriu hesitante. Seus olhos azuis fixavam-se no rosto dele, na ânsia de obter segurança. Depois disse: — Você não está preocupado com o que nos possa acontecer? — Fêz um sinal para o quarto e acrescentou: — Não acha que tudo

isso pode ser uma armadilha?

— Se se trata de uma armadilha, já caímos nela. Agora nada mais podemos fazer senão comer a isca. A única questão que subsiste é a de saber se a comeremos quente ou fria. — Apertou-lhe as mãos e continuou: — Seriadamente, Honey. Deixe as preocupações comigo. Pense apenas onde estávamos apenas há uma hora. Isso aqui não é melhor? Agora, decidamos a única coisa realmente importante. Banho ou desjejum?

Ela respondeu com relutância: — Bem, se você acha... Quero dizer — preferiria antes lavar-me. — Mas logo acrescentou: — Você terá que ajudar-me. — E sacudiu a cabeça em direção ao banheiro, dizendo: Não sei como mexer numa coisa dessas. Como é que se faz?

Bond respondeu com toda seriedade: — É muito fácil. Vou preparar tudo para você. Enquanto você estiver tomando o seu banho tomarei o meu desjejum. Ao mesmo tempo tratarei de fazer com que o seu não esfrie.

Bond aproximou-se de um dos armários embutidos e abriu a porta. No interior havia uma meia dúzia de quimonos, alguns de seda e outros de linho. Apanhou um de linho, ao acaso. Depois, voltando-se para ela, disse: — Tire suas roupas e meta-se nisso aqui, enquanto preparo o seu banho. Mais tarde você escolherá as coisas que preferir, para a cama e para o jantar.

Ela respondeu com gratidão: — Oh, sim, James. Se você apenas me mostrasse... — E logo começou a desabotoar a saia.

Bond pensou em tomá-la nos braços e beijá-la, mas, ao invés disso, disse abruptamente: — ótimo, Honey — e, adiantando-se para o banheiro, abriu as torneiras.

Havia de tudo naquele banheiro: essência para banhos Floris Lime, para homens, e pastilhas de Guarlain para o banho de senhoras. Esfarelou uma pastilha na água e imediatamente o banheiro perfumou-se como uma loja de orquídeas. O sabonete era o Sapoceti de Guarlain “Fleurs des Alpes”. Num pequeno armário de remédios, atrás de um espelho, em cima da pia, podiam-se encontrar tubos de pasta, escovas de

dente e ‘palitos “Steradent”, água “Rose” para lavagem bucal, aspirina e leite de magnésia. Havia também um aparelho de barbear elétrico, loção “Lentheric” para barba, e duas escovas de náilon para cabelos e pentes. Tudo era novo e ainda não tinha sido tocado.

Bond olhou para o seu rosto sujo e sem barbear, no espelho, e riu sardônicamente para os próprios olhos, cinzentos, de pária queimado pelo sol. O revestimento da pílula certamente que era do melhor açúcar. Seria inteligente esperar que o remédio, no interior daquela pílula, fosse dos mais amargos.

Tocou a água, com a mão, a fim de sentir a temperatura. Talvez estivesse muito quente para quem jamais tinha tomado antes um banho quente. Deixou então que corresse um pouco mais de água fria. Ao inclinar-se, sentiu que dois braços lhe eram passados em torno do pescoço. Endireitou-se. Aquele corpo dourado resplandecia no banheiro todo revestido de ladrilhos brancos. Ela beijou-o impetuosamente nos lábios. Ele passou-lhe os braços à volta da cintura e esmagou-a de encontro a seu corpo, com o coração aos pulos. Ela disse sem fôlego, ao seu ouvido: — Achei estranhas as roupas chinasas, mas de qualquer maneira você disse à mulher que nós éramos casados.

Uma das mãos de Bond estava pousada sobre o seu seio esquerdo, cujo mamilo estava completamente endurecido pela paixão. O ventre da jovem se comprimia contra o seu. Por que não? Por que não? Não seja tolo! Este é um momento louco para isso. Vocês dois estão diante de um perigo mortal. Você deve continuar frio como gelo, para ter alguma possibilidade de se livrar dessa enrascada. Mais tarde! Mais tarde! Não seja fraco.

Bond retirou a mão do seio dela e espalmou-a à volta de seu pescoço. Esfregou o rosto de encontro ao dela e depois aproximou a boca da boca da jovem e deu-lhe um prolongado beijo.

Afastou-se depois e manteve-a à distância de um braço. Por um momento ambos se olharam, com os olhos brilhando de desejo. Ela respirava ofegantemente, com os lábios entrea-

bertos, de modo que êle podia ver-lhe o brilho dos dentes. Êle disse com a voz trêmula: — Honey, entre no banho antes que eu lhe dê uma surra.

Ela sorriu e sem nada dizer entrou na banheira e deitou-se em todo seu comprimento. Do fundo da banheira ergueu os olhos para êle. Os cabelos louros, em seu corpo, brilhavam como moedas de ouro. Ela disse provocadoramente: — Você tem que me esfregar. Não sei como devo fazer, e você terá que mostrar-me.

Bond respondeu desesperadamente: — Cale a boca, Honey, e deixe de namoros. Apanhe a esponja, o sabonete e comece logo a se esfregar. Que diabo! Isso não é o momento de se fazer amor. Vou tomar o meu desjejum. — Esticou a mão para a porta e segurou na maçaneta. Ela disse docemente: — James! — Êle olhou para trás e viu que ela lhe fazia uma careta, com a língua de fora. Retribuiu com uma careta selvagem e bateu a porta com força.

Em seguida, Bond dirigiu-se para o quarto de vestir e deixou-se ficar durante algum tempo, de pé, no centro da peça, esperando que as batidas de seu coração se acalmassem. Esfregou as mãos no rosto e sacudiu a cabeça, procurando esquecê-la.

Para clarear a mente, percorreu ainda cuidadosamente as duas peças, procurando saídas, possíveis armas, microfones, qualquer coisa enfim que lhe aumentasse o conhecimento da situação em que se achava. Nada disso, entretanto, pôde encontrar. Na parede havia um relógio elétrico que marcava oito e meia e uma série de botões de campainhas, ao lado da cama de casal. Esses botões traziam a indicação de “Sala de serviço”, “cabeleireiro”, “manicure”, “empregada”. Não havia telefone. Bem no alto, a um canto de ambas as peças, viam-se as grades de um pequeno ventilador. Cada uma dessas grades era de dois pés quadrados. Tudo inútil. As portas pareciam ser feitas de algum metal leve, pintadas para combinarem com as paredes. Bond jogou todo o peso de seu corpo contra uma delas, mas ela não cedeu um só milímetro. Bond esfregou o ombro. Aquele lugar era uma verdadeira prisão. Não adiantava discutir a situação. A armadilha tinha-se

fechado hermêticamente sobre eles. Agora, a única coisa que restava aos ratos era tirarem o melhor proveito possível da isca de queijo.

Bond sentou-se à mesa do desjejum, sobre a qual estava uma grande jarra com suco de abacaxi, metida num pequeno balde de prata cheio de cubos de gelo. Serviu-se rapidamente e levantou a tampa de uma travessa. Ali estavam ovos mexidos sobre torradas, quatro fatias de toucinho defumado, um rim grelhado e o que parecia quatro salsichas inglesas de carne de porco. Havia também duas torradas quentes, pãezinhos conservados quentes dentro de guardanapos, geléia de laranja e morango e mel. O café estava quase fervendo numa grande garrafa térmica, e o creme exalava um odor fresco e agradável.

Do banheiro vinham as notas da canção “Marion” que a jovem estava cantarolando. Bond resolveu não dar ouvidos à cantoria e concentrou-se nos ovos.

Dez minutos depois, Bond ouviu que a porta do banheiro se abria. Descansou uma torrada que tinha numa das mãos e cobriu os olhos com a outra. Ela riu e disse: — Ele é um covarde. Tem medo de uma simples jovem. — Em seguida Bond ouviu-a a remexer nos armários. Ela continuava falando, em parte consigo mesma: — Não sei porque ele está assustado. Naturalmente que se eu lutasse com ele facilmente o dominaria. Talvez esteja com medo disso. Talvez não seja realmente muito forte, embora seus braços e peito pareçam bastante rijos. Contudo, ainda não vi o resto. Talvez seja fraco. Sim, deve ser isso. Essa é a razão pela qual não ousa despir-se na minha frente. Hum, agora vamos ver, será que ele gostaria de mim com essas roupas? — Ela elevou a voz: — Querido James, você gostaria de me ver de branco, com pássaros azul-pálido esvoaçando sobre o meu corpo?

— Sim, bolas! Agora acabe com essa conversa e venha comer. Estou começando a sentir sono.

Ela soltou uma exclamação: — Oh, se você quer dizer que já está na hora de irmos para a cama, naturalmente que me apressarei.

Ouviu-se uma agitação de passos apressados e Bond

logo a via sentar-se diante de si. Ele deixou cair as mãos e ela sorriu-lhe. Estava linda. Seu cabelo estava escovado e penteado de um dos lados caindo sobre o rosto, e do outro com as madeixas puxadas para trás da orelha. Sua pele brilhava de frescura e os grandes olhos azuis resplandeciam de felicidade. Agora Bond estava gostando daquele nariz quebrado. Tinha-se tornado parte de seus pensamentos relativamente a ela, e subitamente lhe ocorreu perguntar-se por que estaria ele triste quando ela era tão imaculadamente bela quanto tantas outras lindas jovens. Sentou-se circunspectamente, com as mãos no colo, e a metade dos seios aparecendo na abertura do quimono.

Bond disse severamente: — Agora, ouça, Honey. Você está maravilhosa, mas esta não é a maneira de usar-se um quimono. Feche-o no corpo, prenda-o bem e deixe de tentar parecer uma prostituta. Isso simplesmente não são bons modos à mesa.

— Oh, você não passa de um boneco idiota. — E ajustou o quimono, fechando-o um pouco, em uma ou duas polegadas. — Por que você não gosta de brincar? Gostaria de brincar de estar casada.

— Não à hora do desjejum — respondeu Bond com firmeza. — Vamos, coma logo. Está delicioso. De qualquer maneira estou muito sujo, e agora vou fazer a barba e tomar um banho. — Levantou-se, deu volta à mesa e beijou-lhe o alto da cabeça. — E quanto a essa história de brincar, como você diz, gostaria mais de brincar com você do que com qualquer outra pessoa do mundo. Mas não agora. — Sem esperar pela resposta, dirigiu-se ao banheiro e fechou a porta.

Bond barbeou-se e tomou um banho de chuveiro. Sentia-se desesperadamente sonolento. O sono chegava-lhe, de modo que de quando em quando tinha que interromper o que fazia e inclinar a cabeça, repousando-a entre os joelhos. Quando começou a escovar os dentes, o seu estado era tal que mal podia fazê-lo. Estava começando a reconhecer os sintomas. Tinha sido narcotizado. A coisa teria sido posta no suco de abacaxi ou no café? Este era um detalhe sem importância. Aliás, nada tinha importância. Tudo o que queria fazer era es-

tender-se naquele chão de ladrilhos e fechar os olhos. Assim mesmo, dirigiu-se cambaleante para a porta, esquecendo-se de que estava nu. Isso também pouca importância tinha. A jovem já tinha terminado a refeição e agora estava na cama. Continuou trôpego, até ela, segurando-se nos móveis. O quimono tinha sido abandonado no chão e ela dormia pesadamente, completamente nua, sob um simples lençol.

Bond olhou para o travesseiro, ao lado da jovem. Não! Procurou o interruptor e apagou as luzes. Agora teve que se arrastar pelo chão até chegar ao seu quarto. Chegou até junto de sua cama e atirou-se nela. Com grande esforço conseguiu ainda esticar o braço, tocar o interruptor e tentar apagar a lâmpada do criado-mudo. Mas não o conseguiu: sua mão deslizou, atirou o abajur ao chão e a lâmpada espatifou-se. Com um derradeiro esforço, Bond virou-se ainda no leito e adormeceu profundamente.

Os números luminosos do relógio elétrico, no quarto de casal, anunciavam nove e meia.

Às dez horas, a porta do quarto abriu-se suavemente. Um vulto muito alto e magro destacava-se na luz do corredor. Era um homem. Talvez tivesse dois metros de altura. Permaneceu no limiar da porta, com os braços cruzados, ouvindo. Dando-se por satisfeito, caminhou vagarosamente pelo quarto e aproximou-se da cama. Conhecia perfeitamente o caminho. Curvou-se sobre o leito e ouviu a serena respiração da jovem. Depois de um momento, tocou em seu próprio peito e acionou um interruptor. Imediatamente um amplo feixe de luz difusa projetou-se na cama. O farolete estava preso ao corpo do homem por meio de um cinto que o fixava à altura do esterno.

Inclinou-se novamente para a frente, de modo que a luz clareou o rosto da jovem.

O intruso examinou aquele rosto durante alguns minutos. Uma de suas mãos avançou, apanhou a orla do lençol, à altura do queixo da jovem, e puxou-o lentamente até os pés da cama. Mas a mão que puxara aquele lençol não era u'a mão. Era um par de pinças de aço muito bem articuladas na extremidade de uma espécie de talo metálico que desaparecia

dentro de uma manga de seda negra. Era u'a mão mecânica.

O homem contemplou durante longo tempo aquele corpo nu, deslocando o seu peito de um lado para outro, de modo que todo o leito fosse submetido ao feixe luminoso. Depois, a garra saiu novamente de sob aquela manga e delicadamente levantou a ponta do lençol, puxando-o dos pés da cama até recobrir todo o corpo da jovem. O homem demorou-se ainda por um momento a contemplar o rosto adormecido, depois apagou o farolete e atravessou silenciosamente o quarto em direção à porta aberta, além da qual estava Bond dormindo.

O homem demorou-se mais tempo ao lado do leito de Bond. Perscrutou cada linha, cada sombra do rosto moreno e quase cruel que jazia quase sem vida, sobre o travesseiro. Observou a circulação à altura do pescoço e contou-lhe as batidas; depois, quando puxou o lençol para baixo, fez o mesmo na área do coração. Estudou a curva dos músculos, nos braços de Bond e nas coxas, e considerou pensativo a força oculta no ventre musculoso de Bond. Chegou até mesmo a curvar-se sobre a mão direita de Bond, estudando-lhe cuidadosamente as linhas da vida e do destino.

Por fim, com grande cuidado, a pinça de aço puxou novamente o lençol, desta vez para cobrir o corpo de Bond até o pescoço. Por mais um minuto o elevado vulto permaneceu ao lado do homem adormecido, depois se retirou rapidamente, ganhando o corredor, enquanto a porta se fechava com um estalido metálico e seco.

XIV ENCONTRO COM O DR. NO

O relógio elétrico, no salão escuro e fresco, enterrado no coração da montanha, mostrava que eram quatro horas e trinta minutos.

Do lado de fora da mantanha, Crab Key tinha transpirado mais um dia e mais um dia de mau cheiro tinha passado. Na extremidade oriental da ilha, os bandos de aves, dentre as quais se destacavam as garças da Luisiânia, os pelicanos, narcejas, pequenas garças, flamingos e espátulas, continu-

avam construindo os seus ninhos ou pescando nas águas rasas do lago. A maior parte das aves tinha sido tão incomodada durante aquele ano, que não tentaria mais construir os seus ninhos. Nos últimos meses eles tinham sido atacados a intervalos regulares pelo monstro que aparecia durante a noite para destruir os seus ninhos e abrigos. Este ano, muitas daquelas aves não teriam cria. Haveria ainda algumas tentativas migratórias e muitas aves morreriam em consequência da histeria nervosa que se apodera das colônias de aves quando não podem mais ter paz e isolamento.

Na outra extremidade da ilha, no campo de guano que dava à colina a sua aparência de cimo encoberto pela neve, o enorme bando de corvos marinhos tinha passado mais um dia empaturrando-se com peixe e pagando, em troca, o seu dízimo de trinta e três gramas de precioso adubo ao seu senhor e protetor. Nada tinha interferido com a sua estação de procriação. Agora eles estavam ruidosamente ocupados com as pilhas de gravetos sujos que iriam servir de material para a construção de seus ninhos — com cada pilha disposta a sessenta centímetros da mais próxima, pois os corvos marinhos são aves muito briguentas e esta é a distância mínima capaz de assegurar a paz na colônia. Em breve as fêmeas estariam pondo os três ovos, dos quais a população avícola de seu senhor seria acrescida de pelo menos dois filhotes.

Abaixo do pico, onde tinha sido iniciada a escavação, uma centena mais ou menos de negros e mulheres, que constituiriam a força de trabalho operacional, estava-se aproximando de seu período de trabalho diurno. Outros cinco metros cúbicos de guano tinham sido escavados no flanco da montanha, e mais vinte metros de terraplenagem tinham sido acrescentados ao nível da extração. Mais abaixo, o flanco da montanha parecia recoberto de terraços de vinhas, como na Itália setentrional, embora aqui não existam vinhas, mas apenas profundos terraços escavados no flanco da montanha. E aqui, ao invés do mau cheiro do gás dos pântanos, que se estendia a toda a ilha, havia um forte cheiro de amoníaco, e o terrível vento quente que mantinha as escavações secas soprava aquela poeira marrom esbranquiçada, recentemente

extraída, para os olhos, orelhas e narizes dos sapadores. Mas os trabalhadores estavam acostumados com aquele cheiro e com aquela poeira, e assim o trabalho era considerado fácil e saudável. Não tinham queixas.

A última vagoneta de ferro pôs-se em movimento sobre os trilhos “Decauville” que desciam da montanha em direção à instalação de moagem e separação. Ouviu-se um apito e os trabalhadores puseram as picaretas no ombro e começaram a descer vagarosamente em direção aos barracões préfabricados, que constituíam os seus alojamentos.

No dia seguinte, do outro lado da montanha, o navio, que mensalmente aportava àquelas paragens, aproximar-se-ia do cais de águas profundas, que aqueles mesmos trabalhadores tinham ajudado a construir, há dez anos, mas que desde então jamais tinham visto. A chegada daquele navio significava sempre o recebimento de abastecimentos frescos, novas mercadorias e bijuterias na cantina dos trabalhadores. Seria também um feriado. Haveria dança, rum e algumas brigas. A vida era boa.

A vida era boa também para os chefes da turma exterior — todos chineses negros como os agentes que tinham dado caça a Bond, a Quarrel e à jovem. Eles também interrompiam o seu trabalho na garagem, nas oficinas e nos postos de vigia, passando-se para os recintos dos “oficiais”. A não ser certas tarefas de vigilância e certas necessidades de carregamento, o dia seguinte seria um feriado para a maioria daqueles homens. Teriam também as suas bebidas, suas danças e mais uma batelada mensal de garotas “de dentro”. Alguns “casamentos” no último lote continuariam por mais alguns meses ou semanas, conforme o gosto dos “maridos”, mas para os outros haveria uma nova oferta. Encontrar-se-iam ainda algumas das jovens mais velhas, que já tinham tido os seus filhos na creche, e estavam voltando para uma nova temporada de trabalho “fora”, assim como uma ou outra jovem que tinha acabado de chegar à maturidade sexual e que “vinha para fora” pela primeira vez. Com relação a estas últimas, verificar-se-iam algumas lutas, e possivelmente algum sangue seria derramado, mas, por fim, o recinto dos

“oficiais” se aquietaria durante mais um período de um mês, retomando a sua vida comunal, com cada “oficial” dispondo de uma mulher para satisfazer as suas necessidades.

No âmago do coração fresco da montanha, muito abaixo da vida disciplinada que se desenrolava na superfície, Bond despertou em sua confortável cama. A luz no quarto da garota estava acesa e ele podia ouvir que ela estava andando. Bond atirou os pés para o chão e, evitando os fragmentos de vidro provenientes da lâmpada quebrada, dirigiu-se silenciosamente para o armário das roupas e vestiu o primeiro quimono que lhe caiu nas mãos. Depois, foi até a porta. Honey tinha posto uma pilha de quimonos sobre a cama e estava experimentando um por um diante do espelho. Naquele momento ela vestia um muito elegante, de seda azul-celeste, que parecia maravilhoso naquele fundo dourado que era a sua pele. Bond disse-lhe: — Este está bem.

Ela deu meia volta e levou a mão à boca. Em seguida baixou-a e disse: — Ah, era você! — Sorriu para ele: — Pensei que você nunca mais acordasse. Fui olhá-lo várias vezes e já tinha decidido acordá-lo às cinco horas. São quatro e meia e eu estou esfaimada. Você poderá pedir alguma coisa para nós?

— Sem dúvida. — Bond aproximou-se de sua cama. Ao passar por ela, enlaçou-a com o braço e arrastou-a consigo. Examinou os botões das campainhas e apertou o que tinha a tabuleta: “Sala de serviço”. Depois acrescentou: — E quando aos outros? Por que não havemos de receber cuidados completos?

Ela riu com galhofa: — Mas o que é uma manicura?

— Alguém que trata de suas unhas. Devemos apresentar a nossa melhor aparência ao Dr. No. — No fundo da mente de Bond estava a preocupação de se apossar de alguma espécie de arma — um par de tesouras seria melhor do que nada. Qualquer coisa serviria.

Apertou mais dois botões. Em seguida deixou-a desprender-se de seus braços e correu os olhos pelo quarto. Alguém tinha entrado enquanto dormiam e retirara o serviço do desjejum. Havia um bandeja de bebidas, num aparador,

junto à parede. Bond aproximou-se daquela peça e examinou-a. Tinha de tudo. Entre as garrafas estavam dois cardápios. Aqueles cardápios poderiam ter saído do restaurante do Savoy, de “21” ou do “Tour d’Ar-gent”. Bond percorreu com os olhos uma daquelas listas. Começava com “Caviar double de Beluga” e terminava com “Sorbet au Champagne”. Entre aqueles dois fechos de prata e ouro estavam todos os pratos cujos elementos constitutivos não eram afetados pelo processo de rápido congelamento. Bond lançou-o novamente sobre a bandeja. Certamente que não se poderia reclamar a qualidade do queijo utilizado na armadilha!

Ouviu-se uma batida na porta e a sofisticada May entrou, seguida por outras duas belas jovens chinesas. Bond dispensou bruscamente as suas amabilidades, pediu chá e torradas com manteiga para Honeychile e disse-lhes que tratassem das unhas e dos cabelos da jovem. Depois foi ao banheiro, tomou duas aspirinas e um banho frio de chuveiro. Tornou a vestir o quimono, julgou-se com uma aparência de idiota e voltou para o quarto. May, sorridente, perguntou-lhe se queria escolher o que gostaria de ter no jantar para si e para a sra. Bryce. Sem entusiasmo, Bond pediu caviar, costeletas grelhadas de carneiro e salada e ostras com toucinho frito. Quando Honeychile se recusou a fazer sugestões, escolheu para ela melão, frango assado à inglesa e sorvete de vanilina com creme de chocolate.

May fez o seu sorriso de covinhas, que significava entusiasmo e aprovação. — O Doutor pergunta se sete horas e quarenta e cinco minutos será uma hora conveniente — disse.

Bond aquiesceu lacônicamente.

— Muito obrigada, sr. Bryce. Virei chamá-lo às sete e quarenta e quatro.

Bond encaminhou-se para onde Honeychile estava sendo atendida, na penteadeira, e ficou observando os operosos e delicados dedos ocupados em tratar dos cabelos e das unhas da jovem. Ela sorriu para ele excitadamente, pelo espelho. Ele disse com mau humor: — Não permita que elas a deixem muito parecida com uma macaca. — Depois encaminhou-se

para a bandeja de bebidas. Serviu-se de um forte Bourbon com soda e levou o copo para o seu quarto. Sua intenção de se apoderar de uma arma ainda não se concretizara. As limas e tesouras estavam presas por uma corrente à cintura da manicura, da mesma forma que a tesoura da penteadora. Bond sentou-se em sua cama desfeita e absorveu-se em sombrias reflexões.

As mulheres se retiraram. A jovem olhou-o, mas quando sentiu que ele não levantaria a cabeça, voltou para o seu quarto e o deixou sozinho. Depois de algum tempo, entretanto, Bond entrou no quarto dela para apanhar mais um copo de bebida. Disse negligentemente: — Honey, você está maravilhosa! — Depois, olhou para o relógio da parede e voltou para beber mais um copo e pôr mais um daqueles ridículos quimonos, desta vez um todo negro.

Passados alguns minutos ouviu-se novamente a delicada batida na porta e os dois deixaram silenciosamente o quarto, ganhando o corredor. May parou diante do elevador, cujas portas tinham sido mantidas abertas por outra chinesa atenciosa. Ambos entraram e as portas se fecharam. Bond observou que aquele elevador era da marca “Waygood Otis”. Com efeito, tudo naquela prisão era luxuoso. Bond teve um estremecimento de desgosto. A reação da jovem não lhe passou despercebida, e voltando-se para ela disse: — Desculpe-me, Honey; estou com um pouco de dor de cabeça. — Não quis confessar-lhe que toda aquela luxuosa encenação estava começando a dar-lhe nos nervos; que não tinha a mínima idéia do que tudo aquilo poderia representar; que sabia que aquilo só poderia ser um mau augúrio; e que, finalmente, não tinha uma sombra de plano capaz de tirá-los daquela situação. E isso era o pior. Com efeito, nada deixava Bond mais deprimido do que saber que não tinha podido arquitetar a mínima linha de ataque ou defesa.

A jovem se aproximou dele, e disse: — Desculpe-me, James. Espero que isso passe. Você não está zangado comigo por alguma coisa?

Bond conseguiu esboçar um sorriso e responder: — Não; querida. Estou apenas aborrecido comigo mesmo. — De-

pois, abaixando a voz: — Agora, a respeito desta noite: deixe a falação comigo. Seja natural e não se preocupe com o Dr. No. Ele pode ser meio louco.

Ela fêz um sinal de solene aquiescência: — Farei tudo o que puder.

O elevador parou, sem que Bond tivesse a mínima idéia da distância que tinham percorrido — talvez cem pés, talvez duzentos? As portas automáticas se abriram e Bond, juntamente com a jovem, saiu para uma ampla sala.

A peça estava vazia. Tinha um teto muito alto, cerca de sessenta pés de comprimento, e três das paredes cobertas por prateleiras de livros até o teto. A um primeiro olhar, a quarta parede parecia feita de vidro azul muito escuro. A sala parecia ser uma combinação de estúdio e biblioteca. Havia ainda a um canto um grande mesa coberta de papéis em desordem, e uma mesa central com revistas e jornais. Espalhadas em vários pontos, encontravam-se também confortáveis poltronas, como se vêem nos clubes, forradas de couro vermelho. O tapete era verde escuro, e a iluminação, de lâmpadas comuns, era velada. A única particularidade estranha estava na bandeja de bebidas e no aparador lateral, que estavam encostados no meio da longa parede de vidro, enquanto cadeiras e mesas avulsas, com cinzeiros, estavam dispostas em semicírculo à volta dela, de modo que a sala parecia ter como centro aquela parede vazia.

Os olhos de Bond perceberam um movimento naquele vidro escuro. Atravessou a sala e aproximou-se daquela parede. Um grupo de pequeninos peixes, perseguidos por um grande peixe, desapareceu naquele abismo azul escuro, como se tivessem desaparecido da superfície de uma tela. Que era aquilo? Um aquário? Bond olhou para cima. Um metro abaixo do teto, pequenas ondas estavam como que lambendo o vidro. Por sobre aquelas pequeninas ondulações via-se uma faixa azul-escura, mas de um azul mais acinzentado, pontilhada de faíscas de luz. Os contornos da Orion serviram de chave para o enigma. Não se tratava de um aquário. Aquilo era o próprio mar e o céu à noite.

Toda uma parede daquela sala tinha sido construída

de vidro reforçado. Estavam sob o mar, contemplando o seu âmago, a vinte pés de profundidade.

Bond e a jovem estavam boquiabertos. Enquanto observavam, apareceram naquela tela dois enormes olhos arregalados. O brilho de uma cabeça dourada e de um flanco mostrou-se em seguida por um instante e desapareceu. Seria uma grande garupa? Um enxame prateado de anchovas deteve-se, agitou-se por um breve instante e desapareceu. Os tentáculos de sete metros de uma pisália ou “varavela” deslizaram vagarosamente por trás do vidro, despedindo reflexos violetas quando a luz incidia sobre eles. Ao alto, via-se agora a massa escura de seu ventre inferior e o contorno de sua bexiga inflada, velejando com a brisa.

Bond caminhou ao longo da parede, fascinado pela idéia de viver diante daquele quadro que se renovava lentamente, mas de maneira incessante. Uma grande concha de voluta avançava vagarosamente, a partir do nível do sol, e um cardume de peixes coloridos peixes-anjos e lúcios vermelhos como rubis chocavam-se e esfregavam-se entre si e de encontro a um canto do vidro, enquanto uma centopéia marinha atravessava aquele cenário, mordiscando as minúsculas algas que diariamente deviam nascer sobre a superfície exterior do vidro. Uma comprida sombra negra deteve-se bem no meio da janela e depois se afastou vagarosamente. Se se pudesse ver mais!

Obedientemente, dois grandes eixos de luz, partindo da tela, lançaram-se profundamente na água. Por um instante esquadrinharam a massa líquida; depois, convergiram sobre a sombra fugidia, e então pôde-se ver bem, em todos os seus detalhes, aquele torpedo cinza escuro de quase quatro metros, que era o corpo de um enorme tubarão. Bond pôde ver até os pequeninos olhos porcos revolvendo-se inquisitivamente sob a luz dos projetores e a lenta pulsação das guelras. Por um segundo, o tubarão pôs-se em linha reta com o feixe luminoso e a meia-luz branca de sua boca mostrou-se sob a sua cabeça de réptil. Permaneceu apenas um instante naquela posição e depois, com urna viravolta elegante e de desprezo, a sua grande cauda negra voltou-se para os espec-

tadores e com rapidíssimo estremecimento o tubarão desapareceu.

Os feixes de luz desapareceram e Bond voltou-se lentamente. Esperava encontrar o Dr. No, mas a sala continuava vazia. Aquele ambiente parecia estático e sem vida, em comparação com os mistérios que pulsavam do lado de fora. Bond olhou para trás. Como seria aquilo durante o dia, quando se poderia talvez ver até vinte metros de distância ou mais? E o que não seria durante uma tempestade, quando as vagas arrebentassem sem ruído sobre o vidro, mergulhando quase até o chão para depois emergirem e se afastarem? O que não seria também ao crepúsculo, quando os últimos raios dourados do sol brilhassem na metade superior da sala e as águas inferiores estivessem pululando com enxames de insetos aquáticos? Que homem extraordinário este que sonhara com aquela criação fantástica, e que notável proeza de engenharia ter concretizado aquela fantasia! Como o teria êle conseguido? Devia haver apenas uma maneira de levar aquele prodígio a bom termo. Com certeza construíra a parede de vidro, afundando-a com cuidado no penhasco, e depois fora removendo delicadamente, camada após camada de rocha, até que os mergulhadores chegassem finalmente ao vidro. Mas qual seria a espessura do vidro? Quem o fabricara para êle? Como fora transportado para a ilha? Quantos mergulhadores teriam sido utilizados? E quanto, Deus do céu, teria custado aquela peça?

— Um milhão de dólares.

Aquela resposta aos seus pensamentos fora dada por uma voz cavernosa com sotaque americano.

Bond virou-se lentamente, quase relutantemente, despregando os olhos da tela de vidro.

O Dr. No. Tinha entrado por uma porta situada atrás de sua mesa de trabalho. Ficou a olhar benevolmente para ambos, com um fino sorriso nos lábios.

— Espero que vocês tenham estado a pensar no custo disso. Meus hóspedes geralmente pensam no lado material depois de uns quinze minutos de admiração. Vocês também o faziam?

— Sim.

Ainda sorrindo (Bond iria logo acostumar-se àquele fino sorriso), o Dr. No saiu lentamente detrás da mesa e avançou para eles. Parecia antes deslizar do que dar passos. Os seus joelhos não assinalavam o brilho dourado do quimono e nenhum pé se via sob a barra do vestuário.

A primeira impressão de Bond foi de magreza, altura e ereção. O Dr. No era pelo menos seis polegadas mais alto do que Bond, mas a pose tesa e inamovível de seu corpo fazia que parecesse ainda mais alto. A cabeça era um ovóide alongado e expandia-se num crânio completamente calvo que afilava para baixo até um queixo pontiagudo, de modo que a impressão dada pelo conjunto era a de uma gota d'água invertida, ou antes, uma gota de óleo, já que a pele do Dr. No era de um amarelo carregado e quase translúcido.

Era impossível dizer-se a idade do Dr. No: até onde Bond podia ver, não havia rugas em seu rosto. Era estranho ver-se uma testa tão lisa quanto o alto da cabeça. Mesmo as cavernosas depressões das maçãs de seu rosto pareciam tão lisas como o melhor marfim. Havia qualquer coisa das visões de Salvador Dali em suas sobrancelhas, que eram finas e negras, acentuadamente repuxadas para cima, como se tivessem sido pintadas, como parte do “make up” de um mágico. Por baixo daquelas sobrancelhas, olhos negros e oblíquos brilhavam sem pestanas. Pareciam-se com as bocas de dois pequenos revólveres, fitando de maneira direta e sem pestanejar, embora completamente desprovidos de expressão. O nariz afilado e comprido terminava muito perto de uma boca que, apesar do permanente sorriso, mostrava em sua conformação apenas crueldade e autoridade. O queixo era como que inclinado para trás, em direção ao pescoço. Mais tarde Bond deveria notar que ele raramente se deslocava levemente de sua posição central, dando a impressão de que a cabeça e as vértebras eram feitas de uma só peça.

Aquela figura bizarra dava a impressão de um verme gigantesco e venenoso, envolto numa película metálica cinzenta, e Bond não se teria surpreendido se visse aquele ser arrastar-se pelo tapete que pisava.

O Dr. No chegou a três passos deles e deteve-se. O talho naquela comprida face descerrou-se: — Perdoem-me por não lhes apertar a mão. — Lentamente as mangas se abriram e êle acompanhou o gesto com as palavras: — Não tenho mãos.

Os dois pares de pinças de aço avançaram de seus tocos e foram mantidas a certa altura, como as patas de um louva-Deus, para que os visitantes as examinassem. Depois as duas mangas tornaram a fechar-se.

Bond sentiu que a jovem ao seu lado tivera um estremecimento.

As negras órbitas tinham-se voltado para ela, fixando-se em seu nariz, e a voz acrescentou impessoalmente: — É um infortúnio. — Depois os olhos se desviaram para Bond: — O senhor estava admirando o meu aquário. — Era uma declaração, não uma pergunta. — Os homens apreciam os animais e as aves. Resolvi apreciar também os peixes. Encontro neles muito mais variedades e acho-os muito mais interessantes. Estou certo de que ambos compartilham o meu entusiasmo.

Bond disse: — Felicito-o por tudo isso. Nunca esquecerei esta sala.

— Não. — E aquela negativa era mais uma declaração, talvez com uma sardônica inflexão. — Mas nós teremos muito sobre o que falar. E muito pouco tempo. Por favor, sentem-se. Aceita uma bebida? Os cigarros estão ao lado de suas cadeiras.

O Dr. No aproximou-se de uma alta cadeira de couro e poder-se-ia dizer que se dobrou ao meio, para nela sentar. Bond ocupou a cadeira oposta, e a jovem sentou-se entre ambos, um pouco para trás.

Bond sentiu um leve movimento atrás de si. Olhou por cima do ombro e viu um chinês negro, com o físico de um lutador, que se mantinha de pé junto à bandeja de bebidas. Vestia calças pretas e uma elegante jaqueta branca. Dois olhos negros em feitio de amêndoa numa face de lua cheia encontraram-se com os seus e logo se afastaram desatentamente.

O Dr. No disse: — Este é meu guarda-costas. É um

técnico em muitas coisas. Não há nenhum mistério em sua súbita aparição. Eu sempre trago comigo um pequeno transmissor portátil — e o Dr. No baixou o queixo em direção ao peito. — Dessa forma posso chamá-lo sempre que ele se torna necessário. O que desejará a jovem? .

Ele não dissera “sua esposa”. Bond voltou-se para Honeychile. Seus olhos estavam arregalados e fixos. Ela disse suavemente: Uma Coca-Cola, por favor.

Bond teve um momento de alívio. Pelo menos ela não se estava deixando esmagar pela representação. Bond acrescentou: — E eu gostaria de um Vodka médio e Martini seco — com uma fatia de casca de limão. Sacudido, mas não batido, por favor. Preferiria vodka russo ou polonês.

O Dr. No acentuou um pouco mais o seu fino sorriso e disse: — Vejo que o senhor também é um homem que sabe o que quer. Neste momento os seus desejos serão satisfeitos. Não acha que geralmente assim acontece? Quando alguém quer alguma coisa, consegue-o. Esta tem sido a minha experiência.

— As pequenas coisas.

— Se se falha com as grandes coisas, isto significa apenas que não se têm grandes ambições. Concentração — eis tudo. As aptidões vêm, e as ferramentas forjam-se por si mesmas. “Dê-me um ponto de apoio e eu deslocarei o mundo” — mas apenas se existir a vontade de deslocar o mundo. — Depois os finos lábios baixaram nos cantos, com desprezo: — Mas isto é palração; o que estamos fazendo é conversar; mas em vez disso falemos. Ambos nós, estou certo, preferimos falar a conversar. O Martini está a seu gosto? O senhor já tem cigarros — bastantes e da marca apropriada para excitar o seu câncer? Que assim seja. Samsam, ponha o batedor ao lado do homem e outra garrafa de Coca-Cola ao lado da jovem. Agora devem ser oito e dez. Jantaremos exatamente às nove horas. — O Dr. No sentou levemente mais erecto em sua cadeira. Inclinou-se para a frente, fixando os olhos em Bond. Houve um momento de silêncio na sala. Depois o Dr. No disse: — E agora, Sr. James Bond, do Serviço Secreto, contemo-nos os nossos segredos. Primeiro, para mostrar-lhe

que não escondo os meus, vou contá-los. Depois o senhor me contará os seus. — Os olhos do Dr. No brilhavam sombriamente. — Mas contemo-nos a verdade. — Uma pinça saiu de sua ampla manga e manteve-se avançada. Fêz uma pausa: — Assim farei, mas o senhor deve proceder da mesma forma, pois se não o fizer — e apontou com a pinça para seus próprios olhos — estes saberão que o senhor está mentindo.

O Dr. No aproximara a pinça de aço de seus olhos e tocara-os delicadamente. Cada um daqueles olhos emitiu então uma bafado tinido. — Estes — acrescentou o Dr. No — vêem tudo.

XV A CAIXA DE PÂNDORA

James Bond apanhou o seu copo e bebeu pensativamente. Era inútil continuar blefando. De qualquer forma a sua história de representante da Sociedade Audubon era muito inconsistente e com muita facilidade poderia ser destruída por quem quer que entendesse de pássaros. Era evidente que a sua máscara tinha sido reduzida a pedaços. Agora devia concentrar-se em proteger a jovem. Para começar, devia infundir-lhe coragem.

Bond sorriu para o Dr. No, e disse: — Conheço o seu contato em King's House, a senhorita Taro. Ela é seu agente. Registre esse fato e ele será divulgado em certas circunstâncias — a expressão do Dr. No não traiu nenhum interesse — como acontecerá com outros fatos. Mas se é que devemos falar francamente, façamo-lo sem quaisquer outros efeitos teatrais. O senhor é um homem interessante, mas não é necessário fazer-se mais interessante do que já é. O senhor teve o infortúnio de perder as mãos. Usa mãos mecânicas. Muitos homens, feridos durante a guerra, usam-nas também. O senhor usa também lentes de contato, ao invés de óculos, e transmissor, ao invés de uma campainha para chamar os seus empregados. Não há dúvida de que se utilizará ainda de outros engenhosos truques. Mas, Dr. No, o senhor continua sendo um homem que come, dorme e defeca como qualquer

um de nós. Portanto, cessemos com os truques de magia, por favor. Não sou um dos seus mineiros de guano e não me deixarei impressionar por eles.

O Dr. No inclinou um pouco a cabeça. — Falou com muita bravura, senhor Bond. Aceito a admoestação. Não há dúvida de que desenvolvi maneirismos desagradáveis por ter vivido tanto tempo na companhia de macacos. Mas não tome esses maneirismos por blefe. Sou um técnico. Preparo a ferramenta para o material. Possuo também uma série de ferramentas para trabalhar com materiais refratários. Entretanto, — o Dr. No levantou uma plegada as suas mangas e depois as deixou cair no colo — continuemos nossa conversa. É um raro prazer ter-se um ouvinte inteligente e vou contar-lhe a história de um dos homens mais notáveis do mundo. O senhor será a primeira pessoa a ouvi-la. Não a contei antes. O senhor será a única pessoa que encontrei capaz de apreciar a minha história e também — o Dr. No fez uma pausa para que se não perdesse o significado das últimas palavras — guardá-la para si.” Depois, continuou: — A segunda dessas considerações também se aplica à jovem.

Então a coisa era essa. Não houvera, a mínima dúvida, na mente de Bond, de que aquele homem era um assassino e que iria travar-se um duelo de morte. Tinha nutrido também a sua habitual fê cega de que venceria aquele duelo — pelo menos até o momento em que o lança-chamas tinha apontado em sua direção. A partir daquele momento começara a duvidar. Agora sabia bastante: aquele homem era demasiado forte e demasiadamente bem equipado.

Bond disse: — Não há necessidade de que a jovem ouça isto. Ela nada tem a ver comigo. Encontrei-a ontem, na praia. É uma jamaicana de Porto Morgan e dedica-se à pesca de conchas. Os seus homens destruíram a canoa dela, por isso tive que trazê-la comigo. Mande-a agora embora e depois para casa. Ela nada falará. Poderá jurá-lo.

A jovem interrompeu-o corajosamente: — Eu falarei! Direi tudo. Não sairei daqui e vou ficar com você.

Bond olhou-a, e disse friamente: — Eu não a quero.

O Dr. No disse suavemente: — Não perca o seu fôle-

go com heroísmos. Ninguém que já chegou a esta ilha dela saiu. Compreende? Ninguém — nem mesmo o mais humilde pescador. Não discuta comigo, nem tente enganar-me. Seria completamente inútil.

Bond examinou aquele rosto. Não havia nele ódio ou obstinação — nada além de uma suprema indiferença. Olhou para a jovem e sorriu, dizendo: — Muito bem, Honey. Sentiria bastante se você fosse embora. Fiquemos juntos para ouvir o que o maníaco tem a dizer.

A garota fez um sinal de feliz assentimento. Era como se o seu amado tivesse ameaçado expulsá-la do cinema e depois perdoado.

O Dr. No disse na mesma voz suave e ressonante: — O senhor tem razão, senhor Bond. Isto é exatamente o que sou: um maníaco. Todos os grandes homens são maníacos. Estão possuídos por uma mania que os impele para a frente até atingirem o seu objetivo. Os grandes cientistas, os grandes artistas, filósofos, os chefes religiosos — são todos maníacos. O que mais, a não ser uma concentração de propósitos, poderia ter fornecido o foco para o seu gênio, ou os teria mantido na trilha de seus objetivos? Mania, meu caro senhor Bond, é uma coisa tão preciosa quanto o gênio. A dissipação da energia, a fragmentação da visão, a perda de impulso, a falta de continuidade — esses são os vícios do rebanho. — O Dr. No sentou-se levemente reclinado para trás. — Não possuo esses vícios. Sou, como o senhor corretamente o diz, um maníaco — um maníaco, senhor Bond, com a mania do poder. Isto — e os buracos negros brilharam fixamente sobre Bond, através das lentes de contato — tem sido a significação de minha vida. Este o motivo pelo qual aqui estou, e da existência disto aqui.

Bond apanhou o seu copo e esvaziou-o. Depois, encheu-o novamente. Em seguida disse: — Não estou surpreso. É a velha questão de pensar que se é o rei da Inglaterra, ou o presidente dos Estados Unidos, ou Deus. O hospício está cheio dessa gente. A única diferença está em que, ao invés de ter sido trancafiado, o senhor construiu o seu próprio hospício e nele se encerrou. Mas por que o fez? Por que o sentar-se

aqui, isoladamente, lhe dá a ilusão do poder?

Um sentimento de irritação agitou os cantos daquela fina boca. — Senhor Bond, poder é soberania. O primeiro princípio de Clausewitz era o ter-se uma base segura. Desta avança-se com liberdade de ação. As duas coisas juntas constituem a soberania. Garanti essas duas coisas e muito mais. Ninguém no mundo as possui em tão alto grau. Ninguém pode tê-las. O mundo é demasiado público. Tais coisas apenas podem ser salvaguardadas em segredo. O senhor fala de reis e presidentes. Quanto poder possuem eles? Tanto quanto os seus povos lhes derem. Quem no mundo tem poder de vida ou morte sobre os seus súditos? Agora que Stalin está morto, poderá o senhor citar alguém a não ser eu? E como possuo esse poder e essa soberania? Graças ao isolamento. Graças ao fato de que ninguém sabe. Graças ao fato de que não tenho que dar satisfações a ninguém.

Bond deu de ombros. Depois comentou: — Isto não passa de ilusão do poder, Dr. No. Qualquer homem armado de um revólver tem o poder de vida e morte sobre o seu vizinho. Outras pessoas que não o senhor têm assassinado em segredo e escapado livres. Por fim, geralmente, recebem a retribuição. Um poder mais alto do que o deles é sobre eles exercido pela comunidade. Isto também lhe acontecerá, Dr. No. Digo-lhe que a sua busca de poder é uma ilusão, porque o próprio poder é uma ilusão.

O Dr. No disse serenamente: — Assim também a beleza, senhor Bond. Assim também a arte, assim também o dinheiro. E, também, provavelmente a vida. Esses conceitos são relativos. Sou versado em Filosofia, Ética e Lógica — mais do que o senhor, posso dizê-lo. Mas deixemos de lado esse debate estéril. Voltemos ao meu ponto de partida, com a minha mania pelo poder, ou, se o prefere, pela ilusão do poder. E, por favor, sr. Bond, — viu-se novamente acentuar-se o seu permanente sorriso — não pense que meia-hora de conversação com o senhor alterará os padrões de minha vida. Procure interessar-se, antes, na história de minha luta por, digamos, uma ilusão.

— Prossiga. — Bond olhou para a jovem e os seus olhos

se encontraram. Ela levou a mão à boca, como que para esconder um bocejo. Bond sorriu para ela e pensou quanto o Dr. No se divertiria destruindo-lhe aquela pose de indiferença.

O Dr. No disse com benevolência: — Procurarei não aborrecê-lo. Os fatos são muito mais interessantes do que as teorias, não acha? — O Dr. No não estava esperando resposta. Seus olhos agora se tinham fixado na elegante concha que agora tinha vencido metade da janela de vidro, no seio do mar. Algum pequeno peixe prateado mergulhou no abismo negro; uma pequenina luminosidade azul e fosforescente vagou sem destino. No alto, à altura do teto, aparecia o brilho das estrelas, que resplandeciam através do vidro.

O artificialismo da cena, no interior da sala — as três pessoas sentadas em cadeiras confortáveis, as bebidas no aparador, o luxuoso tapete, as luzes veladas, subitamente assumiram para Bond um tom de comicidade. Mesmo o drama que a situação encerrava, o perigo, eram coisas frágeis em comparação com a progressão da concha do lado de fora do vidro. Supondo-se que o vidro arrebentasse, que as pressões tivessem sido mal calculadas, que a mão-de-obra apresentasse defeitos, ou que o mar resolvesse apoiar-se mais pesadamente sobre aquela tela vitrea?

O Dr. No disse: — Eu fui o único filho de um missionário metodista alemão e de uma jovem chinesa de boa família. Nasci em Pequim, mas no que se costumava dizer ser “o lado errado do tapete”. Eu representava um estorvo. Uma tia de minha mãe foi paga para criar-me. — O Dr. No fez uma pausa. — Nenhum amor, como vê, senhor Bond. Falta de cuidados paternos. — E prosseguiu: — A semente tinha sido lançada. Fui trabalhar em Xangai e envolvi-me com os Tongs e com os seus métodos ilícitos. Gostava das conspirações, dos assaltos, assassinios, incêndios premeditados das propriedades seguradas, pois isso representava para mim a revolta contra a figura do pai que me tinha traído. Gostava da morte e da destruição de pessoas e coisas. Tornei-me adepto da técnica na criminalidade — se desejar usar este nome. Depois, surgiram dificuldades e tive que ser afastado do ca-

minho, mas os Tongs consideravam-me demasiado valioso para ser morto. Fui então contrabandeado para os Estados Unidos, estabelecendo-me em Nova Iorque. Tinha uma carta de apresentação, em código, para um dos dois mais poderosos Tongs da América, os Hip Sings. Nunca soube o que dizia aquela carta, mas fui imediatamente empregado como um auxiliar confidencial. No momento oportuno, na idade de trinta anos, fui promovido a uma espécie de tesoureiro. O tesouro continha mais de um milhão de dólares e eu cobiçava aquele dinheiro. Foi quando começaram as grandes guerras dos Tongs, nos últimos anos da década de 1920/30. Os dois grandes Tongs de Nova Iorque, o meu próprio, isto é, o dos Hip Sings, e o nosso rival, os On Lee Ongs, chocaram-se em terríveis combates. Em semanas, centenas foram mortos de lado a lado, e as suas casas e propriedades queimadas. Foi um período de tortura, assassinio e incêndios, do qual participei com verdadeiro prazer. Por fim, vieram os destacamentos de choque, e quase toda a força policial de Nova Iorque foi mobilizada. Os dois exércitos clandestinos foram atacados isoladamente, os quartéis-generais dos dois Tongs sofreram incursões e os seus chefes foram enviados para a cadeia. Eu recebi um aviso relativamente à incursão que iria realizar-se contra o meu próprio Tong. Algumas horas antes que ela se efetuasse, fui ao cofre forte, apoderei-me de um milhão de dólares, em ouro, e desapareci em Harlem, procurando ocultar-me cuidadosamente. Não obstante, fui tolo, pois deveria ter deixado os Estados Unidos, atingindo o canto mais remoto da terra. Até mesmo de dentro de suas celas de condenados, em Sing-Sing, os chefes do meu Tong lograram alcançar-me, golpeando-me. Os assassinos vieram durante a noite. Recusei-me a dizer onde estava o ouro e eles me torturaram durante toda a noite. Por fim, quando viram que não podiam vencer a minha resistência cortaram-me as mãos, para mostrar que o cadáver era o de um ladrão. Depois dispararam contra o meu coração e fugiram. Desconheciam, entretanto, um detalhe a meu respeito. Sou um dos homens, em cada milhão, que tem o coração do lado direito do peito. Tal é a proporção: um contra um milhão. Graças a isso, escapei. Por pura força

de vontade sobrevivi à operação e aos meses de tratamento no hospital. E durante todo aquele tempo planejei como fugir com o dinheiro, como guardá-lo e o que fazer dele.

O Dr. No fez uma pausa. Suas têmporas estavam ligeiramente coradas. Seu corpo remexia-se dentro do quimono. Suas recordações certamente o tinham excitado. Por um momento fechou os olhos, compondo-se. Bond pensou: Agora! Saltarei sobre êle, matando-o? Quebro o meu copo e faça-o com um caco?

Os olhos se abriram e perguntaram: — Não os estou incomodando? Com certeza? Por um momento acreditei que a atenção dos senhores se dispersava.

— Não. — A oportunidade já tinha passado. Chegariam outras? Bond mediu bem as polegadas do salto e observou que a veia jugular estava bem à mostra, sobre a gola do quimono.

Os finos lábios arroxeados tornaram a fender-se e a história continuou: — Era, senhor Bond, o momento para decisões firmes e claras. Quando eles me deixaram sair fui ter com Silberstein, o maior comerciante de selos em Nova Iorque. Comprei um envelope, apenas um envelope, cheio dos mais raros selos do mundo. Foram necessárias semanas para reuni-los todos. Mas eu não me importei com o que tive de pagar nas praças de Nova Iorque, Londres, Paris e Zurique. Queria que o meu ouro se tornasse extremamente móvel. Investi-o todo nesses selos. Já tinha previsto a Grande Guerra, e sabia que uma de suas conseqüências seria a inflação. Sabia que o melhor se valorizaria ou pelo menos conservaria o seu valor. Entrementes, procurava mudar a minha aparência. Fiz que todos os meus cabelos fossem arrancados pelas raízes, meu espesso nariz afliesse, minha boca tornada maior e meus lábios afinados. Não podia tornar-me mais baixo, de modo que me tornei mais alto. Passei a usar sapatos especiais. Modifiquei toda a minha aparência. Deixei de lado as minhas pinças mecânicas e passei a usar mãos de cera dentro de luvas. Mudei o meu nome para Julius No — o Julius, de meu pai, e o No como rejeição dele e de toda e qualquer autoridade. Joguei fora meus óculos e comecei a usar lentes

de contato. — um dos primeiros pares que foram fabricados. Em seguida fui a Milwaukee, onde não se encontram chineses, e inscrevi-me na faculdade de medicina. Escondi-me assim no mundo acadêmico, no mundo das bibliotecas e dos laboratórios, das aulas e dos acampamentos estudantis. E ali, também, senhor Bond, perdi-me no estudo do corpo e da mente humana. Por que? Porque desejava saber do quanto é capaz este barro. Queria conhecer os meus instrumentos, antes de começar a empregá-los na consecução de meu próximo objetivo — segurança total contra a fraqueza física, contra os perigos materiais e contra os azares da vida. Então, sr. Bond, daquela base segura, couraçado até mesmo contra as setas fundas e ocasionais do mundo, eu me lançaria à conquista do poder — o poder, sr. Bond, de fazer aos outros o que me fora feito, o poder de vida e morte, o poder de julgar, de decidir, o poder da independência absoluta relativamente a qualquer autoridade. Porque isso, sr. Bond, queira o senhor apreciá-lo ou não, é a essência do poder temporal.

Bond esticou o braço e serviu-se de mais uma dose de bebida. Depois, olhou para Honeychile. Ela parecia senhora de si e indiferente — como se a sua mente estivesse ocupada com outras coisas. Ela riu para êle.

O Dr. No disse com benevolência: — Espero que o senhor não esteja com fome. Tenha um pouco mais de paciência. Serei breve. Então, se ainda se recorda, eu estava em Milwaukee. Com o correr do tempo, completei os meus estudos e deixei os Estados Unidos, deslocando-me, por etapas fáceis, ao redor de todo o mundo. Intitulei-me “médico”, porque os médicos recebem confidências e podem fazer perguntas sem despertar suspeitas. Estava procurando um lugar apropriado para o meu quartel-general. Tinha que ser um lugar seguro com relação à guerra que se aproximava; devia ser uma ilha, e estritamente particular, além de capaz de desenvolvimento industrial. Por fim, comprei Crab Key e aqui estou há catorze anos. Estes têm sido anos seguros e frutíferos, sem nuvens no horizonte. Enamorei-me da idéia de transformar os excrementos de pássaros em ouro, e ataquei o problema com paixão. Esta parecia-me a indústria ideal, pois

havia uma procura permanente pelo produto, e as aves não reclamam nenhum cuidado, a não ser que as deixem em paz. Cada uma delas representa uma fábrica transformadora de peixe em adubo. A extração do guano é apenas uma questão de não estragar o produto mediante uma extração indiscriminada. O único problema é, na verdade, o custo da mão-de-obra. Estávamos em 1942. O trabalhador braçal ganhava, em Jamaica e em Cuba, apenas dez xelins por semana, e eu tentei uma centena deles a vir para a ilha mediante pagamento de doze xelins por semana. Com o guano a cinqüenta dólares a tonelada, eu estava muito bem colocado, mas sob uma condição, isto é, que os preços permanecessem estáveis. Consegui isto isolando completamente a minha propriedade do mundo inflacionário. Métodos brutais tiveram que ser empregados, de vez em quando, mas o resultado foi que os meus trabalhadores estão satisfeitos com os meus salários, pois representam os salários mais elevados que jamais tiveram. Trouxe para cá uma dúzia de negros chineses, com suas famílias, para atuarem como capatazes. Recebem uma libra por semana. São rijos e merecedores de confiança. Por vezes tive que ser violento com eles, mas logo aprenderam. Automaticamente a minha população foi aumentando, e acrescentei-lhe alguns engenheiros e construtores. Começamos a trabalhar na montanha e contratei especialistas com elevados salários. Tais especialistas eram mantidos afastados dos outros trabalhadores. Viviam no interior da montanha, enquanto durasse o seu trabalho, depois deixavam a ilha por navio. Foram eles que fizeram a instalação elétrica, puseram a ventilação e instalaram o elevador. Construíram ainda esta sala. O acabamento, cortinas e o resto, veio de toda parte do mundo. Foram ainda esses técnicos que construíram essa fachada de sanatório que serve para ocultar as minhas operações, no caso de um dia haver um naufrágio ou de o governador de Jamaica resolver fazer-me uma visita. — E aqueles lábios brilharam com um sorriso: — O senhor deve concordar em que sou capaz, se quiser, de conferir a mais distinta recepção a qualquer visitante — uma sábia precaução para o futuro! E, gradualmente, metódicamente, minha fortaleza foi sendo construída,

enquanto as aves iam defecando em seu teto. Mas foi duro, sr. Bond. — Os seus olhos negros não procuravam simpatia ou louvor. — Contudo, no fim do ano passado, todos os trabalhos foram terminados. Uma base segura e bem camuflada tinha sido terminada. Estava pronto para dar o próximo passo — a extensão do meu poder para o mundo exterior.

O Dr. No fez uma pausa. Levantou os braços, uma polegada, e deixou-os cair novamente no colo. — Sr. Bond, eu disse que não houve uma só nuvem nos céus durante estes últimos catorze anos. Mas, na verdade, houve sempre uma nuvem, durante todo o tempo, abaixo do horizonte. E o senhor sabe que nuvem foi essa? Foi uma ave, um ridículo pássaro chamado espátula rosada! Não o fatigarei com detalhes, sr. Bond, uma vez que já está a par de algumas circunstâncias. Os dois guardas, a milhas de distância do lago, eram abastecidos de Cuba por meio de lanchas. Ocasionalmente, ornitologistas procedentes dos Estados Unidos chegavam também de lancha e passavam alguns dias no acampamento. Não me importei com isso, já que aquela área estava bastante distanciada dos meus homens, e eu não permitia que os guardas se aproximassem de minhas instalações. Não havia nenhum contato. Desde o princípio tornei claro à sociedade Audubon que não me avistaria com os seus representantes. E então o que aconteceu? Um belo dia, como um raio que caísse de um belo céu, recebo uma carta que me foi trazida pela lancha mensal. A espátula rosada tornara-se uma ave-maravilha para o mundo, e a Sociedade Audubon comunicava-me que pretendia construir um hotel na área que arrendara, nas proximidades do rio pelo qual o senhor subiu. Amantes de aves, procedentes de todo o mundo, viriam para observar os pássaros e seriam tirados filmes. Crab Key, diziam-me eles em sua carta persuasiva e lisonjeira, tornar-se-ia um lugar famoso.

— Senhor Bond — e os braços do Dr. No ergueram-se e baixaram para trás, enquanto uma expressão irônica aflo-
rava em seu sorriso — será crível isto? Este isolamento que eu tinha conseguido! Os planos que tinha para o futuro! Tudo aniquilado por causa de um grupo de mulheres velhas e suas aves! Examinei o contrato de arrendamento e escrevi à So-

cidade, oferecendo-lhe uma grande soma para comprá-lo. Recusaram. Então passei a estudar essas aves e conhecê-lhes os hábitos. Subitamente descobri a solução. E era fácil. O homem sempre fora o maior agente predatório dessas aves. As espátulas são aves extremamente tímidas e se assustam facilmente. Mandeir vir da Flórida um trator para pântanos — o veículo que é empregado na prospecção de petróleo e que é capaz de atravessar qualquer tipo de terreno. Adaptei-o para causar medo e queimar — não somente aves, mas também seres humanos. E, numa noite de dezembro, o meu veículo saiu, atravessou o lago, destruiu as instalações da Sociedade e ambos os guardas foram dados como mortos, embora mais tarde se tenha sabido que um conseguira escapar para morrer em Jamaica. Os ninhos das aves foram destruídos e o terror espalhado entre elas. Êxito total! Desenvolveu-se uma histeria nas espátulas e morriam aos milhares. Foi quando recebi um pedido para que um avião aterrassse em minha pista, pois pretendia-se levar a cabo uma investigação. Resolvi concordar com aquele pedido, pois esta atitude me parecera mais sábia. Mas arquitetei um acidente. Um caminhão fugiu ao controle e atravessou a pista no momento em que o aparelho estava aterrando. Todos os indícios do caminhão foram removidos e os cadáveres foram colocados reverentemente dentro de caixões, depois do que comuniquei a tragédia. Como esperava, houve mais investigações. Chegou um destróier e eu recebi o comandante com toda cortesia. Êle e seus oficiais foram trazidos pelo mar e depois por terra até aqui. Viram os destroços do acidente e os meus homens sugeriram que os guardas talvez tivessem enlouquecido em virtude da solidão, tendo lutado entre si. Possivelmente o sobrevivente teria deitado fogo às instalações e fugido em sua canoa de pesca. A pista de aterragem foi cuidadosamente examinada e os meus homens informaram que o avião aterrara com grande velocidade. Os pneumáticos talvez tivessem arrebentado no primeiro impacto. Por fim, veio a cerimônia da entrega dos corpos. Tudo muito triste, mas os oficiais se deram por satisfeitos. O destróier se fez ao largo e a paz voltou a reinar na ilha.

O Dr. No tossiu delicadamente. Olhou para Bond, de-

pois para a jovem, e, novamente, para Bond. — E esta, meus amigos, é a minha história — ou antes o primeiro capítulo do que eu espero venha a ser uma saga muito comprida e interessante. O isolamento foi restabelecido. Agora não existem mais espátulas rosadas e por isso não haverá também guardas. Não há dúvida de que a Sociedade Audubon aceitará a minha oferta, cobrindo o período final de seu arrendamento. De qualquer forma, se recommençar as suas operações, outras desgraças lhe cairão sôbre a cabeça. Isto foi-me uma advertência. Não haverá mais interferências.

— Interessante — disse Bond. — Uma história muito interessante. Esse então foi o motivo pelo qual Strangways teve de ser eliminado? Que fez o senhor com êle e a garota?

— Estão no fundo do Reservatório de Mona. Encarreguei disso três dos meus melhores homens. Disponho de uma máquina pequena mas muito eficiente em Jamaica. Preciso dela. Por outro lado, estabeleci uma estreita vigilância sobre os serviços secretos, em Jamaica e em Cuba. Isso se tornou necessário para as minhas operações ulteriores. O seu sr. Strangways começou a suspeitar e tornou-se inquieto. Felizmente, na ocasião, os hábitos desse homem me eram conhecidos. A sua morte e a de sua colega eram apenas uma questão de coordenação. Esperava desembaraçar-me do senhor com a mesma presteza, mas o senhor foi mais feliz. Contudo, sabia a espécie de homem que o senhor era, graças aos arquivos existentes em King's House. Pensei que a mosca viria procurar a aranha. Preparei-me então para recebê-lo. Quando a sua canoa apareceu na tela do radar, sabia que não me escaparia mais.

Bond disse: — O seu radar não é muito eficiente, pois foram duas as canoas. A que o senhor viu foi a canoa da jovem. E eu já lhe disse que ela nada tinha a ver comigo.

— Então ela foi infeliz. Acontece que estou precisando de uma mulher branca para uma pequena experiência. Como concordamos antes, sr. Bond, tem-se geralmente o que se procura.

Bond olhou pensativamente para o Dr. No. Refletiu se valeria mesmo a pena tentar um golpe contra este homem

inexpugnável. Valeria a pena perder tempo com ameaças ou blefes? Bond nada mais tinha senão um miserável dois de paus sob a sua manga, e o pensamento de jogá-lo quase o entediava. Todavia, com negligência e indiferença, lançou-o sobre a mesa.

— Então, agora quem está sem sorte é o senhor, Dr. No. Agora o senhor já é uma pasta de arquivo em Londres. As minhas reflexões sobre esse caso, as provas da colocação de veneno nas frutas, a centopéia, o acidente com o carro, tudo isto foi cuidadosamente registrado. Da mesma forma o estão os nomes da srta. Chung e da srta. Taro. Foram deixadas instruções, com certa pessoa em Jamaica, segundo as quais o meu relatório deveria ser aberto e levado ao conhecimento das autoridades competentes se eu não voltasse de Crab Key dentro de três dias.”

Bond fez uma pausa. O rosto do Dr. No estava impassível. Nem um só movimento nos olhos ou na boca. A veia jugular pulsava regularmente. Bond inclinou-se para a frente e disse suavemente: — Apenas por causa da jovem, Dr. No, eu lhe oferecerei uma negociação. Em troca de nosso seguro retorno a Jamaica, dou-lhe uma semana de dianteira. O senhor poderá tomar o seu avião, recolher o seu envelope de selos e procurar escapar.

Bond recostou-se no espaldar da caldeira, e perguntou: — Algum interesse na minha proposta, Dr. No?

XVI HORAS DE AGONIA

Uma voz, por trás de Bond, disse serenamente: — O jantar está servido.

Bond voltou-se para trás. O anunciante fora o guarda-costas, que tinha a seu lado outro homem que bem poderia ser seu irmão gêmeo. Ali ficaram eles, duas barricas de musculatura, com as mãos mergulhadas nas mangas dos quimons, olhando, por cima da cabeça de Bond, para o Dr. No.

— Ah, já nove horas. — O Dr. No levantou-se lentamente e disse: — Vamos. Podemos continuar a nossa conversação

em ambiente mais íntimo. Foi muita bondade dos senhores terem ouvido a minha história com paciência tão exemplar. Espero que a modéstia de minha cozinha e de minha adega não representem mais uma imposição.

Portas duplas tinham sido conservadas abertas por trás dos dois homens de jaquetas brancas. Bond e a jovem atravessaram-nas seguindo o Dr. No, indo ter a uma sala octogonal, com as paredes recobertas de painéis de mogno, e ao centro um candelabro de prata, sob o qual estava posta uma mesa para três pessoas. O tapete simples, azul-escuro, era luxuosamente espesso. O Dr. No tomou a cadeira central, de espaldar alto, e indicou cortêsmente, com uma inclinação, a cadeira à sua direita para a jovem. Sentaram-se e abriram guardanapos de seda branca.

A cerimônia vazia e a encantadora sala deixavam Bond louco. Ansiava por despedaçar tudo aquilo com as próprias mãos, por passar o seu guardanapo de seda à volta do pescoço do Dr. No e apertá-lo até que aquelas lentes de contato saltassem daqueles malditos olhos negros.

Os dois guardas usavam luvas de algodão branco. Serviram as iguarias com suave eficiência que era instigada por uma ocasional palavra chinesa proferida pelo Dr. No.

A princípio o Dr. No parecia preocupado. Lentamente, ingeriu três taças de diferentes sopas, utilizando-se de uma colher dotada de um cabo curto e que se adaptava perfeitamente entre as pinças de sua mão mecânica. Bond esforçou-se por esconder os seus temores da jovem. Sentou-se afetando uma atitude de relaxamento e comeu e bebeu com forçado apetite. Falou ainda animadamente com a jovem sobre Jamaica — sobre aves e animais, assim como flores, que constituíam fáceis assuntos de conversação para Honeychile. De vez em quando os seus pés tocavam nos dela, sob a mesa. Ela quase chegou a ficar alegre. Bond pensou que ambos estavam fazendo uma bela imitação de namorados comprometidos, que estivessem saboreando um jantar oferecido por um tio detestável.

Bond não tinha a mínima idéia sobre se o seu fraco blefe tinha surtido algum efeito. Assim, não deu grande im-

portância às suas possibilidades. O Dr. No, assim como a sua história, eram perfeitamente impenetráveis. A incrível biografia parecia verdadeira. Nem uma só palavra daquele relato era impossível. Talvez houvesse outras pessoas no mundo com os seus reinos particulares — reinos afastados dos caminhos trilhados por homens comuns, sem testemunhas, onde pudessem fazer o que bem entendessem. E que estaria planejando fazer o Dr. No, depois que tivesse esmagado as moscas que tinham vindo incomodá-lo? E se eles fossem mortos — e quando o fossem — Londres conseguiria recolher os fios que ele, Bond, tinha recolhido? Provavelmente conseguiria. Lá estava Pleydell-Smith, e as provas das frutas envenenadas. Mas até onde a substituição de Bond iria afetar o Dr. No? Não muito. O Dr. No daria de ombros ao desaparecimento de Bond e Quarrel. Nunca teria ouvido falar deles. E não haveria qualquer elo com a jovem. Em Porto Morgan, todos pensariam que ela se tinha afogado em suas expedições. Era difícil saber o que poderia interferir com o Dr. No — com o segundo capítulo de sua vida, qualquer que ele fosse.

Sob aquela conversa com a jovem, Bond foi-se preparando para o pior. Ao lado de seu prato havia algumas facas. Então chegaram as costeletas, perfeitamente cozidas, e Bond tocou em várias facas, hesitante, até que escolheu a do pão para cortá-las. Enquanto comia e conversava foi deslocando a grande lâmina de aço para perto do corpo. Um gesto largo da mão direita derrubou o seu copo de champanha e, numa fração de segundo, enquanto o copo se partia, sua mão esquerda enfiou a lâmina para dentro da manga do quimono. Em meio às suas desculpas, e à confusão que se seguiu, enquanto os guardas enxugavam a champanha derramada na mesa, Bond levantou o braço esquerdo e sentiu que a faca deslizava para baixo do braço e depois caía para dentro do quimono, ficando encostada às suas costelas. Quando acabou de comer as costeletas, apertou o cinto de seda, à volta da cintura, ao mesmo tempo que deslocava a faca para diante da barriga. A faca aninhou-se, confortavelmente contra a sua pele e em pouco tempo o aço da lâmina foi-se tornando aquecido.

Por fim veio o café e a refeição foi dada por termina-

da. Os dois guardas se aproximaram e postaram-se por trás das cadeiras da jovem e de Bond. Tinham os braços cruzados sobre o peito, impassíveis, sem nenhum movimento, como carrascos.

O Dr. No pousou delicadamente a sua xícara no pires e descansou as duas pinças de aço sobre a mesa. Depois se endireitou um pouco na cadeira e virou o corpo, apenas uma polegada, em direção de Bond. Agora não havia o mínimo sinal de preocupação em seu rosto. Os olhos eram duros e diretos. A boca fina contraiu-se e abriu-se: — Apreciou o jantar, sr. Bond?

Bond apanhou um cigarro numa caixa de prata que estava à frente e acendeu-o. Depois, pôs-se a brincar com o isqueiro de prata que estava sobre a mesa. Sentia que más notícias iriam chegar. Pensou que deveria meter aquele isqueiro no bolso, de qualquer maneira. O fogo talvez viesse a ser mais uma arma. Respondeu com facilidade: — Sim, estava excelente. — Em seguida olhou para Honeychile. Curvou-se sobre a mesa e descansou os braços sobre ela, e logo cruzou-os, envolvendo o isqueiro com esta manobra. Sorriu para ela: — Espero ter pedido o que você gosta.

— Oh, sim, estava magnífico. — Para ela a recepção ainda estava continuando.

Bond fumava afanosamente, agitando mãos e braços, a fim de criar uma atmosfera de movimento. Voltou-se para o Dr. No, apagou o toco de seu cigarro e reclinou-se na cadeira. Cruzou os braços sobre o peito. O isqueiro já estava sob o seu sovaco esquerdo. Riu animadamente:

— E o que acontecerá agora, Dr. No?

— Podemos continuar com a nossa distração de após-jantar, sr. Bond. O leve sorriso contraiu-se e desapareceu.

— Examinei a sua proposta sob todos os aspectos. Não a aceito.

Bond deu de ombros e observou: — O senhor não é sensato.

— Não, sr. Bond. Receio que a sua proposta não passe de uma isca dourada. Em sua profissão não se atua como o senhor quer sugerir. Os agentes enviam relatórios rotineiros

para o quartel-general. Mantêm seus chefes a par dos progressos das investigações que fazem. Conheço essas coisas. Os agentes secretos não se comportam como o senhor sugeriu ter agido. O senhor esteve lendo muitas novelas de aventuras, e o seu pequeno discurso mostrou com muita facilidade o papelão pintado. Não, sr. Bond, não aceito a sua história. Se ela fôr verdadeira, estou preparado para enfrentar as consequências. Tenho muita coisa em jogo para ser facilmente desviado de meu caminho. Que venham a polícia e os soldados. Onde estão o homem e a jovem? Que homem e que jovem? Não sei de nada. Por favor, retirem-se, os senhores estão prejudicando a minha guaneira. Onde estão as suas provas, o seu mandado de prisão? A lei inglesa é rigorosa, meus senhores. Voltem para casa e deixem-me em paz com os meus queridos corvos marinhos. Está vendo, sr. Bond? E digamos mesmo que o pior redunde em pior. Que um de meus agentes fale, o que é altamente improvável. (Bond lembrou-se da fortaleza da srta. Chung). Que tenho eu a perder? Mais duas mortes no libelo acusatório. Mas, sr. Bond, um homem só pode ser enforcado uma vez: — A elevada cabeça, em forma de pera, agitava-se suavemente, de um lado para outro. — O senhor tem mais alguma coisa a dizer? Alguma pergunta? Ambos irão ter uma noite muito ocupada e o tempo de que dispõem está-se tornando escasso. Quanto a mim, devo ir dormir. O navio que chega mensalmente deverá atracar amanhã e eu terei que supervisionar o carregamento. Passarei todo o dia no cais. Certo, sr. Bond?

Bond olhou para Honeychile. Ela estava mortalmente pálida. Olhava com olhar esgazeado, esperando pelo milagre que êle deveria operar. Bond olhou para as próprias mãos e examinou cuidadosamente as unhas. Depois, disse, para ganhar tempo: — E então, após seu dia ocupado com o carregamento, o que virá em seu programa? Qual o novo capítulo que o senhor pensa escrever?

Bond não levantou o olhar. A profunda e serena voz autoritária caiu sobre êle como se tivesse vindo do céu escuro.

— Ah, sim, o senhor deve ter estado a pensar nisso.

O senhor tem o hábito da investigação. Os hábitos persistem até o fim, até as sombras. Admiro tais qualidades num homem que tem apenas algumas horas mais para viver. Por isso, dir-lhe-ei. Encetarei um novo capítulo, e isso o consolará. Há muito mais nesta ilha do que uma simples guaneira. O seu instinto não o enganou, sr. Bond.

O Dr. No fez uma pausa para dar mais ênfase ao que iria dizer e continuou: — Esta ilha, sr. Bond, está em vésperas de se transformar num dos mais valiosos centros de informação técnica do mundo.

— De fato? — Bond mantinha os olhos fixos em suas mãos.

— Sem dúvida que o senhor não ignora que Turks Island, a trezentas milhas, de distância daqui, através de Windward Passage, constitui o mais importante centro para a experimentação de projéteis teleguiados dos Estados Unidos?

— Sim, é um importante centro de experiências.

— Talvez o senhor tenha lido sobre os foguetes que recentemente se desviaram de sua rota? O “Snark” de múltiplas fases, por exemplo, que terminou o seu vôo nas florestas do Brasil, ao invés de ir perder-se nas profundezas do Atlântico Sul?

— Sim.

— O senhor se lembrará que êle se recusou a obedecer as instruções que lhe foram enviadas por rádio, no sentido de modificar a sua rota, e até mesmo de se destruir a si mesmo. Êle desenvolvera uma vontade própria.

— Lembro-me.

— Houve outras falhas, falhas decisivas, na longa lista dos protótipos — o Zuni, o Matador, o Petrel, o Regulus, o Bomarc — tantos nomes, outras tantas modificações, nem posso lembrar-me deles todos. Bem, sr. Bond, — o Dr. No mal podia esconder uma nota de orgulho em sua voz — talvez lhe interesse saber que a maioria desses fracassos foi causada de Crab Key.

— Ê verdade?

— Não me acredita? Não tem importância. Outros acre-

ditam-no. Outros que viram o abandono de toda uma série, o Mastodonte, em virtude de seus freqüentes erros de navegação, sua incapacidade de obedecer às ordens enviadas pelo rádio, de Turks Island. Esses outros são os russos. Os russos são meus sócios nesta empreitada. Treinaram seis dos meus homens, sr. Bond. Exatamente neste momento tenho dois desses homens observando, estudando as freqüências de rádio, as faixas nas quais trabalham esses engenhos. Há um milhão de dólares de instalações, nas galerias rochosas, acima de nossas cabeças, sr. Bond, enviando sinais para a camada de Heavyside, aguardando os sinais, perturbando-os, contrabalançando faixas com outras faixas. E, de vez em quando, um foguete sobe em seu itinerário e aprofunda-se cem, quinhentas milhas, pelo Atlântico, enquanto nós anotamos cuidadosamente a sua trajetória, com a mesma perfeição com que isto é feito na Sala de Operações de Turks Island. Em seguida, subitamente, as nossas pulsações são enviadas ao foguete, o seu cérebro é perturbado, êle enlouquece e mergulha no mar, destruindo-se. Foi mais uma experiência que fracassou. Os operários levam a culpa, assim como os projetistas e os fabricantes. Há pânico no Pentágono. Outra coisa deve ser tentada, freqüências diversas, metais diversos, um cérebro eletrônico diferente. Naturalmente que também temos as nossas dificuldades. Assim é que assinalamos muitos disparos experimentais sem sermos capazes de chegar até o cérebro do novo engenho. Então, comunicamos urgentemente com Moscou. Com efeito, eles deram-nos até uma máquina de cifras com as nossas freqüências e rotinas. E os russos continuam pensando, fazem sugestões, e nós as experimentamos. Por fim, sr. Bond, um belo dia, é como se atraíssemos a atenção de um homem perdido numa multidão. Lá no alto, na estratosfera, o foguete reconhece o nosso sinal. Somos reconhecidos e podemos falar com êle e modificar os seus pensamentos. — O Dr. No fez uma pausa e depois continuou: — O senhor não acha isso interessante, esta variante de meus negócios com o guano? Asseguro-lhe que é um negócio muito lucrativo, e podia sê-lo ainda mais. Talvez a China comunista venha a pagar mais pelos meus

serviços. Quem sabe? Já tenho os meus agentes em campo, para sondagens.

Bond ergueu os olhos, olhando pensativamente para o Dr. No. Então ele tinha tido razão. Havia mesmo mais alguma coisa, muito mais, em tudo aquilo que os seus olhos tinham visto. Aquilo era uma grande partida, uma partida que explicava tudo, uma partida que no mercado internacional da espionagem bem valia a pena ser jogada. Bem, bem! Agora, as peças do quebra-cabeças tinham caído corretamente em seus lugares. Para isso tinha valido a pena, certamente, assustar alguns pássaros e eliminar algumas pessoas. Isolamento? Naturalmente que o Dr. No teria que matar a ele e à jovem. Poder? Sim, isso era poder. O Dr. No se tinha realmente lançado nos negócios.

Bond fixou os dois orifícios negros com um novo respeito, e observou: — O senhor terá que matar muito mais gente para manter isto em suas mãos, Dr. No. Isto vale muito dinheiro. O senhor tem aqui uma bela propriedade, superior ao que eu pensava, e as pessoas hão-de querer um pedaço deste bolo. Penso em quem será o primeiro a chegar até o senhor e matá-lo. Serão aqueles homens que estão lá em cima, treinados por Moscou? — e ele fez um gesto apontando para o teto. Depois continuou: — Eles são os técnicos. Eu me pergunto: o que Moscou estará lhes ordenando que façam? O senhor não poderia estar a par disso, poderia?

O Dr. No respondeu: — Vejo que continua subestimando meu valor, sr. Bond. O senhor é um homem obstinado e mais estúpido do que pensava. É claro que estou consciente dessas possibilidades. Separei um desses homens e transformei-o numa espécie de vigilante particular. Ele tem uma duplicata das cifras e da máquina. Vive em outra parte da montanha. Os outros pensam que ele morreu, mas ele está bem vivo a fiscalizar a cronometragem de rotina, e entrega-me diariamente uma cópia do tráfego que é registrado. Até agora os sinais emitidos por Moscou têm sido inocentes e não indicam qualquer conspiração. Penso em tudo isso constantemente, sr. Bond. Tomo precauções e ainda as multiplicarei para o futuro. Como disse, o senhor me tem subestimado.

— Não o subestimo, Dr. No. O senhor é um homem muito prudente, mas já há muitas pastas sobre o senhor. Em minha linha de atividades, a mesma coisa se aplica a mim, mas as suas pastas são muito perigosas. A chinesa, por exemplo. Não gostaria de ter uma com essa gente. A da F.B.I. deve ser a menos penosa — roubo e falsa identidade. Mas o senhor conhece os russos tão bem quanto eu? Por enquanto o senhor é “o melhor amigo” deles. Mas os russos não têm sócios. Hão-de querer comprá-lo... — comprá-lo com um balaço. Depois vem a pasta que o senhor abriu com o meu serviço. O senhor quererá mesmo fazê-la mais volumosa? Eu não o faria se estivesse em seu lugar, Dr. No. O pessoal do meu serviço é muito obstinado. Se alguma coisa me acontecer e à jovem, o senhor verificará que Crab Key é uma ilha muito pequena e insignificante.

— Não se pode jogar grandes partidas sem assumir riscos, senhor Bond. Aceito os perigos e, até onde posso, procuro defender-me deles. Como vê — e a sua voz tinha um acento de cupidez — estou em vésperas de coisas muito maiores. O capítulo dois, ao qual já me referi, encerra promessa de prêmios que ninguém, a não ser um tolo, jogaria fora por ter medo. Já lhe disse que posso desviar os raios magnéticos por onde viajam os foguetes. Posso fazer com que estes mudem de rota e não obedeçam ao controle eletrônico. Que diria o senhor, se eu fosse ainda mais longe? Se eu os fizesse cair nesta ilha, a fim de recolher todos os segredos de sua construção? Atualmente, destróieres norte-americanos, nos confins do Atlântico Sul, recolhem esses foguetes quando eles esgotam o seu combustível e caem de pára-quedas sobre o mar. Algumas vezes os pára-quedas deixam de se abrir, e algumas vezes as instalações de autodestruição deixam de operar.

Ninguém em Turks Island se sentiria surpreendido se de vez em quando o protótipo de uma nova série saísse de sua trajetória e caísse perto de Crab Key. Antes de mais nada, isto seria atribuído a falhas mecânicas. Mais tarde talvez descobrissem que outros sinais, que não os seus, tinham estado a guiar os seus foguetes. Teria início, então uma guerra de frequência. Tentariam e conseguiriam localizar a origem

dos sinais falsos, mas assim que eu verificasse que eles estavam à minha caça, teria uma derradeira cartada. Os seus foguetes enlouqueceriam. Cairiam em Havana, em Kingston; dariam uma volta e despencariam sobre Miami. Mesmo sem as cargas detonantes, Sr. Bond, cinco toneladas de metal, chocando-se a mil milhas por hora, podem causar terríveis danos numa cidade super-povoada. E depois? Haveria pânico, haveria um clamor público. As experiências teriam de ser interrompidas. A base de Turks Island teria que fechar. E quanto não pagariam os russos para que isso acontecesse, sr. Bond? E quanto por protótipo que eu capturasse para eles? Digamos dez milhões de dólares por toda a operação? Vinte milhões? Seria uma vitória sem preço na corrida dos armamentos. Posso fazer o meu preço, não concorda, sr. Bond? E não concorda também que essas considerações tornam os seus argumentos e ameaças engraçadíssimos?

Bond não respondeu. Nada havia a dizer. Subitamente se viu em pensamento naquela sala tranqüila de Regents Park. Podia ouvir a chuva batendo suavemente contra a janela e a voz de M, impaciente e sarcástica, dizendo: “Oh, algum maldito negócio em torno de aves... umas férias ao sol lhe farão bem... investigações rotineiras.” E êle, Bond, tinha apanhado uma canoa, um caniço e um farnel de piquenique e partira — há quantos dias, há quantas semanas? — “para dar uma espiada”. Bem, êle tinha dado uma espiada na caixa de Pândora. E tinha tido as respostas, conhecera os segredos — e agora? Agora iriam mostrar-lhe polidamente o caminho para a sepultura, para onde êle levaria consigo o seus segredos arrancados e arrastados por êle em sua lunática aventura. Toda a amargura que lhe ia no íntimo aflorou à boca, de modo que por um momento pensou que ia vomitar. Apanhou o copo e esvaziou todo o resto de champanha que nele havia. Depois disse asperamente: — Muito bem, Dr. No. Agora vamos ao cabaré. Qual é o programa — faca, bala, veneno, corda? Mas proceda rapidamente, já o vi bastante.

Os lábios do Dr. No se apertaram numa fina linha arroxeadada. Os olhos eram duros como ônix, sob a bola de bilhar de sua frente e crânio. A máscara de polidez tinha desapa-

recido. O Grande Inquisidor sentava-se na cadeira de alto espaldar. Tinha soado a hora para a “peine forte et dure”.

O Dr. No proferiu uma palavra e os dois guardas avançaram um passo e agarraram as suas vitimas pelos braços, acima dos cotovelos, mantendo-as imobilizadas para trás, apoiadas nos lados das cadeiras. Não houve resistência. Bond concentrou-se em manter o isqueiro sob o sovaco. As luvas brancas em seus bíceps pareciam faixas de aço. Sorriu para a jovem. — Desculpe-me por isso, Honey, — disse. — Receio que afinal de contas não possamos mais brincar juntos.

Os olhos da jovem, em seu rosto pálido, tinham ficado azul-escuros, pelo medo. Seus lábios tremiam, e ela perguntou: — Doerá muito?

— Silêncio! — A voz do Dr. No soou como o estalar de um chicote. — Chega de tolices. Naturalmente que doerá. Estou interessado na dor. E estou igualmente interessado em descobrir quanto de dor o corpo humano pode suportar. De vez em quando faço experiências com os meus subordinados que devem ser punidos, e em intrusos como os senhores. Acarretaram-me os senhores grandes dificuldades. Em troca, pretendo causar-lhes uma grande soma de dor. Registrarei os níveis de suas resistências. Os fatos serão anotados, e um dia as minhas pesquisas serão relatadas ao mundo. As suas mortes terão servido à Ciência. Nunca desperdiço material humano. As experiências feitas pelos alemães com seres humanos vivos, durante a guerra, foram de grande proveito para a Ciência. Faz um ano que pus uma mulher para morrer da maneira que escolhi para a senhora. Ela era uma negra e durou três horas, mas morreu de terror. Queria agora fazer a experiência com uma mulher branca, para poder estabelecer uma comparação. Não me surpreendi quando a sua chegada me foi comunicada. Consigo sempre o que quero. — O Dr. No reclinou-se para trás na cadeira. Seus olhos estavam agora fixos na jovem, estudando-lhe as reações. Honeychile correspondia ao olhar, como que meio hipnotizada, como um rato do mato diante de uma cascavel.

Bond apertou os dentes.

— A senhora é uma jamaicana, por isso saberá o que

quero dizer. Esta ilha chama-se Crab Key. Recebeu este nome porque está infestada de caranguejos — o que chamam em Jamaica “caranguejos negros”. A senhora os conhece. Pesam meio quilo, cada um, e têm o tamanho de um pires. Nesta época do ano eles saem aos milhares de seus esconderijos, próximos à costa, e sobem em direção à montanha. Lá, nos planaltos de coral, eles se alojam novamente em buracos da rocha, onde desovam. Avançam em exércitos de centenas, de cada vez. Atravessam tudo e sobre tudo. Em Jamaica eles invadem as casas e não se desviam de seu caminho. São como certos roedores da Noruega. É uma migração irresistível. — O Dr. No fez uma pausa. Em seguida acrescentou suavemente: — Mas há uma diferença. Os caranguejos devoram o que encontram em seu caminho. E agora, minha senhora, eles já estão em marcha. Estão galgando as faldas da montanha, às dezenas de milhares, em ondas negras e vermelho-laranja. Estão, neste momento, se apressando e se empurrando e arranhando a rocha acima de nós. E esta noite, no meio do seu caminho, eles vão encontrar o corpo nu de uma mulher solidamente preso — um banquete preparado para eles — e vão apalpar o corpo morno com suas pinças, e um deles dará o primeiro corte com suas garras de combate e então... e então...

A moça gemeu. Sua cabeça caiu para a frente sobre o peito. Desmaiara. O corpo de Bond inteiriçou-se na cadeira. Uma torrente de palavras obscenas escapou por entre seus dentes cerrados. As manoplas dos guardas pareciam-lhe ferro à volta dos braços. Nem sequer podia fazer deslizar os pés da cadeira no chão. Depois de um momento de luta, desistiu. Esperou que sua voz se acalmasse, e disse então, com todo o veneno que podia instilar nas palavras:

— Seu bastardo! Você há-de frigir no inferno se fizer isso!

O Dr. No sorriu fracamente.

— Senhor Bond, não acredito na existência do inferno. Procure consolar-se. Talvez eles comecem pela garganta ou pelo coração. O bater do pulso ainda os poderá atrair. Depois disso, tudo acabará depressa.

Proferiu então uma sentença em chinês. O guarda que estava atrás da cadeira da moça inclinou-se para a frente, levantou-a da cadeira como se fora uma criança e atirou-a por cima do ombro. Os belos cabelos caíam qual cascata de ouro entre os braços inertes. O guarda foi à porta, abriu-a e saiu, formando a fechá-la sem ruído.

Por um momento, reinou, silêncio na sala. Bond pensava somente na faca encostada ao seu ventre e no isqueiro debaixo da axila. Qual a extensão dos estragos que ele poderia causar com aqueles dois pedaços de metal? Poderia, de algum modo, aproximar-se do Dr. No?

O Dr. No continuou serenamente: — O senhor disse que o poder era uma ilusão, sr. Bond. Não modifica a sua opinião? O meu poder de escolher a morte que quiser para essa jovem certamente que não é uma ilusão. Todavia, passemos ao método de sua morte. Isso também encerra aspectos novos. Saiba, sr. Bond, que estou interessado na anatomia da coragem — do poder de resistência do corpo humano. Mas como medir a resistência humana? Como traçar um gráfico da vontade de sobrevivência, da tolerância à dor, da conquista do medo? Pensei muito nesse problema e acredito tê-lo solucionado. Trata-se, por enquanto, de um método incompleto e grosseiro, mas que será aperfeiçoado na medida em que as experiências se forem multiplicando. Preparei o senhor para essa experiência. Dei-lhe um sedativo, de modo que o seu corpo esteja descansado, e alimentei-o bem, de modo que possa estar no gozo completo de suas forças. Os futuros — como os chamarei — pacientes, terão as mesmas vantagens. Todos começarão nas mesmas condições. Depois disso, o restante será uma questão de coragem e do poder de resistência individuais.

O Dr. No fez uma pausa, enquanto observava o rosto de Bond. Depois prosseguiu: — Saiba ainda, sr. Bond, que justamente agora acabo de construir uma espécie de pista de obstáculos, uma espécie de pista de corrida contra a morte. Não direi mais sobre isso porque o elemento surpresa é um dos que aparecem na formação do medo. Os perigos desconhecidos são os piores, os que mais pressionam as reservas

de coragem. E me alegro com a idéia de que a corrida de obstáculos que o senhor enfrentará contém um rico sortimento de coisas inesperadas. Será particularmente interessante sr. Bond, que um homem com as suas qualidades físicas seja o meu primeiro competidor. Será interessantíssimo ver até onde o senhor conseguirá alcançar, na pista que idealizei. Não há dúvida de que o senhor estabelecerá uma marca invejável para os futuros corredores. Tenho grandes esperanças no senhor. O senhor deverá ir muito longe, mas quando tomar, inevitavelmente, diante de um obstáculo, seu corpo será recolhido e eu examinarei meticulosamente os seus restos. Os dados assim colhidos serão registrados e o senhor representará o primeiro ponto de um gráfico. Algo honroso, não é, senhor Bond?

Bond nada respondeu. Que diabo significaria tudo aquilo? Em que poderia consistir aquela prova? Seria possível escapar dela com vida? Poderia escapar disso e salvar Honeychile antes que fosse demasiado tarde, ainda que para matá-la e assim salvá-la da tortura? Silenciosamente, Bond ia reunindo suas reservas de coragem, retemperando a mente contra o temor do desconhecido que já começava a envolver a sua garganta, e focalizando a sua vontade no alvo da sobrevivência. Acima de tudo, deveria apegar-se às suas armas.

O Dr. No levantou-se e afastou-se da cadeira. Caminhou vagarosamente até a porta e voltou-se. Seus olhos negros e ameaçadores fixavam Bond, pouco abaixo da armação da porta. A cabeça estava ligeiramente inclinada e os lábios finos tornaram a se mexer: — Faça uma boa corrida para mim, sr. Bond. Meus pensamentos, como se costuma dizer, o acompanharão.

O Dr. No afastou-se e a porta fechou-se suavemente por trás de seus costados amarelos.

XVII O PROLONGADO GRITO

Havia um homem no elevador, cujas portas estavam abertas, à espera. James Bond, com os braços ainda torcidos,

junto aos flancos, foi impelido para dentro do elevador. Agora, a sala de jantar estava vazia. Quando voltariam os guardas para desembaraçar a mesa e então notar o desaparecimento dos objetos subtraídos? As portas fecharam-se e o cabineiro ficou diante dos botões, de modo que Bond não pôde ver qual deles teria sido apertado. Sabia apenas que estavam, subindo, e tentou fazer um cálculo da distância percorrida. O elevador parou, e Bond teve a impressão de que o tempo gasto naquele percurso fora menor do que quando descera juntamente com Honeychile. As portas abriram-se para um corredor sem tapete, com uma pintura cinzenta e rústica nas paredes de granito. Esse corredor ia numa linha reta até uma distância de vinte metros.

— Espere aí — disse o guarda de Bond para o cabineiro — voltarei logo.

Bond foi conduzido ao longo do corredor, passando diante de portas marcadas com letras do alfabeto. Ouvia-se um leve zunido de maquinaria no ar, e, por trás de uma porta, Bond teve a impressão de ouvir descargas estáticas de equipamento eletrônico. Aquilo parecia vir da sala de máquinas, no coração da montanha. Logo chegaram à porta da extremidade do corredor que estava marcada com um Q negro. Ela estava entreaberta, de modo que logo se escancarou quando Bond foi empurrado através dela. Por trás daquela porta estava uma cela pintada de cinzento, com cerca de quinze pés quadrados. Nela nada havia, a não ser uma cadeira de madeira, sobre a qual estavam, lavadas e cuidadosamente dobradas, as calças pretas de Bond e a sua camisa azul.

O guarda soltou os braços de Bond, que logo se voltou e olhou para o rosto amarelo, sob os cabelos ondedados. Havia um leve sinal de curiosidade e prazer nos olhos marrons e úmidos. O homem estava de pé, segurando a maçaneta da porta. — Bem, aqui estamos, rapaz. Você está no ponto de partida. Poderá ficar aí sentado, apodrecendo, ou procurar uma saída e iniciar a corrida. Felicidades para você.

Bond pensou que valeria a pena tentá-lo. Deu ainda uma olhadela para além do guarda, onde o cabineiro ainda se conservava ao lado de suas portas abertas, observando-os.

Então disse suavemente: — Você não gostaria de ganhar dez mil dólares, garantidos, e uma passagem para qualquer lugar do mundo que desejasse? — Dito isso, observou cuidadosamente as reações do homem. A boca se abriu numa ampla careta, mostrando dentes escurecidos, desigualmente gastos pelos anos de mascagem de cana-de-açúcar.

— Muito obrigado, senhor. Prefiro continuar vivendo. — O homem fez menção de fechar a porta e Bond ainda gritou ansiosamente: — Podemos sair juntos daqui.

Os grossos lábios fizeram uma careta de desprezo, e o homem apenas disse: “Vá em frente!” E logo a porta se fechou com um duro estalido.

Bond deu de ombros, mas logo passou a examinar a porta. Era feita de metal e não havia maçaneta do lado de dentro. Bond preferiu não experimentar o ombro de encontro àquela barreira. Aproximou-se da cadeira, sentou-se sobre a pilha de suas roupas limpas, e olhou à volta da cela. As paredes eram inteiramente nuas, com exceção de uma grade para ventilação, feita de arame grosso, num dos cantos, logo abaixo do teto. Aquela abertura era maior que os seus ombros. Era, evidentemente, a entrada para a pista dos obstáculos. A única abertura restante, naquele recinto, era uma espécie de vigia de espesso vidro, logo acima da porta, e que não seria maior do que a cabeça de Bond. A luz, vinda do corredor, atravessava aquela grade e penetrava na cela. Nada mais havia. Não seria inteligente perder tempo. Seriam dez e meia. Lá fora, em alguma parte da falda da montanha, a jovem já deveria estar deitada, estendida sobre o chão, à espera do matraquear das pinças no coral cinzento. Bond apertou os dentes ao pensamento daquele corpo frágil e indefeso sob as estrelas. Bruscamente, pôs-se de pé. Que diabo estava ele fazendo ali sentado? O que quer que existisse do outro lado da grade deveria ser imediatamente enfrentado.

Bond apanhou a faca e o isqueiro, e tirou o quimono. Em seguida vestiu as calças e a camisa, enfiando o isqueiro no bolso. Experimentou o corte da faca com o polegar, e verificou que a lamina era bastante afiada. Seria ainda melhor se pudesse fazer uma ponta naquela lâmina. Ajoelhou-se no

chão e começou a esfregar a extremidade arredondada da faca na laje do pavimento. Depois de um precioso quarto de hora, deu-se por satisfeito. Não era um estilete, mas que tanto serviria para cortar como para espetar. Colocou-a então entre os dentes e arrastou a cadeira para baixo da abertura gradeada. A grade? Supondo que pudesse arrancá-la pela base, aquele arame bem poderia ser esticado, de modo a formar uma lança, facultando-lhe assim uma terceira arma. Bond esticou os braços, com os dedos encurvados.

A coisa imediata de que tomou consciência foi uma dor de queimadura ao longo do braço e o choque de sua cabeça, ao atingir o chão de pedra. Ficou durante algum tempo estendido no solo, apenas com a lembrança de uma faísca azulada e o estalido e o chiado seco de eletricidade.

Depois de algum tempo, Bond pôs-se de joelhos e assim ficou por um momento. Em seguida baixou a cabeça e sacudiu-a lentamente de um lado para outro, como um animal ferido. Sentiu um leve odor de carne queimada. Levantou a mão direita à altura dos olhos e viu a mancha vermelha de uma queimadura aberta ao longo da parte interna dos dedos. A visão daquele ferimento trouxe-lhe também a consciência da dor. Bond proferiu uma imprecação. Vagarosamente pôs-se de pé. Dessa vez, olhou de soslaio, cautelosamente, para a grade, como se ela fosse feri-lo novamente. Irritado, encostou a cadeira na parede, apanhou a faca e com ela cortou uma faixa do quimono, envolvendo-a firmemente nos dedos. Em seguida tornou a subir na cadeira e olhou para a grade. Esperava-se que ele a atravessasse, e aquele choque tinha sido calculado apenas para amolecê-lo: era uma amostra do que estaria por vir. Com certeza o curto-circuito causado por ele já tinha posto fora de combate aquela armadilha. Olhou para a grade apenas por um instante, e já os dedos de sua mão esquerda a atingiam e atravessavam. Do outro lado não havia nada. Seria mesmo só aquela grade? Puxou a armação e ela cedeu uma polegada. Fêz novo esforço e a grade foi arrancada do lugar, ficando pendurada por dois fios de cobre que desapareciam no interior da parede. Bond soltou a grade das pontas daqueles fios e desceu da cadeira. Havia um ponto

de junção no arame de ferro, naquela grade, e Bond pôs-se a retificá-la, usando a cadeira como martelo.

Depois de dez minutos tinha à sua disposição um chuçó recurvado de cerca de um metro de comprimento. Uma des extremidades, que tinha sido originalmente cortada por alicates, apresentava-se lacerada. Não atravessaria as roupas de um homem, mas teria efeito devastador no pescoço ou no rosto. Lançando mão de toda sua força e servindo-se da fresta inferior da porta metálica, Bond conseguiu fazer ainda um gancho com a extremidade rombuda daquele arame de ferro. Em seguida mediu-o com a perna e achou que aquela nova arma era demasiado longa. Em consequência, dobrou-a em dois e enfiou-a numa das pernas da calça. Agora, o chuçó ia de sua cintura, onde fora pendurado, até o joelho. Voltou então para a cadeira e tornou a subir até a boca do ventilador, agora desobstruída. Não experimentou mais choque. Ergueu o corpo e introduziu-o naquele tubo que tinha mais quatro polegadas que a largura de seus ombros. Durante algum tempo deixou-se ficar, de barriga para baixo, a olhar para o interior da abertura. O túnel era circular e de metal polido. Bond apanhou o isqueiro, abençoando a inspiração que o fizera roubá-lo, e acionou-o. Sim, aquilo era folha de zinco que parecia nova. O túnel continuava em linha reta, sem qualquer característica especial, a não ser as costuras de junção das várias seções tubulares. Bond tornou a meter o isqueiro no bolso e foi-se arrastando para a frente.

Aquele deslizamento não foi difícil, e até mesmo uma brisa fresca, proveniente do sistema de ventilação, afagava o rosto de Bond. O ar não trazia nenhum cheiro de mar, sendo o seu odor o mesmo que caracteriza o ar de uma instalação de condicionamento de temperatura. O Dr. No devia ter lançado mão de um dos tubos do sistema para as suas experiências. Mas que armadilhas teria introduzido naquele tubo, a fim de pôr à prova as suas vítimas? Deviam ser engenhosas e dolorosíssimas — imaginadas para reduzir a resistência de suas vítimas. No final dos obstáculos, com certeza, a vítima seria surpreendida com o golpe de misericórdia — se é que lograsse chegar ao fim. Com efeito, haveria ali algo que não admitis-

se escapatória, pois nessa corrida não haveria prêmios, mas apenas padecimentos. A não ser, naturalmente, que o Dr. No tivesse subestimado a vontade de sobrevivência de seu desafeto. Essa, pensou Bond, era a sua única esperança — tentar vencer todos os obstáculos que se lhe deparassem, rompendo pelo menos até a última estacada.

Havia uma pálida luminosidade à sua frente. Bond foi-se arrastando cautelosamente, com todos os seus sentidos atuando como antenas. Aquela luminosidade foi-se tornando mais clara. Era o reflexo da luz que incidia sobre um dos lados da extremidade do tubo. Continuou avançando até que sua cabeça tocou naquela extremidade. Ai, Bond se torceu sobre as costas e olhou para cima. Sobre sua cabeça estava uma chaminé de cerca de cinqüenta metros de altura, em cujo topo havia uma claridade estável. Era como se alguém olhasse através de um comprido cano de canhão. Bond enfiou a cabeça por aqueda chaminé e pôs-se de pé. Então, esperava-se que ele galgasse aquele tubo liso, sem qualquer apoio para os pés! Seria possível? Bond expandiu os ombros. Sim, eles lhe proporcionariam uma boa adesão às paredes laterais. Seus pés também o ajudariam na empreitada, embora escorregassem terrivelmente, a não ser nas orlas em que se soldavam os tubos. Bond deu de ombros e tirou os sapatos. Não adiantava monologar. Teria apenas que tentar.

Seis polegadas de cada vez, e o corpo de Bond começou a deslizar pela chaminé acima. A operação consistia em expandir os ombros para se fixar à chaminé, depois levantar os pés, unir os joelhos fortemente, e forçar os pés para fora, em direções opostas, contra o metal, e rapidamente contrair e expandir os ombros novamente, ao mesmo tempo que os pés escorregavam para baixo, deixando, entretanto, como saldo uma pequena progressão de algumas polegadas. E continuar repetindo, repetindo e repetindo a operação, até que os seus olhos fossem banhados pela luz que vira no topo da chaminé. De quando em quando pararia na saliência da solda dos tubos, a fim de descansar um pouco, recuperar o fôlego e medir o próximo avanço. E não havia que olhar para cima; apenas concentrar-se nas polegadas de metal que deveriam ser ven-

cidas, uma a uma. Nada de preocupações com a luminosidade que pareceria nunca aumentar ou se aproximar. Também não deveria preocupar-se com a possibilidade de afrouxar a pressão dos ombros contra as paredes metálicas, indo esmagar os tornozelos no fundo da chaminé. E nenhuma preocupação com câibras, com o inchaço dos ombros ou com as esfoladuras dos pés. Apenas ataque às polegadas prateadas, conquistando-as uma a uma.

Mas logo os pés começaram a suar e escorregar de modo desesperador. Por duas vezes Bond perdeu um metro, em virtude do escorregamento de seus ombros, que ficaram terrivelmente escalavrados com o atrito, antes de poder conseguir a freagem. Em certa altura teve mesmo que se deter durante algum tempo para esperar que o suor secasse com a corrente de ar que descia pela chaminé. Essa pausa durou dez minutos, durante os quais ele se viu apagadamente refletido na superfície metálica, com o rosto dividido ao meio pela faca que segurava entre os dentes. Ainda assim recusou-se a olhar para cima, a fim de ver quantos metros teria que vencer. Aquela derradeira seção poderia ser muito longa. Cuidadosamente Bond esfregou cada pé num cano de calça e recomeçou a batalha.

Agora, parte de sua mente sonhava, enquanto a outra se empenhava na luta. Nem mesmo estava consciente de que a luminosidade se ia acentuando lentamente e que a brisa se tornava mais forte. Via-se apenas como uma lagarta ferida, arrastando-se por um cano de descarga em direção a um ralo de banheira. O que veria quando atravessasse o ralo? Uma jovem nua se enxugando? Um homem fazendo a barba? A luz do sol filtrando-se para dentro de um banheiro Vazio?

A cabeça de Bond bateu de encontro a alguma coisa. O ralo estava obstruindo o orifício! O choque do desapontamento fez que escorregasse uma polegada, antes que seus ombros pudessem retê-lo firmemente. Então compreendeu que tinha chegado ao topo da chaminé! Agora notava a luz forte e o vento impetuoso. Ansiosamente, ele se alçou novamente até que a cabeça tocou em algo. O vento soprava contra sua orelha esquerda. Cautelosamente, voltou a cabeça para essa

direção. Era outro tubo lateral. Acima de sua cabeça a luz se escoava através de uma espessa vigia. Tudo o que tinha a fazer era contornar aquela derivação, agarrando-se à orla do novo tubo, e, de qualquer maneira, encontrar forças para se introduzir naquele túnel lateral. Então poderia descansar um pouco, deitado.

Com redobrada cautela, nascida do pânico de que algo agora podia acontecer, de que poderia cometer um erro e ser precipitado no fundo da chaminé, Bond empreendeu a manobra, com suas últimas reservas de forças, e introduzindo-se na nova caverna caiu estirado com o rosto para baixo.

Mais tarde — quanto tempo mais tarde? — os olhos de Bond se abriram e seu corpo estremeceu. O frio o tinha despertado da total inconsciência em que o seu corpo o teria lançado. Penosamente, virou-se de costas, com pés e ombros doendo terrivelmente, e procurou reunir todas as forças mentais e físicas. Não tinha a mínima idéia da hora ou do lugar em que estaria no interior da montanha. Levantou a cabeça e olhou para trás, em direção à vigia, sobre o tubo vertical, do qual escapara. A luz era amarelada e o vidro parecia muito grosso. Lembrou-se da vigia existente na sala Q. Aquela vigia era absolutamente inquebrável, e esta também o seria, pensou ele.

Subitamente, por trás daquele vidro, distinguiu movimento. Enquanto observava, um par de olhos se materializaram, por trás de lâmpadas elétricas. Aqueles olhos pararam e fitaram-no, com o farolete parecendo um nariz entre aqueles dois olhos. Fixaram-no negligentemente e depois desapareceram. Os lábios de Bond explodiram numa imprecação. Então o seu progresso estava sendo observado para ser levado ao conhecimento do Dr. No.

Bond disse em voz alta: “Para o diabo com todos eles!”, e voltou-se colérico sobre o ventre. Levantou a cabeça e olhou para a frente. O túnel desaparecia na escuridão. Para a frente! Não adianta nada perder tempo aqui. Apanhou a faca, colocou-a entre os dentes e foi abrindo caminho.

Em breve já não havia mais nenhuma luminosidade. Bond detinha-se de quando em quando para acender o is-

queiro mas nada encontrava a não ser trevas. O ar começou a se tornar mais cálido, dentro do túnel, e, depois de uns cinqüenta metros talvez, decididamente quente. Havia mesmo cheiro de calor no ar, de calor metálico. Bond começou a suar.. Dentro de alguns minutos seu corpo estava completamente encharcado e êle tinha que parar para limpar os olhos. Deu uma volta à direita, no tubo, e, na nova seção, sentiu o metal bastante quente contra a sua pele. O cheiro de calor metálico era agora bem acentuado. Assim que enfiou a cabeça no novo túnel, tirou o isqueiro do bolso, acendeu-o e rapidamente recuou. Amargamente, considerou a nova dificuldade, medindo-a e amaldiçoando-a. A chama de seu isqueiro tinha iluminado uma seção de tubos de zinco descolorido. A nova dificuldade seria o calor!

Bond resmungou alto. Como a sua carne já esfolada poderia resistir àquilo? Como poderia proteger a pele contra o metal? Mas não havia solução satisfatória. Ou voltaria, ou continuaria ali parado ou, afinal, avançaria. Não havia outra decisão a tomar. Aliás, Bond começava a encontrar algum consolo em suas reflexões. Com efeito, não seria o calor que haveria de matá-lo, mas alguma mutilação. O metal aquecido não seria o seu campo de sacrifício — apenas mais uma prova para medir-lhe a resistência.

Bond pensou na jovem e no que ela estaria sofrendo. Oh, sim, para a frente com aquilo. Agora, vejamos...

Bond apanhou a faca e cortou toda a parte da frente da camisa, fazendo com ela várias faixas. A única esperança estaria em dar alguma proteção às partes de seu corpo que mais sofreriam a ação do calor, isto é, os pés e as mãos. Seus joelhos e cotovelos teriam de resistir apenas com a proteção normal da fina camada de roupa. E, assim, dispôs-se à luta, amaldiçoando-a.

Agora estava pronto. Um, dois, três...

Bond dobrou o ângulo do túnel e lançou-se contra o foco de calor.

Mantenha a barriga nua distante do chão! Contraia os ombros! Mãos, joelhos, pés; mãos, joelhos, pés. Mais depressa! Mais depressa! Sempre mais depressa, de modo que cada

toque contra o chão seja rapidamente seguido por outro.

Os joelhos é que mais estavam sofrendo, agüentando a maior parte do peso do corpo. Agora, as mãos envoltas em panos estavam começando a chamuscar. Acendeu-se uma fagulha, e logo outra, e em seguida surgiram chamas, quando as fagulhas começaram a se deslocar. A fumaça que saía daquele envoltório de pano de suas mãos fazia que os seus olhos ardessem penosamente. Por Deus, ele não agüentaria mais! Não havia mais ar. Seus pulmões estavam a ponto de estourar. Agora as suas duas mãos estavam lançando fagulhas para os lados. O tecido devia estar quase acabado; então a carne começaria a queimar. Bond deu um guinada e seu ombro ferido tocou no metal. Um grito de dor ecoou no túnel, logo seguido de outros gritos proferidos regularmente, quando suas mãos, pés ou joelhos tocavam no metal escaldante. Agora ele estava liquidado. Era o fim. Mais alguns segundos e iria cair de borco, morrendo literalmente queimado. Não! Devia opor um supremo esforço de reação, ainda que aos berros, até que toda a carne tivesse sido queimada até os ossos. A pele dos joelhos já devia ter sido completamente destruída. Mais um pouco e as palmas de suas mãos estariam tocando no metal. Apenas o suor que corria de seus braços poderia manter úmido o pano de suas mãos. Grite, grite, grite! Isto aliviará a dor.” Isto dirá que você está vivo. Continue! Continue! Não pode durar muito mais. Não é aqui que você deverá morrer. Não fraqueje! Você não pode!

A mão direita de Bond tocou em alguma coisa que cedeu. Logo sentiu uma corrente de ar frio. A outra mão bateu então em sua cabeça. Ouviu-se um débil ruído. Bond sentiu a orla inferior de um anteparo de amianto, articulado na parte superior do tubo, e que agora se arrastava em suas costas. Tinha vencido aquela prova. Ouviu o barulho daquele anteparo fechando-se novamente, depois de ter dado passagem a todo o seu corpo. Suas mãos estavam agora encostadas numa sólida parede. Com os dedos, apalpou à direita e à esquerda. Era um desvio em ângulo reto. Seu corpo seguiu cegamente volta do desvio e o ar frio parecia penetrar em seus pulmões como lâminas de aço geladas. Prudentemente, encostou os

dedos no metal. Estava frio! Com um gemido Bond caiu sobre o rosto e ficou quieto.

Algum tempo depois, a dor tornou a reavivá-lo. Bond voltou-se dolentemente, de costas. Vagamente notou uma vigia de vidro acima de sua cabeça, e vagamente percebeu aquele mesmo par de olhos a fitá-lo. Depois, deixou novamente que as ondas de trevas o submergissem.

Aos poucos, na escuridão, as bolhas feitas em toda a pele e os pés e ombros queimados começaram a endurecer. O suor tinha-se secado no corpo e nos farrapos da roupa, enquanto o ar penetrara nos pulmões superaquecidos, começando o seu insidioso trabalho. Mas o coração continuava batendo, forte e regularmente, por dentro da torturada carcaça, e os poderes mágicos do oxigênio levaram nova vida para dentro das artérias e veias, recarregando os nervos.

Depois de um tempo que lhe pareceu infinito, Bond despertou. Estremeceu, e, ao encontrarem-se os seus olhos com o outro par que o espreitava, por trás do vidro, a dor se apoderou dele e sacudiu-o como se fosse um rato. Esperou que aquela descarga de dor o matasse. Tentou novamente, e novamente, até que conseguiu aquilatar toda a força do adversário. Em seguida, para esconder-se da testemunha, voltou-se sobre o estômago e resistiu a toda a dor que vinha de dentro de si próprio. Continuou em expectativa, explorando o corpo para verificar-lhe as reações, pondo à prova a força de decisão que ainda tivesse restado nas baterias. Quanto mais poderia ainda agüentar? Os lábios de Bond desprenderam-se dos dentes e ele rosnou na escuridão. Era um som animal. Tinha chegado ao fim de suas reações humanas à dor e à adversidade. O Dr. No o tinha encurralado. Mas ainda restavam reservas de desespero animal e, num animal forte, essas reservas são consideráveis.

Lentamente, em verdadeira agonia, Bond deslizou mais alguns metros para fora do campo visual daqueles olhos e procurou o seu isqueiro, acendendo-o. À sua frente via apenas uma lua cheia negra, a boca circular que o levaria ao estômago da morte. Bond guardou o isqueiro, respirou profundamente e pôs-se sobre os joelhos e mãos. A dor não foi

maior, apenas diferente. Lentamente, com movimentos duramente articulados, avançou.

O tecido de algodão de seus joelhos e de seus cotovelos tinha sido completamente queimado. Entorpecidamente, seu cérebro foi registrando a umidade à medida que suas bolhas se abriam contra o metal frio. Enquanto se movia, ia simultaneamente flexionando os dedos e os pés, sentindo-lhes a dor. Lentamente foi sabendo o que poderia fazer, o que doeria menos. Esta dor é suportável, refletiu ele consigo mesmo. Se eu tivesse sofrido um desastre de avião, eles diagnosticariam apenas contusões e queimaduras superficiais. Teria alta do hospital dentro de alguns dias. Não há nada de sério comigo. Sou um sobrevivente de desastre. Dói, mas não é nada. Pense nos pedaços de carnes dos outros passageiros. Dê-se por feliz. Tire isso de sua cabeça. Mas, por trás de todas essas reflexões, estava o pensamento de que, em verdade, ele ainda não experimentara o desastre, — que ainda estava a caminho dele, com sua resistência e sua capacidade muito reduzidas. Quando chegaria ele? Que caráter teria? E quanto mais ainda seria ele amolecido antes de chegar à arena do sacrifício?

À frente, na escuridão, aqueles pequeninos pontos vermelhos bem poderiam ser uma alucinação, manchas rubras diante de seus olhos, causadas pela exaustão. Bond parou e apertou os olhos. Balançou a cabeça. Não, aqueles pontinhos vermelhos ainda estavam lá. Vagarosamente, arrastou-se para mais perto deles. Agora não havia dúvida de que eles se estavam movendo. Bond deteve-se novamente. Além das batidas de seu coração, ouvia uma espécie de murmúrio suave e delicado. Aqueles pontinhos do tamanho de uma cabeça de alfinete tinham aumentado. Agora haveria vinte ou trinta, deslocando-se para a frente e para trás, alguns rapidamente, outros mais vagarosamente, em todo o círculo negro que o esperava à frente. Susteve o fôlego, assim que conseguiu acender o isqueiro. Os pontinhos vermelhos tinham desaparecido. Substituindo-os, ele viu a um metro de distância, à sua frente, uma tela muito fina, quase da finura de musselina, bloqueando o túnel.

Bond continuou deslocando-se por centímetros, para

diante, com o isqueiro aceso à frente. Aquilo era uma espécie de gaiola, com pequeninos animais no seu interior. Podia ouvir aqueles diminutos seres fugindo à luz. A um pé apenas da tela apagou a luz e esperou que seus olhos se acostumassem à escuridão. Enquanto esperava, escutando, pôde ouvir novamente os pequeninos animais aproximarem-se dele, e, gradualmente, aquela floresta de pequeninos pontinhos vermelhos começou a se juntar, fitando-o através da tela.

Que seria aquilo? Bond ouviu seu coração bater com força. Serpentes? Escorpiões? Centopéias?

Cuidadosamente, foi aproximando os olhos daquela floresta de pontos luminosos. Aproximou o isqueiro bem junto da tela e acendeu-o bruscamente. Pôde apreender, num relance, a visão de pequeninas patas que atravessavam a tela e de dezenas de pés cabeludos e de ventres igualmente cabeludos com a forma de sacos, tendo em determinado ponto grandes cabeças de insetos que pareciam cobertas de olhos. Os animais fugiam em precipitada corrida, abandonando a tela da frente para irem refugiar-se na extremidade oposta da gaiola, formando uma só massa cinza-marrom.

Bond olhou através da tela, movendo o isqueiro para a frente e para trás. Depois apagou-o para economizar gasolina, e deixou que a respiração saísse por entre os dentes, num tranqüilo suspiro.

Eram aranhas, gigantescas tarântulas, de três ou quatro polegadas de comprimento. Haveria umas vinte delas dentro daquela gaiola. E, de qualquer maneira, ele teria que passar por perto delas.

Bond ficou parado, descansando e pensando, enquanto os olhos vermelhos se iam reunindo outra vez diante de seu rosto.

Qual seria o grau de letalidade daqueles animais? Quanto das lendas em torno delas seria mito? Certamente que podiam matar animais, mas em que medida seriam mortais para o homem aquelas gigantescas aranhas? Bond deu de ombros. Lembrou-se da centopéia. O toque das tarântulas seria muito mais suave. Seriam como o toque das patas de ursinhos de brinquedo contra a pele humana — até que

mordessem e esvaziassem os seus folículos venenosos no organismo da pessoa.

Mas, ainda aqui, seria esta a arena do sacrifício derradeira, montada pelo Dr. No? Uma mordida ou duas, talvez, para mandar uma pessoa para um delírio de dor. O horror de ter que atravessar a tela no escuro — o Dr. No não teria pensado no isqueiro de Bond — varando aquela floresta de olhos, esmagando alguns corpos moles mas sentindo as picadas de outros. E depois mais picadas das que tivessem ficado presas à roupa. Em seguida, a lenta agonia do veneno. Este deveria ter sido o caminho percorrido pela imaginação do Dr. No — para que a vítima prosseguisse aos gritos pelo seu caminho. Para quê? Para a barreira final?

Mas Bond tinha o isqueiro, a faca e o chuço de arame. Tudo o que iria precisar era nervos e uma precisão infinita.

Delicadamente abriu a tampa do isqueiro e, com o polegar e indicador, fêz sair o pavio uma polegada. Acendeu-o, e quando as aranhas recuaram, furou a tela com a faca. Fêz um buraco na armadura e cortou para os lados. Depois, apanhou a aba da tela, que assim se desprendera, e arrancou-a da armadura. A tarefa não foi difícil, pois a aba fendeu-se numa só peça, com um tecido de algodão. Tornou a colocar a faca entre os dentes e atravessou a abertura. As aranhas recuaram diante da chama e amontoaram-se umas sobre as outras. Bond retirou o chuço de arame de dentro das calças e bateu com o arame dobrado sobre aqueles corpos moles. Bateu e tornou a bater ferozmente, reduzindo os aracnídeos a uma pasta informe. Quando algumas das aranhas tentaram escapar em sua direção, êle acenou-lhes com a chama e esmagou as fugitivas, uma a uma. Agora, as aranhas vivas estavam atacando as mortas, e tudo quanto Bond tinha a fazer era terminar o massacre.

Lentamente todos aqueles movimentos convulsivos foram declinando até cessarem completamente. Estariam todas mortas? Estariam algumas simulando morte? A chama do isqueiro estava começando a morrer. Teria que enfrentar o risco. Avançou mais um pouco e atirou aquela massa escura e pegajosa para um lado. Depois tirou a faca de entre os den-

tes e abriu a segunda cortina, puxando a aba cortada para cima da pasta feita com os corpos das tarântulas. A chama bruxoleou e tornou-se apenas um revérbero vermelho. Bond reuniu suas forças, atirou o corpo sobre a massa encoberta e atravessou a segunda tela.

Não sabia se teria posto os joelhos e cotovelos sobre limalhas metálicas ou sobre as aranhas. Tudo o que sabia é que tinha atravessado aquela barreira. Arrastou-se ainda por alguns metros para a frente, no interior do túnel, e depois parou para descansar e reunir coragem.

Sobre a sua cabeça veio uma pálida luz. Bond torceu-se para um lado, ficando de costas, para ver o que já esperava. Os olhos amarelos e amendoados fixavam-no com profundo interesse. Lentamente, por trás do farolete, a cabeça moveu-se de um lado para outro. As pálpebras caíram numa piedade fingida. Um punho cerrado, com o polegar apontando para baixo, à guisa de despedida e aniquilamento, interpôs-se entre o farolete e o vidro. Em seguida foi retirado e a luz apagou-se. Bond voltou o rosto para baixo e descansou a testa no chão metálico e frio. Aquele gesto dizia-lhe que ele estava chegando ao obstáculo final, que os seus algozes tinham dado por encerradas as observações até virem recolher os seus restos. Bond sentiu ainda que naquele rosto não houvera um único indício de louvor pelo fato de ter logrado sobreviver até aquela etapa. Aqueles chineses negros odiavam-no. Apenas queriam que ele morresse, e tão miseravelmente quanto possível.

Os dentes de Bond bateram suavemente. Ele pensara na jovem e este pensamento dera-lhe forças. Ainda não estava morto. Que diabo! Ele não iria morrer! Não enquanto o coração não lhe fosse arrancado do corpo.

Bond retesou os músculos. Era tempo de continuar, a investida. Com redobrado cuidado, recolocou as armas em seus lugares, e penosamente começou a avançar pela escuridão.

O túnel começava a inclinar-se ligeiramente para baixo, o que tornava a progressão mais fácil. Logo a inclinação tornou-se tão acentuada que Bond podia deslocar-se apenas em virtude de seu peso. Era uma bênção não ter que fazer

aquele esforço derradeiro com os músculos. Vislumbrou um clarão acinzentado à sua frente, pouco mais que uma redução das trevas completas, mas aquilo prenunciava uma mudança, pois a qualidade do ar parecia diferente. Havia nele um odor novo. O que seria? O mar?

Súbito, Bond compreendeu que estava escorregando para baixo, ao longo do túnel. Expandiu os ombros e abriu os pés, procurando impedir a queda. Aquele esforço causou-lhe terríveis dores e o efeito foi mínimo. Agora o túnel começava a alargar-se e ele já não poderia mais diminuir o impulso da queda! Seu deslizamento tornava-se mais e mais acelerado. Agora via uma curva à frente — e era uma curva dirigida para baixo.

O corpo de Bond logo chegou. àquela curva e contornou-a. Deus do céu, ele estava mergulhando de cabeça para baixo! Desesperadamente, abriu os braços e pernas. O metal esfolou sua pele. Agora tinha perdido completamente o controle da situação e estava mergulhando para baixo, sempre pára baixo, no interior de um cano de canhão. Muito abaixo havia um círculo de luz cinzenta. Seria o ar livre? O mar? A luz subia vertiginosamente para ele! Lutou para recuperar o fôlego. Continue vivo, idiota! Continue vivo!

Primeiro a cabeça, e logo depois o corpo de Bond precipitaram-se pelo espaço, vencendo aceleradamente a distância de mais de cem pés que o separava da superfície do mar.

XVIII ARENA DE SACRIFÍCIO

O corpo de Bond espadanejou o espelho de um mar de alvorada como o impacto de uma bomba.

Enquanto descia precipitadamente pelo tubo prateado, em direção ao disco de luz, o instinto dissera-lhe que retirasse a faca de entre os dentes e que pusesse as mãos para a frente, a fim de aparar a queda, assim como a cabeça para baixo e o corpo rígido. E, na última fração de segundo, quando ele viu o mar que se alteava ao ritmo das ondas, procurou sorver uma longa inspiração. Em conseqüência, projetou-se na água

como se estivesse dando um mergulho, com os braços estendidos abrindo-lhe um buraco através do qual passaram a sua cabeça e o corpo. Conquanto, quando chegou a vinte pés de profundidade, tivesse perdido os sentidos, o despencar a sessenta e cinco quilômetros por hora não conseguira matá-lo.

Lentamente o corpo foi voltando à superfície, e ficou, com a cabeça para baixo, a balançar-se suavemente nas pequeninas ondas causadas pelo seu próprio mergulho. A água que penetrou nos pulmões de certa forma contribuiu para enviar uma última mensagem ao cérebro. As pernas e braços agitaram-se desajeitadamente. Agora tinha conseguido voltar a cabeça para cima, com a água escorrendo da boca. Tornou a afundar, mas dessa vez, instintivamente, as pernas começaram a mover-se procurando manter o corpo à superfície da água. Por fim, a cabeça, horripilantemente sacudida pela tosse, conseguiu vir para fora da água e assim manter-se. Os braços e as pernas começaram a agitar-se debilmente, com os movimentos natatórios de um cão, e através da cortina vermelha e negra, os olhos injetados de sangue viram a linha da vida e disseram ao dolente cérebro que visasse àquele objetivo.

A arena de execução era uma estreita e profunda enseada, na base de um elevado penhasco. A corda de salvamento em direção à qual Bond lutava, embaraçado pelo chuço metido em sua calça, era representada por uma forte tela de arame, que se estendia por dois lados do penhasco, protegendo aquela enseada do mar aberto. Aquela rede, formada de quadrados, estava suspensa a um grosso cabo situado a dois metros acima da superfície da água. Para baixo, a tela desaparecia nas profundezas, cheia de incrustações de algas.

Bond conseguiu chegar ao arame, e a ele agarrou-se como que crucificado. Durante quinze minutos deixou-se ficar na mesma posição, com o corpo de quando em quando sacudido por vômitos, até que se sentiu bastante forte para virar a cabeça e verificar onde estava. Ofuscadamente, os seus olhos tomaram a altura do penhasco, sobre sua cabeça. O lugar estava obscurecido por uma sombra cinzenta, projetada pela montanha, mas ao largo, no mar, havia uma iridiscência de pérola provocada pela aurora, o que significava que

para o resto do mundo o dia estava amanhecendo. Mas onde Bond se encontrava era escuro e triste.

Lerdamente, a mente de Bond começou a se interrogar sobre aquela tela de arame. Qual seria a sua finalidade, fechando aquela escura enseada e separando-a do mar? Seria para manter alguma coisa do lado de fora ou para mantê-la do lado de dentro? Bond olhou vagamente para baixo, procurando penetrar as profundezas do mar, à sua volta. As malhas de arame perdiam-se no nada, sob os seus pés. Havia pequeninos peixes à volta de suas pernas, abaixo da cintura. Que estariam eles fazendo? Pareciam estar-se alimentando, avançando contra seu corpo e depois recuando com fiapos negros na boca. Fiapos de que? De algodão de seus farrapos? Bond sacudiu a cabeça para clarear as idéias. Tornou a olhar para baixo. Não, aqueles peixes estavam-se alimentando com seu sangue.

Bond estremeceu. Sim, o sangue estava escorrendo de seu corpo, dos ombros, dos joelhos, dos pés, e misturando-se à água. Agora, pela primeira vez sentiu a dor causada pela água salgada em suas feridas e queimaduras. A dor tornou-se mais viva e estimulou a sua mente. Se esses pequeninos peixes estavam gostando de seu sangue, o que dizer dos tubarões? Seria essa a finalidade daquela tela de areme, isto é, evitar que os peixes devoradores de seres humanos pudessem escapar para o mar? Então por que eles ainda não se tinham lançado sobre êle? Para o diabo! A primeira coisa a fazer era subir pelo arame e ganhar o outro lado. Interpor aquela tela entre êle e o que quer que vivesse naquele escuro aquário.

Dêbilmente, pé após pé, lá se foi Bond subindo pela tela, até chegar ao cume e passar para o outro lado, onde poderia descansar sem preocupações. Colocou o espesso cabo sob a axila, e olhou para baixo, contemplando os peixes que ainda se nutriam com o sangue que continuava gotejando de seus pés.

Agora já não havia muito em Bond; pouquíssimas reservas teria êle. O último mergulho no tubo, o choque da queda, na água, e a quase morte, causada por afogamento, tinham-no esmagado como a uma esponja. Estava prestes

a entregar-se, prestes a soltar um pequeno suspiro e depois escorregar para os doces braços da água. Como seria bom abandonar-se, finalmente, e descansar — sentir que o mar suavemente o levava para o seu leito.

Foi a explosiva fuga dos peixes que estavam sorvendo o seu sangue, sob os seus pés, que despertou Bond de seu sonho de morte. Alguma coisa tinha-se movido muito abaixo da superfície. Havia uma trêmula claridade muito distante, mas que avançava lentamente para a superfície, aproximando-se pelo lado interno da tela.

O corpo de Bond se enrijeceu. Ante a iminência do perigo, a vida voltou-lhe num ímpeto, expulsando a letargia e comunicando-lhe renovada vontade de sobreviver.

Bond abriu os dedos aos quais, há muito, o seu cérebro ordenara que não perdessem a faca. Fechou os dedos e agarrou o cabo daquela lâmina. Abaixou-se em seguida e tocou no gancho do chuço que ainda se mantinha no interior da calça. Sacudiu vivamente a cabeça e ficou com os olhos alertas. E agora?

Sob os seus pés a água estremeceu. Alguma coisa estava-se debatendo, no fundo, alguma coisa enorme. Algo grande, de côr cinza luminescente, tornou-se visível, detendo-se muito abaixo da superfície, na escuridão. Alguma coisa se projetou daquela massa, em direção à superfície, algo como se fosse um chicote da grossura do braço de Bond. A extremidade daquela tira inchava-se numa terminação oval e achatada, com marcas semelhantes a botões distribuídos a espaços regulares. Aquele tentáculo rodopiou na água, no lugar em que os peixes tinham estado, e logo se encolheu. Agora só se via a grande sombra cinzenta lá embaixo da superfície. Que estaria fazendo o animal? Estaria...? Estaria provando o seu sangue?

Como que em resposta àquela pergunta, dois olhos, tão grandes quanto bolas de futebol, foram avançando para cima até se porem no campo de visão de Bond. Aqueles enormes olhos pararam vinte pés abaixo da superfície e olharam tranqüilamente para cima, fixando-se no rosto de Bond.

A pele de Bond ficou arrepiada nas costas. Sua boca

deixou escapar um palavrão! Então, aquela era a Última surpresa do Dr. No, o fim da corrida!

Bond ficou de olhos abertos, meio hipnotizado, olhando para baixo. Então aquele era o polvo gigante, o monstro mítico que podia arrastar navios para as profundezas do mar, o monstro de cinquenta pés de comprimento que podia dar combate às baleias e que pesava uma tonelada ou mais. O que mais sabia ele a respeito daqueles animais? Que tinham dois longos tentáculos para laçar e outros dez para agarrar; que tinham um enorme bico rombudo por baixo de olhos que eram os únicos olhos, entre os peixes, a trabalharem segundo o princípio da câmara fotográfica, como os do homem: que seu cérebro era eficiente; que o monstro podia fugir para trás a uma velocidade de trinta nós, por um sistema de jato-propulsão. Sabia ainda que os arpões podiam afundar-se em sua manta de gelatina sem causar nenhum mal ao monstro, e que... mas os grandes olhos esbugalhados, que ofereciam um alvo negro e branco, estavam-se elevando em sua direção. A superfície da água estremecia. Agora Bond podia ver uma floresta de tentáculos que saíam da cara do animal. Ondulavam diante dos olhos do monstro como uma ninhada de grossas serpentes. Bond podia ver-lhe as ventosas sob os tentáculos. Atrás da cabeça, a grande aba da manta de gelatina abria-se e fechava-se suavemente, e, por trás dela, o brilho do corpo perdia-se nas profundezas. Por Deus, a coisa era tão grande quanto uma locomotiva!

Muito devagar e discretamente Bond foi enfiando os pés e depois os braços através dos quadrados da tela de arame, protegendo-se e ancorando-se tão sòlidamente que os tentáculos teriam que arrancá-lo dali aos pedaços ou então arrastar com ele todo aquele arcabouço de metal. Olhou para a direita e para a esquerda. Para qualquer lado, teria que vencer vinte metros, antes de chegar à terra. Mas, qualquer movimento, ainda que pudesse empreende-lo, seria fatal. Devia ficar absolutamente imóvel, rezando para que o monstro perdesse o interesse e se afastasse. Se ele não perdesse o interesse... Suavemente os dedos de Bond apertaram a pequenina faca.

Os olhos do monstro continuavam fitando-o, fria e pacientemente. Delicadamente, como a tromba de um elefante, um daqueles longos tentáculos laçadores emergiu da superfície e foi galgando a tela em direção às pernas de Bond. Tocou num de seus pés, e Bond sentiu o áspero beijo daquelas ventosas. Não se mexeu. Não ousava abaixar-se e afrouxar o enlaçamento de seus braços à volta do arame. Docemente as ventosas entraram em ação, experimentando o rendimento daquela presa. Não era bastante. Como uma gigantesca lagarta, o tentáculo foi subindo por sua perna. Parou à altura do joelho ensangüentado e deteve-se, interessado. Os dentes de Bond estalaram com a dor. Ele bem podia imaginar a mensagem que tinha descido por aquele tentáculo até o cérebro do animal: sim, é bom para comer-se! E a ordem de retorno ao tentáculo: então traga-o.

As ventosas continuaram subindo pela coxa. A extremidade do tentáculo se afilou e em seguida dilatou-se a ponto de quase cobrir toda a espessura da coxa de Bond. Depois reduziu-se à grossura de um pulso. Aquele seria o alvo de Bond. Apenas teria que agüentar a dor e resistir ao horror daquela acometida, esperando que esse pulso chegasse ao alcance de um golpe.

* * *

Uma brisa, a primeira suave brisa da madrugada, soprou sobre a superfície metálica da enseada, levantando pequenas ondas que iam beijar a rocha do penhasco. Um bando de corvos marinhos alçou vôo da guaneira, quinhentos pés acima da enseada, e caçarejando suavemente, avançou em direção ao mar. Quando as aves passaram sobre a enseada, o barulho que as tinha perturbado chegou aos ouvidos de Bond — o tríplice apito de um navio, que indica estar a embarcação pronta para receber a carga. Aquele som chegava do lado esquerdo de Bond. O cais deveria estar situado a pequena distância contornando o braço setentrional da enseada. O navio procedente de Antuérpia tinha chegado. Antuérpia! Uma região do mundo exterior — um mundo que estava a um

milhão de quilômetros de distância, fora do alcance de Bond — com certeza para sempre fora de seu alcance. Exatamente para além daquele braço rochoso a tripulação estaria no refeitório, tomando o seu desjejum. O rádio estaria tocando. Haveria o chiado do toicinho defumado e ovos na frigideira, o cheiro do café...

* * *

As ventosas estavam em sua coxa. Bond podia ver dentro daqueles cálices córneos. Um cheiro de maresia estagnada chegou-lhe às narinas, quando aquela mão vagarosamente serpenteou para cima. Seria muito duro o tecido gelatinoso cinza-escuro, por trás daquela mão? Deveria usar agora a faca? Não, o golpe deveria ser rápido e seguro, atingindo toda a espessura, como se se cortasse uma corda. Não importaria que a sua própria pele fosse atingida.

Agora! Bond lançou um rápido golpe de vista àqueles dois enormes olhos, lá embaixo, tão pacientes e tão negligentes. Nesse momento, o outro tentáculo elevou-se da superfície da água e avançou em direção ao seu rosto. Bond recuou a cabeça e a mão se enroscou num fio de arame diante de seus olhos. Num segundo aquela garra se deslocaria para um braço ou ombro, e êle estaria liquidado. Agora!

O primeiro tentáculo estava sobre suas costelas. Quase sem fazer pontaria, a mão de Bond que empunhava a faca caiu rapidamente para baixo e transversalmente. Sentiu a lâmina afundar naquele pudim carnoso, e quase deixou que ela escapasse de sua mão, quando o tentáculo ferido chicoteou pelo ar, desaparecendo na água. Por um momento o mar foi agitado à sua volta. Agora, o outro tentáculo abandonou o arame e agarrou-se ao seu ventre. A mão afilada prendeu-se como uma sanguessuga, com toda a força de sua sucção furiosamente aplicada. Bond gritou ao sentir o contacto daquelas ventosas em sua carne. Golpeou loucamente, mais e mais. Por Deus, o seu estômago estava sendo arrancado para fora! A tela agitou-se com a luta. Aos seus pés a água fervilhava e espumava. Êle teria que ceder. Um derradeiro golpe, desta

vez nas costas daquela mão disforme. Deu resultado! A mão se agitou no ar e desceu serpeante, deixando vinte círculos vermelhos sangrando em sua pele.

Bond não tinha tempo para se preocupar com aquilo. Agora a cabeça do monstro tinha emergido, e os seus olhos brilhantes fixavam-se nele, avermelhados, enfurecidos, e a floresta dos tentáculos sugadores começava a envolver-lhe os pés e as pernas, dilacerando-lhe as roupas, para logo retornar aos seus membros. Bond estava sendo arrastado para baixo, plegada por plegada. O arame estava penetrando em suas axilas. Podia até mesmo sentir a sua espinha sendo distendida. Se ele continuasse resistindo seria partido ao meio. Agora, os olhos e o grande bico triangular estavam fora d'água, e o bico procurava o seu pé. Havia uma esperança, apenas uma!

Bond meteu a faca entre os dentes e sua mão procurou o gancho do Chuço de Arame. Agarrou aquela arma, e desdobrou-a com as suas duas mãos. Teria que soltar um dos braços para poder abaixar-se e se aproximar do alvo. Se falhasse, entretanto, seria reduzido a pedaços sobre a tela.

Agora, antes que morresse com a dor! Agora, agora! Bond deixou todo o seu corpo escorregar por aquela escada de arame, para baixo, e desferiu uma violenta estocada. Pôde ver que o pontão de sua lâmina penetrava pelo centro de um enorme globo ocular negro, e imediatamente todo o mar se entumescceu para ele, como uma fonte de negrume, enquanto seu corpo se mantinha pendurado de cabeça para baixo, seguro pelos joelhos, com o rosto apenas uma plegada acima da superfície.

Que teria acontecido? Teria ficado cego? Não podia ver nada. Seus olhos estavam ardendo e havia um gosto horrível de peixe podre em sua boca. Contudo, podia sentir o arame cortando-lhe os tendões dos joelhos. Então devia estar vivo! Estontado, Bond deixou que o Chuço caísse de sua mão, e procurou o arame mais próximo. Depois, agarrou-se com a outra mão um pouco mais acima, e, assim, vagarosamente, foi-se alçando até que conseguiu sentar-se no cabo superior da cerca. Clarões de luz chegaram-lhe aos olhos. Passou uma

das mãos pelo rosto. Agora podia ver. Fixou a sua mão: estava negra e pegajosa. Olhou para o seu corpo: estava também coberto por um lodo negro, e o preto tingia o mar numa extensão de vinte metros à sua volta. Então Bond compreendeu: o polvo ferido tinha esvaziado a sua bolsa de tinta contra êle.

Mas onde estava o monstro? Voltaria? Bond esquadri-nhou o mar. Nada, nada além da enorme mancha negra que se continuava ampliando. Nem uma só ondulação! Então, nada de esperar! Fugir dali o mais depressa possível! Ansio-samente, Bond olhou para a direita e para a esquerda. Para a esquerda era na direção do navio, mas também na direção do Dr. No, enquanto para a direita seria para o nada. Para ins-talar aquela tela de arame, os trabalhadores deviam ter vindo da esquerda, na direção do cais. Devia haver algum caminho até ali. Bond começou a se deslocar freneticamente pelo cabo superior, em direção à rocha, a vinte metros de distância.

O espantalho negro e sangrento movimentava os bra-ços e pernas quase automaticamente. O aparelho pensante e sensorial de Bond já não fazia mais parte de seu corpo. Movia-se ao lado de seu corpo ou acima dele, mantendo ape-nas o contato necessário para puxar os cordéis que faziam o boneco trabalhar. Bond era como um verme seccionado, cujas duas metades continuassem arrastando-se para a frente, conquanto a vida os tivesse abandonado para ser substituída pela vida ilusória dos impulsos nervosos. Apenas, no caso de Bond, as duas metades ainda não estavam mortas. A vida tinha somente se ausentado delas. Tudo quanto êle precisava era um grama de esperança, um grama de confiança, de con-vicção de que ainda valeria a pena tentar sobreviver.

Bond chegou à rocha, e lentamente desceu pela tela até a última malha. Contemplou vagamente o brilho palpi-tante da água. O mar estava negro e impenetrável. Deveria arriscar-se? Sem dúvida! Não podia fazer nada enquanto não tivesse lavado aquela camada de lodo e sangue, sem falar do horrível cheiro de peixe. Sombriamente, fatalisticamente, êle tirou os farrapos de sua camisa e calças, pendurando-os no cabo. Olhou para baixo, para seu corpo marrom e branco, salpicado de vermelho. Instintivamente, procurou sentir seu

pulso, que se apresentava lento mas regular. As firmes pal-pitações de vida reanimaram o seu espírito. Por que diabo estava êle se lamuriando? Estava vivo. As feridas e machuca-duras em seu corpo não eram nada — absolutamente nada. Eram horríveis, mas nada estava quebrado. Por dentro do invólucro maltratado, a máquina estava trabalhando serena e seguramente. Cortes superficiais e esfoladuras, recordações sangrentas, cansaço mortal — estes seriam ferimentos dos quais se riria uma enfermeira experiente. Para a frente, seu bastardo! Para a frente! Limpe-se e levante-se. Conte as suas bênçãos. Pense na jovem. Pense no homem que você deverá encontrar e matar. Agarre-se à vida como se agarrou à faca entre os dentes. Acabe com esta autopiedade. Para o diabo com o que acaba de acontecer! Para dentro d'água e lave-se!

Dez minutos mais tarde, Bond, com seus farrapos mo-lhados colados ao corpo já esfregado, e com os cabelos repu-xados para fora dos olhos, galgava o cimo do penhasco.

Sim, era como êle tinha imaginado. Uma picada estreita e rochosa, feita pelos pés dos trabalhadores, descia para o outro lado, contornando a saliência do penhasco.

Das proximidades chegaram vários sons e ecos. Um guindaste estava trabalhando. Podia ouvir os ritmos variáveis de seu motor. Ouviam-se os barulhos peculiares, aos navios de ferro, bem como o ruído da água que era lançada ao mar por uma bomba de porão.

Bond olhou para cima, para o céu, que estava de um azul pálido. Nuvens manchadas de ouro e reflexos rosados derivavam em direção ao horizonte. Muito acima dele, os corvos marinhos esvoaçavam em torno da guaneira. Em breve estariam fazendo-se ao mar, em busca de alimentos. Talvez, agora, mesmo, estivessem vigiando os grupos de reconheci-mento, longe, sobre o mar, na faina de localizarem os peixes. Seriam cerca de seis horas — a aurora de um belo dia.

Bond, deixando gotas de sangue atrás de si, seguiu o seu caminho cuidadosamente pela picada abaixo, beirando o sopé do penhasco. Para além da curva, a picada se infiltrava por um terreno cheio de pedras espalhadas. Os ruídos iam-se tornando mais altos. Bond ia avançando cuidadosamente,

evitando pisar em pedras. Uma voz se fêz ouvir surpreendentemente perto: "Pronto para largar?" E logo uma resposta distante: "Pronto". O motor do guindaste acelerou. Mais alguns metros. Mais um pedregulho; e mais outro. Agora!

Bond se ocultou por trás da rocha e cautelosamente meteu a cabeça para fora, a fim de observar.

XIX UMA CHUVA MORTAL

Bond correu os olhos por todo o cenário e puxou logo a cabeça.

Encostou-se à superfície fria da rocha e esperou que a sua respiração voltasse ao normal. Levantou a faca até junto dos olhos e examinou-lhe cuidadosamente a lâmina. Satisfeito, colocou-a na cintura da calça. Ali estaria à mão e não poderia bater em nada. Em seguida, Bond sentou-se e meticolosamente examinou a fotografia que tinha no cérebro.

Depois da curva, a não mais de dez metros de distância, estava o guindaste. A cabina não tinha parede traseira. Em seu interior estava um homem sentado, com as mãos nos controles. Era o capataz chinês que já dirigira o trator do pântano. À sua frente, o cais avançava vinte metros para dentro do mar o terminava num T. Um navio-tanque, já muito velho, de cerca de dez mil toneladas, estava atracado na barra superior do T. Estava bem à tona d'água, com o convés talvez a uns doze pés acima do cais. O navio chamava-se "Blanche", e o "Ant" de Antuérpia podia ser visto do lado de estibordo, na popa. Não havia indícios de vida a bordo, com exceção de um vulto, junto à roda do leme, na ponte de comando. O resto da tripulação estaria embaixo, fugindo à poeira do guano. Bem à direita do guindaste, uma correia transportadora elevada projetava-se da frente do penhasco. Era sustentada por altas pilastras, até o cais, terminando quase sobre o porão do navio-tanque. Sua boca terminava numa enorme garganta de lona, talvez de uns seis pés de diâmetro. O objetivo do guindaste era levantar a armadura de arame daquela boca, de modo que ficasse exatamente sobre o porão do navio, assim

como deslocá-la de um lado para outro, a fim de lograr uma distribuição uniforme da carga, no porão. Daquela boca de lona, num jato sólido o cheio, dirigido para baixo, o pó de guano estava sendo levado para dentro do porão do navio, à razão de toneladas por minuto.

Embaixo, no cais, para a esquerda e a sota vento daquela poeira de guano, estava a figura alta e vigilante do Dr. No.

Era tudo. A brisa da manhã fustigava o ancoradouro de águas profundas, ainda meio coberto pela sombra dos penhascos que lhe ficavam a cavaleiro, e a esteira transportadora saltitava serenamente em seus rolamentos, enquanto o motor do guindaste matraqueava ritmadamente. Não havia nenhum outro som ou movimento, nem outra vida a não ser a do vigia, na ponte de comando do navio, a do guindasteiro que operava na cabina, e a do Dr. No a fiscalizar tudo o que se fazia. Do outro lado da montanha, outros homens estariam trabalhando, na faina de alimentar a esteira transportadora com o guano triturado, mas deste lado não se permitia a presença de ninguém, e aliás qualquer outra presença seria desnecessária. A não ser dirigir a enorme boca de descarga, não havia nenhuma outra tarefa a fazer.

Bond sentou-se e pensou, medindo distâncias, visualizando ângulos, procurando onde estariam as mãos e pés do guindasteiro, nos pedais e alavancas da cabina. Lentamente, um sorriso fino e duro começou a desabrochar no seu rosto queimado pelo sol. Sim! Podia ser feito! Mas silenciosamente e com todo o cuidado! Valeria a pena aquela empreitada! Bond examinou as solas dos pés e as mãos. Eles permitiriam que êle o fizesse. Teriam que permitir. Apalpou o flanco e sentiu o cabo da faca. Puxou a lâmina um pouco para fora. Continuou de pé, respirou profundamente, por várias vezes, passou as mãos pelos cabelos enxarcados de suor e sal, depois esfregou-as para cima e para baixo, de encontro ao rosto, e em seguida passou-as nos flancos esfarrapados de suas calças. Fez uma enérgica contração final com os dedos e deu-se por preparado.

Bond subiu para a rocha e deu uma espiada em volta.

Nada tinha mudado. Seus cálculos de distâncias tinham sido corretos. O guindasteiro estava absorvido em sua tarefa. O pescoço emergia da camisa aberta, nu, oferecendo-se, à espera. A vinte metros de distância, o Dr. No, também de costas para Bond, mantinha-se de sentinela à espessa e rica catarrata de poeira amarelo-esbranquiçada. Na ponte de comando, o vigia estava acendendo um cigarro.

Bond observou os dez metros de caminho que o separavam da parte posterior do guindaste. Examinou bem os lugares em que iria pisar. Depois, saiu de trás da rocha e correu para o lado direito do guindaste, para um ponto que escolhera por nele ficar escondido do cabineiro e do cais, pela parte lateral da cabina. Chegando àquele ponto, Bond parou e procurou ouvir, atento. O motor continuava a trabalhar, e a esteira a arrastar o guano.

As duas pequenas plataformas para facilitar aos pés a escalada da cabina estavam a algumas polegadas do rosto de Bond e pareciam sólidas. De qualquer forma, o barulho do motor abafaria pequenos ruídos. Mas ele teria que ser rápido e tomar logo os controles. O primeiro golpe da faca teria que ser mortal. Bond tateou a sua própria clavícula, sentindo o mole triângulo de pele sob o qual pulsava a veia jugular; pensou mais uma vez no ângulo de aproximação para as costas do cabineiro, e tornou a recomendar-se que forçasse a faca profundamente, mantendo-a enterrada em sua vítima.

Durante um segundo final ele ainda ouviu. Depois, empunhou a faca e subiu os degraus de ferro, penetrando na cabina com a rapidez e a leveza de uma pantera.

No último momento não houve necessidade de pressa. Bond ficou atrás do cabineiro, como que a cheirá-lo. Teve tempo para levantar a faca quase até o teto da cabina, assim como tempo bastante para reunir todas as suas energias, antes de cravar a arma naquela pele amarelo-escura.

As mãos e pernas do homem afastaram-se bruscamente dos controles, e seu rosto projetou-se para trás, em direção a Bond, que julgou ter visto naqueles olhos um brilho de reconhecimento, antes de se voltarem para cima. Depois, um som estrangulado saiu daquela boca aberta, e o enorme corpo

rolou para o lado, estatelando-se no chão.

Os olhos de Bond não o acompanharam nem mesmo em sua queda até o chão, pois logo se acomodou no assento, procurando os pedais e alavancas. Tudo tinha escapado ao controle. O motor trabalhava em ponto neutro, com o cabo de aço repuxando o tambor de lona; e a extremidade da lança do guindaste baixava lentamente, para frente, como o pescoço de uma girafa, descarregando a sua coluna de poeira entre o cais e o navio. O Dr. No tinha os olhos voltados para cima, e a sua boca estava aberta. Talvez estivesse gritando alguma coisa.

Calmamente, Bond dominou a máquina, levando com cuidado os pedais e alavancas para os ângulos em que o guindasteiro os estivera segurando. O motor acelerou, as engrenagens pegaram, e o conjunto retomou o ritmo de trabalho anterior. O cabo de aço do guindaste afrouxou um pouco, e, depois, mudando de direção, desviou a boca de lona para cima do navio. A extremidade da lança elevou-se e parou. A cena era a mesma de antes. Agora!

Bond esticou o braço para apanhar a roda de ferro que o guindasteiro estivera manipulando, assim que ele o vira na cabina. Para que lado deveria virar? Bond tentou a esquerda, e a extremidade da lança deslocou-se levemente para a direita. Então Bond torceu para a direita. Sim, por Deus, a lança obedecia, deslocando-se pelo ar e arrastando consigo a boca de descarga. Os olhos de Bond desviaram-se para o cais. O Dr. No tinha saído de seu lugar. Tinha dado alguns passos, aproximando-se de uma pilastra que passara despercebida de Bond. Segurava um telefone, nas mãos, e procurava ligar com alguém do outro lado da montanha. Bond podia vê-lo a agitar freneticamente o fone.

Bond rodou mais rapidamente aquele volante de direção. Por Deus, aquilo não andaria mais depressa? Dentro de alguns segundos o Dr. No desligaria, e então seria muito tarde. Vagarosamente, a lança passou pelas alturas e agora a boca de descarga deixava cair a sua coluna de guano triturado para fora da amurada do navio. O montículo amarelo estava passeando silenciosamente sobre o cais. Cinco metros,

quatro metros, três dois metros! Não olhe para o lado, bastardo! Ah, apanhei-o! Pare o volante! Agora, tome, Dr. No!

Ao primeiro raspão da coluna de guano, o Dr. No virou-se rapidamente. Bond viu os seus compridos braços se abrirem, como se procurassem abraçar aquela repugnante massa. Um dos joelhos ergueu-se para correr. A boca abriu-se, e um grito agudo chegou aos ouvidos de Bond, por entre o barulho do motor. Depois houve o rápido espetáculo do um homem de neve bailando. E, depois, um enorme monte de guano que rapidamente ia crescendo.

— Deus do céu! — a voz de Bond devolveu um eco causado pelas paredes de ferro da cabina. Pensou nos pulmões que com os brados se estariam enchendo daquele pó nauseabundo, o corpo curvando-se e depois caindo sob aquele peso, o último movimento impotente dos calcanhares, o último clarão de pensamento — de ódio, horror e derrota? — e o silêncio do asqueroso túmulo.

Agora a montanha amarela tinha vinte pés de altura, e o guano começava a transbordar pela orla do cais, caindo no mar. Bond lançou um olhar ao navio, e, no momento em que o fêz ouvirem-se três apitos de sua sirena. O eco contornou os penhascos e ouviu-se um quarto apito, que não parou. Bond podia ver o vigia debruçando-se à janela da ponte de comando e olhando para baixo. Retirou as mãos dos controles e deixou que eles se estragassem. Era tempo de abandonar a cabina.

Bond saltou do assento de ferro e inclinou-se sobre o cadáver. Recolheu do coldre um revólver e examinou-o. Fêz uma careta — era um “Smith & Wesson”, calibre 38, de modelo usual. Enfiou-o em sua cintura. Era bom sentir o metal frio e pesado encostado à pele. Chegou até a porta da cabina e saltou para o chão.

Uma escada de ferro subia pelo penhasco, por trás do guindaste, até o ponto em que se erguia a instalação da esteira transportadora. Havia uma pequena porta na parede de ferro ondulado, no galpão que protegia a instalação da esteira. Bond galgou a escada. A porta abriu-se facilmente, deixando escapar uma baforada de pó de guano, e Bond entrou.

No interior, o barulho causado pelo deslizamento da esteira sobre os roletes era ensurdecedor, mas havia pálidas luzes de inspeção, no teto do túnel, e uma picada se internava pela montanha, acompanhando aquele apressado rio de pó. Bond andou rapidamente pelo caminho, procurando respirar superficialmente, por causa daquele cheiro de amoníaco. Custasse o que custasse, ele devia ir até o fim, antes que a sirena do navio e o telefone que não respondia vencessem os temores dos guardas.

Bond corria e tropeçava através daquele horrível túnel cheio de ecos. Qual seria a sua extensão? Duzentos metros? E depois? Nada lhe restava senão deixar a boca do túnel, correndo, e começar a atirar — isto é: causar pânico e esperar pelo melhor. Agarraria um dos homens e tiraria dele a revelação do paradeiro da jovem. E depois? Quando ele chagasse à falda da montanha, o que aconteceria? Que teria sido deixado dela?

Bond correu mais depressa, com a cabeça baixa, prestando atenção para a estreita pinguela, e pensando no que aconteceria se falseasse o pé e caísse no rio de poeira de guano. Seria ele capaz de safar-se da esteira ou seria arrastado e, finalmente, atirado à sepultura do Dr. No?

Quando a cabeça de Bond bateu num ventre mole e sentiu um par de mãos em seu pescoço, já era muito tarde para pensar em seu revólver. Sua única reação foi jogar-se no chão e para a frente, de encontro às pernas do inimigo. As pernas cederam ao impacto de seus ombros, e ouviu-se um grito agudo quando o corpo do adversário caiu sobre as suas costas.

Bond já tinha iniciado o golpe que lançaria o seu atacante para dentro da esteira, quando o som daquele grito e algo de leve e suave no impacto daquele corpo paralisaram-lhe os músculos.

Não podia ser!

Como que em resposta, dentes agudos cravaram-se na barriga de sua perna direita, e um cotovelo feriu-o maldosamente, propositadamente em certa região, próxima à virilha.

Bond gritou com a dor. Tentou encolher-se para o lado,

a fim de se proteger, mas, mesmo quando já havia gritado “Honey!”, tornou a sentir mais uma cotovelada.

A respiração opressa, causada pela agonia, passando entre os dentes de Bond, fez que ele assobiasse. Havia apenas um meio de detê-la sem jogá-la para dentro da esteira. Agarrou fortemente um de seus tornozelos e levantou-se, sustentando-a de cabeça para baixo, sobre seu ombro, e segura por um pé. O outro pé desferiu-lhe golpes na cabeça, mas com pouca violência, como se ela também já tivesse compreendido que alguma coisa estava errada.

— Pare com isso, Honey. Sou eu!

Ele ouviu-a gritar “James!” e sentiu as suas mãos agarrarem-se em suas pernas. “James, James!”

Cuidadosamente, Bond soltou-a. Depois, virou-se e, ajoelhando-se, estendeu-lhe as mãos. Colocou os braços à volta de sua cintura e estreitou-a fortemente. — Oh, Honey, Honey! Você está bem? — Desesperadamente, sem acreditar no que estava acontecendo, ele apertou-a ainda mais.

— Sim, James! Oh, sim! — Ele sentiu as suas mãos nas suas costas e em seu cabelo. — Oh, James, querido!

— Ela encostou a cabeça no peito de Bond, soluçando.

— Está tudo bem, Honey. — Bond alisou os seus cabelos. — O Dr. No está morto; mas agora teremos que correr. Temos que sair daqui. Vamos! Como poderemos sair do túnel? Como é que você chegou aqui? Temos que andar depressa!

Como uma resposta à situação, a esteira parou com um solavanco.

Bond pousou a jovem no chão. Ela estava usando um sujo macacão de trabalhador, com as mangas e calças arreçadas. A roupa era muito grande para ela, e Honey parecia uma menina metida num pijama de homem! Estava toda branca com a poeira do guano, com exceção das marcas de lágrimas em seu rosto. Ela disse, sem fôlego:

— Para lá! Há um túnel lateral que conduz às oficinas e à garagem. Eles nos virão procurar?

Não havia tempo para falar. Bond disse apressadamente: “Siga-me” e pôs-se a correr. Atrás, os pés de Honey batiam

suavemente no silêncio vazio. Chegaram ao cruzamento onde o túnel lateral atravessava a rocha. De que lado viriam os homens? Bond puxou a jovem alguns pés, acima do túnel principal, atraiu-a para junto de seu corpo e sussurrou: — Sinto muito, Honey. Receio ter que matá-los.

— Claro. — A resposta sussurrada era perfeitamente natural. Ela apertou a mão de Bond e afastou-se para trás, a fim de lhe dar espaço. Depois, pôs as mãos nos ouvidos.

Bond tirou o revólver da cintura, cuidadosamente deslocou o tambor para o lado, e apalpou com o polegar para certificar-se de que as seis câmaras estavam carregadas. Bond sabia que não iria gostar daquilo: matar, novamente, a sangue frio, mas aqueles homens deviam ser os bandidos chineses negros, os guardas que se encarregavam do trabalho sujo. Certamente que tinham matado Strangways e sua companheira. Mas não adiantava procurar alcaimar a sua consciência. A questão era: matar ou ser morto. Devia apenas fazê-lo com eficiência.

As vozes já estavam mais próximas. Havia três homens que falavam alto e nervosamente. Bond se perguntou se eles olhariam em torno, quando chegassem ao túnel principal. Ou teria que disparar contra eles, pelas costas?

Agora, eles estavam muito perto. Podiam-se ouvir os seus sapatos ferindo o chão.

— Isso perfaz dez dólares, que você me deve, Sam. — Não antes desta noite. Faça-os em pedaços, rapaz.

Faça-os em pedaços.

— Nada de dados para mim, esta noite. Hoje vou querer um pedaço daquela garota branca.

— Ha, ha, ha...

O primeiro homem chegou, depois o segundo, em seguida o terceiro. Eles carregavam os revólveres frouxamente, nas mãos.

Os três homens entraram no túnel principal, encaminhando-se para o lado em que estava Bond. Os alvos dentes dos guardas brilharam em suas bocas abertas. Bond atirou contra o último homem, na cabeça, e contra o segundo no estômago. O revólver do primeiro já estava em posição de tiro e

uma bala passou raspando por Bond, perdendo-se pelo túnel. O revólver de Bond replicou e o homem levou as mãos ao pescoço para logo cair lentamente sobre a esteira transportadora. Os ecos reboaram lenta e abafadamente pelo túnel. Uma nuvem de fina poeira levantou-se no ar e depois pousou no chão e nas paredes do túnel. Dois corpos jaziam imóveis no chão, mas o homem que fora atingido no estômago agitava-se ainda no solo. Bond enfiou o revólver na cintura da calça e disse à jovem — Venha. — Ato contínuo, segurou a mão de Honey e foi arrastando-a atrás de si, pela entrada do túnel lateral. A caminho, ele disse: — Desculpe-me, Honey — e logo pôs-se a correr.

Ela respondeu: — Não seja estúpido. — Depois disso não se ouviu mais nada, a não ser as batidas dos pés descalços de ambos no chão.

O ar era limpo, no túnel lateral, e era mais fácil de percorrê-lo, mas depois da tensão dos tiros, a dor começou novamente a se apossar do corpo de Bond. Contudo, continuava correndo automaticamente e mal conseguia pensar na jovem. Toda a sua mente se concentrava em resistir à dor e nas tarefas que o aguardavam quando chegasse ao fim do túnel.

Não sabia se os tiros tinham sido ouvidos e também não tinha a mínima idéia relativamente à oposição que ainda lhe restaria enfrentar. O seu único plano era disparar contra qualquer pessoa que se lhe interpusesse no caminho, e, de qualquer maneira, chegar à garagem e apoderar-se do trator. Essa era a sua única esperança de se afastar da montanha e atingir a costa.

As lâmpadas de uma luz amarelada e pálida bruxuleavam sobre suas cabeças, mas nada de o túnel acabar. Atrás, Honey tropeçou. Bond deteve-se e se amaldiçoou por não ter pensado nela. Ela estendeu os braços para ele e por um momento descansou em seu peito, trêmula e com o coração palpitando.

— Desculpe-me, James — disse ela; — é que... Bond estreitou-a e disse:

— Você se machucou, Honey?

— Não; estou bem. Sinto-me terrivelmente cansada. E

os meus pés se cortaram um pouco ria montanha. Caí muito durante a noite, no escuro. Se pudéssemos andar um pouco... Já estamos quase chegando. E há uma porta na garagem, antes de chegarmos à oficina. Não poderíamos entrar lá?

Bond apertou-a mais de encontro ao peito, e disse:

— Isso é justamente o que estou procurando fazer, Honey. Esta é a nossa única esperança de nos livrarmos daqui. Se você puder agüentar até chegarmos lá, então teremos uma boa oportunidade.

Bond passou um braço pela cintura da jovem e alivio-a de seu peso. Preferiu não olhar para os pés de Honey. Sabia que eles deveriam estar em más condições. Pouco adiantaria que um se apiedasse do outro. Não havia tempo para isso, se é que desejassem escapar.

Pôs-se novamente a caminho, mas as contrações de seu rosto bem demonstravam o que significava para ele aquele esforço extra. Os pés de Honey iam deixando pegadas ensangüentadas no chão. Subitamente ela sussurrou algo ao seu ouvido, mostrando-lhe uma porta de madeira, na parede do túnel. A porta estava entreaberta e nenhum ruído vinha do outro lado. Bond tirou o revólver e abriu a porta. A comprida garagem estava vazia. Sob as lâmpadas de gás neon, o dragão pintado de ouro e negro, sobre rodas, parecia um carro alegórico — que aguardasse o momento de participar da procissão do Prefeito de Londres. Estava de frente para as portas corrediças, e a portinhola da cabina blindada estava aberta. Bond desejou que o tanque de gasolina estivesse cheio e que o mecânico tivesse feito os consertos necessários.

Súbito, de algum ponto do lado de fora, ouviram-se vozes. Elas se aproximaram mais e mais, tagarelando ansiosamente.

Bond segurou a mão de Honey e avançou. Havia apenas um lugar onde poderiam esconder-se — no trator. A jovem subiu para a cabina, logo acompanhada por Bond. Ali, agacharam-se e esperaram. Bond pensou: apenas três cartuchos deixados no tambor. Demasiado tarde ele se lembrava das armas penduradas à parede, na garagem. Agora as vozes estavam bem em frente à garagem. Ouviu-se o ruído da porta

que deslizava sobre os roletes e uma confusão de vozes.

— Como é que você sabe que eles estavam atirando?

— Não podia ser outra coisa. Do contrário eu saberia.

— É melhor apanhar os rifles. Aqui, Joe! Apanhe aquele lá, Lemmy! E algumas granadas. A caixa está debaixo da mesa. Ouviu-se o barulho de parafusos sendo apertados e fechos de segurança estalando.

— Algum sujeito andou disparando. Não podia ser aquele gringo inglês. Você viu a que ficou reduzido aquele sujeito grande, lá na enseada? Credo! E o resto das armadilhas que o Doutor colocou no túnel? E aquela garota branca? Ela não deve ter guardado a mesma forma, hoje de manhã. Algum de vocês foi dar uma espiada?

— Não, senhor.

— Não.

— Não.

— Há, há... Não há dúvida que estou muito surpreso com vocês, rapazes.

Ouviu-se ainda mais barulho de pés e depois a mesma voz que dizia:

— Bem, vamos indo? Dois na frente, até chegarmos ao túnel principal. Atirem para as pernas. Quem quer que esteja fazendo confusão, o Doutor hã-de querê-lo para os seus pas-satempos.

As pistolas daqueles homens ecoaram no concreto. Bond susteve a respiração, enquanto os guardas se iam retirando, um a um. Notariam eles que a portinhola do trator agora estava fechada? Mas todos eles passaram sem prestar atenção àquele detalhe, internando-se pelo túnel. O ruído de seus passos foi diminuindo gradativamente, até silenciar de todo.

Bond tocou no braço da jovem e colocou o dedo nos lábios. Cautelosamente êle abriu a portinhola da cabina e tornou a escutar. Nada. Pulou para o chão, deu a volta ao trator, e foi até a porta da garagem que estava entre-aberta. Olhou para todos os lados. Não havia ninguém à vista. Apenas um cheiro de alimentos fritos, que trouxe água à boca de Bond. Podia-se ouvir o barulho de pratos e panelas, na construção

mais próxima, a cerca de vinte metros de distância, e de uma das tendas mais distantes chegou o som de uma guitarra e a voz de um homem entoando um calipso. Cães começaram a ladrar sem muita vontade, e depois reinou o silêncio. Eram os cães de fila Dobermann.

Bond deu a volta e correu para o fundo da garagem. Nenhum som vinha do túnel. Suavemente fechou a porta do túnel a chave e trancou-a. Depois foi ao suporte das armas, pregado à parede, e escolheu outro “Smith & Wesson” e uma espingarda “Remington”, tendo o cuidado de verificar que ambas as armas estavam carregadas. Em seguida foi ter à portinhola do trator e entregou as armas à jovem. Agora, para a porta de entrada. Bond encostou o ombro e lentamente começou a abri-la. Quando a porta ficou escancarada, Bond correu para a cabina do trator e sentou-se no banco do motorista.

— Feche a porta, Honey — sussurrou ansiosamente, enquanto simultaneamente virava a chave de partida.

A agulha, no mostrador, correu para “máximo”. Bond pediu a Deus que a máquina partisse rapidamente. Ele bem sabia que alguns motores diesel eram lentos. Em seguida pisou resolutamente no acelerador.

O chocalhar das engrenagens era ensurdecedor. Certamente que aquela barulheira seria ouvida em todo o grupo de construções. Bond parou e tentou novamente. O motor resfolegou e silenciou. Mais uma vez, agora felizmente a coisa pegou e Bond calmamente procurou engrenar. Para que lado? Experimente este. Sim, deu certo. Solte o freio, idiota! Por Deus, o motor quase afogara.

Mas agora já estavam fora da garagem e ganhando velocidade. Bond pisou até a tábua.

— Alguém está-nos perseguindo: — Bond teve que gritar, para poder ser ouvido naquela barulheira.

— Não. Espere! Sim, um homem saiu de alguma das tendas! Outro! Estão nos acenando com os braços e gritando. Agora estão chegando outros. Um deles correu para a direita e outro entrou apressadamente na tenda. Lá vem ele com um rifle. Deitou-se. Vai disparar.

— Feche a fenda aí. Deite no chão!

Bond olhou para o velocímetro. Vinte quilômetros. E eles estavam numa descida. Não se podia esperar mais do motor. Bond concentrou-se em manter as gigantescas rodas nos sulcos do caminho. A cabina saltava e sacolejava sobre as molas. Não era muito fácil manter pés e mãos nos controles. Um punho de ferro bateu com clangor na cabina. E mais um. Qual seria a distância? Quatrocentos metros? Boa pontaria. Bond gritou:

— Honey, dê uma espiada. Abra a fenda, um pouquinho só.

— O homem já se levantou. Parou de atirar. Eles estão todos nos observando — uma multidão deles. Espere, não é só isso. Os cães estão vindo! Ninguém os acompanha. Estão descendo pelo caminho, em nosso encalço. Será que eles nos pegam?

— Não tem importância, Honey. Venha e sente-se ao meu lado. Segure-se bem. Cuidado com a cabeça no teto. — Bond soltou um pouco o acelerador. — Puxa, Honey, saímos dessa! Quando chegarmos ao lago pararei e atirarei contra os cães. Eu conheço bem esses monstros, basta matar-se um para que os outros se entretenham em devorá-lo.

Bond sentiu a mão de Honey em seu pescoço, e ela a manteve assim, enquanto o trator ia aos pulos pela rota. Chegando ao lago, Bond avançou uns cinqüenta metros para dentro da água, deu volta com o trator e debreou. Através do parabrisa ele pôde ver a matilha contornando a última curva. Apanhou o rifle a seus pés e introduziu o cano pela abertura. Agora os cães já tinham chegado ao lago e começavam a nadar. Bond manteve o dedo no gatilho e descarregou uma saraivada no meio dos animais. Um deles começou a se debater, e logo outro, e mais outro. Bond podia ouvir os seus uivos de dor, a despeito do ruído do motor. Havia sangue na água, e dentro em pouco começou uma luta. Bond viu um dos cães saltar sobre um dos feridos e enterrar os dentes em sua nuca. Agora todos pareciam estar loucos. Todos se mordiam, numa verdadeira roda viva, em meio a uma água sanguinolenta e espumante. Bond descarregou toda a sua arma entre os animais e deixou-a cair no chão. Depois disse: “Eis aí, Ho-

ney”, e embreou novamente, iniciando a travessia do lago em velocidade moderada, na direção dos mangues que ficavam na foz do rio.

Durante cinco minutos mantiveram-se assim em silêncio. Depois Bond descansou uma das mãos no joelho da jovem e disse:

— Agora não deve haver mais perigo, Honey. Quando descobrirem que o chefe está morto, haverá pânico. Acho que os mais espertos procurarão fugir para Cuba, num avião ou numa lancha. Hão-de ficar preocupados com salvar a pele e não conosco. De qualquer forma, não sairemos com a canoa enquanto não estiver bastante escuro. Agora devem ser umas dez horas. Devemos chegar à costa dentro de uma hora. Chegando lá descansaremos e procuraremos pôr-nos em forma para a viagem. O tempo parece muito bom, e acho que haverá um pouco mais de luar, esta noite. Você acha que pode agüentar?

A mão de Honey apertou a garganta de Bond:

— É claro que posso, James. E você? Pobre do seu corpo! Está todo coberto de queimaduras e ferimentos. E o que são essas marcas vermelhas em sua barriga?

— Depois eu conto. Estou bem. Mas diga-me o que lhe aconteceu na noite passada. Como é que você conseguiu safar-se dos caranguejos? Que teria falhado nos planos daquele bastardo? Durante toda a noite não pude pensar em outra coisa senão em você sendo devorada pelos caranguejos. Meus Deus, que pesadelo! Que aconteceu?

A jovem estava mesmo rindo. Bond observou-a melhor. Os seus cabelos estavam desgrehados e os seus olhos azuis inchados pela falta de dormir, mas a não ser isso ela bem poderia estar a caminho de casa, de volta de um churrasco.

— Aquele homem pensou que entendia de tudo — começou a jovem. — Mas não passava de um tolo. — Ela bem poderia estar falando de um mestre-escola idiota. — Ele estava muito mais impressionado com os caranguejos negros do que eu. Para começar, não me importo que nenhum animal me toque, mas, de qualquer modo, aqueles caranguejos nem mesmo pensariam em arranhar alguém que fique imóvel e

não tenha nenhuma ferida no corpo. A verdade é que eles não gostam de carne. Nutrem-se principalmente de plantas e outras coisas. Se êle disse a verdade, isto é, se êle conseguiu matar uma jovem negra, por aquêlo modo, ou ela tinha alguma ferida ou deve ter morrido de terror. Êle com certeza quis ver se eu resistia à prova. Velho nojento. Só desmaiei durante o jantar porque sabia que êle reservava algo de muito mais terrível para você.

— Diabo! Eu gostaria de ter sabido disso. Logo imaginei você sendo reduzida a pedaços.

A jovem resmungou:

— Naturalmente que não foi muito agradável ver arrancarem as minhas roupas e amarrarem-me em cavilhas, no chão. Mas aqueles negros não ousaram tocar em mim. Apenas disseram gracejos e depois se afastaram. Também não era muito agradável a rocha, mas eu estava pensando em você e como poderia chegar até o Dr. No e matá-lo. Foi então que ouvi os caranguejos começando a Corrida — é como nós dizemos em Jamaica — e logo eles chegavam matraqueando o escorregando às centenas. Passaram sobre o meu corpo e à minha volta. Pela atenção que eles me deram, eu bem poderia ter sido uma rocha. É verdade que me fizeram um pouco de cócegas ou me aborreceram tentando puxar o meu cabelo, e isso foi tudo. Apenas esperei que amanhecesse, quando eles se recolhem em buracos e vão dormir. Gostei muito deles. Fizeram-me companhia. Depois foram-se tornando mais e mais escassos, até que desapareceram, e eu então pude começar a mexer-me. Sacudi todas as cavilhas, uma a uma, o depois me concentrei na que prendia a minha mão direita. Por fim consegui arrancá-la da fenda feita na rocha, e o resto foi fácil. Voltei para as construções e comecei a fazer reconhecimentos. Entrei na oficina, próxima à garagem, e encontrei êste velho macacão. Foi quando a esteira transportadora começou a se mover, não muito longe, e eu me pus a pensar naquilo, chegando à conclusão de que deveria levar o guano através da montanha para o cais. Sabia que você já devia estar morto àquela hora. Pensei, pois, em chegar até a esteira, atravessar a montanha e alcançar o Dr. No para matá-lo. Para isso tive o

cuidado de munir-me de uma chave de parafusos.

Ela riu; depois continuou:

— Quando nos esbarramos, eu deveria ter enterrado a chave de parafusos em você, mas como ela estivesse em meu bolso, não pude apanhá-la. Encontrei a porta, na parte posterior da oficina, e atravessei-a, indo ter ao túnel principal. Essa é a minha história. — Nova pausa, durante a qual ela acariciou a nuca de Bond. Depois prosseguiu:

— Querido, espero não o ter machucado muito quando estávamos lutando. Minha babá sempre me disse que atingisse os homens naquele lugar.

Bond riu. — Ah, sim? — Simultaneamente esticou os braços, agarrou os cabelos de Honey e atraiu o rosto da jovem de encontro ao seu. A boca de Honey foi deslizando pela face de Bond e colou-se aos seus lábios.

O trator deu um solavanco para um lado e o beijo terminou. Eles tinham dado de encontro às primeiras raízes de mangue à entrada do rio.

XX

TRABALHO ESCRAVO

— O senhor está certo de tudo isso?

Os olhos do Governador interino mostravam assombro e ressentimento. Como é que tais coisas poderiam ter acontecido sob o seu nariz num dos territórios pertencentes a Jamaica? O que iria dizer o Ministério das Colônias a respeito daquilo? Já via o longo envelope azul-claro, com a marca. “Pessoal. Apenas para o destinatário”. Depois, aquela folha de papel-ofício, com aquelas margens muito amplas: “O Secretário de Estado para as Colônias instruiu-me no sentido de manifestar-lhe a sua surpresa...”

— Sim, senhor. Sem dúvida. — Bond não tinha a mínima simpatia pelo homem. Não gostara da recepção que tivera em sua última visita a King’s House, nem tampouco dos comentários mesquinhos feitos por ele relativamente a Strangways e à jovem. Apreciava o Governador ainda menos, agora que sabia estarem o seu amigo e a jovem sepultados no fundo

do Reservatório Mona.

— Ah — bem, não devemos deixar que isso chegue ao conhecimento da imprensa, compreende? Enviarei o meu relatório ao Secretário de Estado, pela próxima mala. Estou certo de que poderei contar com a sua...”

— Desculpe-me, sr. Governador. — O brigadeiro encarregado do comando da Força de Defesa das Caraíbas era um soldado moderno, de trinta e cinco anos de idade. A sua folha de serviços militares era bastante boa para que se deixasse impressionar por relíquias da era eduardiana de governadores de colônias, aos quais êle se referia coletivamente como “bonecos de chapêuzinhos de penas”. — Acho que podemos ter como certo que o comandante Bond não procurará comunicar-se com ninguém a não ser o seu Departamento. E, se posso dar a minha opinião, sugiro que tomemos medidas para limpar Crab Key sem esperar a aprovação de Londres. Posso fornecer uma patrulha pronta para embarcar, esta noite. O “H. M. S. Narvik” chegou ontem. Se o programa de recepções em sua homenagem pudesse ser adiado por quarenta e oito horas mais ou menos ...” O brigadeiro deixou o seu sarcasmo pairando no ar.

— Concordo com o brigadeiro, Sr. Governador. — A voz do chefe de polícia era tensa. Uma ação rápida podia salvá-lo de uma reprimenda, mas teria que ser rápida. — De qualquer forma, eu terei que agir imediatamente contra quaisquer jamaicanos que pareçam estar implicados no caso. Terei que pôr os mergulhadores a trabalhar no Reservatório de Mona. Se se deve tirar essa história a limpo, não se pode esperar por Londres. Como diz o Sr. — Ahn!... — Comandante Bond, a maior parte desses bandidos negros provavelmente agora já estarão em Cuba. Terei que entrar em contato com o meu colega de Havana, a fim de apanhá-los, antes que eles se refugiem nas montanhas ou passem à clandestinidade. Acho que nos devemos pôr em ação imediatamente, senhor.

Fêz-se silêncio na sala fria e sombria onde se estava efetuando a reunião. No teto, acima da pesada mesa de conferências, de mogno, via-se uma inesperada franja de sol. Bond imaginou que aquele reflexo tivesse vindo de uma fonte ou

de um lago de lírios e atravessado as frestas das persianas. À distância ouvia-se o som de bolas de tênis. Depois, uma voz de moça gritou: É você quem serve, Gladys. — Seriam as filhas do Governador? Suas secretárias? Numa das extremidades da sala o Rei George VI e em outra a Rainha olhavam para baixo, sobre a mesa, com bom humor.

— O que pensa disso, Sr. Secretário para a Colônia? — A voz do Governador vinha às sacudidelas.

Bond ouviu as primeiras e poucas palavras e compreendeu que Pleydell-Smith concordava com os outros dois. Depois deixou de ouvir, pois a sua mente já estava vagando num mundo de campos de tênis e lagos de açucenas, de reis e rainhas, de Londres, de pessoas sendo fotografadas com pombos em Trafalgar Square, de flores que em breve estariam desabrochando nos jardins, pois estávamos em maio, da dona de casa que em seu apartamento próximo a King's Road se estaria levantando para preparar uma xícara de chá (aqui eram onze horas; seriam seis horas em Londres), dos primeiros trens, começando a correr, sacudindo o chão sob o seu leito. E o doce clima da Inglaterra: as suaves brisas, as ondas de calor, as ondas de frio — “o único país em que se pode dar um passeio todos os dias do ano” — como se diz nas Cartas de Chesterfield. E então Bond pensou em Crab Key, no vento, quente começando a soprar, no mau cheiro causado pelos gases do pântano, nos corais cinzentos e anfratuosos, já mortos, em cujos orifícios os caranguejos negros estavam agora agitando, com seus olhos vermelhos e negros movimentando-se rapidamente na extremidade de suas antenas à passagem de uma sombra causada por uma nuvem ou por um pássaro. Na colônia de pássaros, as aves brancas, rosas e marrons estariam caminhando pé ante pé nos baixos, ou ocupadas com alguma luta, ou simplesmente aninhadas, enquanto no alto, na guaneira, os corvos marinhos estariam de volta do desjejum, a fim de depositar o seu miligrama de aluguel ao seu senhorio, que já não estaria mais lá para cobrá-lo. E onde estaria o senhorio? Os homens do “SS Blanche” o teriam desenterrado. O corpo teria sido examinado, para a certeza de que nele não havia mais vida, e depois posto

em algum lugar. Teriam eles lavado o corpo, para tirar-lhe a poeira amarela, vestindo-o em seguida com seu quimono, enquanto o comandante telegrafava para Antuérpia, a fim de” pedir instruções? E para onde teria ido a alma do Dr. No? Teria ela sido uma alma má ou apenas uma alma louca? Bond pensou nos restos contorcidos e carbonizados pelas chamas que tinham sido Quarrel. Lembrou-se das maneiras ternas daquele grande corpo, da inocência que havia naqueles olhos cinzentos à procura dos horizontes distantes, de suas luxúrias e desejos simples, de seu respeito pelas superstições, as suas faltas infantis, a lealdade e mesmo o amor que Quarrel lhe tinha demonstrado. Certamente que ele não teria ido para o mesmo lugar que o Dr. No. O que quer que acontecesse aos mortos, sem dúvida que haveria um lugar para onde iriam os frios e outro lugar para onde iriam os ardentes. E para onde, quando fosse chegado o dia, iria ele, Bond?

O Secretário para a Colônia estava mencionando o nome de Bond, o que fez que ele rapidamente se endireitasse.

“... que ele tenha sobrevivido é francamente extraordinário. Penso, senhor, que deveríamos demonstrar a nossa gratidão ao comandante Bond e ao seu Departamento, aceitando as suas recomendações. Parece, senhor, que ele fez pelo menos três quartos da tarefa. Certamente o que devemos fazer agora é encarregar-nos do último quarto.”

O Governador resmungou e olhou de soslaio, sobre a mesa, para Bond. Este não parecia estar prestando muita atenção, mas nunca se podia estar muito seguro com esses sujeitos do Serviço Secreto. Sujeitos perigosos para a gente os ter à volta, a bisbilhotarem e espionarem tudo. E o seu maldito chefe tinha um tremendo prestígio junto ao chefe do governo, em Londres. Não valeria a pena indispor-se com ele. Naturalmente que havia algo de justificável no envio do “Narvik”, mas certos fatos chegariam ao conhecimento público. Toda a imprensa do mundo cairia sobre sua cabeça. Mas, subitamente, o governador viu as manchetes: “O Governador empreende rápida ação... O homem forte da Ilha intervém... A Marinha já chegou!” Afinal de contas, talvez fosse melhor

agir daquela maneira. Até mesmo ir em pessoa ver o embarque das tropas. Sim, por Deus, era isso que devia ser feito. O repórter Gargill, do “Gleaner”, viria almoçar. Faria então uma ou duas insinuações ao rapaz e se certificaria de que a história fosse devidamente coberta. Sim, era isso. Essa era a maneira de fazer a jogada.

O governador levantou as mãos e deixou-as cair pesadamente, sobre a mesa, num gesto de submissão. Por fim, dirigiu um sorriso forçado de aquiescência aos presentes:

— Então, estou em minoria, senhores. — Em seguida, sua, voz tornou-se condescendente, como a de um velho tio que dissesse aos seus sobrinhos que desta vez... “eu aceito o veredito dos senhores. Sr. Secretário para a Colônia, queira ter a gentileza de visitar o comandante do “H.M.S. Narvik” para explicar-lhe a situação. Em caráter estritamente confidencial, naturalmente. Brigadeiro, deixo as providências militares em suas mãos. Sr. Chefe de Polícia, o senhor saberá o que fazer”. O Governador levantou-se, inclinando a cabeça num gesto de realeza na direção de Bond:

— Resta apenas manifestar a minha apreciação ao comandante — eehh — Bond, por sua participação no caso. Não deixarei de mencionar a sua cooperação, comandante, ao Secretário de Estado.

Do lado de fora, o sol reverberava na aléia semi-circular de cascalho. Dentro do “Hillman Minx” estava um verdadeiro banho turco. As mãos queimadas de Bond encolheram-se quando êle agarrou o volante.

Pleydell-Smith debruçou-se à janela do carro, e disse:

— Você já ouviu a expressão jamaicana “rarse”?

— Não.

— “Rarse”, homem, é uma expressão vulgar que quer dizer “vá às favas”. Se assim me posso expressar, você poderia, muito apropriadamente, ter empregado essa expressão ainda há pouco. Todavia — Pleydell-Smith fez um largo gesto com a mão, como se pedisse desculpas por seu chefe e o pusesse de lado — há mais alguma coisa que eu possa fazer por você? Acha realmente que deveria voltar a Beau Desert? Lá no hospital eles foram bem explícitos, no sentido de que você

deve ficar lá durante uma semana.

— Muito obrigado — disse Bond lacônicamente — mas preciso voltar. Quero ver se a pequena está bem. Você quer dizer lá no hospital que estarei de volta amanhã? Mandou aquele despacho para o meu chefe?

— Com urgência.

— Bem, então — Bond acionou o motor de arranque — acho que você já fez muito. Não deixe de procurar o pessoal do Instituto de Jamaica, a respeito da jovem. Ela sabe realmente uma porção de coisas sobre história natural. Mas não coisas aprendidas em livros. Se eles pudessem arranjar-lhe um emprego apropriado... Gostaria de vê-la colocada. Eu mesmo vou levá-la a Nova Iorque e acompanhá-la em sua operação. Ela poderia começar uns quinze dias depois da operação. Incidentalmente, — Bond parecia embaraçado, — ela é realmente uma garota admirável. Quando ela voltar... se você e sua esposa... Você sabe. Apenas para ter alguém olhando-a um pouco.

Pleydell-Smith sorriu. Pensou ter apanhado bem o quadro que o amigo lhe sugeria. Respondeu:

— Não se preocupe. Eu verei isso. Batty é formidável para essa espécie de encargo. Gostará de ter a garota sob sua asa. Só isso? Tornarei a vê-lo no fim da semana, de qualquer forma, não é? Aquele hospital é um inferno com este calor. Você poderia ficar uma noite ou duas conosco antes de voltar para a Inglaterra — quero dizer Nova Iorque. Terei muito prazer em receber você — êhh — ambos.

— Obrigado. E obrigado por tudo o mais.

Bond pôs o carro em marcha e lá se foi pela avenida ensolarada. Corria cêleremente, atirando para longe os cascalhos, nas curvas. Queria ver-se longe. Queria ver-se livre de King's House, e do tênis, e de reis e rainha. Até mesmo do bondoso Pleydell-Smith queria ver-se livre. Bond gostava do homem, mas tudo quanto queria era voltar por Junction Road a Beau Desert, afastando-se do mundo ameno. Passou pela sentinela e entrou na estrada principal. Pisou o acelerador até a tábua.

A viagem noturna, sob as estrelas, tinha sido sem in-

cidentes. Ninguém os tinha perseguido. A jovem tinha dirigido a maior parte da travessia. Bond não discutira com ela, deixando-se ficar no fundo do bote, numa espécie de colapso, como um morto. Acordara uma ou duas vezes e ouvira o marulhar das ondas de encontro ao casco do barco, admirando o tranqüilo perfil da jovem, sob as estrelas. Depois, o embalo das pulsações marinhas o tinha adormecido e lançado nos pesadelos que o perseguiam desde Crab Key. Não se preocupou com eles, nem mesmo pensou que depois daquilo viria a se impressionar com um pesadelo. Com efeito, depois do que lhe acontecera na noite anterior seria preciso algo de verdadeiramente forte para tornar a assustá-lo.

A batida de uma pedra contra o casco acordara-o. Estavam atravessando os recifes e penetrando em Porto Morgan. A lua em quarto crescente estava alta no céu e para dentro dos recifes o mar era um espelho prateado. A jovem conduzira a canoa com a vela desfraldada. Atravessaram a baía em direção à pequena orla da areia e a proa sob a cabeça de Bond raspou-a docemente. Honey tivera que ajudá-lo a deixar a canoa e atravessar o relvado em direção à casa. Êle se agarrara a ela, amaldiçoando-a ternamente, enquanto ela ia arrancando-lhe as roupas e levando-o para baixo do chuveiro. Ela nada dissera quando vira o seu castigado corpo sob as luzes. Abrira completamente o chuveiro e passara-lhe sabonete em todo o corpo, como se êle fosse um cavalo. Depois, tirara-o do chuveiro, enxugando-o suavemente com toalhas que eram aplicadas a seu corpo, sob leve pressão, e que logo se tingiam de sangue. Êle a vira apanhar uma garrafa de antisséptico. Depois, urrara de dor e se agarrara desesperadamente à banheira. Antes de começar a aplicar-lhe aquele líquido ela o tinha beijado nos lábios. Em seguida, dissera-lhe: — Agüente firme, querido. E chore. Vai doer um bocado. — enquanto ela lhe aplicava aquele maldito líquido, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, sem que êle experimentasse nenhum sentimento de vergonha.

Em seguida viera o magnífico desjejum, enquanto a aurora ia raiando sobre a baía, logo seguido da horrível corrida para Kingston, em busca da mesa operatória, na enfer-

maria de pronto-socorro. Pleydell-Smith fora chamado, mas não se fizeram perguntas. Mertiolo fora posto nas feridas e unguento de ácido tânico nas queimaduras. O eficiente médico negro escrevera afanosamente no livro de registro... o quê? Provavelmente apenas “queimaduras e contusões generalizadas”. Depois, com promessas de que se recolheria a uma enfermagem particular, no dia seguinte, Bond fora com Pleydell-Smith a King’s House e participara da primeira reunião que terminara com uma conferência ampliada. Bond enviara uma curta mensagem cifrada para M, através do Secretariado das Colônias, e terminara friamente com as seguintes palavras: “Lamento dever solicitar novamente licença para tratamento de saúde ponto segue o relatório dos cirurgiões ponto queira ter a gentileza de informar ao armeiro que o “Smith & Wesson” é ineficaz contra um lança-chamas ponto.”

Agora, enquanto ia dirigindo o carro, serpeando por aqueles SS intermináveis, em direção à Costa Norte, lamentava o gracejo. M não gostaria daquilo. Era um gracejo barato e desperdiçava grupos de cifras. Upa!, quase! Bond desviara rapidamente para evitar um célere ônibus vermelho que trazia em sua tabuleta de destino as palavras “Brownskin Gal”. Quisera apenas mostrar a M que aquilo não fora apenas férias ao sol. Mais tarde pediria desculpas, quando enviasse o seu relatório escrito.

O quarto de dormir de Bond era fresco e escuro. Encontrara um prato de sanduiches e uma garrafa térmica cheia de café, ao lado da cama. Sobre o travesseiro estava uma mensagem escrita com grandes letras infantis, anunciando: “Você vai ficar comigo esta noite. Não posso deixar os meus animais. Eles estavam inquietos. Também não posso deixá-lo. E você me deve horas de trabalho escravo. Voltarei às sete. Sua H.”

Ao anoitecer ela atravessou o relvado, indo ao encontro de Bond, no lugar em que ele terminava o seu terceiro copo de uísque. Ela vestia uma saia de algodão, de listras pretas e brancas, e uma blusa côr de rosa claro. Os cabelos dourados cheiravam a xampu. Estava incrivelmente fresca e bela. A jovem estendeu-lhe a mão e Bond apanhou-a, acompanhando

Honey pela aléia e por um estreito caminho muito trilhado e que atravessava o canavial. O caminho serpeava numa longa extensão, em meio à mata elevada, indo ter a uma pequena e limpa esplanada, onde se viam espessas paredes de pedras, já muito estragadas e recobertas de hera, e logo alguns degraus que desciam conduzindo a uma pesada porta, cujas ombreiras brilhavam com os reflexos de luz.

Ela olhou-o da porta e disse:

— Não se assuste. O canavial está alto e a maioria de trabalhadores está fora.

Bond não sabia o que esperar, mas pensara vagamente num chão de terra batida e paredes úmidas. Provavelmente seriam encontradas algumas peças quebradas de mobiliário, uma armação de cama em pedaços, coberta de farrapos, e um forte cheiro de animais. Ele tomara todas as precauções para não ferir os seus sentimentos.

Todavia, não pôde evitar um sentimento de surpresa quando se viu dentro do que mais parecia uma grande caixa de charutos muito limpa. O chão e o teto eram de cedro polido e exalavam um cheiro agradável. As paredes eram recobertas de painéis feitos com tiras de bambu. A luz vinha de uma dúzia de velas colocadas num fino candelabro de prata pendente do centro do teto. Muito no alto; havia três janelas quadradas, através das quais Bond podia ver o azul escuro do céu e as estrelas. Viam-se ainda várias peças de fina mobília do século dezenove. Sob o candelabro estava posta uma mesa para dois, com um serviço de prata e cristais caros mas antiquados.

Bond disse:

— Honey, que sala adorável! Pelo que você me disse, imaginei que você vivia numa espécie de jardim zoológico.

Ela sorriu encantada:

— Eu retirei a velha prataria e outras coisas. Foi o que me ficou. Tive que passar o dia polindo-os, coisa que antes nunca fiz. Ficou bonito, não ficou? Sabe, geralmente arrumo uma porção de pequenas gaiolas contra a parede. Gosto de tê-las comigo, pois fazem-me companhia. Mas agora que você está aqui... — Ela fez pausa. — Meu quarto de dormir é ali,

— fez um gesto, indicando a outra porta. — É muito pequeno, mas há lugar para nós dois. Agora venha. Receio que seja um jantar frio — apenas lagostas e frutas.

Bond aproximou-se dela e tomou-a nos braços, beijando-a com força nos lábios. Estreitou-a e fixou-a em seus olhos azuis.

— Honey — disse êle — você é uma das garotas mais maravilhosas que já encontrei. Espero que o mundo não a modifique muito. Você quer realmente fazer essa operação? Gosto de seu rosto como êle está. Êle é parte de você, parte de tudo isto.

Ela franziu o cenho e libertou-se dele. Depois disse:

— Não seja sério esta noite e não fale dessas coisas. Não quero pensar nisso. Essa é a minha noite com você. Por favor, fale-me de amor. Não quero ouvir falar de outra coisa. Promete? Agora venha e sente-se aqui.

Bond sentou-se e sorriu para ela. Em seguida respondeu:

— Prometo. Honey disse:

— Aqui está a maionese. Não é pré-fabricada: eu mesma a preparei. E sirva-se de pão e manteiga.

Ela sentou-se em frente de Bond, observando-o. Quando viu que êle parecia satisfeito, disse:

— Agora você pode começar a me falar de amor. Digame tudo sobre êle. Tudo o que você souber.

Bond contemplou aquele rosto dourado, com um matiz de rubor. Os seus olhos eram brilhantes e ternos, sob a luz das velas, mas tinham aquele mesmo brilho imperioso da primeira noite que a vira na praia, quando Honey pensara que êle tinha vindo para roubar-lhe as conchas. Os lábios cheios e rubros estavam entreabertos pela excitação e pela impaciência. Com êle a jovem não sentia qualquer inibição. Eram dois animais amorosos. Havia um sentimento de naturalidade e ela não sentia vergonha. Ela podia perguntar-lhe qualquer coisa e esperar que êle respondesse. Era como se já estivessem na cama, sozinhos, como amantes. Sob o corpete apertado, os mamilos de seus seios se mostravam duros e entumescidos.

Bond perguntou:

— Você é virgem?

— Não, já lhe disse. Aquele homem...

— Bem... — Bond sentiu que não podia comer mais. Sua boca estava ressequida com o pensamento na jovem. Então disse:

— Honey, ou como ou falo de amor com você. Não posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo...

— Você vai para Kingston amanhã e terá muito que comer lá. Fale, então, de amor.

Os olhos de Bond eram tênues fendas azuis. Levantou-se e descansou sobre um joelho, ao lado da jovem. Apanhou uma de suas mãos e contemplou-a. O monte de Vênus estava entumescido pela volúpia. Bond inclinou a cabeça sobre aquela mão e mordeu suavemente aquela formação carnosa. Ele sentiu a mão livre dela acariciar-lhe os cabelos. Mordeu com mais força, e a mão que ele sustentava aconchegou-se à volta de sua boca. Ela tremia. Bond mordeu ainda mais forte, o que a fez soltar um grito e afastar a sua cabeça.

— O que é que você está fazendo?

Seus olhos estavam muito abertos e sombreados. A jovem tornara-se bastante “pálida, e baixando os olhos contemplava a boca de Bond. Docemente ela atraiu o rosto dele de encontro ao seu.

Bond pousou uma das mãos no seio esquerdo da jovem e reteve-o com força. Depois, levantou a mão cativa e ferida de Honey e passou-a em torno de seu pescoço. As duas bocas encontraram-se e colaram-se longamente.

Acima de suas cabeças, as velas começaram a bruxolear. Um grande besouro acabara de entrar pela janela e puserase a dar voltas ao candelabro, com o seu zumbido característico. Os olhos da jovem abriram-se e olharam para o besouro. Sua boca afastou-se da de Bond e a jovem endireitou os cabelos. Depois, levantou-se e sem dizer palavra retirou as velas, uma a uma, apagando-as. O besouro desapareceu zumbindo por uma das janelas.

A jovem manteve-se afastada da mesa. Em seguida, despiu a blusa e atirou-a no chão. Depois, a saia. Sob a clari-

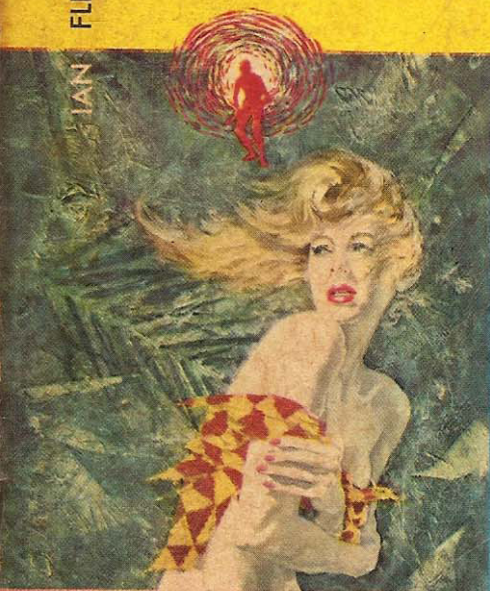
dade do luar ela era uma figura pálida, com uma sombreada mancha no meio do corpo. Junto a Bond, aquele corpo cheirava a feno acabado de segar. Ela arrastou-o para longe da mesa, passando com êle por uma porta. O luar que filtrava por duas janelas altas clareava um leito de solteiro. Sobre a cama estava um saco de dormir. Ela ergueu os olhos para êle e disse: — Comprei isto hoje. Custou-me um bocado e dinheiro. Tire as roupas e entre comigo. Você prometeu. Não se esqueça de que me deve horas de trabalho-escravo.

— Mas...

— Faça o que lhe digo.

FLEMING

TERROR no CARIBE



Mais um violento livro da série "Serviço Secreto", de Fleming. Esta poderosa história dominará o leitor com uma força irresistível, que ele mal saberá classificar, tanto é suave, sensual, terrível!



(VER NO INÍCIO DO LIVRO O
SIGNIFICADO DÊSSES SÍMBOLOS)